

Rafael Araújo Saldanha

**VOCÊ SÓ PRECISA CLICAR:
SEXO VIRTUAL E MASCULINIDADES REFLETIDAS PELAS
*WEBCAMS***

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em Ciências Humanas.

Orientadora:
Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff
Coorientadora:
Profa. Dra. Carmen Rial

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Saldanha, Rafael Araújo
VOCÊ SÓ PRECISA CLICAR : SEXO VIRTUAL E
MASCULINIDADES REFLETIDAS PELAS WEBCAMS / Rafael
Araújo Saldanha ; orientadora, Cristina Scheibe
Wolff, coorientadora, Carmen Rial, 2017.
300 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em
Ciências Humanas, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

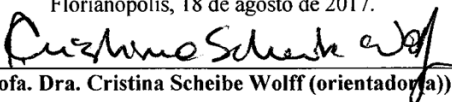
1. Ciências Humanas. 2. Gênero. 3. Sexualidade.
4. Virtualidade. I. Scheibe Wolff, Cristina . II.
Rial, Carmen . III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar
em Ciências Humanas. IV. Título.

RAFAEL ARAÚJO SALDANHA

Você só precisa clicar: sexo virtual e masculinidades refletidas pelas webcams


Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de *Doutor(a) em Ciências Humanas* e aprovada, em sua forma final, no dia 18 de agosto de 2017, atendendo às normas da legislação vigente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Doutorado.

Florianópolis, 18 de agosto de 2017.




Prof.ª. Dra. Cristina Scheibe Wolff (orientador(a))

Prof.ª. Dra. Carmem Silvia de Moraes Rial (coorientador(a))

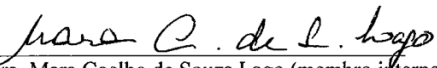


Prof.ª. Dra. Teresa Kleba Lisboa
Coordenador (a) do Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Ciências Humanas

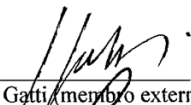
Banca Examinadora:



Prof.ª. Dra. Cristina Scheibe Wolff (orientador(a)) – UFSC



Prof.ª. Dra. Mara Coelho de Souza Lago (membro interno) – UFSC



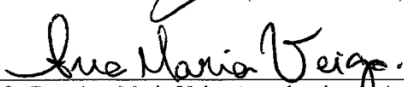
Prof. Dr. José Gatti (membro externo) – Centro Universitário SENAC/SP



Prof.ª. Dra. Ramayana Lira de Sousa (membro externo) - UNISUL



Prof.ª. Dra. Marlene de Fátima (membro externo) – UDESC



Prof.ª. Dra. Ana Maria Veiga (membro interno) - UFSC

À Dinda e a todxs que ousam reconhecer
o saber como sua maior arma contra as
desigualdades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte da minha caminhada durante a elaboração desta tese, em especial a:

FAMÍLIA:

Hilda, Léo, Rodrigo, Kelly, Vinícius e Beatriz, vocês representam as continuidades dos meus laços sanguíneos. Significam meu entendimento de memória, história, cotidiano, família. Não há como dizer exatamente o que vocês são para minha existência, são início e fim, são '*Kairós*' e '*heterotopia*', são tempo e espaço, interconexão e sincronização. Vocês são meu universo! Eu sou vocês. E sendo assim, eu me reconheço como amor, esse sentimento indescritível que tem a força de nos manter vivos, vivos em nós mesmos, “ainda que o tempo e a distância digam não, mesmo esquecendo a canção”, como diria aquela música que eu ouço repetidamente quando estou em casa. Obrigado por tudo!

Dinda (Cloé), aos meus 5 anos de idade a senhora me levou para sua aula de Fisiologia, na UFSM, nunca imaginei que aquela seria a mesma sala em que eu teria a primeira aula aos 20 anos. A senhora representa minha paixão pelo saber acadêmico. E dedico esta tese à senhora. Mulher de uma força incrível que, sozinha, tornou-se a desbravadora do trajeto universitário para os Saldanha. A senhora, sem saber, me mostrou como são importantes os estudos de Gênero (apesar de ser farmacêutica), pois, nos anos 1960, já lutava por seu espaço em um sistema que privilegia os corpos tidos por masculinos. Parte de mim vem do seu exemplo. A forma como observo o mundo vem do fato de ter tido minha Dinda comigo (apesar de minha religiosidade ter se perdido pelo caminho). Foi madrinha de batizado, feito por uma freira, madrinha na crisma (mesmo quando a Igreja exigia que eu tivesse alguém do meu sexo-gênero). A senhora não foi apenas tia ou madrinha, a senhora também foi mãe. E também foi pai. Assumi os afazeres socialmente estipulados para cada sexo-gênero em si, cuidando e provendo, levando-me a reconhecer que seres humanos são mais que genitálias e genomas e suas derivações culturais. Além do meu muito obrigado, deixo meu amor pela senhora que não pode ser mensurado.

AMIGXS:

A tese demorou 4 anos, o tema tem 10, minha aproximação com o tema tem 8 anos. Da mesma forma são as temporalidades das minhas relações afetivas, as pessoas importantes para essa tese têm temporalidades distintas, e por tal razão citar cada um/a envoldix deixaria esse agradecimento muito extenso, sintam-se todxs agradecidxs, mas alguns/algumas precisam ser citados: Christian, Mauro e Adri, Dé e Deny, Tina, Rodri, Nando e Fabs, Beto, Ana, Rafa, Rê e Gio, Amália e Nay, Carla,

Iara, Luceni e Loly, Cris, Ketí e Arthur, Pasqua, Bibio, Deusa, Elias, Bety, Elton, Malena, Mônica e Clarinha, André, e por último, mas não menos importante, César. Vocês estão representando todxs aqueles com quem eu aprendo, tanto teoricamente quanto empiricamente. Vocês me ensinam sobretudo a entender o que é amar e quais as implicações desse sentimento no meu corpo, cada calafrio de raiva ou de preocupação, cada espasmo de riso ou choro só é entendido graças a nossa interação.

PROFESSORXS:

Aqui temos um misto de agradecimento e afeição. Com cada um/uma eu pude descobrir um novo universo e, em cada planeta descoberto nesse universo, uma infundável rede de vidas interconectadas. Em tempos ardis, a existência de pessoas que se dedicam a aprender e transmitir o conhecimento deve ser ainda mais enaltecida. Sinto por vocês o mesmo amor que sinto pelo saber, vocês são a materialidade do saber, destaco alguns do período de doutoramento que representam todxs xs demais (desde minha alfabetização): Teresa, Selvino, Scheibe, Javier, Marcos, Luzinete, Aline, Fernando, obrigado!

À minha **orientadora, Cristina**, não sei bem o que te fez olhar para mim, em 2006, e ver alguém capaz de concretizar as pesquisas que propus. Com sua maneira afetuosa de alertar, fez-me repensar minha insistente necessidade de categorizações e como elas podem ser prisionais. Sempre me guiou pelas leituras, indicando quais os conhecimentos seriam mais úteis e quais eu deveria questionar e entender bem antes de usar. E o principal para qualquer estudante, sempre me deu liberdade de escolha, ainda que eu preferisse um autor ou teoria com que não concordasse. Acho que você é uma dessas mulheres retratadas na música: “Mulher! Mulher! Na escola em que você foi ensinada, jamais tirei um 10. Sou forte, mas não chego aos seus pés”. Não tenho como te agradecer a altura do merecimento. Você tem uma rede de conhecimentos que muitxs invejam, e sempre dividiu seus saberes comigo. Acho que meu melhor gesto de agradecimento é buscar aprender sempre que puder.

À minha **coorientadora, Carmen**, agradeço pelas considerações sempre pontuais, pelos alertas para possibilidades a serem exploradas no texto e pelas prestimosas indicações de leituras.

BANCA:

Professoras doutoras, **Ana Maria** e **Ramayana**, que fizeram parte desde a qualificação e que deram indicações de caminhos e leituras fundamentais para o desenvolvimento do texto; professoras doutoras **Mara** e **Marlene** e professor doutor **Gatti**, que foram arguidorxs extremante gentis, com colocações pontuais para a melhoria do texto, deixo meu muito obrigado!

LEITORXS:

Agradeço a todas as pessoas que leram/lerem esta tese, principalmente àquelas que reconhecem a importância das discussões aqui feitas, sem falsos puritanismos e despidas de conceitos moralistas que classificam a nudez, a pornografia, o sexo como algo impuro e indigno. Para aqueles que apenas correrem os olhos pelas imagens, sem buscar entender os contextos e sem ler as discussões, fica o convite ao saber, lembrando que ‘nem tudo que reluz é ouro’ e as hipocrisias são facilmente detectáveis para quem se dedica a entender seres humanos e suas sociedades.

INSTITUIÇÕES:

À **UFSC** e todos funcionárixs, desde professorxs, técnicxs administrativxs a terceirizadxs da limpeza e do Restaurante Universitário, deixo meus mais sinceros agradecimentos pelos seus serviços. Em um momento político nacional em que as universidades são foco de gigantescos cortes orçamentários, saber que seguimos lutando para mantê-las em funcionamento, buscando a excelência do Ensino, Pesquisa e Extensão é a prova de que as desigualdades podem e devem ser suprimidas, ainda que precisemos lutar bravamente por isso.

E, por fim, agradeço à **CAPES** pelo apoio financeiro concedido para a pesquisa, coleta de dados e escrita do texto, pois ser pesquisador ou pesquisadora é ainda mais difícil sem dedicação exclusiva.

Imagine que você entra num salão. Chega atrasado(a). Ao chegar, faz muito tempo que outros o(a) precederam, e eles estão em meio a uma discussão acalorada, acalorada demais para que façam uma pausa e lhe digam exatamente a que ela se refere.

Na verdade, a discussão já tivera início muito antes de qualquer um deles chegar lá, de modo que nenhum dos presentes está apto a repercorrer com você todos os passos dados antes.

Você escuta um pouco, até decidir que captou o tema da discussão, e então entra com seus palpites. Alguém responde e você retruca; outra pessoa entra em sua defesa, enquanto outra se alinha contra você, para confrangimento ou alegria de sua adversária, dependendo da qualidade da ajuda de seu aliado.

Mas a discussão é interminável. Está ficando tarde e você tem de ir embora. E vai, com a discussão ainda vigorosa em andamento. (KENNETH BURKE apud GAGNON, 2006, p.11-12)

RESUMO

Esta tese está inserida dentro dos estudos interdisciplinares e, tendo como base os sujeitos masculinos que se expõem em *webcams* (os *webcamers*) no site Cam4 <www.cam4.com>, com ênfase naqueles tratados por *webcamers-típs* (ou seja, os que ganham financeiramente por suas práticas), discute a questão do cibersexo, da visibilidade de representações imagéticas erótico-pornográficas masculinas, da ciberprostituição e da (re)produção de masculinidades no ciberespaço. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com observação participante realizada durante quatro anos consecutivos, entre 2013 e 2016, por meio da ciberetnografia. Os dados foram coletados por ‘prints de tela’, tratados como diário de campo, das representações visuais e práticas sexuais dos *webcamers* observados na categoria Homem, do site Cam4. Os principais resultados dizem respeito às questões do ciberespaço como elemento do processo histórico, como potencializador da visibilidade de representações imagéticas erótico-pornográficas masculinas e de como tais sujeitos se representam; ao cibersexo, as práticas sexuais virtuais; à ciberprostituição, um elemento do mercado sexual da sociedade digital e à construção das masculinidades a partir de tais interconexões. Para tais considerações, fez-se necessário historicizar o site Cam4, analisar como se constrói a corporeidade, virilidade, masculinidade dos sujeitos observados, ou seja, como se autorrepresentam (e possíveis porquês) e, ainda, entender as práticas cibersexuais. Busco descortinar como as masculinidades podem ser (re)interpretadas a partir dos *webcamers* e qual a importância destas representações masculinas nas subjetividades envolvidas.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Virtualidade.

ABSTRACT

This dissertation is inserted within the interdisciplinary studies and, based on the male subjects that expose themselves in webcams (the webcamers) in the site Cam4 <www.cam4.com>, with emphasis on those treated by webcamers-tips (that is, the ones that gain financially from their practices), discusses the issue of cybersex, the visibility of male erotic-pornographic imagery, cyber prostitution, and the (re)production of masculinities in cyberspace. It is a qualitative research with participant observation carried out during four consecutive years, between 2013 and 2016, through cyberethnography. The data were collected by 'screen prints', treated as field diary, from the visual representations and sexual practices of webcamers observed in the Man category, from the Cam4 site. The main results concern the issues of cyberspace as an element of the historical process, as a potentiator of the visibility of male erotic-pornographic imagery representations and of how such subjects are represented; to cybersex, virtual sexual practices; to cyberprostitution, an element of the sexual market of the digital society and the construction of masculinities from such interconnections. For such considerations, it was necessary to historicize the Cam4 site, to analyze how the corporality, virility, and masculinity of the observed subjects is constructed, that is, how they are self-represented (and possible whys) and also to understand cybersex practices. I seek to uncover how masculinities can be (re)interpreted from webcamers and how important these male representations are in the subjectivities involved.

Keywords: Gender. Sexuality. Virtuality.

RÉSUMÉ

Ce travail se situe dans le champ des études interdisciplinaires et, ayant pour base les sujets masculins qui s'exposent par moyen des webcams (les webcamers) sur le site internet Cam4 <www.cam4.com>, plus particulièrement ceux dénommés webcamers-tips (c'est-à-dire, ceux qui se bénéficient financièrement de ces pratiques), aborde la question du cybersexe, de la visibilité des représentations imagétiques érotico-pornographiques, de la cyberprostitution et de la (re)production de masculinités dans le cyberspace. De nature qualitative avec observation participative, cette recherche a été réalisée durant quatre années consécutives, entre 2013 et 2016, à l'aide du procédé de la cyberethnographie. Les données ont été recueillies grâce aux 'captures d'écran', constituant notre journal de terrain, des représentations visuelles et pratiques sexuelles des webcamers observés dans la catégorie Homme, du site Cam4. Les principaux résultats touchent à des aspects du cyberspace en tant qu'élément du processus historique, agent potentiateur de la visibilité de représentations imagétiques érotico-pornographiques masculines et de quelle manière ces sujets se représentent; au cybersexe, les pratiques sexuelles virtuelles; à la cyberprostitution, un élément du marché sexuel de la société numérique et à la construction des masculinités à partir de ces interconnexions. Pour ce faire, il s'est montré nécessaire historiciser le site Cam4, analyser de telle façon se construit la corporéité, la virilité, la masculinité des sujets observés, c'est-à-dire, comment ils s'auto-représentent (et possiblement les raisons à cela) et, encore, comprendre les pratiques cybersexuelles. Je propose, enfin, d'élucider de quelle manière les masculinités peuvent être (ré)interprétées à partir des webcamers et quelle est l'importance de ces représentations masculines au sein des subjectivités en question.

Mots-clés: Genre. Sexualité. Virtualité.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Destaque para as possibilidades de caminhos de análise.	35
Figura 2 - Destaque para o <i>webcamer-tip</i> mais observado.	37
Figura 3 - Destaque para diálogo lateral.	38
Figura 4 - Legislações sobre prostituição no mundo.	42
Figura 5 - Opressão vs. criação subjetiva.	45
Figura 6 - Irmãos gêmeos e o processo de singularização.	47
Figura 7 - Transhomem e a fluidez do Gênero.	54
Figura 8 – Motivos para reclamações no Cam4.	56
Figura 9 – Novas tecnologias de interação virtual.	60
Figura 10 - Destaque para a nota legal de alguns perfis.	63
Figura 11 - Destaque para <i>private</i> , em 2009.	68
Figura 12 e 13 - Comparação entre layouts e sistemas de filtro.	69
Figura 14 - Informações dos perfis.	75
Figura 15 - Destaque para Grupo Privado, em 2014.	87
Figura 16 e 17 – Remodelações da plataforma: presente e show privado.	88
Figura 18 – Exemplo de presentes do Cam4.	88
Figura 19 – Antigo <i>peep show arcade</i>	92
Figura 20 – Exemplo de espaço heterotópico.	95
Figura 21 – Hierarquia dos elementos conceituais.	99
Figura 22 – Filtros e <i>tags</i> em 2016.	106
Figura 23 – Destaque para nacionalidades indicadas.	108
Figura 24 – Destaque para não compatíveis.	109
Figura 25 – Premiação: câmera do mês.	113
Figura 26 – Premiação: prêmios recentes.	114
Figura 27 – Anúncio de captação/recrutamento de 1988.	115
Figura 28 – <i>Webcamer</i> turco.	120
Figura 29 – Detalhes do perfil <i>fcknprfct</i>	121
Figura 30 – Destaque de Gêneros enquanto categorias do Cam4.	137
Figura 31 – Sexualidades do Cam4.	138
Figura 32 – Ciberorgias (>2+X).	144
Figura 33 – Casamento e heteronormatividade.	152
Figura 34 – Héteros com práticas homossexuais.	158
Figura 35 – <i>Webcamer</i> com práticas anais.	159
Figura 36 – <i>Webcamer</i> com pênis grande.	166
Figura 37 – Propaganda de bomba peniana.	167
Figura 38 – A muscularidade dos <i>webcamers</i>	168
Figura 39 – Tela de abertura do Cam4.	173
Figura 40 – Destaque para localização do Cam4.	175
Figura 41 – Valores dos <i>tokens</i> (fichas).	177
Figura 42 – Pornográfico não explícito.	183
Figura 43 – Ator pornô mexicano.	190
Figura 44 – <i>Cam4coach_pt</i>	192
Figura 45 – <i>Cam4Blog</i>	192

Figura 46 – Recursos audiovisuais indicados.	197
Figura 47 – Dicas de iluminação.....	198
Figura 48 – Dicas de cenário.....	199
Figura 49, 50 e 51 – <i>Webcamer</i> em espaço público.....	202
Figura 52 – O que fazer e o que não fazer na <i>cam</i>	204
Figura 53 – Privatizando a intimidade pública.....	208
Figura 54 e 55 – Acesso a site pessoal.....	209
Figura 56 e 57 – Acesso a página pessoal em rede social.....	209
Figura 58 – Logando no <i>pesq_ufsc</i>	211
Figura 59 e 60 – Dois documentos exigidos para transmitir.....	212
Figura 61 – Perfil do <i>Cam4</i>	214
Figura 62 e 63– Miniaturas da tela inicial.....	215
Figura 64 – Janela da <i>webcam</i>	216
Figura 65 – Jogo de dados.....	218
Figura 66 – Exigência de interação.....	220
Figura 67 – Virtual e real.....	221
Figura 68 e 69 – Sem <i>tips</i> , sem sexo.....	222
Figura 70, 71 e 72 – Elementos dos shows privados.....	223
Figura 73 – Homens mais velhos.....	225
Figura 74 – Perfil de <i>wapos25</i>	226
Figura 75 – Gêmeos e amigo.....	226
Figura 76– Escatologias.....	227
Figura 77– Dildos.....	228
Figura 78– Nádegas.....	228
Figura 79– “ <i>Fingers at goal</i> ”.....	229
Figura 80– Masturbação coletiva e “broderagem”.....	230
Figura 81– Cariocas no bar.....	231
Figura 82– O padeiro francês.....	231
Figura 83– O turco do mercadinho.....	232
Figura 84, 85, 86 e 87– “ <i>Cum non</i> ”.....	239
Figura 88 – Interação.....	246
Figura 89 – <i>Cam4VR</i>	248

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 - Dias e horários de coleta de dados.....	70
Tabela 2 - <i>Webcamers</i> premiados, <i>Webcam</i> Masculina (solo).....	111
Tabela 3 - <i>Webcamers</i> premiados, <i>Webcam</i> Masculino/Masculino.....	112
Tabela 4 - <i>Webcamers</i> premiados, <i>Webcam</i> Masculino/Feminino.....	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ARPAnet - Advanced Research Projects Agency Network

Cam4 – www.cam4.com.br

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais

LGBTQTQI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais,
Queers e Intersexuais

STF _ Supremo Tribunal Federal

TCP/IP - Transmission Control Protocol/Internet Protocol

WWW - World Wide Web

SUMÁRIO

PARTE 1 – INICIALIZANDO O COMPUTADOR	29
1. A ESPERA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	31
1.1. ÁREA DE TRABALHO: OBJETIVOS E PROPOSIÇÕES	37
1.2. VISITANDO O MENU INICIAR	43
1.3. A ESCOLHA DO NAVEGADOR	61
1.3.1. O desafio das configurações metodológicas	66
1.3.2. Verificando as conexões disponíveis: espaço	72
1.3.3. Ajustando data/hora: tempo	76
PARTE 2 – DIGITANDO O ENDEREÇO NO NAVEGADOR	83
2. O JOGO DE SEDUÇÃO: TEORIA E PRÁTICA	85
2.1. BARRAS (/): A MARCAÇÃO DOS ESPAÇOS-TEMPOS	92
2.1.1. Ferramentas do desenvolvedor: novas tecnologias	97
2.1.2. Buscadores: globalização, consumo e cibercultura	100
2.2. SEXO: CONTROL + ALT + DEL	123
2.2.1. Control + P: Imprimir (Biologia)	125
2.2.2. Control + F: Buscar (Gênero)	130
2.2.3. Mais ferramentas (Sexualidades)	138
2.3. MASCULINIDADES: ZOOM - 100% + []	144
2.3.1. Masculinidades hegemônicas	150
2.3.2. Masculinidades cúmplices	152
2.3.3. Masculinidades subordinadas	153
2.3.4. Masculinidades marginalizadas ou subalternas	154
2.3.5. Vaidade, corpo e virilidade	162
PARTE 3 - ABRINDO O CAM4	171
3. BEM-VINDX AO CAM4	173
3.1. ERÓTICO, PORNOGRÁFICO E OBSCENO	180
3.1.1. Ajuda: profissionalizando amadores	190
3.1.2. O <i>webcamer</i> como produtor audiovisual	196
3.2. PÚBLICO, PRIVADO E ÍNTIMO	205
3.3. VAMOS CLICAR?!	209
3.3.1. Perfil	210
3.3.2. Janela da <i>Webcam</i>	215
3.3.3. Chat lateral – a interação com observadorxs	218
3.3.4. Gorjetas	221
3.3.5. Show em grupo, privados e espiões	223
3.4. DES - INTERDIÇÕES E MASCULINIDADES	224
3.5. NOVA JANELA ANÔNIMA: PROSTITUIÇÃO	232
PARTE 4 – DESLIGANDO O COMPUTADOR	237
4. HORA DO BANHO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	239
4.1. NOÇÕES QUE TRANSBORDAM	247
REFERÊNCIAS	251
ANEXO A	275

PARTE 1 – INICIALIZANDO O COMPUTADOR

1. A ESPERA: CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Todas as vezes que nos sentamos frente a um computador e o ligamos, temos aquele breve momento de espera para que a máquina possa, a partir de uma corrente elétrica, iniciar seu funcionamento interno. Independente do computador, seja velho ou novo; *desktop computer*, *notebook*, *netbook*, *ultrabook*, *tablet*, *smartphone*; ou de qual seja o sistema operacional, apertamos o botão de ligar e esperamos.

Os tempos desses momentos de espera têm sido cada vez menores com o avanço do desenvolvimento tecnológico, mas ainda assim precisamos deixar a máquina alertar seus *hardwares* que é hora de rodar os *softwares* porque o ser humano parado frente a ela pretende fazer uso de algumas de suas capacidades.

A espera não deve ser vista de forma negativa, como um tempo perdido, ela é o momento onde podemos observar os espaços, organizar as ideias, pensar e sistematizar o que deve ser feito. Partindo desta premissa, faço analogia dela com parte do processo de escrita de um trabalho acadêmico. Existem muitas esperas antes que a escrita, propriamente dita, se inicie e acho necessário destacar algumas importantes para esta tese de doutoramento.

Sendo assim: “Inicializando...”.

John Gagnon, sociólogo norte americano conhecido por pesquisas sobre a teoria sociológica da sexualidade e que se dedicou a entender variados temas da vida sexual – como os delinquentes sexuais, os adolescentes, os gays, as lésbicas e a pornografia –, além de se interessar pela organização social dominante da sexualidade; afirma, em ‘Uma interpretação do desejo’ (2006), que as motivações do pesquisador ou da pesquisadora passam antes por aspectos de ordem empírica *dxs mesmxs*¹.

Não seria diferente aqui. Este trabalho se propõe a estudar as masculinidades refletidas pelas *webcams*, e esta não foi uma proposição que veio ao acaso; foi a partir de uma sequência de fatos que cheguei até o site <www.cam4.com> e, após observações por simples curiosidade, passei a vê-lo como um objeto de estudos.

¹ Na leitura desse texto, você verá palavras no gênero feminino, gênero masculino e umas outras com uso do ‘x’. Perceba que inúmeras vezes usamos o plural masculino como forma englobante dos gêneros sociais, contudo, aqui, para fixar substantivos plurais que podem ser masculinos e femininos, usarei o ‘x’. É preciso marcar a diferença entre o entendemos por gênero social e o gênero linguístico, mas se um é o elemento representativo do outro, prefiro equipará-los, quando for correto e necessário, para reforçar que aquele termo pode permitir a inclusão tanto de sujeitos masculinos, femininos e não polares.

O Cam4 pode ser considerado como uma comunidade virtual ou site de relacionamentos², tendo por principal característica a possibilidade de interação através da visualização de imagens de *webcams* (com ou sem áudio) e diálogos textuais (*chat* em uma janela lateral); além de contar com possibilidade de ‘compra e doação de gorjetas’ entre usuárixs cadastradxs, com uma ressalva dada pelo próprio site: “AVISO: MATERIAL ADULTO DE SEXO EXPLÍCITO”.

Segundo o site, o Cam4 conta com “Profissionais do setor [de filmes adultos] com experiência no pagamento de comissões por mais de 15 anos. Cam4 está online desde 2007”. E segue:

Somos uma equipe dedicada de veteranos da indústria [de filmes adultos], com mais de 15 anos de experiência no **mercado cam ao vivo** que trabalham diretamente com os nossos **modelos de câmeras** em todo o mundo para construir os seus negócios online. Cam4 é uma das maiores comunidades cam online. Com milhões de telespectadores todos os dias você tem a garantia de ter uma audiência enorme e potencial para fazer um lucro enorme. (Grifo meu) (Disponível em: <https://cam4bucks.com/about-cam4>. Acesso em: 20 Jan. 2014.)

Mas, voltando, eu estava terminando a escrita de minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, sobre os classificados sexuais do jornal Diário Catarinense, com ênfase nos anúncios de prostituição masculina³, no ano de 2009, quando um dos meus entrevistados me perguntou se eu conhecia o ‘aquário humano’, o site Cam4. Fiquei intrigado e fui ver do que se tratava. No início, os olhos curiosos fizeram uso das diferentes representações masculinas - por questões pessoais, as que atraem minha atenção, por hedonismo. Mas observando mais atentamente as representações e as

² Segundo Beleli (2015), sobre os sites de relacionamentos, “É inquestionável que os sujeitos estão imersos em, e se constituem por, uma gama de imagens fragmentadas, cujas leituras não necessariamente são detidamente refletidas, mas os impele ter respostas imediatas. A internet acelerou esse movimento, na medida em que ao navegar por um site ou aplicativo, estamos continuamente “em estado de prontidão” (Santaella, 2004:33), tornando a informação digitalizada parte de suas experiências profissionais e das relações amorosas, afetivas e sexuais”. BELELI, Iara. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cad. Pagu, Campinas**, n. 44, p. 91-114, June 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100091&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jul. 2016.

³ SALDANHA, Rafael Araújo. **Classificados e o sexo: anúncios de prostituição masculina em SC (1986-2005)**. 199 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2010.

práticas daquele espaço virtual, pude notar que algo novo acontecia ali. Algo que passava despercebido de olhos furtivos de não pesquisadorxs. Muitos dos homens que se mostravam nas *webcams* não estavam apenas se expondo, muitos dos mais observados estavam travando, a partir das câmeras, um jogo de sedução que excluía um simples prazer de exibicionismo. Era um jogo mesmo, mostrar e esconder, interagir com quem observava, atender a pedidos e cobrar por isso. Cobrar? Naquele momento, surgiu a primeira das indagações que motivaram esse estudo: aquilo era uma nova forma de prostituição? As definições da atividade de prostituição abarcariam os elementos trazidos pela virtualidade?

Não havia respostas prontas, eu precisaria observar mais detalhes, ver como o site agia sobre tal acontecimento, se ele apenas potencializava a existência desses sujeitos ou se ele cumpria outros ‘papéis’. Além disso, percebi que a noção de prostituição exigia um melhor entendimento do conceito de ato sexual (uma das vertentes do termo sexo), afinal como entender que havia ato sexual com a mediação tecnológica e sem contato direto? O que é sexo virtual ou cibersexo? Qual termo é correto, ou são sinônimos? Indagações que eu não sabia responder.

Naquele momento, corri os olhos no texto de minha dissertação e analisei a descrição da atividade de Profissional do sexo no Brasil, então disponível no site do Ministério do Trabalho e Emprego, na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), onde constava a seguinte definição:

5198-05 - Profissional do sexo - Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Puta, Quenga, Rapariga, Trabalhador do sexo, Transexual (profissionais do sexo), Travesti (profissionais do sexo)

Descrição sumária

Batalham programas sexuais em locais privados, vias públicas e garimpos; atendem e acompanham clientes homens e mulheres, de orientações sexuais diversas; administram orçamentos individuais e familiares; promovem a organização da categoria. Realizam ações educativas no campo da sexualidade; propagandeam os serviços prestados. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que

minimizam as vulnerabilidades da profissão. ⁴ (apud SALDANHA, 2010).

Como pode ser visto, não havia (e ainda não há) na legislação brasileira nenhuma ligação desta ocupação com práticas sexuais virtualizadas, o sexo virtual ou cibersexo. Para tanto, era preciso reconhecer que a virtualidade, que potencializa a existência do ciberespaço, ainda não tinha seu devido reconhecimento legal⁵ e, portanto, muitas das atividades exercidas pela/na internet também não. Era tempo de espera. Além disso, fez-se necessário pensar no que é o virtual, o que é um espaço virtual ou o ciberespaço, uma vez que segundo Lévy (1996):

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também **os corpos**, o funcionamento econômico, **os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência**. A virtualização atinge mesmo modalidades do estar junto, a constituição do “nós”, comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização. (Grifo meu) (p.11).

Era preciso refletir nas maneiras pelas quais a virtualidade estava afetando nossos corpos, nossas sensibilidades e nossa capacidade cognitiva, tomando como ponto de partida os corpos e sensibilidades dos sujeitos que eu via nas pequenas janelas da tela do meu computador.

Dessa forma, naquele momento, eu tinha alguns diferentes caminhos (dentre as possibilidades dadas pelo próprio site) para desenvolver tais

⁴ Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>>. Acesso em: 07 Mai. 2008. Essa definição atualmente é diferente: “5198-05 - Profissional do sexo: Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo. Descrição Sumária: Buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão.”. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/ResultadoFamiliaDescricao.jsf>>, acessado em: 04 abr. 2015

⁵ Foi apenas com a Lei Nº 12.965, de 23 de abril de 2014, que passamos a ter no Brasil o Marco Regulatório da Internet. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm>. Acesso em: 15 jun. 2014.

análises: observaria sujeitos femininos, masculinos, os casais, pessoas transgênero (Transsex) ou festas?

Figura 1 - Destaque para as possibilidades de caminhos de análise.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO⁷, www.pt.cam4.com/jagopr, 23 out. 2011.

Ora, Gagnon (2006) tinha razão, se eu já estava em um trajeto acadêmico, dentro dos Estudos de Gênero, com ênfase em Masculinidades, que me trouxera um arcabouço teórico para analisar empiricamente as representações textuais masculinas de um jornal, por que não saltar para representações visuais masculinas da *web*? Por que não continuar a questionar, interpretar, analisar as masculinidades? Sendo assim, puxei o *mouse* para cima do link ‘Masculino’ e cliquei.

Aliás, seria de se estranhar se eu não assumisse as questões privadas envolvidas em minhas escolhas teóricas, inclusive porque segundo Okin (2008) - e outras feministas - o privado é também político. Sabendo, guiado por Foucault (1985), que as práticas sexuais não heteronormativas, após a insurgência do cristianismo, acabaram sempre relegadas às margens do espectro social, de forma que muitos seres humanos vivem no que Sedgwick (2007) chamou de “armário” e, como visto por Miskolci (2009), a internet é tida como esse “armário ampliado”, pude perceber que tinha em mãos um tema e seus desdobramentos (que se refletiam em mim, tanto enquanto teórico de Gênero quanto pela perspectiva subjetiva de ser humano genericado e sexualizado), mas era preciso buscar uma área do saber que aceitasse algo tão complexo e, também, era necessário ampliar e aprofundar meus conhecimentos para entender (ou ao menos tentar entender) essa complexidade.

Foi então que vislumbrei a possibilidade de usar a interdisciplinaridade a meu favor, primeiro por reconhecer que na mesma universidade onde fui titulado mestre havia esta possibilidade com o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas; segundo por ver na epistemologia interdisciplinar um excelente mecanismo para fugir da visão de que a Ciência atual, como afirma Pombo (2003), se mostra como um conjunto de instituições cindidas, fragmentadas, presas

⁶ O link ‘Festas’ se referia sobretudo a práticas sexuais coletivas.

⁷ Essa maneira de citar a fonte imagética pode causar estranhamento, mas está justificada no item 1.3.1.

dentro de suas especialidades, ou seja, para fugir do engessamento teórico-metodológico de uma única área do saber, onde um objeto de estudos considerado tão complexo poderia não ser tão bem recebido ou analisado.

Não foi tarefa fácil convencer o programa a aceitar a pesquisa. Tentei o processo seletivo em 2011 e em 2012, sem sucesso. Novas esperas, momentos para ler mais e organizar melhor o anteprojeto. Por fim, em 2013, vendo minha insistência, tanto no tema quanto no programa, foi-me dada a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos e desenvolver a pesquisa.

O tema parece trazer consigo um certo ‘mal-estar’. O que pude perceber ao longo das minhas apropriações conceituais e vivências pessoais é que todos os diferentes universos sobre os quais o tema se apoia parecem pertencer a regiões de fronteira: público-privado, moral-imoral, subjetivo-coletivo, analógico-digital, real-virtual, homem-mulher, hétero-homo, prostituição-pornografia e diferentes áreas do saber. Talvez por isso, quando um universo se abre, surge outro universo tangenciado, como se não houvesse um limite para a pesquisa. E talvez não haja mesmo. Por tal razão, o que me propus foi tentar entender e tentar explicar aquilo que eu pude perceber, levando em consideração que eu sirvo de filtro e, portanto, assumo minha subjetividade como um dos elementos de construção de tais universos e fronteiras. É uma tentativa que pode ser considerada bem ou mal sucedida. Mas, por ora, é preciso que estas questões sejam apresentadas à comunidade acadêmica para que futuramente sejam entendidas melhor.

Mas por que esse autor está me dizendo isso agora, antes mesmo de me apresentar seu trabalho? – você deve estar se perguntando. Ora, lembrando que as ‘esperas de inicialização’ são os momentos em que refletimos sobre o que faremos quando o computador ligar, é isso que estou fazendo. Ao iniciar a leitura do texto, o computador já estará ligado e você deslizará o *mouse* junto comigo por algumas das inúmeras janelas do Cam4. Analisaremos as masculinidades, as sexualidades, as intersecções com etnias/raças, questões geracionais, corporeidade e outros aspectos possíveis de serem vistos pelas *webcams* e alguns facilmente dedutíveis. Desta forma, você não ficará se questionando sobre as minhas motivações pessoais (uma vez que tentarei deixar as teóricas bem claras); porque a meu ver, e assim como Gagnon afirma, minha história também têm importância, inclusive porque, ao analisar os ‘roteiros sexuais’, o autor diz que

A visão de que as motivações pessoais estão arraigadas nesses roteiros – isto é, de que nossas afirmações explicativas estão profundamente associadas a nossos projetos comportamentais – sugere que, nesse contexto, os motivos poderiam ser chamados de motivação prática ou explicação prática. (2006, p.115)

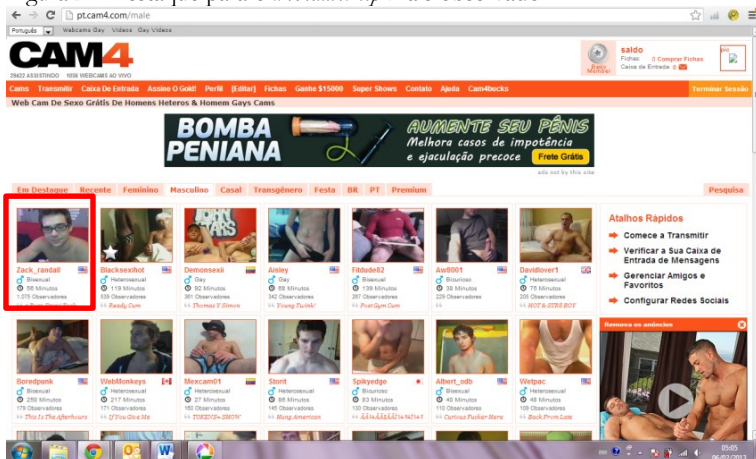
Desta maneira, minha própria história, vista como motivação prática, esclarece minha aproximação com o objeto de pesquisa. Além disso, compactuo com a noção que o autor acima citado tem dos usos do saber acadêmico, reiterando que não há uma barreira intransponível entre a comunidade das ciências sociais e humanas e a sociedade mais ampla, e que as explicações criadas pelos membros do meio acadêmico para esclarecer o comportamento humano podem tornar-se, rapidamente, partes das explicações motivacionais dos membros da comunidade geral. (GAGNON, 2006, p.116).

Portanto, ao tentar entender os sujeitos masculinos que se expõem no site Cam4 (os quais tratarei por *webcamers*) e suas práticas, reconhecendo-os como frutos do entrecruzamento de noções de sexualidade, virtualidade, gênero, prostituição (entre outros conceitos), poderei também acabar influenciando na forma como a sociedade reconhece tais sujeitos e práticas.

1.1. ÁREA DE TRABALHO: OBJETIVOS E PROPOSIÇÕES

Tendo como base os sujeitos masculinos que se expõem em *webcams* (os *webcamers*) no site Cam4, com ênfase naqueles que denominei de *webcamers-tips* (ou seja, os que ganham financeiramente por suas práticas), esta tese pretende discutir a questão do sexo virtual, da visibilidade de representações imagéticas erótico-pornográficas masculinas, da prostituição e da (re)produção de masculinidades no ciberespaço.

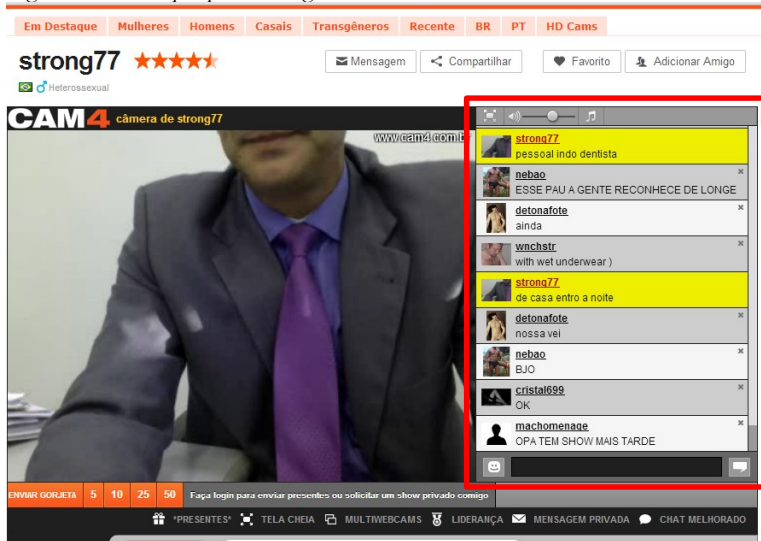
Figura 2 - Desteque para o *webcamer-tip* mais observado.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/male, 06 fev. 2013.

Desta maneira, viso tentar definir o que é sexo virtual (cibersexo); categorizar prostituição virtual (ciberprostituição) e demonstrar se ela acontece no site; tento encontrar marcadores que se repetem ou se quebram nas representações imagéticas dos *webcamers* masculinos com maior número de observadorxs (raça, etnia, idade, corporeidade, sexualidade, práticas sexuais); busco também, através dos diálogos laterais, mais informações sobre observadorxs.

Figura 3 - Destaque para diálogo lateral.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/strong77, 25 mar. 2015.

Para isso, foi preciso selecionar e analisar os *webcamers-tips* masculinos do site Cam4, em uma pesquisa com bases de coleta quantitativa, com elementos da etnografia virtual, mas reforçando o caráter qualitativo de análise dos dados; tentei também investigar como a subjetividade coletiva percebe as representações dos *webcamers-tips* masculinos, através dos diálogos entre *webcamers* e observadorxs e observadorxs entre si.

Por que '*webcamer*'?

Fiquei intrigado sobre como trataria os sujeitos que observava no Cam4, independente da categoria onde se incluíssem (Mulheres, Homens, Trans), estavam todos tendo uma mesma prática: a exibição de seus corpos de forma performática. O próprio site trata tais pessoas como *performers*, aquelas que realizam as performances. Performance, portanto, parecia ser a melhor definição para sua atuação, desempenho (sendo inclusive uma das acepções do termo na língua portuguesa). Convém distinguir performance de performatividade, assim como fez Butler (2002), performatividade deve

ser vista como a repetição de normas que são prévias ao sujeito e que materializam aquilo que nomeiam. Desta forma, as normas reguladoras do sexo são performativas uma vez que repetem e reforçam práticas já reguladas, materializando-se nos corpos, marcando o sexo, exigindo práticas mediante as quais se dá a generificação dos sujeitos (SAFFIOTTI; BONGIOVANI, 2007). Assim, as performances podem ser performativas, na medida em que reforçam práticas, mas podem não ser, quando quebram as normas reguladoras do sexo.

Contudo, ao longo da escrita desta tese, o termo *performer* pareceu não contemplar de maneira coerente as subjetividades envolvidas com o uso das *webcams*, além disso, correria o risco de confundir leitorxs já habituadxs a associar uma performance a algo do universo das artes ou dos esportes. Uso, então, o neologismo *webcamer*, encontrado por mim pela primeira vez em 2015, numa matéria intitulada “*La vida secreta de una webcamer*”⁸ no jornal espanhol *El País*, exatamente no momento em que eu tentava verificar a ligação entre o aumento do número de *webcamers* espanhóis e a crise econômica daquele país. *Webcamer* pode ser traduzido como aquele que exerce a ação de abrir a *webcam*, e por não ter ainda uma definição muito precisa, pode englobar atores/atrizes pornôs, profissionais do cibersexo (‘modelos’ de *cam*), *pro.Am* (amadores profissionais) do cibersexo ou qualquer pessoa que abra sua *cam* em algum espaço *live streaming* (ao vivo), com o intuito específico de publicitar sua intimidade, com ou sem cunho sexual.

Aliás, é preciso reconhecer as noções legais e mercadológicas da escolha do termo *performer* pelo site, primeiro porque *performer* em inglês não tem uma conotação ligada exclusivamente à arte, sendo aquele que realiza, efetua, executa, desempenha alguma ação. Segundo, porque, ao nomear assim as pessoas que fazem performances sexuais nas *webcams*, o site desvincula tais práticas do universo da prostituição, protegendo *webcamers* de potenciais repercussões legais e/ou morais. É por tal razão que, como em outros sites com estruturas semelhantes e claramente pertencentes à indústria pornográfica, por vezes tratam seus *webcamers* como *models* (modelos), algo mais profissionalizado.

Quando você é parceiro do Cam4 como **performer**, você está alinhando-se com uma das marcas mais reconhecidas e respeitadas na indústria de filmes adultos. Nossa combinação de conhecimento e paixão são as maiores forças da comunidade Cam4,

⁸ VERDU, Daniel. La vida secreta de una webcamer. *El País*. Madrid, 18 Mar. 2015. Disponível em: https://politica.elpais.com/politica/2015/03/06/actualidad/1425658999_487258.html. Acessado em: 20 Mai. 2015.

projetado para ajudar a alavancar a sua carreira de **modelo** de *webcam*. (Grifo meu).
(Disponível em: <https://cam4bucks.com/about-cam4>. Acessado em: 05 Dez. 2016)

Se torne um **modelo** do Cam4! Cam4 paga os **modelos** baseado no total de fichas ganhas durante as apresentações, enviadas pelos espectadores como gorjetas. (Grifo meu).
(Disponível em: <https://pt.cam4bucks.com/>. Acessado em: 05 Dez. 2016)

Por que *'webcamer-tip'*? Antecipo de forma sucinta o que será tratado melhor posteriormente, mas denominei desta maneira os sujeitos que cobram por suas exhibições, a partir da lógica vista no site Cam4 (uma vez que nem todos têm ganhos financeiros pela exibição). O termo inglês *'tip'*, gorjeta, tem estreita ligação com as estratégias de 'não punição' em diferentes posicionamentos legais acerca da prostituição; a saber, temos três sistemas político-jurídicos da prostituição no mundo: o regulamentarismo, o abolicionismo e o proibicionismo⁹.

Por esta razão, o site, ao instituir uma gorjeta como forma de retribuição financeira, permite que todas as pessoas envolvidas (inclusive os representantes legais do próprio site) se esquivem de punição em basicamente todos os países, com a alegação que não é prostituição, já que não existe a 'obrigatoriedade' do pagamento para uma prática sexual (ainda que virtualizada). Esta questão é intrigante, pois demonstra os mecanismos coercitivos que agem sobre a prostituição (sobretudo quando ela se aproxima de questões como o tráfico de pessoas, questões de salubridade, drogas, violência e moralidade) e as fugas a tais mecanismos.

Além disso, é preciso justificar que, no meu reconhecimento, são as gorjetas que diferenciam os sujeitos envolvidos nas performances, tanto *webcamers* quanto observadorxs. São as gorjetas que esclarecem as/aos observadorxs quem está disponível para interagir e atender a pedidos, inclusive porque ao doar a gorjeta, observadorxs passam a ter determinados poderes sobre o *webcamer* (já que o site, enquanto mediador, pode a pedido de quem doou as gorjetas retirá-las e banir o *webcamer*), sendo mais que

⁹ Cf. ROMFELD, Víctor S. **Uma análise criminológica dos sistemas jurídicos de enquadramento da prostituição feminina**. Monografia (Faculdade de Direito) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.; DINIZ, Maria Ildiana. **Silenciosas e silenciadas: descortinando as violências contra a mulher no cotidiano da prostituição em Natal-RN**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social, Formação Profissional, Trabalho e Proteção Social; Serviço Social, Cultura e Relação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

espectadorxs, muito mais próximos a clientes. E quanto aos *webcamers*, são as gorjetas que deixam claro quem deixa de ser exclusivamente observador/a, em uma perspectiva voyeurística, e passa a ter direito de interação, solicitando determinado ato, agindo sobre a prática sexual desenvolvida na *cam*, se tornando observador/a-*tip* ou cliente. Em outras palavras, as gorjetas servem para deixar clara a distinção entre exibicionismo-voyeurismo e uma prática sexual mercadologizada, entre pornografia e prostituição, neste caso, pornografia *live streaming* e ciberprostituição, alterando substancialmente as relações de poder entre os sujeitos.

Convencionou-se chamar de *Live Streaming* (transmissão ao vivo de dados) as ferramentas que permitem que pessoas acompanhem ‘ao vivo’ certo evento pela internet. Geralmente, ele é feito através de vídeo, facilitando o compartilhamento de informações e conteúdos. Existem ferramentas utilizadas para que, além da transmissão, a audiência possa interagir com o evento.

Devo reforçar que para outrxs pesquisadorxs essa prática de sexo virtual *live streaming* não passa de pornografia, mas na minha análise, no Cam4 existem, dentro do que elxs consideram pornografia *live streaming*, elementos que reconheço como caracterizadores da ciberprostituição, as *tips* ou *tokens* e a interação entre os sujeitos são uns desses elementos.

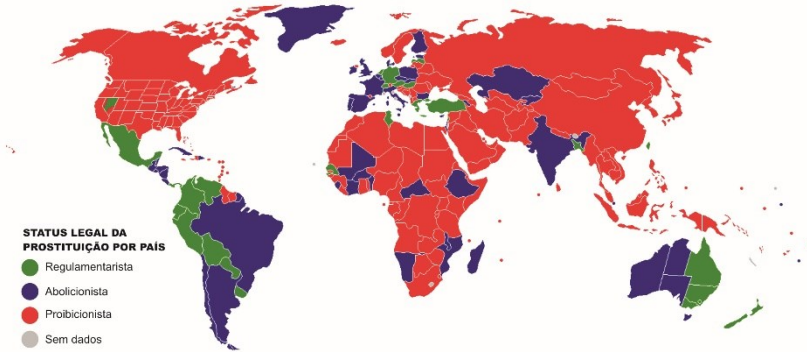
Ainda que, para Agustín (2005), o termo prostituição, para além de ocultar uma grande diversidade de trabalhos sexuais (trabalhos em bordéis, boates, bares, discos, saunas, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual através da Internet, casas de massagem, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, motéis, cinemas e revistas pornôis, filmes e vídeos, serviços de dominação e submissão/sadomasoquismo, prostituição na rua) e esconder que o sexo comercial tem dado lugar a uma verdadeira indústria, ele pode obscurecer a compreensão de que há, de fato, um mercado, e, portanto, desviar a atenção da demanda, dos diversos desejos das pessoas que procuram serviços sexuais.

Além disso, para Piscitelli (2005), as definições correntes da prostituição tampouco contribuem para refletir sobre os inúmeros tipos de inserção em um jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade que, marcado pela mercantilização, não necessariamente tem a forma de um contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro, ou entre contatos corporais.

Acerca dos sistemas legais e prostituição, no regulamentarismo, as atividades sexuais são reguladas de forma legal, em corpo de lei, inclusive no que abrange os direitos trabalhistas e direitos do consumidor. As legislações abolicionistas criminalizam o incitamento a prostituição, punindo proxenetas, mas não o/a profissional do sexo; e as proibicionistas

criminalizam toda e qualquer forma de prostituição, sendo punidas tanto as pessoas que se prostituem, quanto clientes e cáftens/cafetinas¹⁰. Veja na figura abaixo o número de países que puniriam ou proibiriam o site caso ele fosse considerado um espaço de prostituição ou até mesmo um proxeneta.

Figura 4 - Legislações sobre prostituição no mundo.



Fonte: Adaptado de:

http://www.fondationscelles.org/pdf/rapport_mondial/Book_Sexual_exploitatio_n_A%20growing%20menace_Fondation%20Scelles.pdf.

A principal indagação desta tese versa sobre a constituição de diferentes masculinidades a partir do ciberespaço, considerando-o como um catalisador de noções de desejo-prazer que rompe com determinadas normas sociais e explicita questões de gênero, sexualidade e prostituição, a partir de uma perspectiva interdisciplinar das Ciências Humanas e Sociais. Partindo da premissa de que a visibilidade desses sujeitos e suas práticas, somada a questões próprias da prostituição (como a mercantilização dos corpos e exposição de serviços sexuais), e a noção de comunidade (pela perspectiva da virtualidade), considero que temos elementos fundamentais para uma reorganização das concepções de masculinidades na sociedade contemporânea, com colisões à moralidade (ou às morais, no caso cristãs, como afirma Foucault (1984)). Segundo Foucault, “por moral entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc.” (1984, p.26).

¹⁰ Segundo Piscitelli, o que torna o debate mais complexo é que se as legislações sobre prostituição são “nacionais” e por vezes estamos frente a uma pressão internacional, exacerbada pelas discussões, medidas e articulações internacionais para reprimir o tráfico internacional de pessoas. Cf. PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, p. 7-23, Dec. 2005.

A pretensa privacidade do ciberespaço parece fazer com que os sujeitos vivenciem suas masculinidades sem choque direto com o que seria inaceitável publicamente, o imoral. Moralidade e imoralidade acabam nos trazendo ao conceito de pornografia, ou a publicitação do sexo (corpos e práticas), e novamente à distinção entre público e privado. Contudo, esse é um dos aspectos que questiono, afinal, não reconheço que no site Cam4 haja algo exclusivamente privado ou exclusivamente público. O livre acesso (apesar dos esforços do próprio site em dizer que menores de idade não são bem-vindxs) é uma das ferramentas mercadológicas que potencializa o jogo mostrar-observar, vender-comprar, e opera sobre nossa atual visão de privado-público.

Se os mercados se virtualizaram, a ponto de teóricos tratarem o capitalismo financeiro como uma forma virtual de capitalismo (SANTOS, 2003), não é de se estranhar que a prostituição possa ter sofrido do mesmo efeito. O sexo está na vitrine, não mais uma vitrine marcada pela territorialidade, como eram as vitrines da rua vermelha de Amsterdã, os arredores do Moulin Rouge de Paris, a rua Augusta de São Paulo ou a avenida Hercílio Luz de Florianópolis, mas uma vitrine acessada de qualquer ponto do planeta, a qualquer hora. Tempo e espaço são deslocados e realocados, característica básica da virtualidade, e o consumo do sexo fica a um clique de distância.

Basta dar esse clique e entramos em um universo em que as sexualidades ficam expostas, como o nervo de um dente, sensíveis. As noções de moral sexual (fortemente influenciadas pelo cristianismo), público e privado se tornam nebulosas, ou são simplesmente postas de lado; e as masculinidades (foco deste trabalho) são reinterpretadas, mostradas e vistas.

1.2. VISITANDO O MENU INICIAR

Minha trajetória acadêmica levou-me ao uso de determinadas perspectivas teóricas, sem as quais não conseguiria explicar as representações visuais dos sujeitos masculinos que vejo no Cam4.

Por exemplo, ao falar em sujeitos, automaticamente me remeto à subjetividade, caráter ou qualidade de subjetivo, que por sua vez é relativo à pessoa. Tenho trabalhado com a noção de sujeito da pós-modernidade, na qual sujeito adquire a acepção de um ser “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (HALL, 2006, p.13), o sujeito pós-moderno “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (p.13).

De acordo com Foucault (1984), a constituição do sujeito abrange um processo de subjetivação, pois não existe “constituição do sujeito moral sem modos de subjetivação” (p.28), assim, toda vivência que constrói subjetividades implica em formas historicamente características de se construir a experiência de si (subjetivação). Toda subjetividade expressa algo de impessoal porque supõe processos de subjetivação; e os saberes e os poderes de determinados tempos procuraram/procuram dominar tais processos.

Se a subjetividade é o que constitui o sujeito nas múltiplas temporalidades e distintas relações de poder, segundo Foucault(1984); para Guattari e Rolnik (1986), o problema é que “o sujeito, segundo toda uma tradição da Filosofia e das Ciências Humanas, é algo que encontramos como um *‘être-là’*, algo do domínio de uma suposta natureza humana”. Por esta razão, os autores propõem “a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida”, produzida pelo que denominaram de CMI (Capitalismo Mundial Integrado) (p.25-33). A insurgência da internet reforça esse ideário, já que amplia a níveis globais esta subjetividade maquínica, de forma que, em Florianópolis ou em Barcelona, os sujeitos conectados a ela recebem as mesmas informações.

Seguindo os passos de Guattari e Rolnik (1986), considero que “a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Esses procedimentos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentidos, de eficiência semiótica - não são centrados nem em agentes individuais, nem em agentes grupais” (p.31), sendo duplamente descentrados; e implicam em máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal (em que podemos reconhecer as mídias e seus veículos) quanto intrapessoal (sistemas de percepção, sensibilidade, afeto, desejo, representação, sistemas corporais, biológicos, fisiológicos, etc.). Temos, então, duas possibilidades de os sujeitos construírem sua subjetividade: ou eles têm uma relação de alienação e opressão (na qual a pessoa se submete à subjetividade como a recebe) ou uma relação de expressão e criação (na qual a pessoa se reapropria dos componentes, produzindo o processo de singularização).

Figura 5 - Opressão vs. criação subjetiva

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/manhorny1, 25 jan. 2014.

Esta noção de alienação/opressão e/ou expressão/criação, na forma de vivenciar a subjetividade, acaba por servir de base para a análise dos *webcamers*. Vemos, no exemplo acima, a alienação quando sua representação visual demonstra a virilidade marcada no corpo (barba, pelos e vestimentas, por exemplo), mas com espaços de criação quando, ainda viris, os sujeitos têm práticas sexuais que quebram com as noções da heteronormatividade (“finger hole every 100 [tips]”: dedada no cu a cada 100 [gorjetas], tradução minha); explicitando que esse *webcamer* estava sozinho, de forma que ele mesmo introduziria seu(s) dedo(s) no seu ânus.

De forma sucinta, pois aprofundarei ao explicar o funcionamento do site, é possível a observadorxs comprarem gorjetas e ‘doá-las’ aos *webcamers*, não sendo necessário doar todo o montante. Esse fato reforça a noção de comunidade virtual, uma vez que nas janelas laterais é possível dialogar com observadorxs e influenciar a doação (parcial e coletiva) para atingir a meta estipulada. Além disso, existe a opção do *webcamer* instituir que observadorxs ajam como moderadorxs dos diálogos laterais, os quais tendem a reforçar os pedidos de fichas (*tips*) aos demais. Segundo o site: “Moderadores ajudam a controlar o bate-papo em sua sala durante a sua transmissão”, e esclarece: “Eu Preciso De Um Moderador? Não, no entanto, os moderadores podem

manter uma sala [a] funcionar suavemente enquanto você estiver transmitindo”¹¹.

Sáez e Carrascosa (2011), em “*Por el culo: políticas anales*”, reforçam esta concepção assimilada de padrões heteronormativos de que práticas sexuais masculinas que envolvam penetrações anais foram usadas ao longo dos anos como forma de separação entre sujeitos masculinos homossexuais e heterossexuais. Portanto, o ânus é pedra de toque na qual a heteronormatividade se finca para separação entre viril e não viril no universo masculino.

A heteronormatividade deve ser entendida aqui como o fez Eve Kosofsky Sedgwick em seu livro “*Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*” (1985), obra na qual pretendia demonstrar que a dominação das mulheres é associada à rejeição das relações amoroso-sexuais entre homens, de tal forma que a misoginia e a homofobia são interdependentes. Para a autora, certas formas de dominação homosocial, sobretudo as do presente, dependem da rejeição a vínculos eróticos entre sujeitos masculinos e na projeção desta rejeição na figura estigmatizada do sujeito homossexual. Sedgwick iniciou a possibilidade de entendimento de que a estrutura da ordem social contemporânea está no dualismo hétero/homo, com um dispositivo que prioriza heterossexualidade, naturalizando-a e, concomitantemente, tornando-a compulsória.

Voltando, segundo Guattari e Rolnik (1986), não podemos dizer que subjetividade coletiva é resultado de uma somatória de subjetividades individuais. O processo de singularização da subjetividade se faz emprestando, associando, aglomerando dimensões de diferentes espécies, com um permanente entrecruzamento entre singularidade e individualidade. Essa concepção se aproxima muito dos estudos semióticos (SAUSSURE, 1970; BENVENISTE, 1991) quando, ao classificar o signo como menor componente linguístico dotado de sentido, justificam que a noção conceitual do signo estará diretamente ligada aos seus significantes, em outras palavras, é como explicar o signo ‘árvore’: para a subjetividade coletiva, uma das definições possíveis de árvores é que elas são plantas compostas por raízes, caule e folhas (por exemplo), mas para uma subjetividade individual, árvore pode possuir apenas caule e folhas. Como as raízes não são necessariamente visíveis, na singularização da subjetividade coletiva, uma pessoa pode deixar de associar o não visível ao signo (nesse caso estou pensando em signos visuais, como uma representação imagética ou desenho) e, através de

¹¹ Disponível em: <https://pt.cam4.com/faq/category/ferramentas-de-moderacao>. Acesso em: 19 de dezembro de 2016.

processos de singularização, ter uma subjetividade individual diferente da coletiva.

Por tal motivo, entendo que não devemos comparar subjetividade e individualidade. Indivíduos, para Guattari e Rolnik (1986, p.31-33), são resultados de uma produção de massa, são seriados, modelados pela cultura de massa, enquanto subjetividade é fabricada e modelada no registro social. Tomo então como base de análise o que os autores chamaram de “modos de individuação da subjetividade”, onde o que ganha destaque são os momentos em que a subjetividade se reconhece em um corpo, ou em parte de um corpo, ou em um sistema de pertinência corporal coletiva.

Para os autores, podem ocorrer momentos em que processos de singularização, portadores de vetores de desejo, encontrem-se com processos de individuação, modelados pela cultura de massa. Assim, consideram o processo de singularização como a possibilidade de captar os elementos de determinada situação e construir suas próprias referências práticas e teóricas em suas representações.

Figura 6 - Irmãos gêmeos e o processo de singularização



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/wapos25, 08 de abril de 2014.

Na figura acima, vemos irmãos gêmeos que fazem performances sexuais juntos. Nesta situação fica evidente que a noção social da interdição do incesto foi realocada, não sendo um tabu social para a singularização dos

dois¹². Perceba na imagem: “100 kiss”, beijo a cada 100 [fichas] (tradução minha). A noção de incesto, com a qual a moralidade foi constituída, parece escapar em casos de relações homossexuais, como se as sexualidades tidas por desviantes já fossem ‘perversas’ em sua amplitude. O que pude perceber, especificamente sobre esses *webcamers*, é que o número de observadorxs sempre se manteve constante. Em casos em que a performance era muito distinta do comum (por envolver escatologias, ‘perversões’ ou situações conflitantes), pude perceber uma grande inconstância no número de pessoas observando. Em um minuto chegavam a 2000 pessoas e no seguinte, 100 pessoas. Para esses irmãos, a mudança era muito pequena, o que demonstra que não apenas para eles o incesto não era uma interdição, como para a singularização de outras pessoas, que observavam a performance, isso também não era. Não era apenas um ato curioso clicar sobre a *cam* deles, algo mais profundo tem se passado na sociedade contemporânea, algo que a privacidade parece permitir, a desinterdição (este tema será melhor trabalhado futuramente).

Voltando aos aportes teóricos, percebo que representar-se, portanto, possibilita interagir com os saberes e os poderes na construção de uma identidade, já que ela está sendo trans/formada continuamente de acordo com as formas pelas quais nos apresentamos nos sistemas culturais que nos rodeiam. Assimilei de Hall (2006, p.38-39) a concepção de que o termo ‘identidade’ ligado comumente a algo fixo é equivocado. Segundo ele, para o pensamento psicanalítico, “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade” e ainda, “em vez de falar identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento”. Assim identidade ou identificação remete-nos ao que ele afirma ser “um processo em andamento”. Desta maneira, identidades não são fixas ou estanques, mas (e enfoque nesse mas) identidades tendem a se reconhecerem em suas singularidades, e daí surgem os movimentos políticos em torno de identidades, como o movimento de mulheres, o movimento negro, o movimento LGBT, entre outros.

Percebo que o processo de construção de representações tem estreita ligação com a produção de identificações, uma vez que aquelas experimentam posições de hierarquia e valorização diferenciada no mundo

¹² Cf. LACAN, 1999; FREUD, 1968; LÉVI-STRAUSS, 1967; BUTLER, 2002. É conveniente justificar que, sobretudo para Lévi-Strauss e Freud, como regulamentação das relações sexuais, como construção ético-moral, a proibição do incesto é a expressão da relação entre natureza e sociabilidade, ou cultura e vida psíquica, mas com ênfase em relações incestuosas de caráter heterossexual.

social. Desta forma, modelos de representações podem ser vistos como sinônimos de papéis sociais, padrões esperados e de certa forma exigidos, mesmo que com usos diferentes em cada sociedade.

A noção de representação, difundida durante a Modernidade, falava da possibilidade de representar na íntegra uma determinada realidade concreta. Mas se a realidade é discursivamente construída¹³, tanto pelo *webcamer* quanto pelo/a observador/a, como representá-la?

Cabe antes distinguir de qual representação estou falando. Existem duas principais concepções de representação com que opero: a simbólica e a social. Muitos teóricos (de diferentes áreas do saber: Filosofia, História, Psicologia, Antropologia, etc.) já se debruçaram sobre o entendimento desse conceito, principalmente porque ‘representação’ evoca com grande veemência o conceito de ‘realidade’, ‘materialidade’ ou ‘verdade’. Por esta razão, escolhi para esse trabalho as noções conceituais de representação de Roger Chartier (1991).

O historiador francês, Chartier, esclarece que nas definições antigas (no exemplo dado por ele, a do Dicionário universal de Furetière, em sua edição de 1727), os significados correspondentes à palavra “representação” atestam duas famílias contraditórias de sentido: de um lado, a representação reforça uma ausência, uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa.

Para o autor, na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe por uma “imagem” capaz de repô-lo em memória e de reproduzi-lo tal como é. Dessas imagens, algumas são totalmente materiais, substituindo o corpo ausente por um objeto que lhe seja semelhante ou não: no exemplo dado por ele, tais quais os manequins de cera, de madeira ou couro que eram postos sobre a urna sepulcral do monarca durante os funerais ou, mais geralmente e em outros momentos, o leito fúnebre vazio e recoberto por um lençol mortuário que “representa” o defunto.

Outras imagens funcionam num registro diferente: o da **relação simbólica** que, para Furetière, é “a representação de algo de moral pelas imagens ou pelas propriedades das coisas naturais(...). O leão é o símbolo do valor, a bolha o da inconstância, o pelicano o do amor materno”. Uma relação decifrável

¹³ FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. (L’Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971.) Tradução de Edmundo Cordeiro e António Bento. Disponível em <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/biblio.html>, acesso em 31 maio 2007.

é portanto postulada entre o signo visível e o referente significado — o que não quer dizer, é claro, que é necessariamente decifrado tal qual deveria ser. (grifo meu) (1991, p.184)

Aquilo que tratamos por masculinidades se faz também com modelos de representação, por tal razão as representações masculinas, dentro de uma forma claramente hierarquizada e contraposta ao seu par equivalente (as femininas) assumem tamanha importância neste trabalho. Barba, pelos, músculos, pênis, leões, touros, cavalos, enfim, uma infinidade de símbolos são constantemente utilizados para representar simbolicamente esse sujeito genericado que tratamos por homem. Mas nem todos esses elementos simbólicos precisam ter vínculo com o ser humano particular que deu seu lugar a tal representação, muitas vezes não tendo ligação com o real ou com a concretude do sujeito. Nesse sentido, a imagem foge apenas da representação simbólica. Ela opera como mnemonize do real, do homem concreto, da materialidade corpórea.

O real é a interpretação que os homens atribuem à realidade. O real existe a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que são atribuídos à realidade percebida [...]. As ideias são representações mentais das coisas concretas e abstratas. Essas representações nem sempre são símbolos, pois como as imagens podem ser apenas sinais ou signos de referência, as representações aparecem referidas aos dados concretos da realidade percebida. (LAPLANTINE & TRINDADE, 2000, p. 3).

A representação social, entendida como ferramenta de conhecimento, é vista como um meio de descrever determinado grupo, situação ou indivíduo e pode ser analisada em duas variações: ato ou efeito de representar (-se) ou coisa que se representa, ou seja, a imagem que se constrói ou o objeto que deu origem a imagem, ‘descrever’ ou ‘estar em lugar de’. Porém, o objeto que deu origem a imagem nunca será representado de forma completa, como já disse, principalmente no caso de o objeto ser uma pessoa, este está em constante trans/formação. Além disso, a virtualidade opera diretamente sobre a representação, de tal forma que podemos dizer que toda representação é virtual, pois carrega em si a potencialidade da realidade representada (LÉVY, 1996). Assim, trabalho com a concepção de que milhões de representações possam existir, interagir e até mesmo competir. A representação visual dos sujeitos masculinos é apenas uma das possíveis, e interage com uma grande rede de representações sobre as quais o *webcamer* e observadorxs têm acesso.

Para Chartier (1990), as representações do mundo social, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as fabricam. Portanto, para cada caso, devemos observar o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. E conclui

[...] percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso, esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (p.17)

É importante diferenciar estas duas noções de representação (a simbólica e a social) porque este trabalho é fortemente pautado na visualidade das representações. Desta maneira, a representação visual, vista aqui como um elemento que pertence tanto à representação simbólica quanto à social, assume a importante tarefa de dizer sobre e pelo universo das masculinidades do ciberespaço.

Eu ousaria dizer, ainda, que o processo de singularização, a apropriação criativa, é uma das ferramentas com as quais trabalhamos na construção das representações, e foi esta ferramenta que busquei ao analisar os *webcamers-típ*, *corpus* do corrente trabalho. É possível perceber (pela visualidade) inúmeros elementos que operam sobre tais sujeitos, como a

muscularidade¹⁴ e a sexualidade em constante disputa na virilidade. Segundo Biet (in CORBIN et al, 2013), é possível deduzir que foi o século XVII que ofereceu ao homem (sujeito masculino) em geral um modelo de masculinidade ligada à muscularidade como símbolo de virilidade.

Falar sobre homens, sujeitos masculinos, masculinidades não é uma tarefa simples. Ainda que eu esteja nesse lugar (ou seja, me reconheça como um homem) não posso me permitir simplesmente falar a partir de minhas experiências, é preciso explicitar que o faço por uma perspectiva feminista e dos estudos *queer*, que reconhecem a importância dos conceitos contemporâneos acerca das relações de gênero, a influência das distintas noções de sexualidade, da marcação destas preposições nos corpos, vistos aqui como elementos de luta contra a misoginia, a heteronormatividade compulsória e as relações de poder desiguais entre seres humanos generificados.

Construção é uma palavra que ganha destaque para mim. Ao me apropriar das diferentes teorias, fui cada vez mais sendo levado a aceitar que somos seres socialmente construídos. Não há um “*être-là*” humano, há um amontado de espaços onde somos postos, para a felicidade de uns e tristeza de outros, mas espaços mutáveis, reorganizados a cada nova vivência, são as diferentes identificações de Hall (2006), sendo reconstruídas cotidianamente, até porque, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2009), “o sujeito vaza por todos os lados” (p.9).

A corporeidade é tida como o lugar da experiência, é no corpo que se marca o sexo, o gênero e a sexualidade, entre outros elementos. Maluf (2002) sugere “corporificação” como tradução para o conceito de ‘*embodiment*’, uma perspectiva que critica dualismos tais como “mente/corpo” e busca compreender a corporeidade a partir de uma perspectiva fenomenológica que toma o corpo como condição necessária para o estar-no-mundo e, conseqüentemente, para a cultura. Opero, dessa forma, com o conceito de *paradigma da corporeidade* de Thomas Csordas (2008), elaborado a partir de “duas teorias da corporeidade: Maurice Merleau-Ponty (1962), que elabora a corporeidade na problemática da *percepção* (grifo do autor), e Pierre Bourdieu (1977, 1984), que situa a corporeidade num discurso antropológico da *prática*” (p.104). Mas o corpo virtualizado abre espaços para a quebra de certas marcações. Na virtualidade do ciberespaço podemos ver as marcações

¹⁴ Muscularidade é um neologismo com o qual prefiro trabalhar como forma de distinguir a musculatura desenvolvida da menos desenvolvida. Musculatura é um dos elementos constitutivos do corpo humano, formado pelo conjunto de músculos. No dicionário Houaiss, encontramos o termo musculado, como sinônimo de musculoso, dessa maneira, ao me referir ao termo musculado, estarei dizendo da muscularidade, sendo um corpo em que os músculos são mais desenvolvidos ou hipertrofiados.

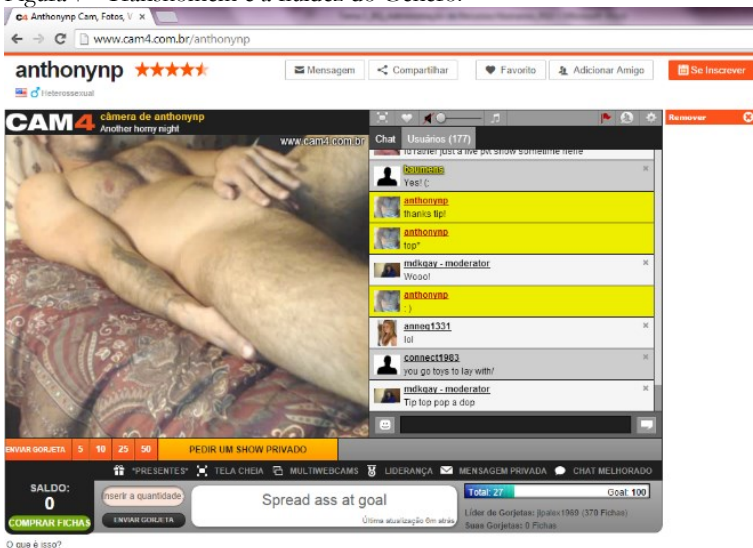
serem reapropriadas e reconfiguradas, até quando reafirmadas, a virtualidade abre espaço para o que Foucault (1988) chamou de *resistência às interdições*.

É importante ressaltar que esta tese se ocupa em discutir de maneira principal as masculinidades vistas através da internet. Para esse recorte, faz-se necessário que eu esclareça o que estou entendendo por “masculinidades” e como entendo a virtualidade da internet: o ciberespaço. Assim, quando me referir aos corpos, ao gênero e às sexualidades estarei falando principalmente dos corpos tidos hodiernamente como *masculinos*, do gênero tido como *masculino* e das sexualidades *masculinas*, mas com a clareza de que, na perspectiva teórica na qual estou inserido, as masculinidades, ou as formas de ser homem, só podem ser pensadas em relação às feminilidades, ou às formas de ser mulher (considerando que ambos são polos idealizados e construídos pelo tempo histórico).

Para tanto, o conceito de “masculinidades” desenvolvido por Connell é de extrema importância. Connell define masculinidade como sendo “uma configuração **de** prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (grifo meu), e salienta que existem “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade”. Devido a esta pluralidade, não se deveria falar em “masculinidade”, mas em “masculinidades”. (1995a, p. 188). Além disso, dentre as inúmeras masculinidades, haveria uma que seria considerada como sua forma “hegemônica”, correspondendo a um ideal cultural de masculinidade em uma determinada sociedade. Além desta forma de masculinidade, existiriam outras que manteriam relações de subordinação, aproximação ou de marginalização em relação à hegemônica (CONNELL, 1997, p. 39-43; 1987; 2000).

É preciso destacar que dentre os sujeitos estudados, um ganhou destaque por ser um transhomem (conceito trabalhado por Ávila (2014)) e por ser o *webcamer* mais visto na categoria Homens e não na categoria Trans, o que mostra a fluidez das noções identitárias de gênero neste espaço cibernético, e portanto, o motivo pelo qual devo considerar as noções de “homem” e “masculino” hodiernas, sendo algo que ultrapassa a rigidez das classificações biológicas e sociais e passa pelos aspectos subjetivos inerentes a cada sujeito.

Figura 7 - Transhomem e a fluidez do Gênero.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/anthonynp, 23 set. 2014.

A sexualidade é um dos espaços da ‘configuração de prática em torno da posição dos homens’ (Connell, 1995), conforme demonstra Michel Foucault, com sua obra ‘História da Sexualidade: I, II e III’ (1988; 1984; 1985), em que mais comumente podemos ver os embates das relações de poder. A inferiorização da feminilidade e das sexualidades não heteronormativas são frequentemente vistas e buscadas nas marcas identitárias dos corpos masculinos, sem que pensemos em como esses corpos ‘suportam ou não o peso’ destas marcas (num sentido literário). A performance do transhomem, expondo um corpo e um sexo não normativo (como pode ser visto na imagem, Anthony é um homem com muscularidade, com pelos, sem mamas e com vagina) que sente prazer, se masturba, faz sexo, faz performances sexuais, faz sexo virtual, reforça o quão fluidas são as noções de sexo-gênero com as quais a sociedade tem operado.

Creio que é preciso dizer o que estou entendendo por virtualidade, internet, espaço virtual e ciberespaço. Parece tudo o mesmo, não?

Segundo Pierre Lévy (1996),

A palavra virtual vem do latim *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. [...] Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade

e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (p.5)

O que podemos perceber, a partir de Lévy, é que virtualidade é apenas uma outra constituição de uma realidade. Transmutando e ressignificando os mesmos contingentes da realidade para uma outra forma de reconhecimento. Por tal razão, ele diz que a virtualização fluidifica as distinções instituídas, aumenta os graus de liberdade e cria um vazio motor; implicando na mesma quantidade de irreversibilidade em seus efeitos, de indeterminação em seu processo e de invenção em seu esforço quanto à atualização, de tal forma que a virtualização é um dos principais vetores de criação de realidade. Concluindo com maestria que “A imaginação, a memória, o conhecimento, a religião são vetores de virtualização que nos fizeram abandonar a presença muito antes da informatização e das redes digitais” (1996, p.8).

Além disso, quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não presentes”, se desvinculam do espaço físico/geográfico para se vincular em outro tipo de espaço. Para o autor, “uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário” (1996, p.9), por isso, a virtualidade quando posta contra a presencialidade faz com que a *sincronização* substitua a unidade de lugar e a *interconexão* substitua a unidade de tempo, mas ainda assim não sendo imaginário e produzindo efeitos. Desta maneira, todas as vezes que eu usar termos como sexo virtual, prostituição virtual, não estou falando de atos imaginados, estou falando de atos reais, deslocados do atual, mas ainda com vínculos com o presencial.

Uma troca de mensagens sexuais, uma troca de fotos eróticas de si, uma troca de cartas com descrições sexuais, sobretudo quando há a interação entre os sujeitos são atos sexuais virtuais. Mas a internet possibilitou ainda mais esta interação tangenciada por tecnologias comunicacionais. É a *interação* entre os sujeitos que define a distinção entre ato sexual e pornografia, e por interação estou entendendo a plena consciência dos sujeitos envolvidos, ou seja, um sabe do outro e um age diretamente sobre o outro, num jogo de interconexão e sincronização. Nesse sentido, há a superioridade da categoria tempo: o cibersexo precisa ser atual, se um dos participantes se desloca no tempo, a interação perde a interconexão e se aproxima da ciberpornografia.

Isso pode ser observado com Cam4 na medida em que vídeos “pré-gravados” transmitidos como se fossem sincronizados (como se acontecem “ao vivo”) são motivo de punições do site para os *webcamers*.

Figura 8 – Motivos para reclamações no Cam4.

as Ganhe \$22500 Cam4bucks Ajuda

Trar

Tipo de Reclamação

- O usuário que transmite é menor de idade
- O usuário que transmite está mostrando um vídeo
- O usuário que transmite está fazendo propaganda
- O usuário que transmite mentiu o sexo
- Conteúdo Impróprio

Comentar (Opcional)

suck

slavemarcus5

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/hotguys4uux, 08 de abril de 2014.

A problematização acerca da internet só se tornou possível depois que seu uso emergiu como uma questão social relevante, sobretudo a partir de meados dos anos 1990, com sua popularização nos países ocidentais (LÉVY, 1996), sendo um artefato cultural caracterizado pela fluidez e provisoriidade de seus usos. Ao longo destas décadas, vimos a internet ganhar cada vez mais espaço, sobretudo com o desenvolvimento de tecnologias que facilitam a ubiquidade, de forma que as novas gerações já se apropriam do tempo e do espaço de forma distinta das anteriores. Estamos aqui e no Japão, ao mesmo tempo; estamos no hoje e no ontem, no mesmo lugar e estamos aqui, hoje, no Japão da segunda guerra. A Internet deslocou a primazia do tempo e espaço para a primazia da potência e agência (ou potencialidade e capacidade de agir).

Entendo, desta forma, que as noções com as quais operamos o tempo e espaço, ao serem transpassadas para a internet acabam por se trasladarem às noções de possibilidades. Assim como na semente há a virtualidade da árvore, tanto quando relacionada à possibilidade de existência quanto à capacidade de agência, pois possui em si os elementos necessários para que em um processo de atualização venha a se tornar o que reconhecemos como

árvore; a internet faz o mesmo com tempo e espaço. Em outras palavras, a internet permite que sujeitos e práticas sejam sementes, que guardam em si toda a potencialidade e capacidade de agência, reforçando que, na internet, a interconexão substitui a unidade de tempo e sincronização substitui a unidade de lugar.

Porém, existia o temor de alguns teóricos que a virtualidade trazida pela internet condicionasse o desaparecimento de comunidades reais. Baudrillard, por exemplo, receava que o espaço virtual transformasse, e até aniquilasse, as representações que temos do mundo, do político, do real e do social.

Hoje, não pensamos o virtual; somos pensados pelo virtual. Essa transparência inapreensível, que nos separa definitivamente do real, nos é tão ininteligível quanto pode ser para a mosca o vidro contra o qual se bate sem compreender o que a separa do mundo exterior. Ela não pode nem sequer imaginar o que põe fim ao seu espaço. (BAUDRILLARD, 1997, p. 71)

O desenvolvimento da Internet, segundo Castells (2003), deu-se nos primórdios da década de 1960, nos Estados Unidos da América, originado por interesses militares de defesa e segurança. Na verdade, embora possamos dizer que a internet nasce na década de 1960, com a criação do conceito de ‘comunicação em rede’ entre computadores, o autor afirma que o grande destaque da ‘internet global’ é na década de 1990, graças aos protocolos convencionais que permitem o cruzamento de várias redes e uma comunicação muito mais abrangente e acessível, como por exemplo, o uso das linhas telefônicas para transmissão de dados, a tecnologia digital.

O que inúmeros autores apontam é que o modo informacional de desenvolvimento, sobretudo com a internet como novo meio que compõe uma rede eletrônica, conseguiu alterar toda uma concepção de economia, mercado, trabalho e gestão empresarial, provocando mudanças de paradigmas sociais. As comunidades virtuais e a sociedade em rede modificaram substancialmente as interações sociais, acarretando em uma nova sociabilidade baseada numa dimensão virtual, a cibercultura, que transcende o tempo e o espaço (CASTELLS, 2003; SANTOS, 2003; COSTA, 2009).

Por ciberespaço, entende-se o ‘lugar’ onde se está ao entrar em um ambiente virtual da internet, como o conjunto de redes de computadores, interligados ou não, ao redor do globo. (LE MOS, 1996; 2005). O autor ainda aponta que o ciberespaço não é desconectado da realidade. Pelo contrário, trata-se de um espaço intermediário que faz parte da cultura contemporânea.

Ciberespaço é, portanto, um espaço virtual, mas um espaço virtual não é necessariamente encontrado apenas no ciberespaço.

Embora os termos sejam usados como sinônimos, espaço (ou ambiente) virtual e ciberespaço possuem uma relação de imbricação que permite esta ligeira mistura, contudo, vale lembrar que a imaginação, a memória também são espaços virtuais. Aqui, creio que a noção da citacionalidade derridariana (DERRIDA, 1991) se aplica bem: tamanhas as trocas de significantes entre os dois termos, cada qual carrega em si os elementos explicativos do outro. Porém, a partir desse ponto, quando me referir ao espaço virtual da internet, usarei o termo ciberespaço, como forma de marcação clara de que não se trata de qualquer outro possível espaço virtual.

No ciberespaço todos são atores, autores e agentes de interação. Guimarães Jr. define ciberespaço como um “*locus virtual* criado pela conjunção de diferentes tecnologias de telecomunicação e telemática, ou seja, um espaço criado pelas comunicações mediadas por computador” (GUIMARÃES JR., 1999) (grifo meu). O autor salienta que a internet constitui a principal manifestação do ciberespaço, ainda que seja possível identificar elementos de uma “ciberespacialidade” em tecnologias anteriores às das redes de computadores.

Eu destaco aqui que a noção de ciberespaço tem sofrido uma mudança invisibilizada pelo cotidiano. Os aparelhos celulares conhecidos por *smartphones* têm feito com que os seres humanos se conectem ao ciberespaço sem notar que o fazem. Nesse sentido, o conceito de ciborgue de Haraway (in SILVA, 2009) se mostra interessante, pois “Não mais estruturado pela polaridade do público e do privado, o ciborgue define uma *pólis* tecnológica baseada, em parte, numa revolução das relações sociais do *oikos* – a unidade doméstica” (p. 39) e “É precisamente a ubiquidade e a invisibilidade dos ciborgues que faz com que essas minúsculas e leves máquinas sejam tão mortais. Eles são – tanto política quanto materialmente – difíceis de ver. Eles têm a ver com a consciência – ou com sua simulação” (p. 44); assim, o ciberespaço nos faz ciborgues na medida em que não notamos mais certas distinções conceituais tão caras a outros períodos históricos, esta característica Lévy (1996) chamou de “efeito Moebius”, ou seja, quando não diferenciamos mais dentro e fora, público e privado, subjetivo e objetivo. Cabe perguntar, então, o que o efeito Moebius, ou a perspectiva de ciborgues, tem feito na constituição das masculinidades?

Vemos ainda que “A internet tem se tornado um espaço de mercado sexual que de algumas maneiras é o equivalente aos bares gays e aos lugares de flerte [entre homens]”, segundo Ross, Tikkanen e Mansson, “como uma entrada para um ‘oásis erótico’, assim como a realidade virtual de ‘oásis

erótico’ em si mesma, ela contém muitas características dos espaços tradicionais para contatos homosociais e homossexuais enquanto agrega algumas outras mais”. (ROSS et al, 2000, p. 750). Sedgwick (in: HALE, 1998), explica que

“Desejo Homossocial”, para começar, parece um paradoxo. “Homossocial” é uma palavra ocasionalmente utilizada na história e nas ciências sociais, nas quais ela descreve os vínculos sociais entre pessoas do mesmo sexo; trata-se de um neologismo, obviamente formado por analogia com “homossexual”, tendo obviamente o intuito de ser distinta desta palavra. Na verdade, é aplicada a tais atividades como “ligação masculina”, o que pode, como em nossa sociedade, ser caracterizada por intensa homofobia, medo e ódio da homossexualidade. (Tradução minha)¹⁵

É a partir desse ponto, o ciberespaço como possibilidade de agenciamento, que entro com outras questões a serem pensadas: como se dá a prática que classifico como prostituição virtual? Devo chamá-la de ciberprostituição? Haveria outra forma de virtualizar a prostituição? Pode-se considerar prostituição quando alguém vende a possibilidade de interação audiovisual, mas não tátil? Isso não seria pornografia?

Inicia-se a discussão primária do trabalho proposto: como definir e classificar o sexo virtual? Como diferenciar sexo virtual de pornografia? Existe pornografia que não seja virtual? Como considerar a existência da ciberprostituição, diferenciando-a da ciberpornografia e da pornografia *live streaming*?

Perceba na fala de Paulo Roberto Cecarelli (2008) uma demonstração de como outros teóricos tentam definir a prostituição virtual: “Nos sites da Internet, onde (quase) todas as fantasias sexuais podem ser realizadas mediante pagamento que varia segundo a extravagância da demanda, surgiu a prostituição virtual: sexo vendido por meio de imagens fotográficas, filmes, e mesmo “ao vivo”, via *webcam*.”. Como podemos notar, pornografia na rede e prostituição virtual parecem ser um mesmo elemento, não?

¹⁵ “Homosocial desire”, to begin with, is a kind of oxymoron. “Homosocial” is a word occasionally used in history and the social sciences, where it describes social bonds between persons of the same sex; it is a neologism, obviously meant to be distinguished from “homosexual”. In fact, it applied to such activities as “male bonding”, which may, as in our society, be characterized by intense homophobia, fear and hatred of homosexuality (in: HALE, Dorothy, 1998, p. 587).

Ora, se no cotidiano o ato sexual é uma possibilidade constante dentro do espaço territorial no qual o sujeito está inserido, não seria diferente no ciberespaço, contudo, esse outro universo é tão distinto que exigiu uma reconfiguração do que chamamos de ato sexual. Agora, um encontro sexual pode se dar entre sujeitos territorialmente muito distantes, ligados pela internet. O fundamental aqui não é necessariamente o contato corpóreo, ou tátil, sendo bem específico, mas a interação comunicacional direta. Realocamos a excitação e o desejo sexual para outras percepções. Se no passado o sistema corporal de desejo-prazer seguia a lógica visual - auditivo – tátil (inclui-se gustativo e olfativo, já que seres humanos têm sabores e cheiros), na virtualidade deslocamos a parte tátil (apenas por ora, já que novas tecnologias estão sendo desenvolvidas com o intuito de virtualizar esta interação) para os atos onanistas, mas enfatizamos a parte visual – auditiva.

Figura 9 – Novas tecnologias de interação virtual¹⁶.

NOVA tecnologia Live Touch no CAM4

09/02/17 Ajuda aos Performers Novidades Slider



Ainda em tempo para o Valentine's Day, nós transformamos sua habilidade de se conectar com as performers que você gosta de assistir. **Live Touch** foi lançado e não é algo que você deve perder. Veja o que isso significa e como você pode apreciá-lo!

Live Touch é o nosso novo software desenvolvido em parceria com Kiירו. Ele permite que os performers se conectem com seus brinquedos sexuais diretamente no CAM4. Você conhece já o Oh Mi Bod e toda a sua potência? Bem, Live Touch é basicamente um upgrade disso. Em vez de confiar nos sons das gorjetas, os brinquedos sabem automaticamente quanto você deu de gorjeta e quando.

Fonte: Disponível em: <<https://pt.cam4.com/tags/livetouch>>. Acesso em: 09 Fev. 2014.

¹⁶ Perceba que o anúncio indica que podemos controlar o prazer “dela”, como se homens não introduzissem dildos também. O reforço da heteronormatividade se faz constante em elementos publicitários.

Segundo Lévy (1996), quanto das funções somáticas e o processo de virtualização do corpo, foram desenvolvidos diferentes sistemas de telecomunicação que auxiliam a nossa percepção de maneira virtual, por exemplo: o telefone para audição, a televisão para a visão, a telemanipulação para o tato e a interação sensório-motora, ou seja, dispositivos que virtualizam os sentidos e propiciam a telepresença. Os computadores unificam praticamente todos esses sistemas de telecomunicação.

E o que ocorre nas conferências eletrônicas do ciberespaço? Melhor dizendo, o que acontece nas conferências eletrônicas do site Cam4? Usuárixs desse ciberespaço, ou site, se conectam habitualmente buscando uma relação de interação que resolva suas questões de desejo-prazer sexuais, buscando nas janelas do site um objeto de desejo que preencha suas expectativas e lhes dê prazer. Nesse convívio, muitas vezes estabelecendo uma comunidade é que desenvolvem suas representações, suas identificações, que estabelecem novas relações de poder.

A internet, ao se caracterizar como uma nova mídia, um novo meio de comunicação, possibilitou também novas formas de sociabilidade. A telemática fez da internet a mais completa das tecnologias comunicacionais com as quais operamos hodiernamente. E nesse sentido, ao crer que o ciberespaço proporciona privacidade para se expressar, os sujeitos tendem a se libertar das interdições impostas pela presencialidade. E, quando o assunto é sexo, Foucault já demonstrou que as interdições não são poucas. Vejamos o Cam4 mais de perto, mas antes tenho que esclarecer como se dará essa observação.

1.3. A ESCOLHA DO NAVEGADOR

Depois de uma olhadela no histórico de visitas teóricas (outras ainda virão), é necessário escolher um navegador para os processos metodológicos. Existem dois principais processos metodológicos que julgo fundamentais para o entendimento desse trabalho: historicizar o Cam4 e mapeá-lo a partir de um trabalho etnográfico, fazendo uso de perspectivas interdisciplinares.

Lembrando que esta tese tem o anseio de se inserir nos estudos interdisciplinares, faço uso da concepção que Edgar Morin (1996) tem sobre a fragmentação do saber. Para o autor, a especialização fragmenta a razão e permeia a percepção de mundo com falsas verdades. É aí que encontramos a importância da complexidade. A busca do valor humano, suas qualidades e características inerentes à espécie devem ser nossas preocupações, diz Morin. Portanto, somente na abordagem interdisciplinar, onde os saberes

são entrelaçados e contextualizados, é possível ter uma noção mais ampla e global de mundo e de realidade, em muitas de suas possibilidades.

A representação visual, entendida aqui como as imagens que os olhares (nossos e de outrem) percebem é ponto crucial nesse trabalho. Por tal razão, tenho uma certa preocupação em esclarecer alguns aspectos legais ligados ao uso da imagem. Esta talvez seja a parte mais enfadonha deste trabalho, mas é a mais necessária para evitar implicações legais que se voltem contra esta pesquisa.

O direito de imagem é reconhecido e protegido pela Constituição Federal Brasileira de 1988 (artigo 5º, X e XXVIII, a) e pelo Código Civil Nacional de 2002, Lei 10.406, como um direito de personalidade autônomo, sendo definido como “a **projeção** da personalidade física da pessoa, incluindo os traços fisionômicos, o corpo, atitudes, gestos, sorrisos, indumentárias, etc.” (grifo meu).

X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

[...]

XXVIII - são assegurados, nos termos da lei:

a) a proteção às participações individuais em obras coletivas e à reprodução da imagem e voz humanas, inclusive nas atividades desportivas.

(BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.)

De acordo com os dispositivos legais, o direito de imagem no Brasil é irrenunciável, inalienável, intransmissível, porém disponível. Isto significa que a imagem da pessoa jamais poderá ser vendida, renunciada ou cedida em definitivo, porém, poderá, sim, ser licenciada por seu titular a terceiros.

Perceba que existe em muitos perfis do Cam4 uma preocupação com o uso da imagem com intuito vexatório ou comercial, de tal forma que muitos dos *webcamers* vinculam em seus perfis a nota:

Figura 10 - Destaque para a nota legal de alguns perfis

LEI DE DIREITOS AUTORAIS, LEI Nº 9.610/98 (VER: "Digital Millennium Copyright Act") Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente. Pena - reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa. NOTA: Assistindo a esta transmissão. Você reconhece e concorda que não deve publicar, fazer upload, publicar, transmitir ou disponibilizar de qualquer conteúdo desta página, incluindo imagens e gravação de tela e de vídeo ao vivo disponíveis para download. Penalidades de Violação de Direitos Autorais: Ao reproduzir, republicar ou redistribuir o trabalho de um detentor de direitos autorais sem permissão, você pode estar violando ou infringir os seus direitos ao abrigo da Lei de Direitos Autorais. O detentor dos direitos autorais pode processar por custo de remuneração.

Fonte: Disponível em: www.cam4.com.br/hiagocam04. Acesso em: 10 Jul. 2014.

LEI DE DIREITOS AUTORAIS, LEI Nº 9.610/98: (VER: "Digital Millennium Copyright Act") Se a violação consistir em reprodução total ou parcial, com intuito de lucro direto ou indireto, por qualquer meio ou processo, de obra intelectual, interpretação, execução ou fonograma, sem autorização expressa do autor, do artista intérprete ou executante, do produtor, conforme o caso, ou de quem os represente: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos, e multa. NOTA: Assistindo a esta transmissão [sic]: Você reconhece e concorda que não deve publicar, fazer upload, publicar, transmitir ou disponibilizar de qualquer conteúdo desta página, incluindo imagens e gravação de tela e de vídeo ao vivo disponíveis para download. Penalidades de Violação de Direitos Autorais: Ao reproduzir, republicar ou redistribuir o trabalho de um detentor de direitos autorais sem permissão, você pode estar violando ou infringir os seus direitos ao abrigo da Lei de Direitos Autorais. O detentor dos direitos autorais pode processar por custo de remuneração.

Este trabalho não se encaixa em nenhum desses usos (nem comercial, nem com intuito vexatório), ainda assim, para evitar a exposição (ainda maior, pois não nos esqueçamos de que ao ligar sua *webcam* um sujeito não pode prever os usos de sua imagem) será usado o recurso da tarja sobre os

olhos. Esse recurso é comumente utilizado por veículos de comunicação que retratam a imagem de crianças e adolescentes, como forma de preservar a identificação dos mesmos. Encontrei uma única menção a essa artimanha gráfica em um julgamento no STF, não constando em corpo de lei. Portanto, é muito mais uma convenção do que uma obrigatoriedade.

Vale ressaltar que a Lei N° 12.737, de 30 de novembro de 2012, conhecida por ‘Carolina Dickman’, que versa sobre o vazamento de imagens íntimas, não opera sobre o uso de imagens capturadas em sites ou programas de interação virtual, mas sim sobre a invasão de dispositivo informático pessoal. Além disso, quanto ao ponto de vista legal, temos o parecer final em uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (Med. Liminar) – 4815, no qual o Supremo Tribunal Federal afirma:

O Tribunal, por unanimidade e nos termos do voto da Relatora, julgou procedente o pedido formulado na ação direta para dar interpretação conforme a Constituição aos artigos 20 e 21 do Código Civil, sem redução de texto, para, em consonância com os direitos fundamentais à liberdade de pensamento e de sua expressão, de criação artística, **produção científica**, declarar inexigível o consentimento de pessoa biografada relativamente a obras biográficas literárias ou audiovisuais, sendo por igual desnecessária autorização de pessoas retratadas como coadjuvantes (ou de seus familiares, em caso de pessoas falecidas). (Grifo meu).¹⁷

Não é bem o caso aqui, já que não me proponho a fazer uma biografia de nenhum dos sujeitos analisados, mas caso optasse por esta metodologia, o uso de sua imagem seria possível, segundo esse dispositivo legal.

Ainda encontramos no Marco Regulatório da Internet

Art. 10. A guarda e a disponibilização dos registros de conexão e de acesso a aplicações de internet de que trata esta Lei, bem como de dados pessoais e do conteúdo de comunicações privadas, devem atender

¹⁷ A saber, os artigos citados são: “Art. 020 - Salvo se autorizadas, ou se necessárias à administração da justiça ou à manutenção da ordem pública, a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a **utilização da imagem** de uma pessoa poderão ser proibidas, a seu requerimento e sem prejuízo da indenização que couber, **se lhe atingirem a honra, a boa fama ou a respeitabilidade, ou se se destinarem a fins comerciais.**” (Grifo meu) e “Art. 021 - A **vida privada** da pessoa natural é inviolável, e o juiz, a requerimento do interessado, adotará as providências necessárias para impedir ou fazer cessar ato contrário a esta norma.” (Grifo meu).
(Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/peticaoInicial/verPeticaoInicial.asp?base=ADIN&s1=4815&processo=4815>>. Acesso em: 10 Mar. 2015.)

à preservação da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das partes direta ou indiretamente envolvidas. (Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm>. Acesso em: 10 Mar. 2015).

É interessante perceber que tais sujeitos tratam suas performances como se fossem obras artísticas, recorrendo a Lei de Direitos Autorais (LEI Nº 9.610/98). Contudo, nem mesmo a atividade de ator pornográfico/atriz pornográfica possui reconhecimento legal (ao menos até o presente momento). Diferente de profissional do sexo, tais profissionais nem constam no Código Brasileiro de Ocupações.

O que me leva a questionar: o que há de artístico em uma performance sexual virtual? São tão teatralizadas a ponto de serem consideradas performances artísticas? Esta confusão abre brechas para novos questionamentos, mas levanta velhas bandeiras. A prostituição no Brasil (e em grande parte do mundo) não é bem-vista, bem-vinda ou bem-quista. Ainda somos levadxs a jogar sobre esta atividade profissional o manto da moral cristã que divide sujeitos entre vítimas ou algozes, a figura de profissional do sexo (mulheres, trans, travestis e homens) ainda sofre de extrema estigmatização (GOFFMAN, 1982) e, como afirma Foucault (1971), dentre os procedimentos de exclusão, o mais evidente é a interdição, a partir do jogo de três delas que se cruzam, se reforçam ou se compensam: o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito exclusivo do sujeito que fala, com grande ênfase nas questões relacionadas à sexualidade.

Existe um grande tabu no uso de imagens eróticas e pornográficas em trabalhos acadêmicos. Em duas dissertações de mestrado que versam sobre o mesmo site¹⁸, um autor redesenhou as imagens capturadas de forma a relativizar a distinção entre erotismo e pornografia, e a outra descreveu textualmente os elementos visuais. Mas o que fazer se o que me proponho a analisar é exatamente o entrecruzamento desta fronteira? Como dizer das quebras ou das continuidades sem mostrá-las? Como perceber as representações visuais que fazem esta passagem terceirizando sua descrição?

Talvez eu pudesse apenas descrever textualmente as representações visuais que pude observar (como comumente se faz), mas por que não exibi-las para que outrxs pesquisadorxs possam também se debruçar sobre elas?

¹⁸ JÚNIOR, J. R. A. **Dos Prazeres Narcísicos à Cena Voyeur**: Performances eróticas e enlace de corpos virtualizados no site Cam4. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Paraíba, 2013; ROST, Mariana. **Sexualidades em negociação**: a pornografia *live streaming* no Cam4.com. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Dissertação (mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2016.

Por que não demonstrar visualmente as percepções que os *webcamers* têm de erótico e pornográfico? Afinal, por que a academia teme trazer a visualidade do sexo para seus trabalhos? Seguiremos usando a moralidade como justificativa para esse ‘velamento’, retirando ao ato sexual da cena, dos olhos dos demais? Por tal motivo, discutirei posteriormente e com mais ênfase as questões sobre pornografia, erotismo e obscenidade.

Contudo, para evitar ao menos a exposição não acordada dos sujeitos pesquisados, farei uso de tarjas pretas, que dificultem a identificação visual das faces dos mesmos. Afinal, esta pesquisa não precisa das referências identificáveis (nome, sobrenome, documentos de identificação) da amostra. Minhas conclusões não estarão baseadas nesses dados. E a própria concepção de público-privado será discutida aqui. Contudo, não me aterei a esconder genitais ou práticas sexuais. O aviso de entrada para o site vale também para esta tese:

Este site fornece acesso a material, informações e conteúdo adulto que pode ser considerado ofensivo em algumas comunidades. Você não deve entrar neste site se fica facilmente chocado ou se os padrões da sua comunidade não permitem visualizar materiais eróticos de conteúdo adulto! ((Disponível em: <www.cam4.com>, acesso em: 05 Fev. 2013).

1.3.1. O desafio das configurações metodológicas

Um dos grandes desafios (tal qual configurar um teclado entre BRASIL – ABTN ou BRASIL – ABNT2) é, após reconhecer as potencialidades da Interdisciplinaridade, saber como usá-las a seu favor.

Quando, antes de formular um projeto de doutoramento, eu pensava nas formas de estudar os sujeitos que eu via nas janelas do Cam4, eu me questionava acerca das diferentes formas de observá-los, interpretá-los, mapeá-los, analisá-los. Enfim, perguntava-me em como transformaria aquele corpo virtual em objeto de estudos. Qual epistemologia eu deveria usar? Lembrando que minha formação passa pela Comunicação, pela História, com apropriações das Letras, da Psicologia, da Antropologia, do Design, da Educação, do Direito, da Filosofia, entre outras; indagava-me sob qual luz do saber aqueles sujeitos seriam melhor apresentados e vistos.

Pombo (2003) acaba por esclarecer melhor a questão de porquê trazer algo à luz do saber por uma perspectiva interdisciplinar. Para ela, temos que perceber que estamos em um mundo onde as barreiras caíram, em um mundo de anulação e de mistura de fronteiras, e concluindo com a metáfora

da árvore, com raízes, caule, galhos e folhas (esquema arborescente), cartesiano, avançamos para um modelo de rede, no qual perdemos as hierarquias ou ligações privilegiadas. Nesse sentido, vejo a interdisciplinaridade também como uma das possibilidades para interpretar os objetos por essa perspectiva de rede. Aliás, a palavra ‘rede’ vem bem a calhar para este estudo.

Um dos principais aspectos que inúmerxs autorxs levantam sobre as diferentes disciplinas é a questão da especialização. Para Morin (1996), nosso pensamento é disjuntivo e redutor, buscando eliminar o problema da complexidade, e esta forma de pensar nos é imposta desde a infância. Esses estudos em parcelas especializadas desintegraram o objeto do ponto de vista global, de forma que cremos ver a realidade, mas vemos apenas o que o paradigma nos pede para ver, ocultando parte do objeto. Segundo Morin, “há complexidade onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de retroações [...]” (1996, p.274).

Perceba que existe nas Ciências Humanas uma grande preocupação com a interpretação que se faz sobre ‘realidade’. Portanto, a efetividade do saber interdisciplinar passa pela forma como ele mesmo reconhecerá determinada realidade. Fazenda (1992; 2008) discute a efetividade da interdisciplinaridade a partir dos seus obstáculos e das suas possibilidades. O que convém destacar é que, segunda ela, “a interdisciplinaridade torna-se possível, então, na medida em que se respeite a verdade e a relatividade de cada disciplina, tendo em vista um conhecer melhor” (1992, p. 53).

Dessa maneira, busquei compor meus processos metodológicos somando diferentes saberes. Minha pesquisa é de sobremaneira qualitativa; quanto aos objetivos: ora exploratória, ora descritiva e ora explicativa; e quanto aos procedimentos técnicos: ora bibliográfica, ora documental e ora estudo de campo.

Mas como se deu esse F5 no processo epistemológico?

O primeiro procedimento adotado foi o reconhecimento do universo. Para esta pesquisa, o universo não é toda a internet, e sim o ciberespaço denominado <<http://cam4.com/male>>, ou seja, os sujeitos que se identificam como masculinos e fazem performances sexuais no site Cam4. Contudo, esse universo não é mensurável. É impossível identificar quantas pessoas entram e saem desse espaço diariamente. Porém, o site diz quantas pessoas estão assistindo e quantas pessoas estão se mostrando, quantas pessoas são observadoras e quantas são *webcamers*, com atualização desses dados a cada novo ‘recarregamento’ da página.

Continuando, partindo desse universo, fui delimitando a minha amostra. A primeira delimitação foi quanto ao tipo de *webcamer: tips* ou *não tips*. Escolhi analisar apenas os sujeitos que instituíam gorjetas (*tips*) como

requisito para desenvolver sua performance, pela estreita ligação que vejo disso com prostituição. A segunda delimitação foi quanto ao número de observadorxs: eram analisadas as janelas com maior destaque. Nesse sentido, o site era um facilitador, pois ele hierarquizava as imagens das *webcams* de acordo com o número de pessoas que as viam.

Você deve ter percebido que eu disse hierarquizava, não? Pois bem, estudar o ciberespaço tem seus riscos. A constante atualização tecnológica faz com que certos procedimentos adotados pelo pesquisador tenham que ser reavaliados durante o desenvolvimento da própria pesquisa. Por exemplo, antecipando um assunto que tratarei depois, o site Cam4, quando me foi apresentado em 2009, não possuía o sistema de fichas (*gorjetas*, *tips*, *tokens*), mas já possuía a hierarquização pela quantidade de observadorxs.

Naquele momento, o que atraiu minha atenção para a questão da ciberprostituição foi a questão dos PVT (*Private*), termo em inglês que se traduz por ‘privativo’, ‘exclusivo’. Ou seja, o site Cam4 servia meramente como vitrine, a prática sexual se dava em algum outro espaço virtual: no caso abaixo, em um programa chamado MSN (encerrado em 30 de março de 2013).

Figura 11 - Destaque para *private*, em 2009.

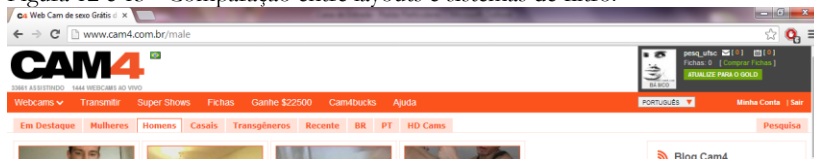


Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/sportguy75, 25 de mar. 2009.

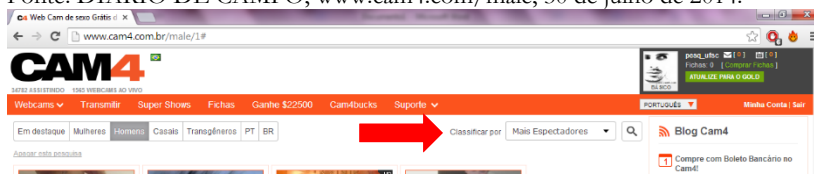
Foi o desenvolvimento de um sistema interno de gorjetas, a instituição de uma remuneração direta no site, que reforçou meu ideário de que o tal performance poderia ser percebida como prostituição, pois, nesse momento, o site assumiu a figura de cáften (assunto que será mais bem explicado posteriormente), além de ser espaço virtual de prostituição.

Mas voltando para a questão da hierarquização do destaque das janelas quanto ao maior número de observadorxs, em agosto de 2014, o Cam4 sofreu uma atualização de seu layout e passou a disponibilizar um filtro para visualizar as *cams* (mais observadorxs, menos observadorxs, dentre outros campos). Como minha metodologia havia sido baseada no número de observadorxs, eu passei a analisar usando o filtro “mais observadores”.

Figura 12 e 13 - Comparação entre layouts e sistemas de filtro.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/male, 30 de julho de 2014.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/male, 01 de ago. de 2014, filtros destacados com a flecha vermelha.

Mas por que o número de observadorxs é importante?

Ora, por algumas razões que julguei pertinentes: a) a formação de comunidades virtuais, porque as *gorjetas*, desde que foram instituídas dentro do site, podiam ser doadas por várias pessoas ao mesmo tempo, que muitas vezes mantinham contato nas janelas laterais. Além disso, o cibersexo não é monogâmico, se é que posso dizer desta forma, um corpo virtual pode satisfazer inúmeras pessoas ao mesmo tempo; b) a noção de subjetividade coletiva, porque ao analisar o *webcamer*, eu posso verificar quais elementos estão contidos ali que parecem atrair o maior número de individualidades (os momentos de individuação da subjetividade, explicados anteriormente); e c) porque busco analisar xs observadorxs, apesar de reconhecer que o site criou mecanismos (em 14 de maio de 2013), que complicam esta análise:

Nós sabemos que é difícil fazer um bom show, se você não se sentir confortável... Lembre-se, Cam4 tem uma série de recursos que ajudam a proteger a sua privacidade durante sua transmissão, para que você possa se sentir confortável na cam.

Se você está nervoso sobre o seu show ser visto por alguém que você conhece, lembre-se que **você pode bloquear todos os espectadores de até três países.** (Grifo meu)

(Disponível em: <http://pt.blogs.cam4.com/private-parts-gerenciando-sua-privacidade-no-cam4/>. Acesso em: 20 Jan. 2014)

Esse fato será novamente citado, pois ele implica também em minha observação participante enquanto observador. Além disso, sabemos que as novas tecnologias permitem mudar ou encobrir o IP (*Internet Protocol*, o principal protocolo de comunicação da Internet. Ele é o responsável por endereçar e encaminhar os pacotes que trafegam pela rede mundial de computadores), de forma que esta privacidade ofertada pelo site novamente pode ser questionada, pois possibilitaria um observador que tivesse sido bloqueado enganar o sistema.

Em relação ao tempo para a coleta de dados, considerando que a amostra desta pesquisa é deveras fluida, ou seja, a cada período de uma hora, temos a possibilidade de encontrar muitos diferentes *webcamers-tip* no site (cada um de uma parte do globo, o que implica em considerar os diferentes fusos-horários); supus que uma análise de frequência semanal, de uma hora por dia, com um intervalo de 3 horas da análise do dia anterior, permitia-me perceber um número maior de performances. Tentando, desta forma, não incorrer no risco de encontrar sempre um mesmo *webcamer/tip* no *top one* (primeira janela de exposição) do site todos os dias, pelo mesmo horário.

Além disso, levando em consideração os fusos-horários, seria possível encontrar sujeitos de outros continentes, com distintas marcas identitárias relacionadas à etnia/raça, podendo assim reconhecer as distintas masculinidades hegemônicas.

Tabela 1 - Dias e horários de coleta de dados.

Hora de Brasília	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM
10h	X						
13h		X					
16h			X				
19h				X		X	X
21h					X		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre a duração da coleta de dados, a princípio eu havia delimitado os anos de 2013 e 2014, e nesses anos tentei manter a regularidade dos dias e horas. Porém, o site seguiu sofrendo modificações, e muitas delas me pareceram interessantes de serem consideradas. Como esta pesquisa é qualitativa, e regras mais cartesianas não têm tamanha importância para

minhas principais análises, decidi expandir o tempo de coleta e não seguir as horas tão à risca, o que me leva a crer que observarei o site mesmo depois desta tese estar concluída.

Minha preocupação com uma possível fragmentação, ou demasiada especialização, acabou por me fazer reconhecer que mesmo que eu tente amplificar a limites extremos sua análise, meu objeto sempre será visto de forma parcial. Afinal, não tenho a pretensão de dar conta da complexidade do meu objeto, já que de acordo com Morin, a realidade é decorrência de uma percepção, “todo conhecimento é uma tradução [...] traduzimos e reconstruímos” (1996, p. 280).

Para as questões específicas da ciberetnografia, tomei emprestadas as ferramentas de análise usadas por Lanzarini (2013): a observação participante e diálogos informais realizados no ciberespaço. Segundo Richardson (1999), a observação participante refere-se ao relato do observador como membro do grupo pesquisado, sendo o observador mais que mero espectador, pois se coloca na posição e na mesma condição dos elementos humanos que integram o fenômeno observado, de forma que passa a ter melhores condições de compreender hábitos, interesses, relações pessoais e outras características, do recorte do campo analisado. Para Lapassade (2001), a observação participante nomeia todo o trabalho de campo e a participação como parte do campo analisado, desde a chegada do investigador e acesso ao campo de pesquisa até o período em que finaliza sua permanência e as relações sociais que nele se estabelecem.

Por ser uma pesquisa de base qualitativa, com ênfase no universo de significados, valores e atos que nomeiam um espaço de relações, de processos e fenômenos, tomei emprestada a prática da *ciberflânerie*, usada por Lanzarini (2013), apoiado em Walter Benjamin (1997), na qual o *flâneur* é um ser que vaga pelas cidades sem destino certo, vivendo a experiência urbana associada às novas transformações no espaço, bem como aos costumes e símbolos. Como pontua o autor, “A *flânerie* é, além de uma prática de observação, uma forma de manter a privacidade do pesquisador em meio ao objeto pesquisado” (LANZARINI, 2013, p.122).

Da mesma forma que Lanzarini (2013), efetuei uma *flânerie* eletrônica, também denominada por de *ciberflânerie* (PONTUAL; LEITE, 2006), que Featherstone (2000) caracteriza como uma forma de pesquisa que possibilita grande mobilidade, sem limitações de locomoção do corpo do *flâneur*, por meio de conexões instantâneas que tornam irrelevantes às diferenças espaciais. Flanar pelo Cam4, suas *webcams*, seu blogs, seus links, os perfis de outros usuários, foi uma das formas de entender as experiências que constituem os sujeitos ali encontrados.

Você se lembra dos principais processos epistemológicos que escolhi para interpretar meu objeto de pesquisa: historicizar o Cam4 e mapeá-lo a partir de um trabalho etnográfico? Creio que é hora de trazê-los para a barra de tarefas.

1.3.2. Verificando as conexões disponíveis: espaço

Para Dominguez et al. (2007), as várias maneiras de conceituar etnografia virtual (termo usado por muitos autores como sinônimo para etnografia no/do espaço virtual) estão associadas com a reflexão sobre a formação cultural da internet e com o diálogo entre as experiências e as interações sociais que possuem esse pano de fundo cultural. Internet é um espaço rico em interações sociais, onde as práticas, significados e identidades culturais se interconectam através de várias vias. As diferentes formas de relações sociais no ciberespaço representam um desafio para xs pesquisadorxs sociais e abrem novos campos para análise no terreno da metodologia qualitativa.

Etimologicamente, a palavra “etnografia” deriva da união de dois vocábulos gregos: *ethnos* (povo) e *graphein* (grafia, escrita, descrição), logo, etnografia é o estudo descrito de um povo. Em seu artigo, “A situação etnográfica: andar e ver”, Hélio Silva trata do trabalho do etnógrafo como “ato ou efeito de situar(-se), localizar(-se)” (SILVA, 2009, p.174) e da localização do etnógrafo no espaço social que estuda. Tal localização é pensada em sua relação com os atores sociais que observa e em seus deslocamentos nos territórios. Já justifiquei que o espaço virtual é diferente mas é um espaço (LÉVY, 1996), portanto, um lócus possível para a pesquisa etnográfica.

Creio que esta seja a principal questão para muitxs pesquisadorxs: o campo. No meu caso, campo, lócus social, *ethnos*, objeto, universo, amostra, enfim, todos os elementos necessários à pesquisa são ou estão no ciberespaço. Vejo interligação desse espaço virtual com todos os elementos referidos e exigidos pelo trabalho etnográfico. O ciberespaço é espaço, é território, é campo, é lócus; a virtualidade do ciberespaço recria um novo *ethnos*, demonstra um novo objeto sobre o qual me debruço.

Segundo Geertz (2008), a pesquisa etnográfica fundamenta-se na inserção de pesquisadorxs em um campo diferente, do ponto de vista cultural, de seu próprio habitat, durante um longo período. A prática etnográfica, para ele, consiste em estabelecer relações, selecionar informantes e tentar registrar o possível de um discurso social, em formas pesquisáveis. Para este autor, fazer etnografia é:

[...] tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008, p. 7).

A interdisciplinaridade propicia a pesquisadorxs a apropriação, o desenvolvimento ou a apropriação criativa de ferramentas metodológicas que expliquem seus objetos, podendo fazer uso de ferramentas de áreas distintas ou alterando-as de forma a serem úteis para suas análises. Por tal razão, tomei a noção de Diário de Campo (elemento característico da etnografia onde pesquisadorxs anotam suas impressões), mas ao invés de apenas anotar em um caderno ou um arquivo de texto (no meu caso, que utilizo de aparatos tecnológicos) os elementos que se destacam aos meus olhos, fiz uso da própria tecnologia: o *print* de tela. Enquanto fazia minhas incursões etnográficas pelo Cam4, nas janelas dos sujeitos masculinos, aproveitava para salvar em forma de imagem aquilo que meus olhos observavam. Desta maneira, as imagens que apresento nesta tese são também meu diário de campo, pois elas são minhas anotações. Ao selecionar o momento exato de registrar visualmente o acontecimento, fato social, ato, e todas as outras possíveis interligações do sujeito virtualizado, fui filtro desta realidade.

Por tal motivo, enquanto eu sistematizava o texto, seguindo as normas acadêmicas, percebi que utilizar a forma de referenciar as fontes das imagens como “disponível em” não soava adequado para as imagens das *webcams*. Os *prints* de *cams*, as fotografias do espaço virtual, estiveram disponíveis apenas naquele momento espaço-temporal ligado ao presente (meu e dos sujeitos, ambos virtualizados), quem voltar ao endereço indicado no ciberespaço vai encontrar uma outra configuração. As *cams* podem estar fechadas, as práticas podem ser distintas ou o perfil (espaço virtual do *webcamer*) pode não existir mais. Portanto, o lógico é reconhecer que esta imagem faz parte do meu Diário de Campo, e assim deve ser denominada.

Além disso, ao ‘salvar’ as telas pude enriquecer minha análise, porque a imagem facilita o trabalho da memória e aguçava o trabalho do olhar na determinação de significados, afinal as noções da Antropologia Visual consideram as fotografias como narrações visuais, discursos e como instrumento de pesquisa (ACHUTTI, 1997). Pergunto-me se um *print* de tela tem diferença de um clique de uma câmera fotográfica? Tecnicamente, claro, são coisas muito distintas, mas no ponto de vista de filtro, resgate ou arquivo, não. O *print* de tela é uma fotografia do espaço virtual. E como sugeriu Christopher Pinney, “que esses objetos, fotografias, imagens sejam

trazidos à superfície, que sejamos nós como espectadores e intérpretes a determinar seu significado.” (1996, p.49).

Temos ainda que a Etnografia de tela, um exemplo de procedimento etnográfico a se espelhar para a ciberetnografia, sendo uma metodologia da Antropologia Visual. De cunho interdisciplinar, alia a análise do audiovisual (que combina conhecimentos sobre imagem, cinema, linguagem audiovisual, semiótica e sintaxe) à teoria e a metodologia antropológica. Conforme Rial, a Etnografia de tela

[...] apresenta a capacidade de revelar os “espaços sociais” da televisão [ou dos outros meios audiovisuais], a etnografia (de tela ou de audiência) sendo assumida aqui como uma prática de trabalho de campo, fundada em uma prática de coleta e análise de dados extensa e longa, que permite aos pesquisadores atingirem um grau elevado de compreensão do grupo social ou do texto estudado, mantendo uma reflexividade (2004, p. 25).

Para Dominguez et al (2007), as questões levantadas pelos princípios éticos que devem nortear a prática etnográfica quando o trabalho de campo é feito na Internet procedem, por um lado, da especificidade deste método qualitativo em relação a outros métodos de investigação com seres humanos, tais como experiências laboratório ou estudos de mercado e, por outro lado, das particularidades que pode apresentar o trabalho de campo, sobretudo em contextos de interação social mediadas computador.

Com a mudança do conceito clássico de ‘espaço cultural’, diretamente ligado ao espaço físico, entendido como um território limitado, geograficamente limitado, o trabalho de campo etnográfico está passando por uma reconceituação que torna possível a sua aplicação a novos ambientes, de corporações multinacionais à Internet.

En una cultura altamente mediatizada en la que internet cobra cada vez más importancia en la vida laboral, relacional, cotidiana e inclusive emocional, es necesario desarrollar nuevas herramientas para su investigación y métodos de análisis adecuados para gestionar los datos que propone. (DOMÍNGUEZ et al, 2007).

Pesquisadorxs tentam guiar o olhar de leitorxs para detalhes que não são percebidos previamente e apenas a incursão etnográfica no campo específico permite a condição de construir um discurso organizado sobre ele. Ainda, os perfis são compostos por imagens (fotos dos sujeitos, além de suas *cams*) e textos. Portanto, quando o *print* de tela retrata uma imagem que

pode ser recuperada, que os olhos de qualquer observador/observadora podem ter acesso, usei a referência exigida pela norma acadêmica.

Além disso, os dados textuais dos perfis são importantes ferramentas de análise, na qual os sujeitos ao se descreverem ou descreverem suas expectativas, desejos e práticas, e trazem muitas informações a serem analisadas.

Figura 14 - Informações dos perfis.

The screenshot shows a web browser window with the address bar displaying 'www.cam4.com.br/xxbigonexx'. The page content includes a gallery of photos, a bio section, and a list of recent awards. A red box highlights the 'Informações do Perfil' section, which contains the following information:

Sexo:	Masculino
Membro Desde:	Mais 14 2012
Último Transmissão:	Mais 24 2014
Preferência Sexual:	Desconhecido
Relacionamento:	Sóteiro
Idade:	24
Localidade:	Reino Unido
Idioma Falado(S):	Inglês
Altura:	0''
Coroação:	
Fuma:	Sim
Bebe:	Regularmente
Decorções:	Bonitos
Corporal:	Casiano
Cóil De cabelo:	Barba
Não Facial:	Casiano
Cóil De Olhos:	

Below the bio section, there is a 'LEGAL PRIVACY POLICY' notice and a 'Prêmios recentes' section showing a list of awards with dates and counts.

Fonte: Disponível em: www.cam4.com/xxbigonexx. Acesso em: 26 Set. 2014.

Como pode ser visto em Miskolci,

Enquanto a *web* amplia as possibilidades já existentes para relações heterossexuais, para pessoas que buscam se relacionar com outras do mesmo sexo a rede criou um espaço inédito para se socializar. Historicamente alijadas da maior parte do espaço público, sexualidades marginalizadas tenderam a se restringir a locais de encontros e espaços reduzidos das grandes cidades, deixando pouca ou nenhuma opção para a maioria que vivia (e vive) em cidades médias, pequenas, na zona rural ou mesmo na periferia das metrópoles. A despeito das polêmicas e imprecisões, esses territórios foram chamados de guetos e, após a rebelião de Stonewall em 1969, de bairros gays. Estes floresceram durante as décadas seguintes na América do Norte e na Europa, mas na maior parte do mundo jamais se constituíram. Tal restrição espacial incentivou o *cruising*, a paquera gay itinerante, um resultado do caráter “sem lugar” da

homossexualidade em sociedades conservadoras como a brasileira. (2009, p.175).

Esse ‘espaço inédito’ de socialização ao qual Miskolci se refere é exatamente o espaço com o qual trabalho nesta tese. Neste caso, é o espaço onde também se dá a prática sexual. Por isso ganha tanto destaque aos meus olhos de pesquisador, porque o ciberespaço além de potencializador da homosociabilidade é também potencializador da prática homossexual, a internet é o meio (opero aqui com o sentido de ‘código-território’ de Perlongher (2008, p.69) a partir de suas concepções sobre a categoria de ‘região moral’) na qual os sujeitos e as práticas se dão.

A *web* estendeu o código-território da homossexualidade para mais pessoas nas metrópoles e nos recantos do interior do país. Nestes locais, a maioria jamais quis (ou pôde) se expor de forma a frequentar algum local claramente gay ou lésbico. Estes indivíduos, os quais, pelas razões as mais diversas (geográficas, econômicas, puro e simples preconceito), se consideram “fora do meio”, encontraram na *web* uma forma de conhecer parceiros e até fazer amizades sem o ônus da exposição de seus interesses eróticos no espaço público. (MISKOLCI, 2009. p.176).

Nesse ponto, talvez já tenha ficado claro para você que meus processos metodológicos estão diretamente ligados a dois axiomas: espaço e tempo. Ainda que eu reconheça que a virtualidade desloca a primazia do espaço (interconexão) e a primazia do tempo (sincronização) (LÉVY, 1996), fora dela, esses ainda são os principais componentes com os quais construímos e operamos a realidade. O fazer etnográfico tem estreita ligação com o espaço. Mas e o tempo?

1.3.3. Ajustando data/hora: tempo

O tempo é o elemento básico da história, e isso nem uma corrente historiográfica contradiz. Sem o tempo não haveria nada. Ao partirmos de um determinado acontecimento, devemos levar em consideração que ele é o começo de um recorte temporal, visto que a moderna historiografia conceitua a história como um processo contínuo no tempo linear ou no tempo cronológico, que nas suas partes é pensada como um fluxo em direção irreversível, compreendendo todos os eventos imagináveis. “Esta concepção, que deve muito à escalada e ascendência da ciência,” – entendida

como processo teórico-metodológico da área de conhecimento História – “foi precedida por noções que deram uma significação mais restrita ao tempo linear para um entendimento do passado.” (KRACAUER, 1969, p.139).

Dizer que cada história organiza dados/acontecimentos específicos numa sequência, ajustando o tempo de si própria, significa dizer que são os diferentes domínios de história, ou os diferentes tempos onde essa história pode ser inserida, que definem a cronologia do tempo. Dividir o tempo torna-se necessário para que a história tenha uma amplitude, ou para que ela possa criar e utilizar suas ferramentas (metodológicas ou práticas) na construção dessa amplitude, que se convencionou chamar de ‘duração’.

Contudo, alguns teóricos questionaram o (que trato por) compartilhamento do tempo, ou seja, a forma como o tempo foi/é dividido. Lévi-Strauss, por exemplo, repudiou a ideia de processo histórico contínuo envolvendo tempo cronológico, afirmando que se têm diferentes tempos, não para séries de eventos inter-relacionadas logicamente, mas para histórias de diferentes magnitudes, argumentando que cada uma dessas histórias organiza dados específicos numa sequência que ajusta o tempo de si própria. “A história é um conjunto descontínuo formado de domínios da história, cada um dos quais é definido por uma frequência própria e por uma codificação diferencial do antes e depois”. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p.288)

Histórias de diferentes ordens de magnitude são codificadas por separar diferentes períodos baseados, esquematicamente falando, em horas, dias, anos, séculos, milênios, etc., como unidades. Então, o que entra em jogo são as histórias de diferentes durações.

De fato, a história não está ligada ao ser humano nem a nenhum objeto em particular. Ela consiste, inteiramente, em seu método, cuja experiência prova que ela é indispensável para inventariar a integralidade dos elementos de uma estrutura qualquer, humana, ou não humana. (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 290-291).

Não é possível proceder de um tempo peculiar de uma magnitude de história para o tempo de outra, mas “as datas que pertencem a qualquer uma dessas classes são irracionais em relação às outras classes”. Enquanto se pode inter-relacionar histórias da mesma classe, há um abismo entre as tabelas de tempo das histórias de diferentes níveis. Nesse sentido, a proposição de Lévi-Strauss serve principalmente para implementar a ideia que o universo histórico mostra uma estrutura não homogênea.

As durações ficaram estabelecidas em relação aos acontecimentos/fatos. Alguns se desenvolvem lentamente, outros são mais acelerados. O tempo histórico passa pelo crivo de sua velocidade. Contudo,

diferentes durações existem conjuntas em uma sociedade. É o jogo particular do tempo, dos minutos aos séculos, dos segundos aos milênios.

É a partir da experiência que delimito meu objeto de estudo, mas pensar experiência implica em afirmar que algum tempo se passou. É aí que vejo a importância das durações.

Lévi-Strauss, ao citar Rousseau, “quando se quer estudar os homens [seres humanos], é preciso olhar para perto de si; mas, para estudar o homem [ser humano] é preciso aprender a dirigir a vista para longe, é preciso primeiro observar as diferenças para descobrir as propriedades” (apud LÉVI-STRAUSS, 1961, p. 275), já nos dá pistas sobre a questão do olhar. Olhar que na história se traduz em buscar a fonte, passando por uma escala.

Entre a pluralidade dos tempos, o que existe são jogos de escalas, segundo Lepetit (1998). Quando Rousseau fala dos seres humanos, e que para estudá-los ‘é preciso olhar para perto de si’, já nos mostra a diferença das durações. É a curta duração que privilegia o estudo dos seres humanos em seu cotidiano. Lefebvre (1980) diz que o cotidiano é o local onde a história se constrói. É o local dos acontecimentos econômicos, psicológicos, sociológicos, são os objetos que rodeiam o ser humano, os alimentos que consumimos, onde moramos, trabalhamos. Enfim, tudo que acontece conosco e está à nossa volta e constitui a vida diária de alguém. Para Heller (1982), o cotidiano é constitutivo da história, é o centro do acontecer histórico, portanto, a crítica sobre a história produzida deve partir de uma análise crítica sobre o cotidiano que construímos, desenvolvendo-se a percepção e a consciência crítica sobre o papel dos indivíduos na relação entre o trabalho, o universo intelectual e o mundo físico (ou virtual) a que todo ser humano está subjugado.

Porém, ao dizer que “para estudar o homem [ser humano] é preciso aprender a dirigir a vista para longe” (apud LÉVI-STRAUSS, 1961, p. 275), Rousseau nos mostra que a humanidade tem sua história, sua cronologia, tem uma duração maior que uma única e exclusiva vida humana, maior que um cotidiano específico. Que todas essas únicas vidas somadas criam uma escala maior. Assim, a atividade de prostituição masculina, analisada na ótica da cronologia humana, da longa duração, tem também sua história.

Historicizar o Cam4 implica em reconhecer todas (ou o muitas das) diferentes histórias que compõem os sujeitos masculinos que fazem performances sexuais monetizadas: a história da virtualidade, a história da internet, a história do ciberespaço Cam4, a história da sexualidade, do gênero, da prostituição, entre outras.

Na obra “A miséria da teoria ou um planetário de erros” (1981), notadamente no capítulo intitulado “Intervalo: a lógica histórica”, Thompson se propõe a desenvolver, em defesa do materialismo histórico,

algumas proposições que definem a lógica histórica. Trata-se de um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, pois possibilita o estudo dos fenômenos em movimento e exige constantes modificações nos seus procedimentos de análise, para captar os movimentos do evento (fato) histórico. Essa lógica evidencia-se no modo como Thompson conduz a investigação, no “diálogo” que estabelece com a empiria, especialmente na pesquisa que desenvolveu sobre a formação da classe operária inglesa, na qual examina seu “autofazer-se” como um processo ativo que se deve tanto à ação humana quanto aos condicionamentos sociais. Essa apropriação é válida para o “autofazer-se” do performance masculino do Cam4.

“Estamos falando de homens e mulheres em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações e em sua autoconsciência dessa experiência” (THOMPSON, 1981, p.111). Quando a experiência é tida como a origem do conhecimento, a perspectiva do sujeito individual (a pessoa que a teve ou xs pesquisadorxs que a relata) torna-se o alicerce da evidência sobre o qual se erguem às explicações. A evidência da experiência, então, torna-se evidência do fato da diferença, ao invés de uma maneira de explorar como se estabelece a diferença, como ela opera, como e de que forma ela constitui sujeitos que veem e agem no mundo. Conforme Scott, o projeto de tornar a experiência visível impede um exame crítico do funcionamento do sistema ideológico em si, suas categorias de representação, suas premissas sobre o que essas representações significam e como elas operam, suas noções de sujeito, origem, e causa. Dar visibilidade à experiência de um sujeito/grupo diferente expõe a existência de mecanismos repressores, mas não seu funcionamento interno e sua lógica. Sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída relacionalmente. Dessa forma, precisamos dar conta dos processos históricos que posicionam sujeitos e produzem suas práticas. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através dela. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identificações que ela produz. (SCOTT, 1999)

Historicizar a experiência daquelas representações visuais masculinas nas *webcams* do Cam4 (que, para mim, se iniciam em 2009, ganham ênfase de 2013 até 2016, mas podem seguir até a finitude do site, ultrapassando temporalmente a feitura dessa tese), implicou em muita reflexão acerca das ‘tecnologias de subjetivação’ e das formas como se produziram identificações dentro e a partir de tais tecnologias, exigindo uma profunda análise bibliográfica sobre as principais categorizações utilizadas.

Não devo esquecer que esse trabalho visa também contribuir para a compreensão de fenômenos históricos transcorridos ao longo do século XX e do início do século XXI, com ênfase em suas dimensões que demonstram

as relações de poder na construção de subjetividades e os discursos que permeiam as relações sociais; entre elas as relações entre os sexos, gêneros e sexualidades.

Ferreira (2002) esclarece que os fenômenos transcorridos na história recente, então chamada de contemporânea, devem identificar as relações que, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos. Para a autora, a partir da década de 1980, registraram-se transformações importantes nos diferentes campos da pesquisa histórica, por exemplo: a revalorização da análise qualitativa e o resgate da importância das experiências individuais, ou seja, houve um deslocamento do interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares.

Ao pesquisar as imagens nas quais os atores históricos representam seu mundo, pesquisadorxs têm a chance de identificar as estruturas da imaginação coletiva e o poder do grupo social que as criou, além disso, a valorização de uma história das representações, do imaginário social e da compreensão dos usos políticos do passado pelo presente proporcionou uma reavaliação das relações entre história e memória, permitindo a pesquisadorxs repensar as relações entre passado e presente e definir para a história do tempo presente o estudo dos usos do passado.

Para Meneses (2003), há vantagens que poderiam beneficiar o conhecimento histórico, se a atenção de pesquisadorxs (para ele, historiadorxs) se deslocasse do campo das fontes visuais para o da visualidade como objeto detentor, ele também, de historicidade e como plataforma estratégica de elevado interesse cognitivo.

O autor afirma que as fontes visuais não os objetos da pesquisa, mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade. Por isso, não há como dispensar a formulação de *problemas históricos*, para serem encaminhados e resolvidos *por intermédio de fontes visuais*, associadas a quaisquer outras fontes pertinentes. Nesse sentido, o visual “se refere, nessas condições, à sociedade e não às fontes para seu conhecimento [...]. Mas são os *problemas visuais* que terão de justificar o adjetivo apostro a “História”. (2003, p.28).

Ferreira (2002) afirma que a busca desenfreada pela identidade é a fonte principal de significado na contemporaneidade, um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e emergência de expressões culturais efêmeras. Assim, a linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompe com uma perspectiva determinista que limita a liberdade dos seres humanos, deixa em evidência a

construção dos atores de sua própria identidade e reavalia as relações entre passado e presente ao reconhecer que o passado é construído segundo as necessidades do presente.

Aqui, os materiais históricos estão sendo significados por mim. E, a partir daqui, trabalharei com mais ênfase na interação desses 'materiais' com determinadas conceituações, discutindo a noção de experiência e a categoria de gênero dentro da visualidade e virtualidade do Cam4.

PARTE 2 – DIGITANDO O ENDEREÇO NO NAVEGADOR

2. O JOGO DE SEDUÇÃO: TEORIA E PRÁTICA

Computador ligado, sistema operacional rodando, é hora de abrir o navegador. Como em todos os aspectos da vida na contemporaneidade, muitas opções estão disponíveis, desde os navegadores mais utilizados aos menos conhecidos. Todos cumprem a mesma função: conectar-nos à rede.

Ao dizer dessa maneira parece que falo exclusivamente do programa para acessar a rede *web* (www) que escolhemos em nossos computadores, mas pense nessa construção textual também de maneira metafórica. As teorias escolhidas, os autores e as obras também são meus ‘navegadores’. E, tais quais os programas, são escolhidos por uma somatória de fatores que moldam minha subjetividade.

Como afirmei anteriormente, esta tese busca se inserir nos estudos interdisciplinares, seguindo as considerações de Edgar Morin (1996) sobre a fragmentação do saber. A busca do valor humano, suas qualidades e características inerentes à espécie devem ser nossas preocupações. Desta maneira, apenas na abordagem interdisciplinar, onde os saberes são entrelaçados e contextualizados, é possível ter uma noção mais ampla e global de mundo e de realidade, em muitas de suas possibilidades.

Portando, todas as vezes que fazemos uma escolha, sabemos que algo está sendo preterido. Às vezes por desconhecimento de outras possibilidades, às vezes por crer que aquela é a melhor decisão, mas não ignoramos que existam outras escolhas possíveis. Ainda assim, tendo consciência de que o navegador pode travar por algum conflito interno com outros *softwares*, seguimos navegando as possibilidades na esperança de que o computador não pare de funcionar e nos obrigue a reinicializá-lo.

É um jogo de sedução constante que motiva nossas escolhas. Raramente escolhemos aquilo que não nos seduz, e se o fazemos alegamos algum tipo de obrigatoriedade/imposição, como se não tivéssemos tido a possibilidade da escolha. Seduzir ou ser seduzido, no sentido que estou vislumbrando, é participar de um conjunto de contatos, miméticos ou não, que buscam atrair nossos olhares, nossa atenção, nossa confiança e, enfaticamente, nosso desejo.

Sedução vem do latim *seduco* (*se, duco*). O radical *duco* (*ducere*), em sua acepção mais geral significa conduzir, comandar, ir à frente¹⁹. O prefixo ‘se’ indica afastamento, desvio, divisão, partilha, separação. De tal maneira, sedução, inicialmente, nomeava a divisão ou a partilha de comando, de condução. No dicionário Houaiss (2009), encontramos as definições: s.f.

¹⁹ FERREIRA, Antonio Gomes. Dicionário de latim português. Porto: Porto Edltora, p 404.

(1789) ato de seduzir ou de ser seduzido; 1. conjunto de qualidades e características que despertam simpatia, desejo, amor, interesse etc.; 2. capacidade ou processo de persuadir ou perverter; 2.1. ato ou processo de atrair ao contato sexual.

A sedução pode ser considerada como domínio do mundo simbólico, oferecendo fantasia, gozo, poder e capturando o discurso, que se torna parceiro desse encantamento.

A noção de jogo está baseada nas conceituações de Greimas (1980). O jogo, conforme o autor, resgata um modelo de processo comunicativo ao pôr em ação dois sujeitos interagentes que buscam construir um diálogo intersubjetivo, com a liberdade de entrar ou não no jogo. A escolha pelo ingresso pressupõe a concordância com as regras e a aceitação de que não se pode sair do jogo a não ser no seu limite: a vitória ou a derrota. Em suma, a estrutura do jogo e a do convencimento pressupõem a transitividade e a lateralidade nas relações, a aceitação de regras e a igualdade inicial de condições para os parceiros.

Aliás, há que se dizer que as regras no Cam4 estão divididas em três etapas: a primeira etapa se dá quando entramos no site. Tanto *webcamers* quanto observadorxs aceitam as regras que o site estipula na tela de abertura. A segunda etapa é aceitar as regras na construção dos perfis (necessários para compra de fichas e para transmitir a *cam*), com envio de documentos, por exemplo. E a terceira etapa é exatamente no momento em que *webcamer* e observador interagem e estabelecem um acordo financeiro através das gorjetas, e o site assume o papel de câften, regulando o bom funcionamento do jogo sexual, veja no texto abaixo retirado do site:

O que acontece quando alguém promete algo e depois não o faz depois de receber gorjetas?

Se isto acontece e você perder fichas ou vê um vídeo ou qualquer outra actividade [sic] fraudulenta, por favor relate-o imediatamente ao apoio Cam4. Os performers fraudulentos serão banidos e as fichas restituídas às pessoas que as deram.²⁰

A perspectiva de jogo, quando percebida do Cam4, é reforçada no momento em que o observador envia gorjetas ao *webcamer*. Ao enviar as fichas, ele deixa de ser mais um observador e passa a ser um cliente, na mesma perspectiva de cliente de profissionais do sexo (DE SOUSA, 1998).

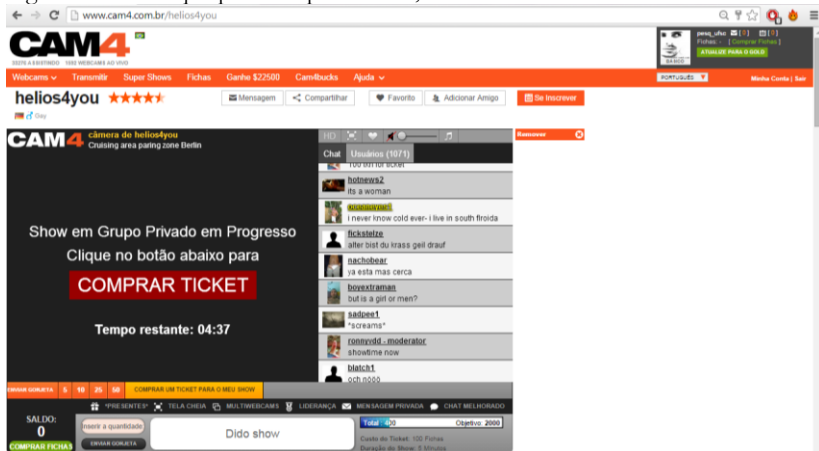
²⁰ Disponível em <<http://pt.cam4.com/help/>>. Acesso em: 01 Fev. 2013. Tradução do próprio site.

Ele aceita as regras do jogo, delimitadas pelo site e, nesse sentido, se torna um participante ativo e interativo com o *webcamer*.

Essa é a principal diferença entre pornografia *live streaming* e ciberprostituição. Na ciberprostituição do Cam4, os jogadores interagem entre si, *webcamer* e observador/a, mediados pela tecnologia e por práticas mercadológicas. Na pornografia *live streaming*, os jogadores são outros, são os observadores e os produtores/distribuidores, os *performers* em si, em tal tipo de pornografia, são vistos como atores e atrizes que atuam sem interagir diretamente com quem os observa. Daí vem a confusão em tratar todas as práticas sexuais do ciberespaço como exclusivamente pornográficas. Ao dizer isso, assumo que as práticas estabelecidas no Cam4 são atos tidos por pornográficos, mas não são apenas isto. Se houver *interação* direta entre quem observa e quem faz a performance, mediada por aspectos monetários, temos a ciberprostituição concomitante com a pornografia *live streaming*.

O próprio site desenvolveu uma forma de diferenciar as duas questões, veja na figura abaixo.

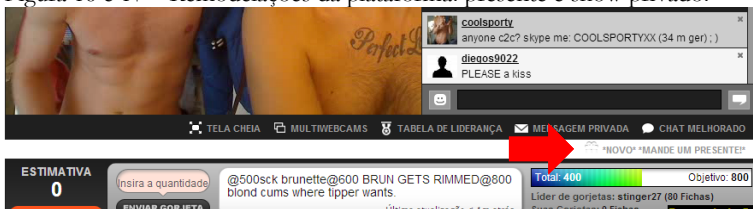
Figura 15 - Destaque para Grupo Privado, em 2014.



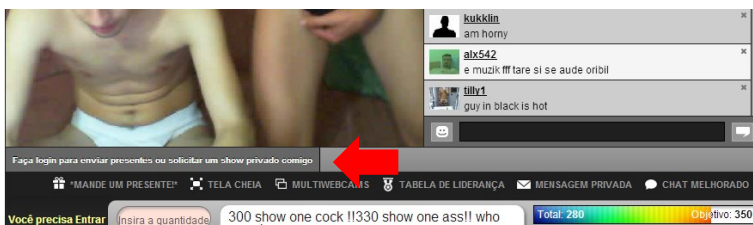
Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/helios4you, 22 de set. de 2014.

Quando, durante a performance, o *webcamer* quer delimitar quem tem acesso ou não a imagem de sua *cam*, de acordo com a troca de *típs*, ele cria os ‘grupos privados’. Desta forma, apenas quem pagar, ou já pagou, pode vê-lo. Essa possibilidade surgiu em julho de 2013, quando a plataforma sofreu remodelações, primeiro anexando a possibilidade de mandar um presente para o *webcamer* (presentes eram/são construções virtuais que representavam determinadas quantias de fichas, ver figura 18) e, logo depois, a possibilidade de shows privados.

Figura 16 e 17 – Remodações da plataforma: presente e show privado.



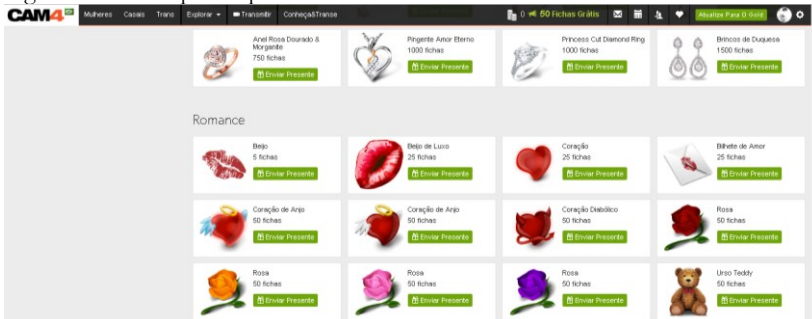
Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/emconsoli, 03 de jun. de 2013.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/twococks0, 12 de set. de 2013.

Tentando evitar o que acontecia em 2009, quando servia muito mais como vitrine onde o *webcamer* atraía seus clientes, o site buscou integrar ainda mais as questões acerca do cibersexo envolvendo práticas mercadológicas em sua própria estrutura. E, ao fazer isso, foi esculpindo ainda mais o que reconhecemos como ciberprostituição. De maneira simplista, podemos dizer que o site serve de vitrine, serve de cãfeten e serve de bordel, pois agrega em si todos os elementos necessários à prostituição, com exceção de profissionais de sexo e clientes.

Figura 18 – Exemplo de presentes do Cam4.



Fonte: Disponível em: <https://pt.cam4.com/wapos25/gifts>. Acesso em: 08 abr. 2014.

Além disso, como característica da economia virtualizada, o site também serve de instituição financeira,

Cam4bucks é a sua base para ganhar dinheiro como um performer do Cam4.

Aqui, você encontrará muitas ferramentas para manter o controle de tudo o que você precisará em sua carreira na *webcam*.

Acompanhe as suas Fichas: Você pode visualizar os relatórios de fichas para ver quem está dando gorjetas para você e para quem você deu gorjetas.

Seja Pago: Escolha um método de pagamento e solicite um pagamento para transformar suas fichas em dinheiro.

Mantenha-se atualizado: Veja o seu histórico de pagamentos no Cam4 e mantenha a sua conta aprovada para pagamentos.

Se você ganhou fichas durante as suas transmissões e gostaria de trocá-las, você precisa ter a sua conta Cam4 aprovada antes.

(Disponível

em:

<https://cam4bucks.com/aff/stats.php?page=home>.

Acesso em: 30 Mar. 2014.)

Entender o lugar ocupado pela sedução no contexto da internet, ou ciberespaço exige, também, uma incursão em alguns dos aspectos da cultura de massa. Em primeiro lugar, temos uma questão histórica. O advento da industrialização levou o ser humano a uma vinculação à técnica e à tecnologia. O ser humano moderno colocou a verdade e, conseqüentemente, a felicidade na busca do que chamou de progresso. A ascensão do capitalismo possibilitou a perspectiva de um ser humano mais autônomo, mas, ainda, transitando entre a liberdade e a coação; um ser disposto a serviço da economia e da produção. Passadas as primeiras conseqüências do progresso (positivas e negativas), surge um novo questionamento sobre verdade e felicidade, e, assim, um novo momento histórico. Ainda que se utilize de mecanismos da produção, a sociedade contemporânea começa a adquirir outra configuração, sobretudo porque passa a trabalhar com a liberação do fluxo do desejo relacionado ao consumo e à felicidade.

O espaço social contemporâneo baseia-se sobre um pensamento direcionado para o imaginário, tendo no simbólico sua maior fonte de significação. A perspectiva de busca da felicidade torna-se destacada e encontra seu núcleo de funcionamento no imaginário. Morin (1997) observa, que: “A felicidade é, efetivamente, a religião do indivíduo moderno, tão ilusória quanto todas as religiões” (p.129). Por essa razão o imaginário, o

mítico, o afetivo ganham importância e servem como principais componentes para o domínio da sedução.

Subsídios importantes foram trazidos à luz do saber acadêmico pelos teóricos que deixaram de subestimar o valor do imaginário, do mitológico, do afetivo, do lúdico na cultura contemporânea. Entre os pensadores que refletiram sobre esses elementos encontramos Morin, Maffesoli e Baudrillard. Para Maffesoli (1997), o ser humano, enquanto ser social, cria, recria, insere-se e adapta-se ao seu meio, encontra uma forma de encaixar-se, de vivenciar e de unir-se ao social e ao que ele lhe oferece. Para tal autor, o social é, hodiernamente, dominado pelo imaginário, existindo numa relação de sustentação bipolar ligada ao real. Segundo Baudrillard (1991b), o real, para ser real, tem que estar envolto no imaginário.

São os processos comunicacionais que permitem nossa vivência humana como seres sociais. Para Hall,

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e codificar, organizar e regular sua conduta em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido a nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossa '*cultura*'. Contribuem para assegurar que toda ação social é cultural, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997, p.16, grifos do autor).

Entendo que o termo comunicação é relacionado, inicialmente, uma 'comum ação', comunhão, participação, processo de troca e de partilha, intercâmbio simbólico. Contudo, para os meios de comunicação em massa, ou *mass media*, comunicação assume os objetivos de informar, persuadir, entreter e educar. A sedução, por dividir com a comunicação certas acepções, consegue perpassar essas quatro esferas de ação dos *media*, reorganizando seus mecanismos e estratégias de acordo com as necessidades que se apresentam. Assim, pode tanto partilhar, argumentar, entreter, ensinar, quanto manipular, ludibriar e enganar, desde que a manifestação dessas formas de ação não se constitua em um mecanismo claro de controle e/ou imposição. A imposição se contrapõe à sedução pois desloca o sujeito

da ação. Nela, o sujeito que age é o outro externo a mim, enquanto na sedução, a ação é interna, eu sofro o impulso, mas sou eu que ajo.

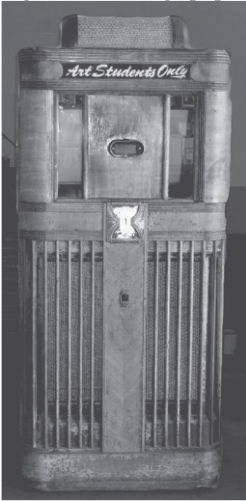
Por que usar do termo sedução, ou a expressão ‘jogo de sedução’ para se referir aos *webcamers* do Cam4?

O termo sedução remete, antes de qualquer coisa, a primeira prática que percebi quando tive acesso ao site Cam4. Naquele momento, em 2009, ao observar os sujeitos masculinos (com ênfase nos PVT, ou seja, os que cobravam por suas performances) pude perceber uma sequência estranha de atitudes frente à *cam*. Tais sujeitos passavam horas tirando as roupas e vestindo-as novamente, em um processo de mostrar e esconder até o limite da nudez total, com a finalidade de encontrar alguém disposto a pagar para o desvelamento total dos seus corpos e o início de uma interação sexual. Naquele momento temporal, o site servia como vitrine, como um antigo *peep show*.

O voyeurístico *peep show*, mecanismo de observação personalizado apresenta uma distante anomalia histórica, esta interface operada por moedas e com seleção de novidades exóticas remonta aos anteriores salões de cinetoscópio [primeiras salas de projeção]. Apesar deste formato de exibição inusitado e, de certo modo anacrônico, os *peep arcades* proporcionaram um filão econômico considerável para a indústria de filmes adultos. Os *peeps* são historicamente um dos negócios mais lucrativos para o ramo do entretenimento adulto, conseguindo sobreviver aos abalos causados pela mudança do filme ao vídeo com poucas alterações em relação ao seu formato original. (Tradução minha) (HERZOG, 2008, p.29).²¹

²¹ The peep show's voyeuristic, personalized viewing mechanism presents a further historical anomaly, its coin-operated interface and selection of exotic novelties harking back to the earliest Kinetoscope parlors. Despite this unusual and somewhat anachronistic exhibition format, peep arcades have provided a consistent revenue stream for the adult film industry. Peeps are historically one of the most profitable outlets for adult retail businesses, and they have survived the seismic shift from film to video with relatively few changes in their basic design. (in HERZOG, A. In the Flesh: Space and Embodiment in the Pornographic Peep Show Arcade. **The Velvet Light Trap**, vol. 62 no. 1, 2008, pp. 29-43. Project MUSE, doi:10.1353/vlt.0.0001)

Figura 19 – Antigo *peep show arcade*.



Fonte: HERZOG, A. In: the Flesh: Space and Embodiment in the Pornographic Peep Show Arcade. **The Velvet Light Trap**, vol. 62 no. 1, 2008, p. 32.

2.1. BARRAS (/): A MARCAÇÃO DOS ESPAÇOS-TEMPOS

Anteriormente, me propus a entender como a virtualidade (com ênfase na cibervirtualidade) desloca a primazia dos conceitos de espaço e de tempo para os conceitos interconexão e sincronização (LÉVY, 1996), mas reconheci que fora dela, espaço e tempo ainda são os principais componentes com os quais construímos e operamos aquilo que chamamos de realidade.

Segundo Foucault (2001), a nossa época talvez seja a da primazia do espaço, visto que “Nós vivemos na época da simultaneidade: nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado e do disperso”. Castells (2000) também parece reforçar essa noção ao dizer que o tempo parece ser particular a uma determinada conjuntura, dessa maneira, o tempo é local, o tempo pertence ao espaço.

Considerando a realidade de uma maneira distinta de como trabalhou Ricoeur (2010), a realidade do passado histórico acaba sendo melhor justificada pela definição com a qual estamos operando aqui, afinal, não definiríamos a realidade do passado histórico sem que houvesse uma base material com a qual operássemos. Por tal razão, estou entendendo, neste trabalho, que realidade é a base material que nos circunda em um certo

espaço-tempo, sobre a qual se impõe o discurso, de forma que toda a realidade é discursivamente construída, como pode ser percebido nos trabalhos de Butler (1999, 2003). O que a autora demonstra é que existe a materialidade com a qual vivemos, mas só entendemos essa materialidade a partir dos diferentes discursos que usamos para interpretá-la e explicá-la.

Assim, virtualidade seria uma dessas realidades discursivas, construída como uma representação de uma certa materialidade. De uma forma simplista, é como se disséssemos que o real é presencial, material e palpável, enquanto o virtual é distante, imaterial e simbólico, portanto, uma representação do real. Imaterial aqui assume o sentido de reflexo, representação. Não podemos considerar que não haja uma base material sobre a qual se apoia a virtualidade, mas esta base material é distinta da base do real. Para facilitar o entendimento pense em uma televisão. As imagens que você vê não são palpáveis e, caso você tente tocá-las, tocará a tela da TV. Essa é a base material da sua realidade sobre a qual está apoiada a virtualidade das imagens.

Mas reforço, tanto o real quanto o virtual são construções históricas e, portanto, estão ligadas ao tempo histórico dos sujeitos que analisamos.

Dentre todas as potenciais virtualidades com as quais operamos atualmente (memória, imaginação, etc.), uma ganha destaque: a virtualidade proporcionada pelas tecnologias digitais. É a partir delas que constituímos os espaços virtuais que interessam aqui, dessa forma, elas têm agido sobre os humanos como o espelho metafórico que Foucault (2001) chamou de heterotopia, esse ponto de cruzamento entre o irreal e o real.

Esse cruzamento entre o irreal e o real, que Foucault chamou de heterotopia, não deve ser comparado à noção de *Kairós*, de Rösen (2010), porque o primeiro conceito diz respeito ao espaço e o segundo, ao tempo. Dessa forma, o *Kairós* é o local do cruzamento do real e do utópico no tempo (local de ruptura onde passado e futuro podem se encontrar) e heterotopia é o local do cruzamento do real e do virtual, no espaço (local de ligação, onde real e virtual podem se encontrar).

É interessante notar que, para Foucault (2001), apesar de toda a técnica criada para nos apropriarmos do espaço, além de toda uma rede de relações entre saberes que nos ajuda a delimitá-lo ou formalizá-lo, o espaço contemporâneo não havia sido ainda totalmente dessacralizado. Havia ainda algo de sagrado. Para o autor, a nossa vida se regrava por certas dicotomias insuperáveis, dicotomias nas quais as nossas instituições ainda não haviam tido coragem de tocar. Estas dicotomias eram oposições que apanhamos como dadas à priori: como a oposição entre espaço público e espaço privado, entre espaço familiar e espaço social, entre espaço cultural e espaço útil, entre espaço de lazer e espaço de trabalho.

Há que se refletir no quanto a sociedade informatizada, ou virtualizada, agiu/age sobre essa dessacralização do espaço. É preciso reconhecer que Foucault fez tal análise em 1967, um período temporal em que a internet não havia sido popularizada e certas inovações tecnológicas ainda não existiam.

E, por mais que tenhamos as dicotomias citadas ainda evidentes, percebemos o quanto a fomos obrigados a repensar tais espaços. O espaço público e espaço privado, espaço familiar e espaço social, espaço cultural e espaço útil, espaço de lazer e espaço de trabalho sofreram modificações substanciais a partir da década de 1990. Melhor dizendo, a fronteira entre esses espaços sofreu modificações substanciais, as redes sociais virtuais alteraram a nossa perspectiva de público e privado, as novas tecnologias misturaram as fronteiras entre lazer e trabalho, os celulares, computadores, televisões e rádios influenciaram as nossas noções de espaço familiar e espaço social. Ainda assim, fica evidente o possível reconhecimento da cibervirtualidade como um exemplo de espaço heterotópico.

Há também, provavelmente em todas as culturas, em todas as civilizações, espaços reais – espaços que existem e que são formados na própria fundação da sociedade - que são algo como contra-sítios, espécies de utopias realizadas nas quais todos os outros sítios reais dessa dada cultura podem ser encontrados, e nas quais são, simultaneamente, representados, contestados e invertidos. Este tipo de lugares está fora de todos os lugares, apesar de se poder obviamente apontar a sua posição geográfica na realidade. Devido a estes lugares serem totalmente diferentes de quaisquer outros sítios, que eles reflectem e discutem, chamá-los-ei, por contraste às utopias, heterotopias. (FOUCAULT, 2001, p.414).

No ciberespaço da *web*, temos claramente todas as características descritas acima e, além disso, temos também as marcações territoriais particulares dele: as barras (/). As barras servem como limites do ciberespaço, como as paredes das casas que separam o privado do público, os muros que separam o familiar do social, os limites que separam cidades, estados e nações. As barras são as marcações territoriais do ciberespaço, que indicam os caminhos que estão sendo percorridos, onde entramos, de onde saímos. Abrir o navegador sem delimitar o sítio equivale a não entrar na *web*, como entrar no carro para ir trabalhar e não sair da garagem.

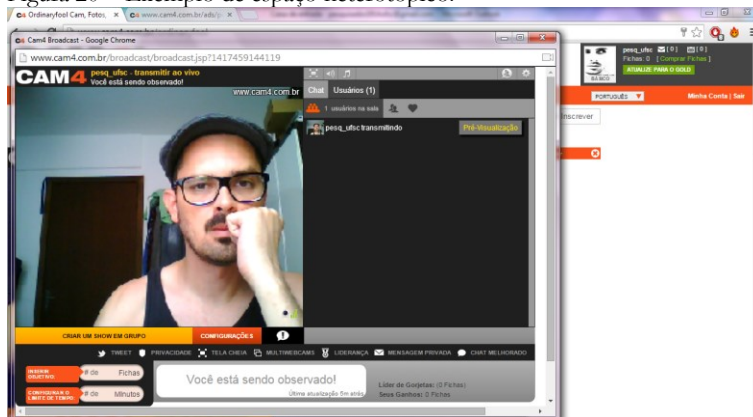
Mas, voltemos, para Foucault (2001), entre as utopias e as heterotopias existe uma espécie de união semelhante ao espelho. Para ele, o espelho é uma utopia, uma vez que é um lugar sem lugar. Nos vemos ali

onde não estamos, num espaço irreal, que está do lado de lá da superfície; estamos além, ali onde não estamos, somos imagens que nos dão visibilidade de nós mesmos, que nos permitem ver-nos ali onde somos ausentes. Assim é a utopia do espelho.

Mas é também uma heterotopia, uma vez que o espelho existe na realidade, e exerce um tipo de contra-acção à posição que eu ocupo. Do sítio em que me encontro no espelho apercebo-me da ausência no sítio onde estou, uma vez que eu posso ver-me ali. A partir deste olhar dirigido a mim próprio, da base desse espaço virtual que se encontra do outro lado do espelho, eu volto a mim mesmo: dirijo o olhar a mim mesmo e começo a reconstituí-me a mim próprio ali onde estou. O espelho funciona como uma heterotopia: transforma este lugar, o que ocupo no momento em que me vejo no espelho, num espaço a um só tempo absolutamente real, associado a todo o espaço que o circunda, e absolutamente irreal, uma vez que para nos apercebermos desse espaço real, tem de se atravessar esse ponto virtual que está do lado de lá. (p.415).

Na imagem abaixo podemos ver um exemplo de como esse conceito pode ser percebido na virtualidade do Cam4.

Figura 20 – Exemplo de espaço heterotópico.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/pesq_ufsc, 01 de dez. de 2014.

Durante minha pesquisa, precisei verificar o que os *performers* viam ao abrir suas *cams*, para entender a plataforma do ponto de vista deles e a única maneira de fazer isso seria abrindo a minha *cam*. Naquele momento, eu pude

ver o pesquisador na tela do meu computador. Exatamente como no exemplo do espelho, eu estava reconhecendo minha realidade a partir das imagens que eu via no espaço virtual, um espaço heterotópico que se fundia ao meu espaço físico. Essa perspectiva é a mesma para todos os sujeitos que abrem suas *cams*, pois desloca o reconhecimento de si para a cibervirtualidade.

Foucault estabelece 5 princípios para descrevermos uma heterotopia: 1. Não há nenhuma cultura no mundo que não deixe de criar as suas heterotopias; 2. Uma sociedade, à medida que a sua história se desenvolve, pode atribuir a uma heterotopia existente uma função diversa da original; cada heterotopia tem uma função determinada e precisa na sua sociedade, e, de acordo sincrônico com a cultura em que se insere, essa mesma heterotopia pode assumir uma outra função qualquer; 3. A heterotopia consegue sobrepor, num só espaço real, vários espaços, vários sítios que por si só seriam incompatíveis; 4. Na maior parte dos casos, as heterotopias estão ligadas a pequenos momentos, pequenas parcelas do tempo - estão intimamente ligadas àquilo que ele chamou de heterocronias; 5. As heterotopias pressupõem um sistema de abertura e encerramento que as torna tanto herméticas como penetráveis; e 6. Ou elas criam um espaço ilusório que espelha todos os outros espaços reais, todos os sítios em que a vida é repartida, e expondo-os como ainda mais ilusórios, ou criam outro espaço, um espaço real. tão perfeito, tão meticuloso, tão bem-arrumado quanto o nosso é desorganizado; maldisposto e confuso.

Segundo Castells (2000), estamos vivenciando uma revolução tecnológica, centrada nas tecnologias da informação, que está remodelando a base material da sociedade em um ritmo acelerado. Castells não considera que a tecnologia determina a sociedade, nem que a sociedade consiga escrever o curso da transformação tecnológica; para ele o resultado final depende de um complexo padrão interativo entre as duas: “A tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (2000, p. 25).

O processo evolutivo das tecnologias comunicacionais nos trouxe à sociedade da informação. Não julgo deveras importante historicizar todo esse processo, afinal, desde o primeiro grito gutural humano nas sociedades primitivas até a interação entre sujeitos no ciberespaço na sociedade atual, se passaram milhares de anos. McLuhan (1977; 1979) considera que a invenção da imprensa trouxe a fragmentação ao universo sensorial, com a estrutura visual substituindo o que chamou de primitiva galáxia acústica e táctil. Para ele, a imprensa multiplicou as informações visuais e submeteu o ser humano à organização linear de elementos discretos e uniformes. Por tal razão, considerarei a breve análise de um momento de ruptura, segundo minha

lógica, no qual as técnicas comunicacionais foram alteradas e, portanto, acarretaram em consideráveis mudanças nas sociabilidades humanas: o surgimento e o desenvolvimento da internet, agindo diretamente sobre as noções de alteridade e identidade (sujeitos).

2.1.1. Ferramentas do desenvolvedor: novas tecnologias

O desenvolvimento da Internet, segundo Castells (2000), deu-se nos primórdios da década de 1960, nos Estados Unidos da América, originado por interesses militares de defesa e segurança, como uma ferramenta de comunicação militar alternativa, que durasse a um conflito nuclear mundial.

Contratados pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, um grupo de programadores e engenheiros eletrônicos criou o conceito de uma rede sem nenhum controle central, pela qual as mensagens passariam divididas em pequenas partes, denominadas de “pacotes”. De tal forma que as informações fossem enviadas com rapidez, flexibilidade e tolerância a erros, em uma rede onde cada computador seria apenas um ponto (ou “nó”) que, caso fosse impossibilitado de operar, não cessaria o fluxo das informações. (CASTELLS, 2000).

Com base nessa estrutura, em outubro de 1969, com uma comunicação entre a Universidade da Califórnia e um centro de pesquisa em Stanford, entrou em operação a ARPANet (Advanced Research Projects Agency Network), inicialmente ligando quatro computadores. No início dos anos 1980, o desenvolvimento e utilização do TCP/IP (Transmission Control Protocol/Internet Protocol) como protocolo para a troca de informações na ARPANet permitiu a conexão entre redes diferentes, aumentando bastante a abrangência da rede. (CASTELLS, 2000).

Na verdade, embora possamos dizer que a internet nasce na década de 1960, com a criação do conceito de ‘comunicação em rede’ entre computadores, o autor afirma que o grande destaque da ‘internet global’ é na década de 1990, graças aos protocolos convencionais que permitem o cruzamento de várias redes e uma comunicação muito mais abrangente e acessível, como por exemplo, o uso das linhas telefônicas para transmissão de dados, a tecnologia digital. (CASTELLS, 2000).

Convém diferenciar internet de *web* (ou *World Wide Web*, “teia de alcance mundial”, em inglês), já que os termos não são sinônimos. Na verdade, a WWW é um espaço que permite a troca de informações multimídia (gráficos, som, texto e vídeo: HTTP) através da estrutura da internet. É uma das formas de utilização da Rede, assim como o e-mail (correio eletrônico, SMTP), o FTP (File Transfer Protocol) ou outros menos

conhecidos. A *World Wide Web* foi desenvolvida no início da década de 1990 pelo cientista inglês Tim Berners-Lee nos laboratórios do CERN (Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear), na Suíça, pela necessidade de compartilhar dados entre os membros dos diversos projetos de pesquisa em andamento no CERN. Ela foi desenvolvida como uma ferramenta de troca de informações mais amigável que as interfaces “somente-texto” então utilizadas. Baseado no conceito de hipertexto (os documentos, sejam texto, imagem ou som, podem conter vínculos (*links*) que levem a outros documentos, que por sua vez conduzam a mais outros e assim por diante), o cientista desenvolveu uma linguagem de programação (chamada HTML, ou *HyperText Markup Language*) que possibilitava ao usuário acessar diversas informações de modo não-linear, indo de um documento a outro através de ligações entre eles, mesmo que estivessem em computadores remotos.

A primeira demonstração pública da WWW foi realizada em dezembro de 1990. Em maio de 1991 ela foi implementada nos computadores do CERN. Percebendo o potencial de sua invenção, uma forma simples e eficiente de trocar e acessar diferentes tipos de dados entre computadores e redes diversas, Tim Berners-Lee a manteve disponível para todos. Assim que os primeiros navegadores foram desenvolvidos para os sistemas operacionais mais comuns (Windows e Apple Macintosh), a WWW foi prontamente assimilada pela comunidade da internet, sendo responsável – junto com a difusão dos computadores pessoais – pelo grande crescimento da internet verificado na década de 1990. (CASTELLS, 2000, p.28-31).

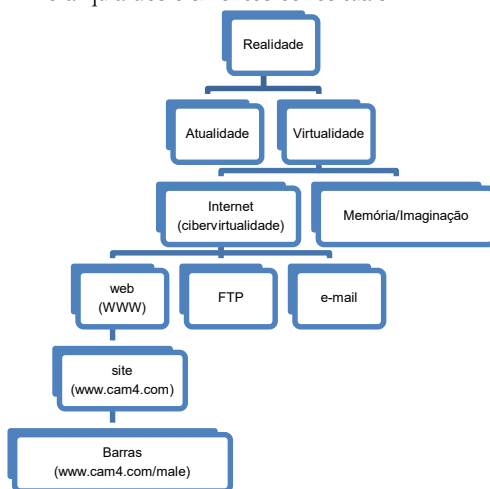
Dentro da *web*, surgiram os *websites*, ou sites. “*Site*” em inglês tem exatamente o mesmo significado de “sítio” em português, já que ambas são derivadas do latim *situs* (lugar demarcado, local, posição) e, primariamente, designa qualquer lugar ou local delimitado. Os sites demarcam o território virtual, sendo considerado o lugar aonde vamos para acessar determinada informação disposta na rede, em outras palavras, um site é o lugar onde está armazenada a informação. Essa forma ficou conhecida como *Web* 1.0.

Segundo Parreiras (2012), o termo *Web* 2.0 foi criado nos anos 2000 por uma empresa norte-americana chamada O'Reilly Media e veio para nomear uma segunda geração de comunidades e programas da Internet. De maneira geral, o termo *web* 1.0 designa as chamadas ponto.com, sendo que há um grupo de pessoas que produzem sites, programas, aplicativos e uma grande massa de consumidores. A inflexão contida no conceito de *Web* 2.0 é a possibilidade de ampliar a ideia de produção, sendo que cada usuário passa a ser um potencial produtor e consumidor. A *Web* passa a ser vista como plataforma e permite o surgimento das *wikis* (exemplo é a wikipedia), o desenvolvimento de redes sociais diversas e a “folksonomia” (ou processo de usar marcadores – *tags* – como forma de indexar informações). Entre os

princípios centrais da *Web 2.0* estão a colaboração; a confusão de fronteiras entre produção e consumo; a possibilidade de ampliar os conceitos de comunidades e interação online para englobar variadas ferramentas geradoras de redes sociais e também as chamadas mídias sociais; revisão da questão dos direitos autorais, com o surgimento de alternativas como as licenças *Creative Commons*; utilização de plataformas abertas (API).

Para facilitar o entendimento das noções trabalhadas, observe o gráfico abaixo.

Figura 21 – Hierarquia dos elementos conceituais.



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

É importante perceber que a insurgência da internet alterou drasticamente nossas perspectivas sobre cultura e mercado. Castells (2000) entende por cultura um conjunto de valores e crenças que regem o comportamento. Para ele, os esquemas de comportamento repetitivos geram costumes que se impõem mediante as instituições e organizações sociais informais. A cultura se diferencia tanto da ideologia quanto da psicologia ou as representações individuais. Se manifesta de forma explícita, a cultura é um construção coletiva que transcende as preferências individuais e influi nas atividades das pessoas pertencentes a essa dita cultura, no caso em que tratamos, os usuários/produtores da Internet.

Para o autor, a cultura da Internet se caracteriza por ter uma estrutura em quatro esferas superpostas: a cultura da tecnomeritocracia (uma cultura que crê no desenvolvimento científico e tecnológico como componente chave do progresso da humanidade); a cultura hacker (conjunto de valores e crenças que surgiram das redes de programadores informáticos interagindo

online em torno da colaboração em projetos de programação criativa); a cultura comunitária virtual (definida basicamente por dois fatores: a prática da liberdade de expressão num nível global e a conectividade autodirigida, ou seja, a capacidade de qualquer pessoa encontrar seu próprio destino na rede); e a cultura empreendedora (os usos comerciais da cibervirtualidade). Juntas, tais esferas contribuem para uma ideologia da liberdade muito generalizada que não interage diretamente com o desenvolvimento dos sistemas tecnológicos. A liberdade tem usos diversos. As esferas culturais estão dispostas hierarquicamente: a cultura tecnocrática se especifica como cultura hacker mediante a generalização de normas e costumes nas redes de cooperação em torno de projetos tecnológicos, a cultura comunitária virtual agrega uma dimensão social à cooperação tecnológica ao fazer da Internet um meio de interação social seletiva e de pertencimento simbólico. A cultura empreendedora funciona sobre a base da cultura hacker e da cultura comunitária para difundir as práticas cibervirtuais em todos os âmbitos da sociedade com câmbio de dinheiro (CASTELLS, 2000, p.51-76).

2.1.2. Buscadores: globalização, consumo e cibercultura

A internet foi muito importante para o evento que chamamos de globalização. Para Anthony McGreen (apud HALL, 1997),

a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo em realidade e experiência, mais interconectado. (p.67).

Além disso, como afirma Wallerstein (apud HALL, 1997, p.68), o capitalismo “foi, desde o início, um elemento da economia mundial”. As informações disponibilizadas nos *mass media*, incluindo a rede, serviram para a naturalização de uma sensibilidade global com um viés mercadológico. Isso significa dizer que os meios de comunicação, com ênfase na efetividade da propaganda enquanto ferramenta discursiva, tiveram suma importância para a construção de um mercado global, tão importante quanto as tecnologias que reduziram as barreiras de tempo e espaço.

Os hábitos de consumo foram bombardeados de novos elementos, tanto tecnológicos quanto informacionais, alterando aquilo que tratamos por cotidiano. Os distintos *ethnos* sofreram de maneira mais evidente as influências das grandes corporações mundiais. Como pude perceber ainda na graduação em Comunicação Social – habilitação em Publicidade e

Propaganda, em meu trabalho de conclusão de curso, a publicidade foi fundamental para que, no final da década de 1950, o Brasil se tornasse um país de panelas de pressão nos fogões à lenha (SALDANHA, 2003).

Harvey (1989), citado por Hall (2006, p.70), afirma que a medida que o espaço encolhe para se tornar uma ‘aldeia global de telecomunicações’ e uma ‘espaçonave planetária de interdependências econômicas e ecológicas’, e a medida em que os horizontes temporais se encurtam até o ponto em que o presente é tudo o que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento de compressão de nossos mundos espaciais e temporais. A preocupação de Hall era de que o principal impacto da globalização agia sobre os sistemas de representação com os quais operamos para construção de nossas identidades. Afinal, para o autor, todo meio de representação – escrita, pintura, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação (e destaco a internet como um desses sistemas), deve traduzir seus objetos em dimensões espaciais ou temporais.

Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidos a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural”. (HALL, 2006, p. 75-76)

Canclini (1997) esclarece que, de acordo com as interdependências econômicas, a maneira de consumir acabou por modificar as possibilidades e as formas do ser humano exercer sua cidadania. As identidades contemporâneas se constroem no consumo, dependendo daquilo que se possui ou do que se pode vir a consumir. Existe um ‘desgosto’ com o que se tem, típico do mundo globalizado, que “supõe uma interação funcional de atividades econômicas e culturais dispersas, bens e serviços gerados por um sistema com muitos centros, no qual é mais importante a velocidade com que se percorre o mundo do que as posições geográficas a partir das quais se está agindo” (p. 17). Para o autor, tal desgosto provém da fugacidade, da obsolescência. Tudo se torna obsoleto a todo instante. Inclusive os produtos do mercado sexual.

O entendimento que se tem por consumo vem sendo reorientado; áreas como Administração e Economia têm tradição em abordar consumo sob seu caráter pragmático, entendendo o processo de produção, circulação e ato de compra; outras áreas, como Ciências Sociais, apresentam trabalhos

sob uma perspectiva crítica, ideológica, inseridas no âmbito da produção. A partir da década de 1970, na Europa e nos Estados Unidos, pode-se perceber maior recorrência de temas relacionados ao consumo, com ênfase na História e nas Ciências Sociais, ao seguirem a historiografia da Revolução Industrial. (RODRIGUES, 2008).

O termo *consumo* tem propiciado muitas pesquisas interdisciplinares. Na Comunicação, o que se observa não é a diminuição de uma perspectiva crítica sobre consumismo, fetichismo, hedonismo, manipulação, embasada pelas Teorias da Comunicação (MATTELART, 1999) e pela Teoria Crítica (RÜDIGER, 1999) até a década de 1970, mas a complexificação desses termos quando ligados a outros, como mediação, recepção e negociação, entendendo a cultura como espaço de estudo e análise do receptor (JACKS, 2005).

A sociedade de consumo vem sendo escrutinada por críticas como as de Baudrillard (1995), ao mostrar o valor simbólico e a competência semiótica dos produtos/serviços. O ato de consumo e o uso de produtos/bens/serviços permitem que sejam revelados fenômenos do cotidiano. As formas de apropriação permitem visualizar o lado oposto da emissão, entender o sentido e a reprodução que as mensagens e produtos/serviços têm no cotidiano. Assim, posso afirmar que a *web* e as masculinidades na/da/pela *web* assumem uma função importante, é por tais elementos que podemos conseguir observar informações referentes a sexo, gênero e sexualidade pelos períodos históricos onde são encontrados

O foco na cultura se mostra relevante frente às relações sociais percebidas no ocidente capitalista a partir da década de 1970; o que tem influenciado e desafiado a entender as implicações nas trocas simbólicas implicadas nas práticas de consumo. (ORTIZ, 2000; THOMPSON, 2002).

O que noto é que os *mass media* – meios de comunicação em massa – agem no intuito para encapsular determinadas representações e vendê-las como pílulas da felicidade a todos os seres humanos que tiverem acesso a tal informação e puderem comprá-la. Além disso, segundo Vestergaard e Schrøder(2000), para se atinja o objetivo de venda, elemento fundamental do consumo, a publicidade precisa: chamar a atenção; despertar interesse; estimular o desejo; criar convicção e induzir à ação.

Mas a publicidade não faz isso sozinha, e nem sempre faz isso de maneira clara, como na técnica do *merchandising*, as produções cinematográficas, televisivas e a própria *web* (e suas ciberproduções audiovisuais) ajudaram/ajudam nesse processo de consumo global. Destaco os trabalhos de Laura Mulvey (1975, 1989, 1996), citados por Maluf, Mello e Pedro (2005), que se utilizando de noções freudianas como escopofilia, voyeurismo, complexo de castração, narcisismo e, sobretudo, fetichismo,

estabelecem o que seria o mecanismo de prazer e plenitude do cinema narrativo de ficção.

As observações de Mulvey são, que no cinema narrativo tradicional, o olhar (e a subjetividade) é masculino, ativo e fático. Nos seus primeiros escritos, reunidos na coletânea *'Visual and Other Pleasures'*, predomina o projeto de construir um espaço crítico ao cinema narrativo clássico, denunciando o caráter fetichista e ilusório da relação olhar–imagem e propondo a ruptura e a destruição do prazer provocado por esse tipo de relação. Para a autora, o entendimento das dimensões psíquicas da cultura popular se junta com o projeto político de visibilizar os mecanismos inconscientes da relação entre imagem e olhar.

Nos trabalhos publicados posteriormente, com ênfase nos que se encontram na coletânea *'Fetishism and Curiosity'*, de 1996, a autora aprofunda sua teoria do fetichismo no cinema e apresenta outra forma de olhar, baseada em uma leitura feminista do mito de Pandora e sua curiosidade irresistível. Buscando dar mais complexidade ao fetichismo da relação olhar–imagem, ela desenvolve a perspectiva de uma “estética da curiosidade” que vai além da oposição binária entre o olhar masculino e a imagem feminina. A curiosidade de Pandora é explorada em seus aspectos políticos, como forma de “deciframento da imagem”, uma curiosidade mais de saber do que de simplesmente ver, que Mulvey irá denominar epistemofilia, em oposição à escopofilia fetichista. (MALUF, MELLO e PEDRO, 2005).

De Lauretis (1994) mostra como o cinema é reproduzidor das ideologias dominantes sobre o corpo, a sexualidade e o gênero, partindo do pressuposto foucaultiano de que o cinema é um sistema de representação que delimita o lugar das relações de poder e das relações hierárquicas presentes na relação de gênero. Relações que eram pensadas pelas ciências sociais e pela antropologia como marca registrada da diferença sexual (baseada nas dicotomias homem/cultura, mulher/natureza), que serviu como base de sustentação para as intervenções feministas na arena do conhecimento formal e abstrato, nas epistemologias e campos cognitivos pelas ciências físicas e sociais e pelas ciências humanas ou humanidades. (DE LAURETIS, 1994, p.206).

Para Maluf, Mello e Pedro (2005), a tese central no artigo *'Pandora's Box. Topographies of Curiosity'* pode ser sintetizada assim: “Enquanto curiosidade é um desejo compulsivo de ver e saber, de investigar algo secreto, fetichismo é sustentado por uma recusa de ver, por uma recusa em aceitar a diferença que o corpo feminino representa para o masculino” (MULVEY, 1996, p. 62).

Antes disso, é preciso entender os termos empregados: por exibicionismo entende-se a forma de excitação erótica que envolve a

exposição do corpo, geralmente os próprios genitais a um estranho a fim de excitar-se sexualmente, a excitação provém da exposição do corpo, ou parte dele, para um outro; por voyeurismo, entende-se o ato de olhar indivíduos, comumente estranhos, sem suspeitar que estejam sendo observados. Os dois atos servem para obter excitação sexual. Freud, nos Três Ensaio (1905- [1974], p. 147), comenta que:

(...) o prazer de ver (escopofilia) transforma-se em perversão: (a) quando se restringe exclusivamente à genitália; (b) quando se liga à superação do asco (o voyeur – espectador das funções excretórias); ou (c) quando suplanta o alvo sexual normal, em vez de ser preparatório a ele.

Dessa forma, tanto na escopofilia quanto no exibicionismo, o olho corresponde a uma zona erógena. Julgo importante ressaltar que a noção de epistemofilia traz uma maior possibilidade de reconhecimento dos sujeitos masculinos do Cam4. Em primeiro lugar porque grande parte desse jogo sexual se dá entre um sujeito masculino, que se expõe, e sujeitos sob os quais o *webcamer* não tem muitas informações, a não ser pela descrição do perfil, pelo acordo mercadológico estipulado pelas *típs* e pela interação de maneira textual (xs observadorxs não podem interagir por áudio), nas janelas laterais.

A noção de epistemofilia pode ser percebida em Foucault, em História da Sexualidade I: A vontade de saber (1988), quando o autor diz que o sexo é um dos principais aspectos da subjetividade humana a ser relegado à obscuridade da cultura, por ter sofrido uma interdição simbólica através da linguagem, de forma que necessitamos criar artifícios para abordar tal assunto, graças à censura e à autocensura moral. Temos duas formas de tratamento para o sexo: ou usamos termos engraçados ou eufemismos, ou o reduzimos ao jargão técnico, fazendo com que ao discurso autorizado seja atribuída de uma seriedade forçada e científica. Nesse sentido, Foucault diferencia duas posturas epistemológicas em relação ao sexo, que chamou de arte erótica e ciência sexual.

As mídias e seus veículos agem como uma via de mão dupla, ao mesmo tempo em naturalizam certas representações, fazem com que essas representações, quando industrializadas, possam ser generalizadas como modelos. Relembrando, acerca das representações sociais, que a internet acelera tanto o tempo de inferência quanto amplia as fontes de informação sobre o assunto ou fenômeno, agindo como uma catalisadora na construção de representações sociais.

Isso pode ser observado no processo de seleção de *webcamers* por observadorxs, os filtros instituídos no Cam4. Os filtros são termos de busca que explicitam as representações, a princípio, a partir do reconhecimento

que o *webcamer* tem de si próprio. De 2007 até 2014, as *cams* ficavam dispostas na tela de abertura do site de acordo com número de observadorxs, o sexo-gênero era uma possibilidade de escolha do observador, ao entrar na categoria escolhida (EM DESTAQUE – MULHERES – HOMENS – CASAIS – TRANSGÊNEROS – PT – BR), as *cams* estavam dispostas do maior número de observadorxs para o menor. Em agosto de 2014, um novo filtro foi inserido com um novo layout da plataforma, naquele momento era possível, após selecionar o sexo-gênero a ser observado, buscar dentro da categoria escolhida por *cams* com mais observadorxs, com menos observadorxs, com mais qualidade (HD – Alta definição) (ver figuras 12 e 13). Em julho de 2016, a plataforma sofreu outra alteração e passou a contar com uma nova forma de buscar por *webcamers*, os filtros de escolha de *webcamer*. Além deles, também era possível procurar por *tags*. As *tags*²², ou *hashtags*, são elementos úteis para mecanismos de busca dentro da *web*, pois eles verificam o elemento e agrupam todos os arquivos que possuem a mesma *hashtag*, na figura abaixo podemos ver “#cum”, e caso clicássemos na *tag*, seríamos levadxs para o conjunto de *webcams* em que a *hashtag* tivesse sido utilizada pelo *webcamer*.

²² Uma *tag*, ou “etiqueta” em português, é uma palavra-chave ou termo relacionado a uma informação que o descreve e permite uma classificação da informação baseada em palavras-chave. *Tags* são comumente escolhidas informalmente e como escolha pessoal do autor ou criador do item de conteúdo, ou seja, não é parte de um esquema formal de classificação. É um recurso encontrado em muitos sites de conteúdo colaborativo, como a pornografia amadora, e, por essa razão, “*tagging*” associa-se com a onda *web 2.0* (O'REILLY, 2006).

Figura 22 – Filtros e tags em 2016.

The screenshot shows the website interface for pt.cam4.com/male. At the top, there is a navigation bar with options like 'Webcams', 'Transmitir', 'Super Shows', 'Fichas', 'Ganhe \$22500', and 'Cam4bu'. Below this is a filter bar with categories: 'Em destaque', 'Mulheres', 'Homens', 'Casais', 'Trans', and a dropdown menu showing 'PT', 'BR', and 'Novo'. On the left side, there is a 'Filtrar Cams' section with several dropdown menus for filtering: 'Gênero' (set to 1), 'Orientação', 'Corpo', 'Tipo de Webcam', 'Côr do Cabelo', 'Etnia', and 'Local'. Below these is a 'Mostrar Mais' button and a search bar for 'Busca por nome de usuário'. At the bottom left, there is a 'Trending Tags' section with the tag '#cum'. The main content area displays a grid of webcam thumbnails. Each thumbnail includes a user name, a gender/orientation icon, a viewer count, and a video count. The thumbnails shown are: 'BRANDON_CARL' (Gay, 149m, 595 viewers, 'Guys, are going to have fun'), 'warlocksex2' (Heterossexual, 'warlocksex2 mi skype y'), 'Friends_sex' (Bissexual, 242 viewers, '5 VIDEOS = 100TK'), 'L_CoolBoy_J' (Bicurious, 2m viewers, '#7-24 #live #bed'), 'cachondo2' (Heterossexual, 164 viewers, 'madrid'), and 'kiffer69' (Heterossexual, 'with roommate').

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/male, 01 de jul. de 2016.

A criação desse tipo de filtro foi uma questão delicada para a metodologia aplicada na coleta de dados. Primeiro porque, ao permitir que observadorxs delimitassem sua busca, mas mantendo a hierarquia prévia de organização de acordo com maior número de observadorxs, o site fez com que eu atentasse para o fato de que os critérios quantitativos da coleta não teriam validade para uma análise sobre as masculinidades mais vistas. Mas por que não?

Ao escolher não utilizar nenhum filtro além do “homens”, o *top one*, ou o *webcamer* mais observado, seria fruto de uma distinta somatória de fatores: pela sexualidade, pelo corpo, pelo tipo de *webcam*, pela cor do cabelo, pela etnia e pelo local. Cada diferente observador/a poderia ter utilizado uma somatória diferente de filtros para chegar até ele. Isso não implica em dizer que o *webcamer* mais observado não nos dá pistas dos elementos mais procurados, mas não posso afirmar que um único fator foi decisivo para que sua *cam* fosse a escolhida, e isso era algo que eu não poderia fazer mesmo

sem os filtros, afinal eles só representam um desejo do público consumidor, sendo elementos de reconhecimento entre as identificações dos *webcamers* e observadorxs. Além disso, a quantificação parece imprópria porque o site não é um espaço linear (e sim um hipertexto), o fato de o *webcamer* poder bloquear três países faz com que em um mesmo espaço de tempo existam diferentes *top one*, de forma que o mais visto por mim não seja o mais visto em outro país. Por essa razão, o que atraiu muito minha atenção foram os *webcamers-típ* que quebravam com alguma das interdições acerca do sexo-gênero, ligados as variantes sexualidade, corpo, etnia/raça ou local. Essas categorias ganharam destaque para minhas análises.

Ainda sobre as marcações dos espaços-tempos, foi possível notar dois fatores: a ligação do cibersexo pago no Cam4 com crises econômicas e a representação étnico-racial como exotismo.

Durante minha pesquisa, comecei a notar que o número de *webcamers* que se identificavam como espanhóis havia aumentado consideravelmente a partir de 2013, mas em 2014 esse aumento ficou ainda mais evidente. Basicamente em todos os dias de coleta, eu via uma bandeira da Espanha entre os *webcamers* mais observados (ver figura 20). Sabendo que muito das práticas dos mercados sexuais tem estreita ligação entre demanda e a oferta (PISCITELLI, 2005), tentei entender o que poderia estar acontecendo naquele país.

Figura 23 – Destaque para nacionalidades indicadas.

The screenshot shows the CAM4 website interface. At the top, there's a navigation bar with options like 'Webcams', 'Transmitir', 'Super Shows', 'Fichas', 'Ganhe \$22500', 'Cam4bucks', and 'Ajuda'. Below this is a category bar with 'Em Destaque', 'Mulheres', 'Homens', 'Casais', 'Transgêneros', 'Recente', 'BR', 'PT', and 'HD Cams'. The main content is a grid of webcam profiles. Each profile includes a small video thumbnail, a name, a gender/orientation icon, a flag, and some statistics like 'minutos' and 'observadores'. Two red boxes are drawn on the image: one around the Spanish flag on the profile for 'Noxtradamus' and another around the Brazilian flag on the profile for 'Cristiangray'.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/male, 08 de abril de 2014.

Ao tratar as nacionalidades, identifico-as como ‘indicadas’, pois não há como verificar a veracidade da geolocalização. Passei a tratar dessa forma após perceber que alguns *webcamers* (sobretudo os de origem latino-americana) tendiam a indicar um outro país que não o seu. Nesse caso, foi perceptível a questão da geolocalização como ferramenta que evitasse algum preconceito xenófobo. Um exemplo foi um grupo de rapazes que falavam apenas espanhol entre si, tinham traços étnicos indígenas, muito semelhante ao estereótipo representado no cinema como mexicano, que identificaram seu perfil como geolocalizados no Brasil.

Como pode ser visto na imagem a seguir, os próprios observadorxs notaram o fato de eles darem informações não compatíveis. O ‘PUTOBRSC’ estava respondendo à pergunta de ‘tatabrasil’: “Não falam português. São o quê?”.

Figura 24 – Destaque para não compatíveis.

The screenshot displays the webcam chat interface for 'THEMUSKETERS' on cam4.com. At the top, the channel name 'THEMUSKETERS' is shown with five stars and navigation buttons for 'Favorito', 'Adicionar Amigo', 'Se Inscrever', and 'Mensagen'. A red box highlights the 'Bissexual' tag in the top left corner. The main video feed shows two men in a room. To the right, a chat window titled 'Chat Usuários (401)' lists several users, with 'PUTOBRSC' highlighted by a red box. Below the chat, there is a payment section with a 'SALDO: 0' and a 'COMPRAR FICHAS' button. The interface also includes a 'PEDIR UM SHOW PRIVADO' button and a 'CHAT MELHORADO' indicator.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/THEMUSKETERS, 26 de março de 2015.

O sistema financeiro capitalista passou por uma profunda crise a partir de 2008. Em 15 setembro de 2008, marco da crise, um dos bancos de investimentos mais tradicionais dos Estados Unidos, o Lehman Brothers, foi à falência e as Bolsas do mundo todo despencaram²³. Em um efeito cascata, a economia dos demais países foi sendo afetada. Em 2014, a Espanha, em resseção, registrou uma taxa de 46,24% de desemprego entre os jovens com menos de 25 anos²⁴.

É interessante perceber como as questões econômicas deslocam as moralidades que agem sobre a sexualidade. Segundo a entrevista de uma *webcamer* para o jornal EL País: “A ella le gusta su trabajo, cuenta tomando un café. No tiene inconveniente en considerarlo una versión *light* de la

²³ UOL – Economia. **Entenda o que causou a crise financeira de 2008...** São Paulo. 27 Fev. 2016 ... Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2016/02/27/entenda-o-que-causou-a-crise-financeira-de-2008.htm>>. Acesso em: 05 Abr. 2016.

²⁴ FRANCE Presse. G1. **Desemprego na Espanha fechou 2015 em queda, a 20,9%**. 28 Jan2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/01/desemprego-na-espanha-fechou-2015-em-queda-209.html>. Acesso em: : 05 Abr. 2016.

prostitución”²⁵. É exatamente pelo fato do cibersexo no Cam4 estar numa região fronteira entre a pornografia *live streaming* e a ciberprostituição que muitos dos sujeitos não reconhecem suas atividades frente à *cam* como prostituição virtual e não vêem problemas em adentrar ao mercado do sexo. Ademais, como já expliquei antes, o site tira vantagem dessa zona nebulosa para agir em países onde tais atos seriam legalmente proibidos.

Foi nesse período de crise econômica em que muitos dos jovens espanhóis passaram a ver o Cam4, nessas práticas sexuais mercadologizadas, como uma possibilidade de ganho financeiro. Além da promessa de ganho certo nesse mercado do cibersexo, o site (ainda hoje) premia as *cams* mais vistas por mês.

As premiações seguem as categorias:

Webcam Feminina - Somente para mulheres solteiras na *cam*. [Início em junho de 2007]

Webcam Masculina - Somente homens solteiros na *cam*. [Início em junho de 2007]

Homens & Mulheres *Cam* - feminino / masculino casais ou grupos de homens e mulheres. Não pode transgêneros. [Início em maio de 2013]

Mulheres & Mulheres *Cam* - feminino / feminino casais ou grupos de mulheres. Não pode homens ou transgêneros. [Início em maio de 2013]

Homens & Homens *Cam* - masculino/masculino casais ou grupos de homens. Não pode mulheres ou transgêneros [Início em maio de 2013]

Webcam de Transexuais - Deve ser um transgênero, transexual, hermafrodita ou travesti (cross-dresser) na *cam*, sozinho ou com outras pessoas. [Início em novembro de 2007]²⁶

As premiações podem variar entre:

1º Lugar: \$2,000; 2º Lugar: \$1,000; 3º Lugar: \$500 e 4º Lugar: \$250.

No link <<https://pt.cam4.com/contest/month>> é possível verificar xs *webcamers* ganhadorxs mensais, em cada uma das categorias, desde o início da categoria na premiação. Originalmente, em maio de 2007, mês em que o site foi disponibilizado na *web*, ele só premiava as categorias homens e mulheres. Uma análise desses sujeitos masculinos poderia indicar muitos elementos importantes para o entendimento das masculinidades nas *webcams*,

²⁵ VERDU, Daniel. La vida secreta de una webcamer. **El País**. Madrid, 18 Mar. 2015. Disponível em: https://politica.elpais.com/politica/2015/03/06/actualidad/1425658999_487258.html. Acessado em: 20 Mai. 2015.

²⁶ Disponível em: <https://pt.cam4.com/contest/rules>. Acesso em: 20 Mai. 2015.

contudo, não há como saber que práticas sexuais eles tiveram, pois como eu afirmei no começo da pesquisa, minha coleta de dados me permite analisar apenas parte do universo, a parte com quem eu tive sincronia e interconexão (LÉVY, 1996). Entretanto, apresento uma tabela com os perfis premiados entre 2012 e 2016. Em algumas situações, o *webcamer* premiado teve sua prática observada por mim, e quanto a estes posso fazer inferências (como por exemplo, *twohotguys69*).

Tabela 2 - *Webcamers* premiados, *Webcam* Masculina (solo).

<i>Webcam</i> Masculina (solo)	https://pt.cam4.com/				
	2012	2013	2014	2105	2016
Janeiro	latinsexidav	twohotguys69	dariusz23	frenchkid	ded054
Fevereiro	latinsexidav	twohotguys69	dariusz23	dariusz23	latino23bom
Março	hotboysfun	twohotguys69	dariusz23	frenchkid	ded054
Abril	lmfao88	twohotguys69	dariusz23	frenchkid	latino23bom
Maiο	niceguys1212	hornynguy1	dariusz23	frenchkid	ded054
Junho	niceguys1212	hotjack69	dariusz23	frenchkid	dariusz23
Julho	niceguys1212	hotjack69	dariusz23	frenchkid	dariusz23
Agosto	niceguys1212	caliboi4u	dariusz23	frenchkid	ded054
Setembro	niceguys1212	caliboi4u	dariusz23	frenchkid	ded054
Outubro	niceguys1212	vladimirl0ve	dariusz23	frenchkid	ded054
Novembro	niceguys1212	dariusz23	frenchkid	frenchkid	ded054
Dezembro	twohotguys69	dariusz23	frenchkid	frenchkid	dariusz23

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em 5 anos, foram apenas 13 ganhadores (tabela 2) entre os 60 meses na categoria Solo; 7 ganhadores (tabela 3) entre os 42 meses na categoria Masculino/Masculino e 4 ganhadores (tabela 4) entre os 42 meses na categoria Masculino/Feminino.

É possível perceber por essa informação que a perspectiva de comunidade virtual é um forte influenciador para a classificação dos *webcamers*, segundo a hierarquia baseada em número de observadorxs. Por essa razão o Cam4 pode ser reconhecido também como uma rede social, ou um site de relacionamentos e não apenas um site de pornografia *live streaming*. As pessoas criam laços entre si, conectando seus perfis uns aos outros. O *webcamer* pode ser ‘favoritado’, ou receber a ‘solicitação de amizade’ de observadorxs e interlocutores, a plataforma interacional permite tal proximidade. Além disso, o *webcamer* pode agendar a data dos ‘shows’ e os seguidores recebem aviso pela plataforma. Cria-se uma espécie de vínculo virtual de proximidade entre *webcamer* e observador/a, e observadorxs entre si, típico de redes sociais digitais, inclusive pelo fato do *webcamer* ter práticas regulares.

Tabela 3 - *Webcamers* premiados, *Webcam* Masculino/Masculino.

Webcam Masculino/ Masculino	https://pt.cam4.com/				
	2012	2013	2014	2105	2016
Janeiro	-	-	wapos25	pedrolove89	friends_sex
Fevereiro	-	-	wapos25	wapos25	jack35000
Março	-	-	wapos25	wapos25	jack35000
Abril	-	-	wapos25	wapos25	jack35000
Maio	-	wapos25	wapos25	jack35000	jack35000
Junho	-	twohotguys69	wapos25	wapos25	jack35000
Julho	-	sexykamyyx	wapos25	wapos25	jack35000
Agosto	-	twohotguys69	kasper_25	wapos25	jack35000
Setembro	-	wapos25	wapos25	jack35000	jack35000
Outubro	-	wapos25	wapos25	jack35000	jack35000
Novembro	-	wapos25	wapos25	jack35000	jack35000
Dezembro	-	twohotguys69	pedrolove89	jack35000	jack35000

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 4 - *Webcamers* premiados, *Webcam* Masculino/Feminino.

Webcam Masculino/ Feminino	https://pt.cam4.com/				
	2012	2013	2014	2105	2016
Janeiro	-	-	redlight17	redlight17	sextwoo
Fevereiro	-	-	redlight17	sextwoo	sextwoo
Março	-	-	redlight17	sextwoo	sextwoo
Abril	-	-	redlight17	sextwoo	sextwoo
Maio	-	redlight17	redlight17	xjudith20	sextwoo
Junho	-	redlight17	redlight17	xjudith20	sextwoo
Julho	-	redlight17	redlight17	sextwoo	sextwoo
Agosto	-	redlight17	hot_swingers	sextwoo	sextwoo
Setembro	-	redlight17	hot_swingers	sextwoo	sextwoo
Outubro	-	redlight17	redlight17	sextwoo	sextwoo
Novembro	-	redlight17	redlight17	sextwoo	sextwoo
Dezembro	-	redlight17	redlight17	sextwoo	sextwoo

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na figura a seguir, é possível observar que o número de observadorxs é o critério de avaliação e desempate. Para o site, o fato do *webcamer* cobrar ou não pela prática sexual não é indiferente, ainda que ele ganhe com publicidade de outros produtos. Por tal motivo, toda a estrutura da plataforma foi atualizada para privilegiar as trocas monetárias dentro do site. O que pode perceber é que tais fatores, a necessidade de ampliar o público observador e a necessidade de cobrar pelas práticas sexuais, são a principal justificativa para o constante jogo de sedução estabelecido entre os *webcamers*-

tip e seus/suas observadorxs. Assim, o ‘show privado’ e o ‘show espião’, momentos em que só tem acesso à interação visual aqueles que pagar os *tokens* exigidos para entrar no espaço particular do *webcamer*, servem de delimitadores entre público e privado. Mas como não é vantajoso para o *webcamer* ficar muito tempo fora da vitrine principal (a página de abertura), tanto o show privado quanto o show espião são pautados em uma determinada temporalidade. O *webcamer* decide quanto tempo e qual o valor de sua privacidade.

Figura 25– Premiação: câmera do mês.

Câmera do Dia
Câmera do Mês
Regras

CAM4 – Câmera Do Mês

Transmita da sua webcam ao vivo no Cam4 e ganhe dinheiro. Veja aqui como funciona.
Os pontos são concedidos para cada Ganhador Cam do Dia em seis categorias (Feminino, Masculino, Feminino / Feminino, Masculino / Masculino, Feminino / Feminino, Transgênero).

CAM4 - Câmera do Dia

- 1º Lugar = 4 pontos
- 2º Lugar = 3 pontos
- 3º Lugar = 2 pontos
- 4º Lugar = 1 ponto

CAM4 - Câmera do Mês

Os performers com o maior número de pontos acumulados durante o mês ganharão prêmios em dinheiro. Os prêmios em dinheiro serão entregues em seis categorias (Feminino, Masculino, Feminino / Feminino Masculino/Masculino, Feminino / Masculino/ Feminino, Transgênero). Em caso de empate, O n.º total de espectadores durante o mês será usado como critério de desempate.

Prêmio	Mulheres	Homens	Homem/Mulher	Mulher/Mulher	Homem/Homem	Transgêneros	Total
1º Lugar	\$2,000 USD	\$2,000 USD	\$2,000 USD	\$2,000 USD	\$2,000 USD	\$2,000 USD	\$12,000 USD
2º Lugar	\$1,000 USD	\$1,000 USD	\$1,000 USD	\$1,000 USD	\$1,000 USD	\$1,000 USD	\$6,000 USD
3º Lugar	\$500 USD	\$500 USD	\$500 USD	\$500 USD	\$500 USD	\$500 USD	\$3,000 USD
4º Lugar	\$250 USD	\$250 USD	\$250 USD	\$250 USD	\$250 USD	\$250 USD	\$1,500 USD
Total	\$3,750 USD	\$3,750 USD	\$3,750 USD	\$3,750 USD	\$3,750 USD	\$3,750 USD	\$22,500 USD

Os prêmios são pagos via Payoneer, transferência bancária, Cheque ou depósito em sua conta no Cam4bucks

[Clique aqui para ver as "Regras do Concurso"](#)

[Clique aqui para ver os "Vencedores Câmera do Dia"](#)

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/contest/month, 08 de abril de 2014.

De acordo com a figura 26, é possível observar como a plataforma indica a premiação já conquistada pelo *webcamer*. Os prêmios são maneiras de hierarquizar internamente os sujeitos masculinos que têm práticas sexuais no Cam4.

Essa hierarquização pode ser vista de acordo com a teoria de Johan Huizinga (1938), em *Homo Ludens*, que defende que a cultura provém do jogo. Essa perspectiva se inseriu em diversos campos de atuação de sociólogos, psicólogos e pedagogos, nos quais jogo é concomitantemente liberdade e invenção, fantasia e disciplina e todas as manifestações culturais são deles originadas. De acordo com Caillois (1990), a importância contida nos jogos refere-se a profissionais que ganham a vida no ringue, na pista, no hipódromo ou nos palcos e se preocupam com salário, as percentagens ou o bônus. Nesse aspecto, as pessoas são encaradas como trabalhadores, não como jogadores.

Figura 26 – Premiação: prêmios recentes.

← → C www.cam4.com.br/johnson_27

Imagens do perfil 5 Imagens

fucking

UNDER NO CIRCUMSTANCES DO I GIVE PERMISSION TO ANYONE TO RECORD ME IN ANY FORM, NOR DO I GIVER PERMISSION FOR MY PHOTOS TO BE COPIED, POSTED, OR RE-USED FOR ANY REASON! There are laws against recording people or using their pics without their WRITTEN permission. These laws are international. See this link: http://en.wikipedia.org/wiki/Digital_Millennium_Copyright_Act

Prêmios recentes :

August 30, 2014	August 28, 2014	July 16, 2014	June 23, 2014	June 17, 2014	December 10, 2013	November 29, 2013	November 23, 2013	November 23, 2013
Grupo de Homens	Grupo de Homens	Grupo de Homens	Grupo de Homens	Grupo de Homens	Grupo de Homens	Grupo de Homens	Grupo de Homens	Grupo de Homens
November 09, 2013	November 07, 2013							
Grupo de Homens	Grupo de Homens							

Informações do Perfil

Gênero: Masculino
 Membro Desde: Outubro 14 2012
 Ver Todos » Total: 26

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/jonshon_27, 02 de set. de 2014.

É crível fazer uma correlação entre a prostituição virtual e a prostituição de classificados, comparando o *link* de treinamento como um exemplo “*ciber*” dos antigos anúncios de captação/recrutamento para profissionais do sexo encontrados no jornal Diário Catarinense de 1988. Sem fazer analogias diretas, o que posso perceber é que existe uma continuidade entre as práticas, por isso, precisamos entender os processos históricos que posicionam sujeitos e produzem suas práticas. Como afirma Scott (1999), não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através dela. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identificações que ela produz.

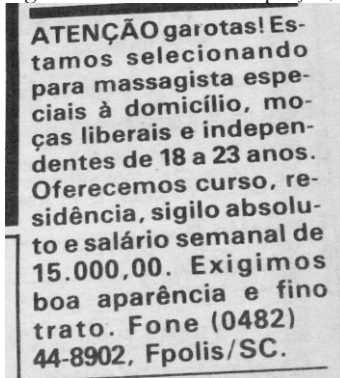
Treinamento para Performer

Comece a sua carreira de modelo de Webcam com uma grande vantagem inicial e comece a ganhar dinheiro on-line agora com estas dicas sobre os fundamentos básicos de como usar o Cam4.

Usando a informação que você pode encontrar por aqui - incluindo aulas surpreendentes de profissionais Coaches da equipe Cam4 - você pode saltar à frente na sua carreira na webcam, **se divertindo mais** e ganhando mais por isso! (Grifo meu).

(Disponível em: <https://pt.cam4.com/training>. Acesso em: 16 Ago. 2016.)

Figura 27 – Anúncio de captação/recrutamento de 1988.



Fonte: Classificados DC, 10 de janeiro de 1988, p.09.

Esses treinamentos, essas instruções dizem muito acerca da maneira como os *webcamers*, assim como outros profissionais do sexo, devem se comportar no espaço reconhecido como trabalho. São os códigos simbólicos que são transmitidos visando o ganho financeiro. Como se vestir, como gesticular, como falar, como negociar são códigos do mercado do sexo analisados por Rago (1991) e Perlongher (2008). Além disso, Paasonen (no prelo, p.7), citando Doom (2010), afirma que

Os/as performers dos mais populares vídeos amadores – e por isso também os/as mais visíveis – tem geralmente se conformado com as normas corporais da juventude (feminina), branquitude e magreza. Os atos, gestos e posições performados tem a mesma estrutura, seguindo as coreografias do pornô comercial que são usados como moldes para fazerem vídeos amadores se assemelharem à pornografia.²⁷

Dessa forma, não posso afirmar que um *webcamer-tip* tem total liberdade de representar-se dentro do Cam4, afinal, ele também tem regras²⁸ a seguir e com as quais deve operar naquilo que reconhece como trabalho, mas seu espaço de negociação é outro, distinto da presencialidade, e por isso

²⁷ The performers of the most popular – and hence also the most visible – amateur videos have generally conformed to the body norms of (female) youth, whiteness, and thinness. The acts, gestures, and positions performed have similarly followed the choreographies of commercial porn that are used as templates in making amateur clips look like pornography. (Paasonen, no prelo, p.7).

²⁸ Para saber mais, é possível acessar o blog que o Cam4 mantém como anexo a sua plataforma: http://pt.blogs.cam4.com/calendario-de-treinamento-dos-performers-do-mes-de-julho/?_ga=2.241166211.1864478634.1500146968-1415565548.1500146968.

a noção de trabalho fica deslocada para uma região de fronteira, segundo Foucault (2001), um espaço ainda não dessacralizado entre trabalho e lazer, uma fronteira ampliada pela virtualidade. O site demonstra isso ao usar, em várias de suas páginas, expressões como “se divertindo mais”, “Divirta-se e conheça pessoas fantásticas do mundo inteiro enquanto ganha dinheiro!”, “Você pode escolher quanto você quer cobrar, para ser criativo e se divertir!”.

O trabalho foi foco do processo de normalização. Enquadrar o sujeito dentro de uma normalidade era torná-lo um ser produtivo na esfera econômica da Revolução Burguesa do século XVIII. Ele era critério de valorização: surgiam os produtivos (homens) ou os improdutivos (crianças, mulheres, loucos). (FOUCAULT, 1988; MISKOLCI, 2008).

Nolasco (1993, p. 57) diz que “o trabalho cumpre a função de nomear o mundo subjetivo dos homens, e o faz por meio de uma tentativa de eliminar o nele há de duvidoso, impreciso e disforme”. Mas o que fazer quando o trabalho é o que torna nebuloso o mundo subjetivo masculino, neste caso?

Com a mudança da era da reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 1936) para a era da transformação digital (JENKINS, 2003), emergiram novas problematizações. Os processos sociais e culturais da globalização, naquilo que chamamos de revolução digital, aceleram-se e tornam-se multipolares. Os meios digitais são frequentemente apresentados como o catalisadores dessa mudança. Essa percepção não diz do processo de concentração econômica em uma escala global, que se iniciou antes da revolução digital e provocou grandes inovações em tecnologias tão diferentes, como a propulsão a jato de aviões e a tecnologia de transmissão de dados via satélite, os cabos de fibra óptica e os transistores; não considerando os realinhamentos geopolíticos das últimas décadas que nos levaram a formação de grupos de comércio neoliberais e capitalistas e aos mercados emergentes; além de não considerar as alterações jurídicas e institucionais que têm afetado a lógica do mercado global, inclusive as indústrias de televisão nacionais e os monopólios de telecomunicações, controlados pelo Estado ou por grandes grupos nos países industrializados. (ELSAESER, 2001, p. 101).

O digital tornou-se “metáfora cultural” da passagem da representação do real para a interconexão, sincronização e interação. E como afirma Lévy (1996, p.11), ainda que a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel fundamental na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização.

A digitalização põe em evidência crenças profundamente enraizadas na representação e na visualização nos levando a reexaminar muitos dos

discursos acerca de cultura. Não obstante a essas questões, o paradigma da produção fica cada vez menos dependente das estruturas profissionais e dos interesses corporativos de grandes conglomerados industriais. Tornam-se nebulosas as categorias como “amadores” e “profissionais”, além da distinção entre trabalho e lazer. Desenvolve-se uma intensa atividade de produção baseada na interação em rede. Exemplos desse tipo de estrutura são a Uber, Airbnb, EatWith e Cam4²⁹.

A Uber é um aplicativo disponível para celulares que conecta motorista a passageiros. Oferece um serviço de transporte similar ao táxi, porém com a flexibilidade de funcionar online através do celular contando com várias vantagens.

(Disponível em: <http://centraluber.tk/uber-entenda-como-funciona/>. Acesso em: 21 Mai. 2016.)

Fundado em agosto de 2008 e com sede em São Francisco, Califórnia, o Airbnb é um mercado comunitário confiável para pessoas anunciarem, descobrirem e reservarem acomodações únicas ao redor do mundo, seja de um computador, de um celular ou de uma tablet. (Disponível em: <https://www.airbnb.com.br/about/about-us>.

Acesso em: 21 Mai. 2016.)

EatWith é um mercado global para refeições comunitárias, que oferece uma comunidade online para anfitriões e convidados terem eventos alimentares juntos ao redor do mundo³⁰. (Tradução minha).

(Disponível em: <https://www.eatwith.com/brand/terms/>. Acesso em: 15 Abr. 2017.)

A principal característica dessas empresas foi realocar as relações de consumo, relações entre demanda e oferta, para uma zona fronteira daquilo que tratamos por amadores e profissionais no paradigma da produção (de bens e serviços). Uber (transporte), Airbnb (estadia), EatWith

²⁹ Entre os elementos que essas empresas têm em comum, convém destacar que todas surgiram entre os anos de 2007 e 2011.

³⁰ EatWith is a global marketplace for communal dining, which offers an online community for hosts and guests to have food events together around the world. (Disponível em: <https://www.eatwith.com/brand/terms/>. Acesso em: 15 Abr. 2017.)

(alimentação) e Cam4 (sexo) são exemplos de empresas de economia criativa ou economia compartilhada. Para Míguez (2007, p.96-97),

a economia criativa trata dos bens e serviços baseados em textos, símbolos e imagens e refere-se ao conjunto distinto de atividades assentadas na criatividade, no talento ou na habilidade individual, cujos produtos incorporam propriedade intelectual e abarcam do artesanato tradicional às complexas cadeias produtivas das indústrias culturais.

Dessa forma, na economia criativa, a noção de trabalho é bombardeada por um complexo conjunto de ferramentas de invisibilidade. Estas empresas potencializam as atividades que nos estudos sobre pornografia convencionou-se tratar por *pro-Am* (amador profissional).

Os motoristas de Ubers não são taxistas, os locais de estadia do Airbnb não são hotéis, as mesas do EatWith não são de restaurantes, e os *webcamers* do Cam4 não são modelos/atores e não se percebem como profissionais do sexo, mas em todos esses casos, aqueles que chamamos de amadores exercem funções muito semelhantes as suas coirmãs profissionalizadas, regulamentadas (ou não, a depender da função e do país em questão) e reconhecidas historicamente.

Na era digital, também se dissolveram as fronteiras entre os *media*. Os *media* digitais incorporam potencialmente todos os antecedentes. Passaram a existir novas concepções e representações das relações espaço-tempo (LÉVY, 1996; AUGÉ, 1997; CASTELLS, 2000) relações entre distintos tempos, entre o presente e a memória (História do tempo presente), entre regiões diferentes: a multilocalidade, as ligações interdisciplinares, as ligações intertextuais e discursivas (CLIFFORD & MARCUS, 1986; MARCUS & FISHER, 1986; MARCUS, 1991; 1994).

As tecnologias digitais ficaram acessíveis a uma quantidade maior de pessoas (com a democratização dos *media*), ao mesmo tempo em que se melhora a sua qualidade técnica e se diluem também as fronteiras entre “amadores” e “profissionais” dos *media*. Ampliou-se a capacidade das tecnologias digitais de servirem como tecnologias da memória (arquivos digitais) capazes de transmitir, organizar e armazenar uma grande quantidade de informação (hipertextos, imagens, sons), de fazer circular e tornar facilmente acessível e disponível concomitantemente em um grande número de lugares por muitos utilizadores – as bases de dados são as formas simbólicas ou culturais contemporâneas, aparentemente caóticas mas estruturadas, nas quais se podem realizar inúmeras operações básicas: navegar, ver, organizar, reorganizar, selecionar, compor, enviar, imprimir etc. (HALBWACHS, 1968; LÉVY, 1996; BAER, 2003).

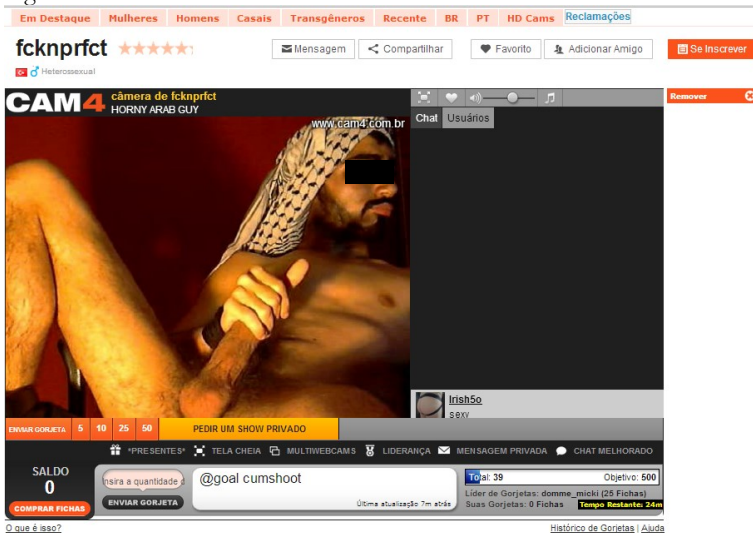
É preciso reconhecer o desafio que as tecnologias digitais oferecem à investigação acadêmica, ao ensino, à criação de espaços virtuais de produção, circulação e utilização do conhecimento e às intensas transformações que parecem produzir nas sociedades contemporâneas, de modo comparável à invenção do alfabeto. (CASTELLS, 2000).

Ainda que pensemos na globalização, no consumo e na cibercultura como elementos integrados, é preciso reconhecer que diferentes espaços produzem diferentes culturas, e muitas ainda são estranhas e tidas por exóticas umas às outras, a própria internet, nesse sentido, serve como meio usado para reforçar certos exotismos. Anderson e Mira (2005), em Comunidades imaginadas, argumentam que as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas. Este imaginário pode ser inconscientemente escolhido pela própria comunidade, ou pode surgir como consequência do olhar classificador do Outro, como aconteceu no caso da criação de mapas, censos e museus no contexto colonial (p. 121).

Foi interessante perceber a grande presença de *webcamers* que indicavam ser da Turquia no Cam4. Muitos dos quais reforçando determinadas características étnico-raciais em suas representações (ver figura abaixo). O olhar sobre o mundo muçulmano, com sua religiosidade, vestimentas, práticas e comportamentos foi aguçado após 2001 e o ataque ao World Trade Center, nos Estados Unidos. Por mais que eu reconheça que a figura do homem muçulmano tenha sido ligada a concepções confusas e questionáveis de intolerância religiosa e atos terroristas, ao mesmo tempo pode-se reconhecer a epistemofilia acerca de suas representações. As masculinidades árabes ainda são desconhecidas para muitos sujeitos ocidentais que lançam para ela olhares curiosos. “Que estratégias representacionais são acionadas para construir nosso senso comum sobre o pertencimento ou sobre a identidade nacional?” (HALL, 1997, p.51).

A Turquia é um país situado parcialmente na Europa, em fronteira com a Grécia e a Bulgária, e parcialmente na Ásia, em fronteira com a Síria, Iraque e Irã. Apesar de ter uma forte influência da religiosidade islâmica, não é um país reconhecido como árabe. Como um ponto geográfico estratégico entre o Ocidente e o Oriente desde o domínio romano, o território sofreu influência das culturas latinas, grega, bizantina, persa e árabe. Mas o que explica a confusão entre turcos e árabes é o fato de durante muito tempo a Turquia ter sido o centro do que ficou conhecido de Império Turco-Otomano (FUNARI; RAGO, 2003). Sendo assim, o que posso inferir é que a identidade cultural turca, por ser fronteiriça, remete ao mundo árabe e atrai a curiosidade do olhar ocidental.

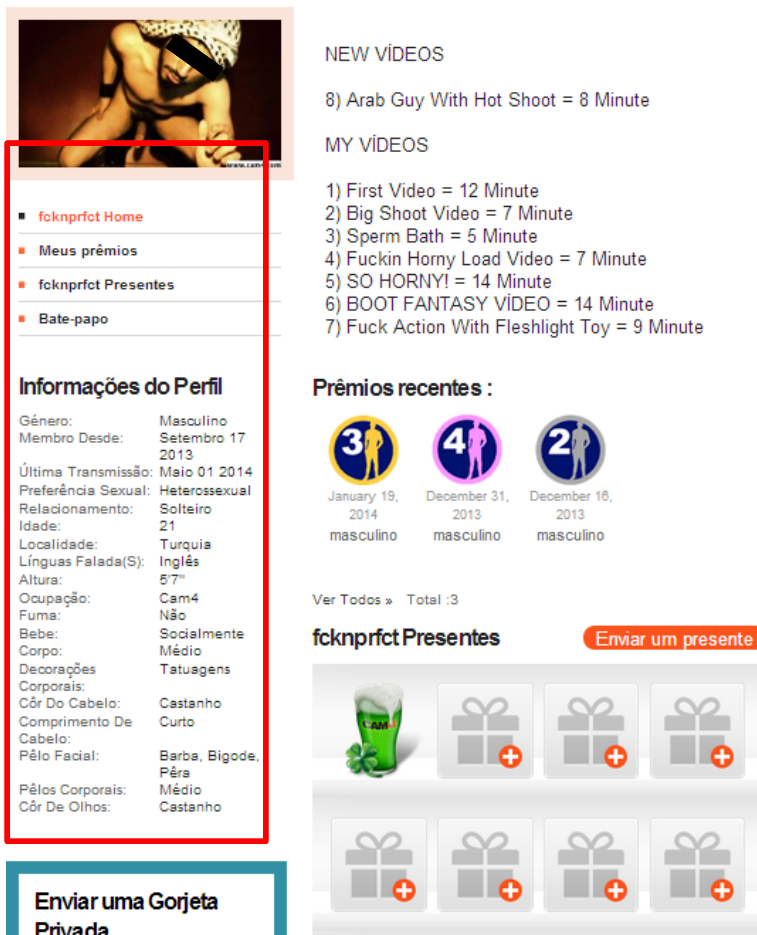
Figura 28 – Webcamer turco.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/fcknprfct, 01 de maio de 2014.

No perfil do *webcamer* é possível perceber alguns detalhes importantes, em 'Localidade' ele indicou a Turquia, mas em 'Línguas faladas' ele citou apenas o inglês. Outros detalhes puderam ser observados e estão especificados ao lado, no título de seus vídeos: “sperm bath” (banho de porra, tradução minha), “fuck action with flashlight toy” (foda com lanterna de brinquedo, tradução minha), demonstrando práticas não convencionais para sua alegada heterossexualidade. A saber, em 2014, o site não permitia a venda de vídeos em sua plataforma, foi apenas na atualização de 2016 em que essa estratégia foi posta em prática. Desta forma, o performer gravava seu vídeos e os vendia sem intervenção do site. Novamente, o site percebeu práticas mercadológicas que fugiam de seu controle e tratou de inseri-las em sua plataforma.

Figura 29 – Detalhes do perfil fcknprfct.



NEW VIDEOS

8) Arab Guy With Hot Shoot = 8 Minute

MY VIDEOS

1) First Video = 12 Minute
 2) Big Shoot Video = 7 Minute
 3) Sperm Bath = 5 Minute
 4) Fuckin Horny Load Video = 7 Minute
 5) SO HORNY! = 14 Minute
 6) BOOT FANTASY VIDEO = 14 Minute
 7) Fuck Action With Fleshlight Toy = 9 Minute

Prêmios recentes :

3 January 19, 2014 masculino
 4 December 31, 2013 masculino
 2 December 16, 2013 masculino

Ver Todos » Total :3

fcknprfct Presentes Enviar um presente

8 gift icons are displayed in a grid, with the first one showing a green beer bottle.

Informações do Perfil

Gênero: Masculino
 Membro Desde: Setembro 17 2013
 Última Transmissão: Maio 01 2014
 Preferência Sexual: Heterossexual
 Relacionamento: Solteiro
 Idade: 21
 Localidade: Turquia
 Línguas Falada(S): Inglês
 Altura: 5'7"
 Ocupação: Cam4
 Fuma: Não
 Bebe: Socialmente
 Corpo: Médio
 Decorações: Tatuagens
 Corporais:
 Cór Do Cabelo: Castanho
 Comprimento De Cabelo: Curto
 Cabelo:
 Pélo Facial: Barba, Bigode, Péra
 Pêlos Corporais: Médio
 Cór De Olhos: Castanho

Enviar uma Gorjeta Privada

Fonte: Disponível em: www.pt.cam4.com/fcknprfct. Acesso em: 01 Mai. 2014.

Rheingold, em seu livro *Comunidade Virtual* (1996), já notava que as comunidades virtuais não eram apenas espaços onde as pessoas se encontravam, mas também um meio para se atingir diversos fins. Ele antecipou que “as mentes coletivas populares e seu impacto no mundo material podem tornar-se uma das questões tecnológicas mais surpreendentes da próxima década” (p.142).

Maffesolli (2000) estabelece que grupos sociais se compõem a partir de traços semelhantes, e desenvolvem nas cidades grupos menores que se protegem a partir de um senso de comunidade, por intermédio do

pertencimento a uma “tribo”, que veio a substituir a autonomia do movimento burguês individualista pelo retorno ao senso afetivo e passional de identificação comunitária, seja nas ruas, nos bairros, no trabalho e nas relações sociais gerais, incluindo as relações virtuais.

Segundo Pierre Lévy (2000), as comunidades virtuais são uma nova forma de se fazer sociedade. Uma forma rizomática, transitória, desprendida de tempo e espaço, pautada muito mais na cooperação e trocas objetivas do que na permanência de laços; possível graças às novas tecnologias de comunicação.

O que me pergunto, neste ponto, é como justificar comunidades virtuais onde as práticas sexuais são os elementos de troca e de identificação entre os sujeitos? Como reconhecer que o Cam4, além de um site pornográfico, um site do mercado sexual com fortes influências da indústria cinematográfica pornográfica, se apropriou também dos elementos das comunidades virtuais como forma de captar pessoas, tanto para se mostrarem quanto para observarem?

Segundo Perlongher (2008),

a constância de certas populações em agruparem suas perambulações à procura de sexo, diversões, prazeres e outros vícios próximos à ilegalidade, em áreas especializadas das megalópoles, mereceu um status particular na sociologia urbana com a aplicação da categoria da “região moral”. (p.69).

Trocando a expressão “áreas especializadas das megalópoles” para “espaços especializados da *web*”, vemos que emerge a internet como local privilegiado e possibilitador de uma seleção de contatos. A *web* apresenta a possibilidade de vivenciar desejos desvinculando-os de estigmas. Possibilidade encantadora: inserir-se na rede tornaria possível entrar “no meio gay” como se estivesse fora dele. O acesso individual e secreto permite circular por espaços interditados no cotidiano, conhecer pessoas, estabelecer redes, tudo aparentemente desatrelado de qualquer contradição com a ordem social dominante.

Robert Park (1979) chama de regiões morais aqueles locais onde o comportamento social formador do grupo específico dependendo de um desejo subjetivo em contraposição à opressão cotidiana, como as práticas sexuais que divergem do padrão heterossexual monogâmico ocidental, como casas de sexo grupal e troca de casais, entre outros.

A região moral cria um espaço subjetivo na cidade onde é possível se aventurar e experienciar as ações limitadas no cotidiano, além de se estabelecerem relações de satisfação e contentamento sem prejuízo das

adequações sociais do grupo social de origem. O autor se referia a espaços geolocalizados das cidades, mas amplio esse conceito para a *web*, como prolongamento dos espaços sociais com os quais operamos.

Para Perlongher (2008, p.69), citando Park (1979), a noção de região moral divide o espaço urbano em círculos concêntricos: uma faixa residencial, uma industrial e o centro. Este último espaço serve como ponto de concentração administrativa e comercial, e também como lugar de reunião das populações ambulantes que liberam, ali, seus impulsos reprimidos pela civilização.

Miskolci (2011), conclui que a internet possibilita a escolha de parceiros amorosos. Além de permitir que sujeitos vivenciem sua sexualidade sem o choque direto com a exposição considerada pública (a pretensa privacidade da internet), sobretudo se a experiência sexual buscada é tida como não normativa, permite maior definição do parceiro no que toca a gostos sexuais, características físicas e socioculturais.

Ora, o Cam4 é um exemplo de espaço virtual onde sujeitos buscam tais vivências. Além disso, é preciso reconhecer que a própria *web*, mesmo que fortemente pautada nos hipertextos que nos apresentam novos caminhos a cada *click*, também pode ser subdivida com os mesmos aspectos que os teóricos usaram para classificar as cidades: temos espaços administrativos, espaços comerciais, espaços de lazer e espaços onde as pessoas dão vazão aos impulsos reprimidos pela civilização, com ênfase nos impulsos sexuais.

2.2. SEXO: CONTROL + ALT + DEL

É hora de abrir o gerenciador de tarefas. Quando usamos os computadores, é de praxis que vários programas rodem ao mesmo tempo. Assim, temos o sistema operacional, o navegador e suas inúmeras janelas, programas de edição de texto, edição de imagem, som, enfim, um número centesimal de operações sendo efetuadas ao mesmo tempo.

Quando falamos do termo sexo, é do mesmo jeito. Sexo é um conceito guarda-chuva que traz consigo ao menos três implicações básicas: sexo como dado biológico, sexo como dado cultural e sexo como ato humano ou prática corporal. Cada um desses conceitos nos remetem a outros novos. Todos operando simultaneamente no tempo-espaço de determinada sociedade.

Para reconhecer quais programas estão rodando no nosso computador usamos as teclas “*Control+Alt+Del*”, selecionadas simultaneamente, para abrir o gerenciador de tarefas. Ao fazer isso,

conseguimos ver qual tarefa está sendo executada e como o computador se comporta frente a ela, se ocupa muito espaço na memória RAM, se o processador está conseguindo lidar com a tarefa, se a velocidade de resposta da execução está adequada para o que esperamos. Ao longo do texto, fui apresentado os conceitos com os quais tenho operado e tentei interconectar cada um deles a elementos perceptíveis nas *webcams* do Cam4. Mas ao operar com os conceitos de sexo, preciso abrir o gerenciador de tarefas para, juntos, verificarmos quais rodam da maneira esperada e quais estão lentos e dificultam as demais operações.

Foucault diferencia duas posturas epistemológicas em relação ao sexo, a arte erótica e a ciência sexual (*ars erotica* e *scientia sexualis*), ou seja, uma relação com o sexo e o corpo de um enfoque global e existencial (que para ele se desenvolveu muito mais nas sociedades chinesa, japonesa, indiana, romana e nações árabes-muçulmanas) e sua equivalência como uma relação autoritária com um objeto inferior e diminuído, carente de autenticidade ou dignidade.

Na arte erótica a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; [...]. Melhor ainda, este prazer deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos. [...] Nossa civilização, pelo menos à primeira vista, não possui *ars erotica*. Em compensação é a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1988, p. 66-67).

Para o autor, não podemos dizer que a sexualidade sempre foi algo reprimido na cultura e chama a atenção para uma mudança na maneira de abordá-la (Foucault, 1988, p. 26). Nesse aspecto, desmitifica a interdição como uma das principais características de abordagem do sexo pela perspectiva histórica, de maneira que o fato de nos referirmos a ela enquanto algo interdito dissimula o que verdadeiramente acontece, a sua completa integração ao campo da biogovernamentabilidade, ou seja, o sexo não é algo proibido, e sim regado, regulado (FOUCAULT, 1988, p. 28). Assim, não devemos afirmar que a moralidade moderna é tida como repressora por vetar o sexo, pois tal discurso cumpre com a função de mascarar o fato de que o sexo, muito diferentemente de estar proibido, está na verdade repressivamente normatizado, circunscrito aos locais que a cultura lhe reserva: o quarto, no caso da sexualidade aceita, ou os espaços imorais e consultórios dos especialistas, no caso das sexualidades consideradas desviantes

Consideremos a hipótese geral do trabalho. A sociedade que se desenvolve no século XVIII – chame-se burguesa, capitalista ou industrial – não reagiu ao sexo com uma recusa em reconhecê-lo. Ao contrário, instaurou todo um aparelho para produzir discursos verdadeiros sobre ele. [...] Como se lhe fosse essencial que o sexo se inscrevesse não somente numa economia do prazer mas, também, num regime ordenado de saber. [...] através de círculos cada vez mais fechados, o projeto de uma ciência do sujeito começou a gravitar em torno da questão do sexo. Contudo, não devido a alguma propriedade natural inerente ao próprio sexo, mas em função das táticas de poder que são imanentes a tal discurso (FOUCAULT, 1988, p. 78-79).

Assim, desenvolveu-se a normatização do sexo através dos discursos médicos e educacionais, especialmente em relação ao corpo feminino, a precocidade infantil, a regulação dos nascimentos e a especificação dos perversos. (FOUCAULT, 1988, p.119).

A busca da inclusão do sexo nas esferas do saber, nas esferas discursivas, fez com que desenvolvêssemos formas de classificar os corpos. Foucault (1988, p. 118), esclarece que “o dispositivo da sexualidade se liga à economia através de articulações numerosas e sutis, sendo o corpo a principal – corpo que produz e consome”. Em suma, a partir do século XIX, inventamos toda uma ciência em torno do sexo, de forma a classificá-lo, esquadrinhá-lo, escrutiná-lo, enfim, usar o sexo como mecanismo de normatização dos corpos.

2.2.1. Control + P: Imprimir (Biologia)

Um das possibilidades ao abrir um site é imprimi-lo, usando as teclas ‘Control + p’. Ao imprimir o site, transfiguramos os aspectos visuais da tela para o papel, fixando o espaço virtual da *web* no espaço físico do papel. Com o sexo se passou algo semelhante, ao explicar os aspectos visíveis do sexo, suas marcações nos corpos, a sociedade ocidental desenvolveu e aprimorou aquilo que Foucault tratou por ciência sexual.

Segundo Foucault (1988; 2001) nós precisamos de um verdadeiro sexo, de um sexo definido, porque saber isso pode nos fazer rever todo o conhecimento das outras dimensões de determinada identificação. O sexo começa pela linguagem, precisamos de definições com as quais vamos operar nossa linguagem.

Vimos pelos discursos que associam o termo ‘sexo’ a conceitos biológicos que, a partir dos discursos médico-biológicos, tendemos a considerar que seres vivos podem ser **assexuados** ou **sexuados**. Para tais discursos, aqueles organismos que se reproduzem sem que haja qualquer partilha de material genético com outro organismo da mesma espécie são chamados de assexuados. Já os seres vivos sexuados são aqueles que se reproduzem por um ato sexual, por aspectos fisiológicos que visam à troca de material genético, portanto, sexo está intimamente ligado, por estes discursos, à reprodução. Na Biologia, enquanto área do conhecimento, desenvolveu-se a ideia de que indivíduos possuem determinadas características fisiológicas de acordo com sua função reprodutiva, de tal maneira, convencionou-se tratar os diferentes indivíduos como **machos** ou **fêmeas**.

Porém, no processo de desenvolvimento das Ciências Médicas e Biológicas, percebeu-se que, em inúmeras espécies, havia indivíduos que fugiam dessa classificação binária (macho-fêmea). A princípio, trataram tais seres por hermafroditas³¹, por acreditarem que, como o personagem da mitologia grega, esses indivíduos possuíam as características dos dois sexos (fêmea-macho), mas com o passar dos tempos foi observada uma enorme variação dentro dessa nova categoria. Dessa forma, quanto à espécie humana, podemos afirmar que ela não é composta apenas de machos e fêmeas, esses seriam os polos de um modelo idealizado, tido por binário. Atualmente, dentre as lutas políticas - como evidenciou Scott em ‘*O enigma da igualdade*’ (2005), podemos notar que o termo ‘hermafrodita’ tem dado lugar ao termo ‘intersexual’, primeiro porque o discurso médico acabou por tratar o hermafroditismo como desvio, doença, e segundo porque as questões de gênero têm exigido a definição de um terceiro gênero humano, que respeite a individualidade dos sujeitos que possuem tais características.

³¹ O termo ‘hermafrodita’ vem da mitologia grega, do nome do deus grego Hermafrodito, filho de Hermes e de Afrodite. Seu mito mais famoso é encontrado nas Metamorfoses de Ovídio, no qual consta que ele foi levado pelas ninfas até o Monte Ida, uma montanha sagrada da Frígia. Quando atingiu quinze anos, sentindo-se entediado do lugar, viajou para as cidades da Lícia e de Cária. Estava nos bosques da Cária, perto de Halicarnasso quando encontrou Salmacis, uma Níaiade (ninfa aquática), em sua morada numa lagoa. Tomada de luxúria perante a beleza do jovem, ela tentou seduzi-lo, mas foi rejeitada. Quando pensou que ela havia ido embora, Hermafrodito despiu-se e entrou nas águas do lago. Salmacis, então, saiu de trás duma árvore e mergulhou, enlaçando o moço e beijando-o violentamente, tocando em seu peito. Enquanto ele lutava por desvencilhar-se, ela invocou aos deuses para nunca mais separá-los. Seu desejo foi concedido, e seus corpos se misturaram numa forma intersexual. Hermafrodito, aflito e envergonhado, fez então seu próprio voto, amaldiçoando o lago de forma que todo aquele que ali se banhasse seria igualmente transmutado, como ele próprio. (LEITE JÚNIOR, 2011).

Hoje se estabeleceu que a intersexualidade³² em seres humanos é qualquer variação de caracteres sexuais, incluindo cromossomos, gônadas e/ou órgãos genitais, que dificultam a identificação de um indivíduo como totalmente fêmea (tido por feminino biologicamente) ou totalmente macho (tido por masculino biologicamente). Essa variação pode envolver ambiguidade genital, combinações de fatores genéticos e aparência (genótipos e fenótipos) e variações cromossômicas sexuais diferentes de XX para fêmea e XY para macho. Pode incluir também outras características de dimorfismo sexual como aspecto da face, voz, membros, pelos e formato de partes do corpo (MONEY; EHRHARDT, 1972).

Até o presente momento, estou operando com elementos que foram tomados por ‘naturais’, ou seja, são processos que excluem a consciente interferência das técnicas humanas. Mas ainda no aspecto biológico, é preciso inferir que a insurgência da técnica (ou o conjunto de métodos, modelos, instrumentos, ferramentas, etc.) desenvolvida pela espécie humana como forma de se apropriar da natureza, se diferenciar dela e/ou subjugá-la, trouxe também a possibilidade de interações sobre o corpo.

Thomas Laqueur (2001), notadamente influenciado por Foucault, problematizou a construção da diferença sexual ao longo dos séculos. Assim, apresentou desde o modelo de sexo único, em que o corpo da mulher seria apenas uma versão invertida e imperfeita do corpo do homem e menos importante em uma escala hierárquica, até o modelo de dois sexos, em que o corpo da mulher seria o oposto incomensurável do corpo do homem. Para Laqueur (2001), a diferença sexual seria construída situacionalmente ao longo da história, mantendo estreitas relações com conjunturas tanto epistemológicas quanto políticas. O historiador é responsável por mostrar como as diferenças biológicas – em um primeiro momento fixas – são também determinadas pelo contexto histórico e cultural no qual o conhecimento sobre as mesmas é produzido. Nesse sentido, o sexo biológico não estaria tão distante do gênero entendido como categoria meramente cultural. A anatomia seria também fruto de perspectivas historicamente situadas, e, por consequência, passível de interrogação.

³² Não confundir intersexualidade biológica com a prática sexual de tais sujeitos. A sexualidade de tais indivíduos é ainda difícil de ser classificada, visto que sexualidade tem relação direta entre sexo biológico, gênero, desejo e prática, e o reconhecimento de um terceiro gênero fará com que adaptemos as variações (hétero, homo, bi, pan/omnissexual), a princípio, podemos classificar as pessoas que se relacionam com intersexos como pansexuais ou omnissexuais, mas xs intersexos não podem ser classificadxs de tal forma porque são livres, inclusive para se reconhecerem dentro de um dos polos (masculino-feminino) do Gênero, e se assim for, sofrerão a definição de acordo com a soma de seu sexo/gênero e com o sexo/gênero dx parceirx.

Dessa forma, o corpo sexuado além de construído historicamente, também pode ser modificado, talvez ainda não (reforço o ‘ainda’) por mudanças cromossômicas (genéticas), mas o fenótipo, que por definição é o conjunto de características físicas, morfológicas e fisiológicas de um organismo, pode ser modificado com técnicas que agem sobre o corpo. Assim, um macho pode ter seu órgão sexual convertido em órgão sexual de uma fêmea, e vice-versa – o mesmo vale para intersexuais, caso elxs queiram ser inseridxs em um dos dois polos. Para tais organismos alterados pela técnica, convencionou-se a utilização do termo transexual.³³

Vale ressaltar aqui que novas apropriações têm sido percebidas para facilitar tais entendimentos, certos conceitos da Química, como a noção de isomeria (o fenômeno de dois ou mais compostos apresentarem a mesma fórmula molecular e fórmulas estruturais diferentes), foram apropriados para justificar a existência dos diferentes indivíduos: os machos ‘cis ou trans’, as fêmeas ‘cis ou trans’. Novamente, o reforço da necessidade humana de categorização.

Preciso destacar que assexuado é diferente de ‘assexualizado’, apesar de um termo ser utilizado comumente em lugar de outro. ‘Assexuado’ é o organismo que se reproduz sem a troca de material genético com outro organismo na mesma espécie, já ‘assexualizado’³⁴ (termo que utilizamos especialmente ao tratar da espécie humana) é um indivíduo que alega não ter a necessidade de contato sexual com outra pessoa, seja para fins reprodutivos ou para obtenção de prazer.

Pesa ainda, atualmente, as considerações de teóricxs como Judith Butler (2003) de que os corpos são discursivamente construídos; a autora nega a distinção entre sexo e gênero e chega até a afirmar que sexo é gênero. Se presumimos que o corpo não pode existir fora do discurso que dá um gênero a ele, devemos admitir que não existe nenhum corpo que não seja, já e desde sempre, generificado, a questão, para a teórica, não é que não exista

³³ Perceba que tratamos por órgãos sexuais aquelas partes corpóreas que são comumente utilizadas para o ato sexual com intenção reprodutiva, já que tais partes também sofreram influências históricas, ou políticas. Como sabemos, nem todo ato sexual humano visa à reprodução e, portanto, nem todos os componentes do sistema reprodutor humano são considerados úteis em atos sexuais (espermatozoides, óvulos, por exemplo), assim como outras partes do corpo que não fazem parte do sistema reprodutor podem ser também utilizadas em um ato sexual (boca, língua, ânus, mãos, mamas, mamilos, enfim, o corpo em si é potencialmente utilizado num ato sexual).

³⁴ Segundo o Dicionário Houaiss, assexualizar é verbo transitivo direto e pronominal: tornar(-se) assexual; esterilizar(-se), castrar(-se). Considero a definição antiquada, por achar que ‘assexualizar’ tem associação apenas ao conceito de castração, no sentido de negação de uma sexualidade, ou de práticas sexuais. Assexualizar é a negação do desejo e da prática sexual. Mas um assexualizado, por definição biológica, tem sexo porque todo ser humano antes de nascer já é sexuado.

uma matéria, uma base material sobre qual se apoia o discurso, mas que só podemos aprender sua materialidade através do discurso.

É exatamente isso que foi feito com o sexo biológico. Notar as diferenças entre o que a Biologia chamou de XX e XY é relativamente simples, mas foi preciso explicar essa diferença de forma discursiva. A base material, os genes, as estruturas celulares, os tecidos, os órgãos, os sistemas fisiológicos (digestório, reprodutor, etc.) foram explicados a partir de discursos e, dessa forma, outros discursos eram utilizados para compor esses primeiros. O macho passou a ser considerado (discursivamente) como possuidor de pênis; a fêmea, de vagina; o/a/x intersexo ou transexo, de uma variação entre um e outro, ou os dois. Isso porque para partes corpóreas não denominadas a priori definimos nomes e funções.

Butler ainda afirma no artigo ‘O sexo e o gênero n’O Segundo sexo de Simone de Beauvoir’ (1986, p.45) que “como um *locus* de interpretações culturais, o corpo é uma realidade material que já foi situada e definida em um contexto social”.

Destaco aqui que nós, seres humanos, para nos inserirmos nas categorias sociais, nos apropriamos de discursos que indicam e afirmam o que é ser macho, fêmea, intersexo e transexo, mas para todos os casos esses discursos são violentos e agem como dispositivos de encaixe, são ‘caixas onde os corpos precisam caber’. Dessa maneira, nem mesmo as Ciências Biológicas são suficientes para a análise humana, visto que todos os organismos dessa espécie ultrapassam o discurso biológico, muitas vezes insuficiente para tamanhas variações e possibilidades.

Vejo a necessidade de dizer sobre tais noções, porque são com elas que o site, *webcamers* e observadorxs (personagens da presente tese) operam para a interação. São as diferentes categorizações sobre sexo perceptíveis pelos filtros, onde os sujeitos se enquadram (segundo o jogo entre seus aspectos subjetivos e regras do site). As categorias das *cams* já citadas - mulheres, homens, casais e transex - implicam em entender a natureza construída sobre o sexo: biológico, cultural e ato.

Segundo Butler, aceitar o sexo como um dado natural e o gênero como um dado construído, determinado culturalmente, seria aceitar também que o gênero expressaria uma essência do sujeito. Ela defendeu que haveria nessa relação uma “unidade metafísica” e chamou essa relação de *paradigma expressivo autêntico*, “no qual se diz que um eu verdadeiro é simultâneo ou sucessivamente revelado no sexo, no gênero e no desejo” (2003, p. 45).

Essa necessidade humana de diferenciação, de classificação, de nomenclatura, vem da necessidade em se apropriar do mundo que nos cerca, de forma a dar sentido a esse mundo (natureza) e poder dizê-lo sem grandes

dificuldades linguísticas. A linguagem é, assim, importante ferramenta para a espécie humana.

2.2.2. Control + F: Buscar (Gênero)

Outro mecanismo comum nos navegadores é usar o ‘Control+f’ quando precisamos encontrar um termo linguístico específico em alguma HTML da *web*. Ao fazer uso dessa ferramenta, entendemos que os termos linguísticos, ou signos, são elementos que se destacam para as sociedades contemporâneas. Essa ferramenta é antes de tudo uma ferramenta de busca e localização, ao usá-la vamos direto para o elemento textual solicitado. E signos linguísticos são partes importantes nos processos culturais.

Quando tratava da questão biológica do sexo humano, não me referi aos indivíduos como ‘homens’ ou ‘mulheres’. Biologicamente, seres humanos são tidos por fêmeas, machos, intersexuais (ou transexuais, uma categoria que ultrapassa apenas as questões biológicas construídas como ‘naturais’). Mas, sobre essa base discursiva que proveu cada ser de um sexo particular, existe uma gama de outros discursos que, a partir de cada sexo biológico, determinaram (e determinam) comportamentos, vestimentas, gestuais, enfim, que dotaram/dotam esses indivíduos sexuados de aspectos culturais.

Segundo Scott (1995, p.72), “Ao longo dos séculos, as pessoas utilizaram de forma **figurada** (grifo meu) os termos gramaticais para evocar traços de caráter ou traços sexuais.” E completa que, apenas recentemente, as feministas começaram a usar o termo ‘gênero’ no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se “à organização social das relações entre sexos”.

Para a autora, essa ligação com a gramática é explícita e cheia de possibilidades: “Explícita, porque o uso gramatical implica em regras que decorrem da designação do masculino ou feminino; cheia de possibilidades inexploradas, porque em vários idiomas indo-europeus existe uma terceira categoria – o sexo indefinido ou neutro” (1995, p.72). Perceba que a teórica reconhece a potencialidade da gramática, que tem como finalidade orientar e regular o uso de uma língua, estabelecendo um padrão de escrita e de fala, contudo, a língua portuguesa, infelizmente, não conta com o gênero neutro: ou se é masculino ou é feminino. Por convenção, feministas têm usado a letra ‘x’ no lugar de vogais determinantes de gênero (‘o’ e ‘a’), ou a arroba (@), para demonstrar a pluralidade de gênero na forma escrita; mas na oralidade, não temos fuga, ou diz-se ‘todas e todos’ ou acaba-se por pluralizar o masculino como englobante do feminino, novamente um

discurso de dominação do homem sobre a mulher. No caso de intersexuais e transexuais, ficamos ainda mais à deriva no aspecto linguístico, como tratá-los/las/lxs?

Scott (1995) ainda diz que, na gramática, gênero é visto como um meio de classificar fenômenos, “um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes”, com isso ela quer dizer, por exemplo, que a palavra ‘mar’ pode ser masculina em português e feminina em francês (*la mer*), pois afinal, a base material, aquele contingente de elementos que formam o mar, não o dota de um sexo biológico, o uso do termo socialmente é que o dotou de um gênero.

Joana Maria Pedro explica que

Em português, como na maioria das línguas, todos os seres animados e inanimados têm gênero. Entretanto, somente alguns seres vivos têm sexo. Nem todas as espécies se reproduzem de forma sexuada; mesmo assim, as palavras que as designam, na nossa língua, lhes atribuem um gênero. E era justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero mas não têm sexo, que os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta [1980], passaram a usar esta palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam, desta forma, reforçar a ideia de que as diferenças que se constatavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do “sexo” como questão biológica, mas sim eram definidos pelo “gênero” e, portanto, ligadas à cultura. (2005, p.79).

Como pudemos observar com o discurso reprodutivo, e sua utilização em diferentes dispositivos sociais, convencionou-se trabalhar com dois gêneros: o masculino e o feminino. Lembrando que, assim como o sexo biológico, esses são os polos de um modelo idealizado, tido por binário, mas há sujeitos que negam esse binarismo, os indivíduos não polares.

Empresto o conceito de dispositivo de Foucault, citado por Deleuze (1996). Assim, o dispositivo é um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por eles são condicionados. Mas vamos complicar um pouco essa equação: os gêneros parecem ser alusões diretas dos sexos biológicos, não? Mas não são tão ligados a eles quanto pensamos.

Os machos e fêmeas (humanxs) ‘generificados’ são tidos por homens e mulheres, mas os gêneros masculino e feminino se misturam na formação desses sujeitos. Os movimentos feministas trouxeram a luz do saber acadêmico questões que separam o ‘gênero’ de seu (aparente) respectivo

‘sexo’, de forma que os gêneros também são dispositivos de poder com os quais os organismos precisam operar. Se considerarmos que os gêneros são relacionais, de forma que um não ganha sentido ou toma forma sem o outro como contraponto, masculino e feminino são tidos como polos comportamentais (aqui estou falando de aspectos culturais, não nos esqueçamos), mas um comportamento nunca está necessariamente em um dos polos, fluindo constantemente em uma linha imaginária entre eles.

Seres humanos genericados utilizam os gêneros de forma complexa. A força física, por exemplo, foi uma característica comumente relacionada ao gênero masculino, cabendo ao feminino a noção de indivíduos frágeis, delicados ou não tão fortes corporalmente quanto indivíduos masculinos; mas em certas culturas, essas noções podem ser muito mais fluídas, de forma que mulheres (fêmeas genericadas) de certas sociedades possuam características tidas por masculinas em outra sociedade. Assim, os gêneros são elementos discursivos com os quais as pessoas constituem suas identidades.

Aqui fica mais clara a escolha do “*control+f*” para nomear o subcapítulo, afinal, se os gêneros são os elementos discursivos, esse mecanismo de busca serve ao propósito buscar e reconhecer os discursos sobre os sexos.

Atualmente, alguns países começaram a aceitar a insurgência da necessidade de mudança de certas noções legais, como forma de retirar alguns grupos da ilegalidade, ou da não legalidade, como fez, por exemplo, a Suprema Corte da Austrália, abrindo precedentes e reconhecendo o gênero neutro, ou sexo ‘não especificado’:

A Suprema Corte reconhece que uma pessoa pode não ser nem do sexo masculino, nem do sexo feminino, e permite, assim, o registro do sexo de uma pessoa como ‘não especificado’, disse, em julgamento unânime, que rejeitou a apelação feita pelo estado de New South Wales para que fossem reconhecidos apenas os sexos masculino e feminino.

O caso foi centrado numa pessoa chamada Norrie - que não se identifica nem como sendo do sexo masculino nem do sexo feminino. Ela entrou com um processo na justiça australiana para que um gênero neutro fosse introduzido no país.

Norrie, que se apresenta apenas pelo primeiro nome, nasceu como homem e passou por uma cirurgia de mudança de sexo em 1989 para se tornar uma mulher.

A cirurgia, contudo, não conseguiu solucionar identidade sexual ambígua de Norrie, impulsionando

sua luta pelo reconhecimento de um novo gênero, não tradicional.³⁵

A Suécia, outro exemplo, incluiu um novo gênero (neutro) em sua Enciclopédia Nacional:

No idioma escandinavo, junto aos pronomes de gênero masculino “han” e feminino “hon” será adicionado o pronome “hen”. A nova terminologia vai se referir às pessoas que não revelam seu gênero – seja porque é desconhecido, ou porque a pessoa é transgênero ou o locutor considera o gênero uma informação superficial para compreensão do texto.³⁶

Não há como esclarecer a influência do gênero, tema base dos Estudos de Gênero, sem dizer como os movimentos feministas insuflaram tal questão.

Como esclarece Joana Maria Pedro (2005, p.81), o feminismo, como movimento social com visibilidade, passou por algumas “ondas”, e por conta das mesmas, o correto é seu uso no plural: os feminismos.

O feminismo tido como de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e se voltado à reivindicação dos direitos políticos de mulheres (votar e ser eleita), nos direitos sociais e econômicos (como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança). Por buscarem direitos iguais entre homens e mulheres, esse feminismo ficou conhecido como ‘igualitarista’.

O feminismo conhecido como “segunda onda” veio depois da Segunda Guerra Mundial, e se direcionou às lutas das mulheres pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado (percebido como o poder dos homens na subordinação das mulheres, chamado por alguns autores e autoras como regime de dominação masculina). Foi nesse movimento feminista que a categoria “gênero” foi desenvolvida, como consequência das lutas do feminismo e do movimento de mulheres. Eles tiveram notoriedade nos anos 1960, nos Estados Unidos e, por considerarem que homens e mulheres eram diferentes e expressarem este “separatismo”, foram considerados “diferencialistas”. Contudo, tais feministas eram acusadas de

35 FRANCE Presse. G1. **Gênero neutro é reconhecido pela Suprema Corte da Austrália.** 01 de abril de 2014 Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/04/genero-neutro-e-reconhecido-pela-suprema-corte-da-australia.html>>. Acesso em: 20 Ago. 2016.

36 OPERA Mundi. UOL. **Suécia cria pronome de gênero neutro que será usado para se referir a pessoas trans no país.** Redação | São Paulo – 26 de março 2015. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/39934/suecia+cria+pronome+de+genero+neutro+que+sera+usado+para+se+referir+a+pessoas+trans+no+pais.shtml>>. Acesso em: 20 Ago. 2016.

serem “essencialistas” – ou seja, “que negariam a temporalidade ao atribuir uma ontologia primordial e imutável aos produtos históricos da ação humana”.

Assim, as feministas diferencialistas eram acusadas de que seria o sexo – biológico – que possuíam o que causaria a diferença em relação aos homens, e que lhes dava a identidade para as lutas contra a subordinação.

Este debate trouxe à tona a noção de que não havia a ‘mulher’, como conceito globalizante, mas sim as mais diversas ‘mulheres’, e que as exigências de umas não necessariamente seriam as mesmas de outras; afinal, nas sociedades encontramos as mais diferentes formas de opressão, e ser mulher não a torna igual a todas as outras. Assim, a identidade de sexo não era suficiente para unificar as mulheres em torno de uma mesma luta, por conta disso, a categoria ‘Mulher’ passou a ser substituída, em várias reivindicações, pela categoria ‘Mulheres’.

Foi a partir da categoria ‘Mulheres’ que surgiu a categoria Gênero, entre as historiadoras que escreviam sobre história das mulheres. “Gênero”, como categoria de análise, passou a ser utilizada inspirada pelo texto de Joan Scott: “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, 1995.

Como afirma Pedro (2005):

Para Joan Scott gênero é constituído por relações sociais: estas estavam baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, por sua vez, constituíam-se no interior de relações de poder. [...] Por outro lado, ela lembrava que gênero não refletia ou implementava diferenças fixas e naturais entre homens e mulheres, mas “um saber que estabelece significados para as diferenças corporais”.

[...]

Além disso, é preciso perceber em quais contextos políticos os significados da diferença sexual são criados e/ou criticados e, então, verificar como, por exemplo, o “verdadeiro homem” ou a “verdadeira mulher” são diferentes em cada período do passado, procurando sempre se diferenciar um do outro, e ao mesmo tempo nunca coincidindo com as pessoas de “carne e osso”. (p. 86-87)

Por fim, Scott (1995, p.19-20) resume bem a noção de gênero como categoria de análise, quando questiona as “associações persistentes da masculinidade com o poder e o fato de que os valores mais altos estão mais investidos na qualidade de masculino do que na qualidade de feminino”; além disso, como ela mesma percebe, de que maneira poderíamos explicar que as crianças aprendem essas associações do masculino como superior

mesmo quando elas crescem em núcleos familiares onde tais noções são menos explícitas? Concluindo que é preciso observar melhor os sistemas de significação, isto é, as maneiras como as sociedades representam o gênero, utilizam-no para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência. Para ela, sem o sentido não haveria experiência e sem processo de significação não haveria sentido:

A linguagem é o centro da teoria lacaniana; é a chave do acesso da criança a ordem simbólica. Através da linguagem a identidade de gênero é construída. Segundo Lacan, o falo é o significante central da diferença sexual, mas o sentido do falo tem que ser lido de forma metafórica. O drama edípiano faz com que a criança conheça os termos da interação cultural, já que a ameaça de castração representa o poder, as regras da Lei (de Pai). A relação da criança com a Lei depende da diferença sexual, da sua identificação imaginária (ou fantasmática) com a masculinidade ou feminilidade. Em outros termos, a imposição das regras da interação social é inerente e especificamente de gênero, já que a relação feminina com o falo é obrigatoriamente diferente da relação masculina. Mas a identificação de gênero, mesmo quando ela aparece como sendo coerente e fixa é, de fato, extremamente instável. (p. 19-20).

Posso concluir que as noções de homem e mulher são historicamente herdadas e dotadas de inúmeros problemas? É possível afirmar que homens são machos genericados e mulheres são fêmeas genericadas? E concluir que ambos os conceitos, reapropriados por discursos jurídicos, são globalizantes e impositivos?

O que tentei demonstrar até o presente momento é o quanto o conceito de ‘homem’ e o conceito de ‘mulher’ são inundados de elementos problemáticos. Dizer-se homem ou dizer-se mulher reflete muitas das noções de sexo biológico e sexo cultural, já demonstradas anteriormente. E mesmo que existam convenções acerca do que é ser um homem, ou que é ser uma mulher, estamos sendo constantemente atravessados por lacunas, ou por excessos, que tornam deveras sombrio classificar os indivíduos humanos dentro de tais ‘caixas’. Mas para complicar ainda mais essas duas categorias, desmembradas do sexo, ainda temos que entender a sexualidade: o sexo enquanto prática.

Associo-me a Derrida (2004), por exemplo, quando ele considera que na linguagem só existem significantes, que se expressam em uma relação de remetimentos. O que Derrida diz sobre o signo é que não há significado *por*

trás do significante, e que o sentido é *feito constituído* por uma cadeia de significantes. Dessa forma, preciso dar-lhes os meus significantes, mesmo que eles não sejam aceitos ou bem decodificados no processo comunicacional.

No presente trabalho, quando eu me referir ao sexo de um ser humano, estou entendendo que se trata do sexo biológico e suas formas anatômicas. Mas, contrariando essa polarização binária, reconheço ao menos quatro possibilidades: fêmea, macho, intersex (pessoas que tenham nascido com características anatômicas dos dois sexos, sob quaisquer variações) e transex (pessoas que nasceram com características anatômicas de um sexo, mas através do uso da técnica mudaram total ou parcialmente para outro, sob quaisquer variações).

Perceber essa variedade pode ser confuso, mas vejo como algo extremamente necessário, pois não é raro encontrarmos na sociedade humana seres que não estão obrigatoriamente dentro de uma ou de outra categoria, criando uma zona que chamaríamos de fronteira, mas que poderia não ser uma mediação entre os polos (fêmea/macho) e sim um outro polo; respeitado dentro de sua subjetividade, representações, identificações.

Butler (2003) afirma que não existe uma identidade de sexo *por trás* das expressões de gênero, e que a identidade é *performativamente constituída*. São as performances, de certa forma teatrais, que estipulam as identidades de gênero.

Joana Maria Pedro (2005), ainda ressalta que na primeira metade do século XX, Margareth Mead afirmava que cada sociedade humana usava a diferença sexual como argumento na constituição dos papéis sociais, ou modelos esperados e de certa forma exigidos; entretanto, para Mead, estes usos são diferentes em cada sociedade. Ela estava, então, separando sexo – considerado como dado biológico –, do comportamento – definido pela cultura.

Joan Scott (1995, p. 75) retoma a diferença entre sexo e gênero; entretanto, ela articula o termo com a noção de poder. Assim, ela informa que sua definição de gênero tem duas partes e diversas subpartes, que apesar de serem ligadas entre si, deveriam ser distinguidas na análise, mas o núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Assim, para Joan Scott, gênero é constituído por relações sociais, estas são baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e, por sua vez, constituem-se no interior de relações de poder. Num artigo publicado em 1988, nos Estados Unidos, Joan Scott explicava como chegou a esta

categoria. Informava, então, que “gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais”, e este saber, dizia ela, era pensado no sentido que lhe dava Michel Foucault, isto é, sempre relativo; seus usos e significados “nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder – de dominação e de subordinação – são construídas” (apud PEDRO, 2005, p. 86-87).

Portanto, concluía Scott, “gênero é a organização social da diferença sexual” (1994, p. 75). Por outro lado, ela lembrava que gênero não refletia ou implementava diferenças fixas e naturais entre homens e mulheres, mas “um saber que estabelece significados para as diferenças corporais”.

Dessa forma, podemos perceber diferentes gêneros: o gênero feminino, o gênero masculino, o gênero intersexual ou “intergênero” (que só pode ser constituído no imaginário, já que as sociedades modernas não permitem sua existência enquanto sexo), e o gênero transgênero. Por transgênero, entendo todas aquelas pessoas que vivenciam as relações de poder dentro de um sexo diferente do seu sexo biológico (genético-anatômico) de nascimento, assumindo total ou parcialmente características anatômicas e representações culturais do sexo oposto (transexual, travesti e transformista).

Figura 30 – Destaque de Gêneros enquanto categorias do Cam4.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/male, 05 de março de 2015.

Não quero, aqui, esquadrihar nenhum sujeito, mas demonstrar que sua existência quebra com as antigas definições, ou até mesmo, cria a necessidade de novas definições. Para cada um deles se criam diferentes discursos que são utilizados constantemente como forma de hierarquização social. Não podemos nos esquecer de que relações sociais são relações de poder. O poder é algo que nunca desaparece, ele apenas ‘troca de mãos’. Ao perceber o engessamento de certas categorias, estou considerando a possibilidade de que esse poder possa ser futuramente dividido, ou até mesmo reapropriado, por novas categorizações.

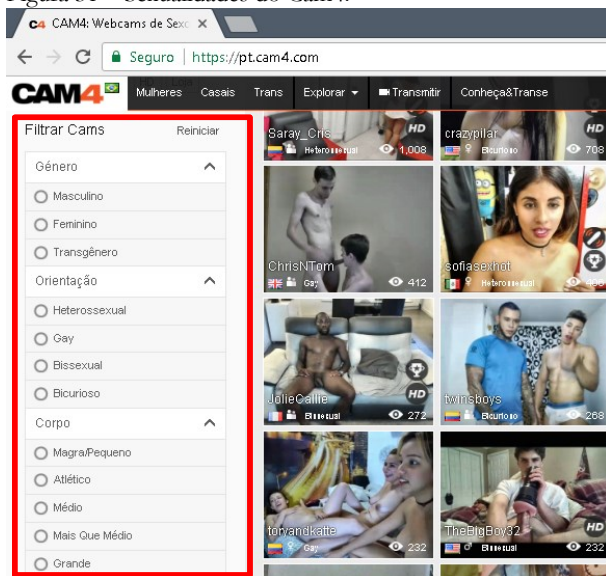
2.2.3. Mais ferramentas (Sexualidades)

Dentre as inúmeras maneiras desenvolvidas desde o século XVIII para classificar as sexualidades, vou partir das definições do site acerca das variações. Para o Cam4, seus *webcamers* têm 4 possibilidades de reconhecimento quanto ao que ele primeiro chamou de ‘preferências sexuais’ e atualmente trata por ‘orientação’: Heterossexual, Gay, Bissexual e Bicurioso (ver figura abaixo).

Seguindo os parâmetros estipulados pelo site, temos a heterossexualidade como a prática sexual entre sujeitos de sexos-gêneros diferentes (homem + mulher); a homossexualidade como a prática sexual entre sujeitos com o mesmo sexo-gênero (homem + homem e mulher + mulher); a bissexualidade como a prática sexual tanto com sujeitos do mesmo sexo-gênero quanto com sujeito de sexo-gênero diferentes (homem + mulher + homem ou mulher + homem + mulher) e as pessoas bicuriosas.

Não há referências nem a sexualidade das pessoas trans, nem a das pessoas cisgênero que se atraem por trans, numa clara influência da heteronormatividade e da binarização dos sexos-gêneros.

Figura 31 – Sexualidades do Cam4.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com, 17 de julho de 2017.

A sexualidade pode ser entendida como campo de articulação preferencial dos modernos mecanismos de dominação social. (Bauman, 1998, p. 180). De acordo com Miskolci (2009), a Teoria *Queer*, surgida nos Estados Unidos no fim da década de 1980 como forma de oposição e crítica aos estudos sociológicos sobre gênero e minorias sexuais, tinha o anseio de entender a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais. Apesar de tanto a Teoria *Queer* quanto a Sociologia (e a teoria social) compreenderem a sexualidade como uma construção social e histórica, havia um pressuposto heterossexista no pensamento sociológico, de tal forma que as Ciências Sociais, até aquele momento, tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade. Por essa razão, a noção de ‘normalidade’ estava calcada sobre uma visão de que a heterossexualidade era o padrão e as demais sexualidades eram desvios, ou seja, uma maioria normalizada e uma minoria desviante. (WOLFF; SALDANHA, 2016).

Portanto, os estudos *queer* se voltaram para a centralidade dos mecanismos sociais relacionados à intervenção do binarismo hetero/homossexual na organização da vida social contemporânea, buscando olhar atenciosamente para uma política do conhecimento e da diferença. Segundo o sociólogo Seidman (1996), *queer* seria o estudo

daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais. (SEIDMAN, 1996, p. 13).

Weeks (1999) explica que tanto o termo ‘heterossexual’ quanto o termo ‘homossexual’ parecem ter sido cunhados ao mesmo tempo, na Alemanha, em 1869, por Karl Kertbeny, um escritor austro-húngaro, com o intuito político de revogar as leis anti-sodomitas do país. Até então, a atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo-gênero era chamada de sodomia, com ligações religiosas em uma base moral cristã.

Joan Scott resume bem a lógica interna dessas definições sexuais polarizadas. Para a autora,

Não apenas a homossexualidade define a heterossexualidade especificando seus limites negativos, e não apenas a fronteira entre ambas é mutável, mas ambas operam dentro das estruturas da mesma ‘economia fálica’ – uma economia cujos fundamentos não são levados em consideração pelos estudos que procuram apenas tornar a experiência homossexual visível. [...]Teorizado desta forma, homossexualidade e heterossexualidade trabalham de

acordo com a mesma economia, suas instituições sociais espelhando uma à outra. [...] Na medida em que esse sistema constrói sujeitos de desejo (legítimos ou não), simultaneamente estabelece-os, e a si mesmos, como dados e fora do tempo, do modo como as coisas funcionam, com o modo que inevitavelmente são. (SCOTT, 1998, p.303-304).

Como pode ser observado, quando falava dos discursos biológicos que separaram organismos entre fêmeas, machos e intersexos, vimos que a questão reprodutiva foi base para as noções primordiais sobre o ato sexual. Mas vamos desconsiderar essa concepção desde já: a espécie humana não tem práticas sexuais apenas com um impulso reprodutivo.

A questão reprodutiva foi usada como forma de dominação e manutenção de dispositivos coercitivos com intuito de sequenciar relações de poder, construir e manter instituições, entre outros. Mas, como vemos nas palavras de Weeks (1999):

Embora se possa argumentar que as questões relativas aos corpos e ao comportamento sexual têm estado, por muito tempo, no centro das preocupações ocidentais, elas eram, em geral, até o século XIX, preocupações da religião e da filosofia moral. Desde então, elas têm se tornado a preocupação generalizada de especialistas, da medicina e de profissionais e reformadores morais. [...] A sexualidade é, entretanto, além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política [...]. (p.39).

O processo de normalização de todos os aspectos da vida social durante os últimos séculos foi decisivo para a generalização da normalidade (normatividade) como um modelo ideal. Segundo Miskolci (2002/2003), o uso do termo normal, na acepção atual, surge da intersecção do conhecimento sociológico e do médico. Ambos estavam imbuídos do mesmo interesse de medir, classificar e disciplinar os indivíduos para que estes se enquadrassem na normalidade. Normal vem de *normalis*, norma, regra. Normal também significa esquadro e, assim, etimologicamente, normal é aquilo que não se inclina para nenhum lado e, no sentido mais utilizado, o que se encontra na maior parte dos casos ou o que constitui a média numa característica mensurável.

O processo de normalização, normatividade, teve uma intenção disciplinadora, que se relaciona com o desenvolvimento do capitalismo e da sociedade burguesa. A Revolução Burguesa do século XVIII não marcou apenas a constituição de uma nova sociedade institucional, mas também a

invenção de uma nova tecnologia de poder baseada na disciplina. O projeto normativo burguês se assentou na norma como um princípio de qualificação e de correção ao mesmo tempo. Assim, a norma não visa excluir ou rejeitar, antes é a pedra de toque de um exame perpétuo de um campo de regularidade dentro do qual se analisa incessantemente cada indivíduo para julgar se ele é conforme a regra ou a norma hegemônica. (MISKOLCI, 2002/2003).

A normatividade, portanto, teve ação disciplinar direta sobre o corpo. Era sobre ele que se refletiam os diferentes saberes-poderes. O corpo foi sendo enquadrado dentro de inúmeras categorizações, mas as principais para nossa discussão são as que remetem aos mecanismos biológico-reprodutivos, que originaram a heteronormatividade, entendida como a correta prática sexual realizada entre sujeitos tidos por masculinos e femininos. As diferenças percebidas entre os sexos deram origem a diferentes relações sociais, fossem elas entre homens e homens, homens e mulheres, mulheres e mulheres. Mas primordialmente, o processo de normatização agiu sobre o sujeito, dotando-o de sexo, gênero e sexualidade.

Para o site, temos o sistema sexo-gênero delimitado em três componentes: feminino, masculino e transgênero (figura 30). Mas as práticas sexuais relacionadas a transgêneros não são nominadas, seriam as pessoas envolvidas nesses atos consideradas hétero, homo, bi? Afinal, se essas denominações são todas baseadas em um modelo binário, como incluir o elemento não-binário?

Para Preciado (2014, p. 25),

a natureza humana é um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade. O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa...) que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual.

Mas antes de falar de práticas sexuais, que visam a obtenção do prazer sexual, preciso reconhecer a importância do desejo. O desejo também opera com a linguagem. Opera com signos, significados e significantes. Nós desejamos aquilo que re/conhecemos e que tentamos revelar, são as práticas baseadas na epistemofilia do olhar.

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados

sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e codificar, organizar e regular sua conduta em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido a nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossa ‘cultura’. Contribuem para assegurar que toda ação social é cultural, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997, p.16, grifos do autor)

Portanto, se fomos “condicionados” a atrelar prazer a desejo, e desenvolvemos em torno do sexo toda uma regulamentação de saberes e poderes, desenvolvemos formas de categorizar os sujeitos a partir de sua sexualidade, a partir de seus desejos. Ressalto aqui que considerar a sexualidade como uma prática discursiva teve suma importância para que os saberes-poderes pudessem enquadrá-la dentro de determinadas relações. Foi através do ‘falar de si’ que percebemos e categorizamos o ‘diferente a si’.

Connell (2002) entende que o gênero é uma prática social que molda os corpos e o que eles produzem, e não uma prática social reduzida ao corpo. Sua presença constante na vida cotidiana é tão banal que parece natural. Entretanto, salienta que se fosse natural, as leis e o esforço social moral que orienta as pessoas e seus comportamentos sexuais não seriam necessários. O gênero é, então, uma condição exterior: “refere-se a uma estrutura de relações sociais centrada na esfera reprodutiva e no conjunto de práticas que trazem as diferenças, inscritas no corpo, para os processos sociais” (p. 10), onde a identificação de gênero guia as práticas sociais e a realidade de cada tempo por meio de saberes e significados socialmente construídos e reproduzidos no/pelo cotidiano.

O conflito que percebo nesse ponto é que nem sempre os seres humanos têm práticas sexuais de acordo com seus desejos. Como pode ser visto anteriormente, a prática sexual entre machos e fêmeas com funções meramente reprodutivas acabou originando a percepção de uma heteronormatividade, ou seja, que apenas essa forma de intercuro sexual chamada de heterossexual seria tida como normal. Mas os/as/xs profissionais do sexo, por exemplo, têm intercursos sexuais em troca de dinheiro, dessa forma, para muitxs, seu desejo é reservado ao espaço subjetivo e, no espaço profissional, se permitem ter práticas sexuais com pessoas pelas quais não sentem atração alguma. Além disso, nem todo o ato sexual se baseia em relações afetivas, existem os atos violentos (estupros, violências sexuais). E mais, existem as práticas sexuais que não exigem a presencialidade, bastando a interconexão e sincronização, o cibersexo.

O que pretendo dizer de forma clara é que a sexualidade pode ser dividida em dois principais aspectos: o desejo (a atração) e a prática. O desejo

acaba por delimitar a construção de identidades/identificações sexuais, sobretudo com aspectos políticos muito claros (que lutam contra a heteronormatividade: lésbicas, gays, os sujeitos denominados de homossexuais), já as práticas não são obrigatoriamente focadas no desejo.

Em suma, trabalho com a concepção de que seres humanos que têm relações afetivas (amorosas) de acordo com seus desejos sexuais deveriam ser reconhecidos como: homoafetivos, heteroafetivos, biafetivos, ou omni/pan-afetivos. Mas as práticas sexuais não passam necessariamente pela esfera do afeto e, portanto, as práticas podem ser homossexuais, heterossexuais, bissexuais ou omni/pansexuais. Assim, um homem heteroafetivo pode ter práticas homossexuais, uma mulher homoafetiva pode ter práticas heterossexuais.

Este é o caso da classificação 'bicurioso'; ao longo da observação participante, pude perceber que o site trata por 'bicurioso' aquele indivíduo que não se reconhece como homoafetivo, mas tem práticas homossexuais. Como meu universo é a categoria 'homens', posso afirmar apenas quanto a tais sujeitos, (antecipo um assunto que será melhor analisado quando eu falar das masculinidades), mas é possível perceber a heteronormatividade operando em tais sujeitos, na construção de suas sexualidades. É a negação da sexualidade tida por desviante. No cotidiano gays, essa questão pode ser percebidas com a utilização de termos como "broderagem", "gouinage", "g0y", ou seja, práticas homossexuais entre sujeitos masculinos que se reconhecem como heteroafetivos, mas fazem sexo com outros sujeitos masculinos sem penetração, afinal, ser penetrado é comumente associado ao sexo gay ou às mulheres.

Há ainda que dizer acerca do cibersexo enquanto práticas sexuais. Reconheço diferentes tipos de cibersexo verificados através do Cam4, pela perspectiva do *webcamer*:

- Onanismo interativo: as práticas masturbatórias individuais em que há interconexão, sincronização e interação visual, auditiva e/ou textual entre *webcamer* e observadorxs;
- Interação cibertecnológica: quando, nas práticas sexuais na *web*, aparelhos eletrônicos ligados ao computador estimulam o *webcamer* através de impulsos elétricos (mecanismos como 'Oh my bod', 'Lush' e 'Live touch', vibradores controlados à distância);
- Ciberménages (2+X): quando dois *webcamers* têm atos sexuais entre si e observadorxs interagem com os dois;
- Ciberorgias (>2+X): quando vários *webcamers* têm atos sexuais entre si e observadorxs interagem com os eles.

Figura 32 – Ciberorgias (>2+X).

The image shows a screenshot of a webcam stream on the website cam4.com. The main video area displays three men in a gym-like setting. One man is lying on a piece of equipment, while two others stand around him. The interface includes a chat window on the right with messages from users like 'strokenit - moderator' and 'gabriel_20a'. At the bottom, there is a donation bar for 'ENVIAR GORJETA' with a progress bar showing 'Total: 90' and 'Objetivo: 0'.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/twohotguys69, 10 de junho de 2014.

O que se destaca é a rigidez com que temos tentado enquadrar os comportamentos sexuais. São duas esferas em constante conflito: a interna e a externa, o reconhecimento subjetivo e o reconhecimento social. Tais disputas nos levam à questão da organização política das demais esferas sociais de um ser humano. O sexo, em suas três acepções vistas aqui (biológico, cultural e ato – desejo e prática), acaba sendo um dos principais elementos constitutivos dos sujeitos sociais. A dominação masculina sobre o feminino, a heteronormatividade que exclui outras práticas sexuais ou as coloca como desvio à norma, o ideário de ligação entre afeto e ato sexual, a pretensa ideia da existência de apenas machos e fêmeas, a concepção de que a reprodução sexual é a função básica do sexo, são alguns dos elementos discursivos utilizados pelos saberes-poderes para canalizar as potencialidades humanas para fins específicos: a manutenção de estruturas.

2.3. MASCULINIDADES: ZOOM | - 100% + | []

Os navegadores permitem a ampliação ou redução da página HTML que estivermos navegando. Ampliar ou reduzir, nesse sentido, serve para visualizar melhor os elementos contidos na tela. Por essa razão, vamos ampliar e reduzir a tela a fim de verificar as questões acerca das masculinidades.

A masculinidade não cai do céu; ela é construída por práticas masculinizantes, que estão sujeitas a provocar resistência [...] que são sempre incertas quanto a seu resultado. É por isso, afinal, que se tem que pôr tanto esforço nelas. (CONNELL, 1990, p. 90).

Como a masculinidade não ‘caiu do céu’, convém fazer um breve histórico de seu desenvolvimento enquanto tema, conceito e usos políticos. No âmbito acadêmico e espaços ligados à produção intelectual, surgiram grupos de homens buscando a reflexão, a partir das críticas feministas, sobre a sua própria condição no patriarcado, entendido como um regime de “dominação-exploração” das mulheres pelos homens (SAFFIOTTI; BONGIOVANI, 2007). Alguns destes homens reconheceram os hábitos masculinos de dominação, com algum sentimento de culpa em relação a tais práticas. Mas houve também muita divergência no debate sobre as masculinidades, tal como se observara no movimento feminista (GIFFIN, 2005).

A entrada dos homens nos estudos de gênero, enquanto sujeitos históricos, num contexto da crítica feminista, nos movimentos raciais da década de 1960 e do movimento gay, representaram uma grande contribuição para a desconstrução das teorias de papéis masculinos e femininos. Os discursos sobre o domínio masculino trouxeram discussões importantes sobre a identidade masculina, os problemas dos homens e debates sobre o arquétipo do homem universal, reduzido ao “poder perante as mulheres” (GIFFIN, 2005, p.55).

A noção de arquétipo com que se trabalha aqui é assimilada de Jung: conteúdos do inconsciente coletivo, imagens primordiais e universais. Segundo Jung: “As imagens arquetípicas são a priori tão significativas que o homem [ser humano] nunca pergunta o que, a rigor, poderiam significar” (JUNG, 1991, p. 19). Arquétipos, vistos dessa forma, seriam conteúdos psíquicos não submetidos a nenhuma espécie de elaboração consciente.

O antropólogo George Bateson (1965) estabeleceu os conceitos de feminilidade e masculinidade em um trabalho que analisava a construção simbólica da feminilidade e da masculinidade numa aldeia da Nova Guiné com o povo *Iatmul*. Bateson procurou esclarecer que as diferenças entre

homens e mulheres são a base de toda a estrutura social e da identidade cultural do povo *Iatmul*.

Malinowski (2003) publicou o livro *‘La sexualité et sa répression dans les sociétés primitives’*, em 1967, dando destaque a questão que configura socialmente homens e mulheres como sujeitos de gênero. O autor tratou das diferenças entre homens e mulheres através da cultura da sexualidade, analisando também relações como o namoro, casamento e família.

Joseph H. Pleck (1981), em *‘The Myth of Masculinity’*, analisou os homens sob outra perspectiva, considerando o caráter relacional da noções de gênero, com ênfase na masculinidade. Partindo da crítica dos ‘papéis do homem’ apresentados desde os anos 1930. Pleck identificou a representatividade do “paradigma papel sexual masculino”. Segundo Kimmel e Messner (1992), esta obra trouxe uma das mais importantes críticas à organização normatizada dos papéis sexuais masculinos, concluindo que a teoria dos papéis sexuais não seria capaz de apresentar as experiências dos homens.

Os primeiros a organizar e publicar um trabalho intelectual sobre a problemática da masculinidade foram Tim Carrigan, Robert Connell e John Lee (1985), com o artigo *‘Towards a New Sociology of Masculinity’*, em que criticaram a literatura existente sobre o papel sexual masculino e sugeriram um modelo de masculinidades em múltiplas relações de poder, incluindo a teoria de gênero num viés sociológico.

Em 1987, Connell publicou *‘Gender and Power’*, no qual explica seus conceitos de masculinidade hegemônica e feminilidade enfatizada. A partir da análise da construção do gênero masculino relacionado da sua identificação com a razão, Carrigan, Connell e Lee (1987) direcionaram os estudos das masculinidades para pesquisas sobre os novos conflitos da masculinidade, relacionados com as mudanças nas interações sociais e afetivas, principalmente nos homens de classe média, justificando que a construção de uma hegemonia faz parte de uma luta social mais ampla. Tais autores buscaram compreender o patriarcado através de outras perspectivas, que não apenas o poder patriarcal institucionalizado dos homens em relação às mulheres, analisando as hierarquias de poder entre distintos grupos de homens, influenciados pelas teorias feministas. Essa conceituação era uma crítica às formulações funcionalistas que restringiam a masculinidade às teorias dos papéis.

‘The Making of Masculinities’, de Harry Brod (1987), com uma análise a partir da construção social do homem, reconheceu a pluralidade da masculinidade sob variáveis como etnia, classe social e orientação sexual. Segundo o autor, na historicidade do *Men’s studies* são identificadas quatro

grandes influências: *Women's studies*, *Men's movement*, pró-feminista e mudanças dos papéis do homem.

Michael Kaufman publicou '*Beyond Patriarchy: essays by men on pleasure, power, and change*', também em 1987. Tendo como questão central o poder e as estruturas sociais de opressão, tanto na perspectiva heterossexual quanto homossexual, destacou o caráter mutável dos padrões de dominação e a necessidade de compreender a relação entre opressão individual e grandes estruturas baseadas na hierarquia. Nesta obra, ele considerou o fenômeno da "experiência contraditória do poder masculino", ou seja, apesar de possuírem privilégios e direitos negados às mulheres, esses privilégios e direitos também são causa da sua experiência individual de dor e sofrimento, motivos pelos quais sentimentos e necessidades devem ser suprimidos, originando uma tensão entre o ser 'macho' e ser 'masculino', causa da constante insegurança que os impulsiona para reações violentas.

A publicação de '*Changing Men - New directions in research on men and masculinity*', de Michael Kimmel (1987) trouxe discussões no meio acadêmico ao apontar a necessidade de repensar o estudo das masculinidades. Para o autor, o conceito de masculinidade não deveria ser mais utilizado como referência normativa mas sim como uma problemática da construção de gênero, reforçando a necessidade da investigação das masculinidades e das suas variações internas como etnia, faixa etária, classe social, orientação sexual, apresentando como sujeito histórico da masculinidade o homem "patriarca gentil": refinado, preocupado com a família, com a identidade intimamente ligada à propriedade de terras.

Em 1993, Kaufman publicou '*Cracking the Armor: Power, Pain, and the Lives of Men*', com olhar paradoxal e realista, sem vitimizar os homens, analisando as experiências contraditórias de poder e como se dá a participação na estruturação psicossocial dos homens no seu ciclo de vida.

No mesmo período, Victor Seidler (2009) publicou '*Recreating sexual politics: men, feminism and politics*', livro no qual via a masculinidade como expressão de uma independência e autossuficiência masculina. Seidler argumentava que a competição masculina na esfera pública favorecia o apagamento das necessidades e sentimentos masculinos. A ênfase na razão, para a construção da identidade masculina, era apresentada como consequência negativa por desvalorizar as relações pessoais e suas afetividades e emotividades. Seidler (2009) teorizou também sobre a necessidade de uma consciência do seu sexo, realizando uma análise do masculino e cruzando-a com diversas variáveis como idade, orientação sexual, etnia, classe.

Em 1990, Robert Bly publicou '*Iron John: A book about men*', um conto mítico sobre ligação do masculino e psicologia popular. Nele falava da

“perda” do masculino e da luta para retomar a verdadeira masculinidade usando poesia e arquétipos literários do herói, amante, sábio e guerreiro. A obra faz uma defesa de masculinidade nos modelos mais conservadores, clamando um ideal de “verdadeira masculinidade”, dizendo o oposto do que as obras anteriormente citadas argumentavam.

O sociólogo Pierre Bourdieu, nos anos 1990, publicou sua tese sobre a “dominação masculina”, mencionando a vantagem masculina nas relações de gênero, sobretudo por uma perspectiva simbólica. O autor (2005) defendia que a dominação masculina seria uma forma particular de “violência simbólica”, já que o poder impõe e legitima significações, dissimulando as relações de força que sustentam a própria força. Assim, para ele, as relações entre gêneros são compreendidas através do conceito de “trocas simbólicas”, onde a mulher é objeto de troca, reproduzindo o capital simbólico destes homens e sua dominação masculina.

É preciso destacar que surgiram alguns movimentos masculinos defensores da ideia que o papel sexual masculino era opressivo também para os próprios homens. Entre eles, o *Men's Liberation*, movimento que emergiu em 1975 (MÉNDEZ, 2001) e que tentava resgatar a masculinidade “perdida”, já que os modelos vigentes estavam arcaicos e ultrapassados. No mesmo período, surgia o *Men's Studies* e o conceito de gênero ganhava força no ativismo e na academia.

Concomitantemente com os *Men's Studies*, conhecidos especialmente nos meios acadêmicos anglo-americanos, uma nova corrente dos estudos da masculinidade surgiu no fim dos anos 1990, o *Critical Studies on Men*. Jeff Hearn (1997), acreditava que o termo *Men's Studies* era “impreciso e politicamente perigoso” e que transmitia a ideia que eram estudos equivalentes aos “*women's studies*”. Dessa forma, o autor considera que o *Critical Studies on Men* une os estudos críticos sobre homens, podendo ser feitos por homens ou mulheres, e que problematizam o conceito de homem, os seus processos de construção e a epistemologia de tal estudo.

Desenvolvendo outros discursos sobre a masculinidade, os direitos dos homens e a condição masculina, estas novas formas de analisar a masculinidade desafiaram as construções do antropocentrismo e buscaram instaurar outras formas de posicionamento masculino frente às mudanças conquistadas pelas mulheres. Por tal razão, tanto o ativismo como a teoria da masculinidade estão suplantados na lógica feminista (Connell, 2005).

Kenneth Clatterbaugh (1998) diferenciou algumas abordagens ocorridas nos anos 1990 nos Estados Unidos da América: Conservadores, Pró-feministas, *Men's rights* - Direitos dos homens, Mitopoética ou Espiritual, Socialista e Grupos Específicos ou Diversidade. Tais percepções são corroboradas pelos estudos de Valdés e Olavarria (1997) na América Latina.

Connell (2005) avaliou, no entanto, quatro enfoques principais nos estudos da masculinidade: o essencialismo, o positivismo, o normativo e o semiótico: 1. O essencialismo determinou a masculinidade como um conceito universal baseado na sucessão biológica, ou seja, um núcleo do masculino universal, a masculinidade; 2. O positivismo tratou o masculino como uma estrutura única, definindo uma identidade padrão onde a masculinidade é o que os homens devem ser; 3. O normativo também buscava definir o que os homens deveriam ser, mas reconhecia as diferenças entre os indivíduos; e 4. O semiótico definiu a masculinidade através de um sistema de símbolos diferentes no qual os espaços masculinos e femininos são contrastantes, sendo a masculinidade definida como o não feminino.

Connell (2005) alertou que estas correntes de investigação não conseguem produzir uma ciência sobre a masculinidade, pois o conceito não pode ser percebido como um objeto coerente já que não é estático nem imutável.

Oliveira (1998), restringiu ainda mais a classificação dos estudos da masculinidade: 1. O discurso de vítima do masculino, em que a masculinidade é entendida como um conjunto de fatores sociais e psíquicos que resultariam em dor, sofrimento e angústia. Essa perspectiva baseou-se na psicologia e recorre à teoria dos papéis para a explicação de uma condição masculina. Existindo nesse discurso, segundo Oliveira, uma naturalização da dominação; 2. O discurso crítico: que considera a dinâmica das relações sociais e a dinâmica de poder que as estrutura. Esse discurso reconheceu os privilégios do homem e a opressão da mulher, se associando com a crítica feminista.

A discussão sobre o homem, gênero e a contemporaneidade surgiu com ênfase nos anos 1980 nos países anglo-americanos, através de trabalhos sobre a construção social da masculinidade. Sendo estudos realizados por homens que se identificavam com o movimento feminista e com as questões de gênero. Neste âmbito o termo *Men's studies* foi definitivamente abandonado em favor do *Masculinity Studies* ou Estudos da Masculinidade. Já que o estudo da masculinidade é mais abrangente e compreende a masculinidade como uma construção social.

Hodiernamente, uma das principais questões levantadas pelos estudos críticos sobre homens e a masculinidades é entender como ocorre a construção, produção e reprodução das masculinidades, visto que estas são passíveis de modificações ao longo do tempo e em função de cada cultura. A linha teórica mais comum nestes estudos é o construcionismo. A hipótese construcionista surgiu em resposta ao essencialismo – fundado na crença de que a sexualidade e o gênero são biologicamente determinados e baseados

também na teoria dos papéis (pautados na visão binária da construção dos gêneros).

Almeida (2000) pontua três tendências em relação aos estudos de gênero: 1. A teoria da prática, preconizada pela crítica ao marxismo ortodoxo; 2. Os modelos de relação entre estrutura e práticas, desenvolvidas por Bourdieu (1983; 2005) e Giddens (2001a); e 3. A análise contextual do *self*, da ação pessoal e da intersubjetividade.

Para Connell (2005), considerar os homens como objetos exclusivos dos estudos da masculinidade acarreta em sérias consequências teóricas e políticas, pois reforça o binarismo que tem sido amplamente criticado pelos feminismos e Estudos de Gênero. Amâncio e Vidigal concluíram que “masculinidade e feminilidade constituem formas de pensar, dizer e fazer, socialmente construídas em diversos planos da vida em sociedade, incluindo o das relações entre homens, entre mulheres e entre homens e mulheres.” (2004, p. 10).

Connell definiu masculinidade como sendo “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”, e destacou que existem “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade”. Devido a esta pluralidade, não se deveria falar em “masculinidade”, mas em “masculinidades” (CONNELL, 1995b, p. 188). Dentre as inúmeras masculinidades, uma seria considerada como sua forma “hegemônica”, correspondendo a um ideal cultural de masculinidade. Além desta forma de masculinidade, existiriam outras que manteriam relações de subordinação, aproximação ou de marginalização em relação à hegemônica (CONNELL, 1997, p. 39-43; 1987; 2000).

2.3.1. Masculinidades hegemônicas

Num determinado momento, uma forma de masculinidade, ao invés de outras, é culturalmente exaltada. Masculinidade hegemônica pode ser definida como uma configuração de prática de gênero a qual incorpora a resposta atualmente aceita para o problema da legitimação do patriarcado. O qual garante (ou é levado a garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres (CONNELL, 2005, p.77).

A masculinidade hegemônica foi conceitualizada por Connell (2005) como uma configuração de gênero que incorpora a legitimidade do patriarcado e tenta garantir posições dominantes para os homens e de

subordinação para as mulheres. O conceito classificava o grupo masculino cujas representações e práticas constituem a referência dominante, socialmente legitimada, para a vivência do masculino em cada sociedade. Seria uma forma de pensar a “organização social da masculinidade” (Connell, 2005) e difere do processo de dominação masculina (Bourdieu, 2005) por não recorrer à violência. A socióloga inspirou-se no conceito de “hegemonia” do pensador marxista Antônio Gramsci para enquadrar a sua proposta teórica. O conceito de hegemonia formulado por Gramsci (2005), ao analisar as classes sociais, referiu-se à tomada e manutenção de uma posição de liderança de um indivíduo ou grupo sobre os demais. A hegemonia é vista por Connell e Messerschmidt (2013) como uma relação historicamente móvel, pois em determinado momento uma forma de masculinidade é exaltada em detrimento as outras.

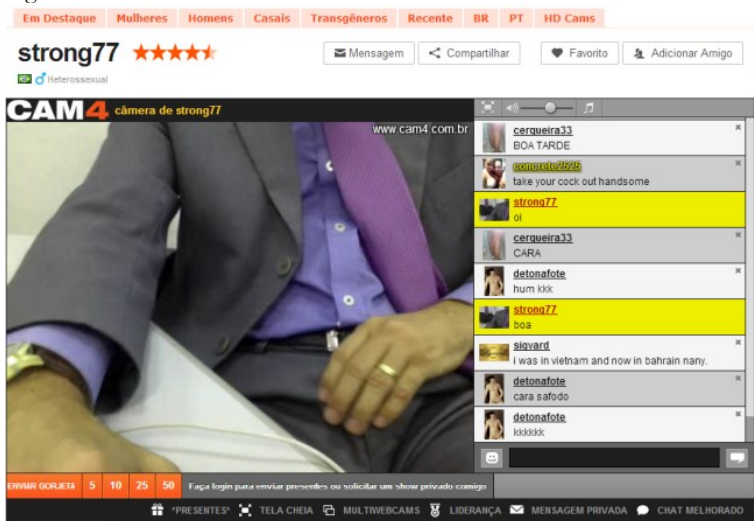
O termo “hegemonia”, emprestado de Antonio Gramsci, não designa a masculinidade da maioria dos homens, e sim aquela soberana na sociedade. Diferencia-se da noção de dominação por não fazer uso, necessariamente, da força bruta. Uma hegemonia de fato efetiva depende de certo consenso ou participação dos grupos subalternos (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.77).

A masculinidade não é estática, fossilizada; é sustentada por estruturas e normas sociais, sendo a heterossexualidade uma das partes fulcrais da hegemonia no contexto ocidental. A masculinidade hegemônica teve como referência o patriarcado, já que no âmbito das relações de gênero se configurou como processo dominante dos homens e de subordinação das mulheres (CONNELL, 2005, p.77).

Este modelo foi (e é) considerado como quase inalcançável, mas exerce uma grande pressão sobre o universo masculino (BARRETO JANUÁRIO, 2009). Pode-se dizer que esta masculinidade ‘padrão’ é encarada como imanente do homem branco, ocidental, financeiramente estável e heterossexual (CONNELL, 2005; KIMMEL, 2008; ALMEIDA, 2000).

Há que destacar, como visto da figura abaixo, que muitos *webcamers* usam alianças de ouro, que tem sua simbologia atrelada ao casamento cristão. Se são casados ou não, não sabemos, mas usam das relações de poder que instituem o casamento como marco de heterossexualidade (SILVA, 2013).

Figura 33 – Casamento e heteronormatividade.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/strong77, 25 de março de 2015.

Para Matos (2000), a pré-existência do conceito de patriarcado que na perspectiva dos estudos de gênero já abarca a noção de hegemonia defendida por Connell (2005). A autora justificou o caráter teórico e conceitual bem estruturado sobre a cultura patriarcal já existente partindo do trabalho de Sylvia Walby (1990) na obra “*Theorizing Patriarchy*”. Ao explicar as relações hierárquicas entre os gêneros, Walby (1990) afirmava que o patriarcado é formado por cinco elementos estruturais: 1. O modo patriarcal de produção, ou seja, o trabalho doméstico era desempenhado pela mulher enquanto o homem se encontrava na esfera pública; 2. As relações do patriarcado no trabalho remunerado na qual, por exemplo, a mulher recebia (recebe) remunerações inferiores apesar de ter funções equivalentes; 3. As relações patriarcais no Estado, pois com a luta e conquista feminista foram conseguidas alterações nas leis mas que não se concretizam no plano prático das relações; 4. A violência masculina; e 5. As relações do patriarcado com a sexualidade, campo em que as mulheres são penalizadas com limitações e normas não extensivas aos homens (WALBY, 1990, p.39).

2.3.2. Masculinidades cúmplices

Segundo Connell (2005), as masculinidades cúmplices caracterizam-se por atitudes de acomodação aos benefícios do sistema patriarcal. É a

masculinidade através da qual os homens se identificam com práticas da masculinidade hegemônica, mas não cumprem, a rigor, todas essas práticas (ALMEIDA, 2000). Isto é, percebem e desfrutam de algumas vantagens do patriarcado sem defenderem publicamente tal posição. De forma a elucidar melhor essa perspectiva, cito como exemplo os homens empregados em alguma empresa que ganham mais do que mulheres exercendo o mesmo cargo. Tais sujeitos não possuem os meios de produção e também vendem sua força de trabalho assim como as colegas mulheres, mas não se importam com o fato de que elas recebam menos, e defendê-las implicaria ou em ganhar menos ou ser demitido, sendo assim, desfrutam de vantagens sem questioná-las ou refutá-las.

2.3.3. Masculinidades subordinadas

Connell (2005) conceitualizou a masculinidade subordinada através da existência de relações específicas de dominação de gênero entre grupos de homens. A subordinação foi usada pela autora no sentido da dominação heteronormativa, com a desvalorização de sujeitos homoafetivos e práticas homossexuais. Nas relações de subordinação e dominação incluem-se a violência e a discriminação econômica e social. Segundo Connell (2000) o exemplo mais notável de masculinidades subordinadas nas culturas europeias e da América do Norte foi o da masculinidade gay (2000, p.30). Contudo, tal discriminação não se concentra apenas na homossexualidade. A autora afirmou que os heteroafetivos também podem ser excluídos do círculo da legitimidade, dependendo da posição econômica e social que ocupem. Aquilo que é tido como simbólico na masculinidade subordinada aproxima-se do simbólico da feminilidade (2005, p.79).

Sobre isto Welzer-Lang (2001) esclareceu que a política normativa que defende a heterossexualidade, à qual se soma uma natureza homofóbica, é produzida com a definição da superioridade masculina. E assim, é reiterada e autorizada socialmente pelo que ‘deve’ ser a sua performance sexual, por aquilo que caracteriza um homem tido como “normal”, através da virilidade, seja marcada nos corpos como aparência física ou como suas práticas.

Como discutem Almeida (2000) e Lanzarini e Machado (2010), a masculinidade contra-hegemônica se refere à construção e experiência de formas de masculinidades divergentes da heteronormatividade; e que tem como principal representante a homossexualidade.

2.3.4. Masculinidades marginalizadas ou subalternas

[...] a marginalização é sempre relacionada à autorização da masculinidade hegemônica do grupo dominante. Assim, nos Estados Unidos, atletas negros específicos podem ser típicos exemplos da masculinidade hegemônica, mas a fama e o dinheiro destes super astros não têm efeito benéfico: eles não refletem uma autorização social para os homens negros em geral. (CONNELL, 2005, p.81).

As masculinidades marginalizadas englobam todos os indivíduos do sexo masculino que não se encaixavam nas normas da masculinidade hegemônica (CONNELL, 2005; KIMMEL, 1987; ALMEIDA, 2000). A marginalidade diz respeito às relações de poder que a masculinidade hegemônica exerce sobre as demais masculinidades. Esta forma de masculinidade é inferiorizada devido à condição subordinada de classe social ou etnia. A marginalização é produzida nos grupos explorados ou oprimidos que podem compartilhar muitas das características da masculinidade hegemônica, mas que são socialmente desautorizados. A argumentação da autora foi a de que a relação entre marginalização e autorização pode existir também entre masculinidades subordinadas (CONNELL, 2005, p.81).

Connell (1997) agrupa as definições existentes de masculinidade em quatro conjuntos. O primeiro deles diz respeito a um determinado atributo, tido como essencial, e do qual se estabelecem hierarquias, os mais próximos e os mais distantes. Um dos principais atributos que destaco é o da “atividade” (no sentido de ativo, aquele que exerce a ação), tomada muitas vezes como força física, força moral, coragem, ser ativo na relação sexual (aquele que penetra). Um segundo conjunto de definições enfatiza que a masculinidade é aquilo que os homens “realmente são”, e esses dados seriam encontrados a partir de uma pesquisa “isenta” e “científica” que serviria para a construção de uma regra padrão (um trabalho “utópico”, afinal somos atravessados por elementos subjetivos constantemente e regras padrões perdem a validade na inter-relação tempo-espaço). No terceiro grupo, teríamos as definições que dão ênfase à “normatividade”, lidando com a noção de modelo, ou como os homens “deveriam ser”, a teoria dos papéis sexuais e os papéis de gênero operam sob essa lógica. E o quarto conjunto de definições ancora a masculinidade a um sistema simbólico, que opera produzindo diferenças entre os lugares do masculino e do feminino.

Em resumo, eu poderia afirmar que todos os conjuntos de definições sobre masculinidade/masculinidades têm estreita ligação uns com os outros, com a incidência do processo de normalização e podemos ver nos *webcamers*

(*tips* ou não) do site Cam4; basta observar que, em sua grande maioria, os homens que se exibem constroem suas representações com elementos ligados a atividade (virilidade associada com muscularidade e tamanho peniano). Porém, considerar tanto os discursos da normalidade, ou os das masculinidades, como estratégias de sucesso e sem forças contrárias seria negar que, ao construir as representações, os sujeitos masculinos têm a possibilidade de vivenciar sua subjetividade com uma relação de expressão e criação, produzindo o processo de singularização. Seria ignorar a singularidade de suas identificações.

A manutenção da masculinidade hegemônica não pode ser pensada como elaboração orquestrada e consciente de um grupo de homens nela interessados. Trata-se antes de uma complexa trama de situações e condições que a favorecem mais ou menos, dependendo das circunstâncias. Esse tipo de análise enfatiza a idéia de que as estruturas de poder não podem ser tomadas como definitivamente estabelecidas, mas sim como ajustadas a uma dinâmica na qual a busca de sua legitimação e o autovelamento de suas características históricas procura fixá-las como coisas naturais e eternas, de tal forma que se tornem a - históricas. (OLIVEIRA, 1998, p.104).

Assim, reconheço a singularidade marcada em suas sexualidades. No Cam4, muitos representam-se como *viris*, mas cada um delimita sua sexualidade da forma que lhe importa: heterossexual, gay, bissexual e bicurioso. Essa delimitação, ainda que parta da estrutura da plataforma que oferece apenas essas 4 possibilidades, é fundamental para a instituição de filtros, os quais delimitam a busca de observadorxs.

A cibervirtualidade age de maneira confusa sobre essas noções, ora reforçando os limites da pesquisa (quando, por exemplo, o site delimita as sexualidades envolvidas no cibersexo), ora bombardeando essas mesmas noções, por vezes com a observação de práticas sexuais distintas da classificação escolhida pelo *webcamer* ou, sobretudo, quando vemos a enorme fluidez daquilo que entendemos por desejo-prática do ato sexual (quando, por exemplo, o *webcamer* interage com observadorxs sobre os quais ele não tem informações, tais quais sexo-gênero e sexualidade).

Dessa maneira a masculinidade é percebida como elemento de consumo, servindo como vínculo primário entre as noções do cibersexo percebidas nos homens no Cam4. Pode-se entender as masculinidades como embalagens de um produto semelhante, escolhidas as embalagens, o

consumo do produto segue a lógica interna das práticas do cibersexo, com variantes relacionadas às subjetividades dos sujeitos envolvidos.

Pode-se dizer que diferentes masculinidades se produzem no mesmo espaço social: seja no grupo familiar, no território de moradia, grupo cultural, étnico, religioso, grupo aquisitivo, pela sexualidade, mesmo ciberespaço da *web* e outros. Dessa forma, a construção da masculinidade de cada homem se faz sempre constante e reforçada, por vários meios e mecanismos, mas ao mesmo tempo com uma pluralidade nos modos de vivenciar a masculinidade em seu cotidiano, representados pelos tipos específicos que cada homem encontra ao produzir sua própria trajetória masculina diariamente, suas representações e identificações. Estes modos particulares podem ter maior ou menor prestígio e dependem de um complexo jogo de fatores, e porque não dizer 'saberes-poderes'. A identificação masculina que tem maior concentração de privilégios, num dado sistema de relações de gênero, será considerada como a forma de masculinidade hegemônica.

O que pude constatar na minha incursão etnográfica no Cam4 é que certos elementos relacionados a corporeidade são os mais constantes nas representações visuais dos *webcamers-tip* com maior número de observadorxs: a muscularidade, a juventude, o tamanho do pênis.

Uma forma possível para compreender o corpo e as práticas corporais é tomá-los como parte do universo dos símbolos e da comunicação. Partes do corpo, posturas, gestos, contatos, interação corporal, remetem a conteúdos implícitos, são significados de elaboração secundária, com propósitos não necessariamente corporais. (ROCHA; RODRIGUES, 2012).

Cabe lembrar que a definição do padrão de masculinidade hegemônica para muitos autores e autoras, com características ligadas à violência e dominação pela força física, passa pela definição do diferente, ou seja, aquilo que não é masculino; e como se convencionou trabalhar com a noção polarizada de sexo-gênero na sociedade ocidental moderna, o que não for masculino é feminino, afeminado, feminilizado. O feminino na mulher é valorizado, embora tenha sido organizado socialmente hierarquicamente inferior ao masculino. Mas o efeminado, quando encontrado no homem, é visto de forma mais inferior do que o feminino da mulher. Uma hierarquia bem clara se desenvolveu: 1. Homem masculino, 2. Mulher feminina, 3. Homem feminino e mulher masculina. Características que em inúmeras situações se misturam e se confundem com a sexualidade dos envolvidos.

Talvez aqui seja necessário esclarecer os motivos que me levaram a categorizar sexo e gênero anteriormente. Se as diferenças percebidas entre os sexo originaram as relações de gênero, considerar apenas dois sexos biológicos (masculino e feminino) tem suma importância para a manutenção

dos mecanismos de poder com os quais lidamos, os chamemos de CMI (Capitalismo Mundial Integrado) como fez Guattari e Rolnik (1986), ou não. Segundo Butler (2003), aceitar o sexo como um dado natural e o gênero como um dado construído, determinado culturalmente, seria aceitar também que o gênero expressaria uma essência do sujeito. Laqueur (2001) elucida que foi a partir das diferenças reconhecidas entre os gêneros que foram construídas as diferenças entre os sexos, essencialmente o feminino e masculino.

Portanto, em uma tentativa de bombardear tais mecanismos, sempre considerando que os sujeitos são descentrados, reafirmo que eu considero a existência de mais de dois sexos e dois gêneros. Portanto, o que estou tentando dizer, é que o primeiro mecanismo capaz de refutar tais considerações é considerar as novas diversidades, considerar os novos sexos e os novos gêneros como possíveis, como possibilidades práticas a partir das quais os sujeitos se constroem, mesmo que masculino e feminino ainda sejam tomados como referência.

Devemos sempre considerar que não existe uma relação direta entre sexo e gênero, de forma que eu não poderia afirmar que os gêneros são formados diretamente dos elementos culturais dos sexos, ou vice-versa. A complexidade é muito maior, intersexos ainda não tem um gênero com o qual operar e a língua portuguesa teria que sofrer modificações para que conseguíssemos reconhecer um novo gênero, muitas pessoas transex brincam com a linguagem nesse sentido, se tratando ora no masculino, ora no feminino. Enfim, o que cabe ressaltar é que vejo nesse reconhecimento de conceituações não polares a possibilidade do início de uma nova dispersão de saberes-poderes. Além de que, se a representação visual do *webcamer* e suas práticas sexuais interacionais se tornam produtos, qualquer uma das possíveis variações citadas pode ser encontrada sob a ótica de observadorxs, ainda que o site classifique os seres apenas como femininos, masculinos e transgêneros.

Butler argumentou que, ao contrário do que defendiam certas teorias feministas, o gênero seria um fenômeno inconstante e contextual, que não denotaria um ser substantivo, “mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (2003, p. 29), argumentação semelhante à de Connell (1995a) sobre as Masculinidades.

Considerando também que a definição de masculinidade hegemônica para muitxs autorxs implica em representar-se como um homem ativo e dominante, que se esforça para manter-se longe de atributos antagônicos, passivo e submisso, noto que as *webcams* servem ora a favor e ora contra tal hegemonia. Vão ao encontro quando servem como uma das estratégias de

criação, inserção e manutenção de um modelo corporal masculino, mitificando e corporificando a atividade, sob a característica de força física transmutada em muscularidade. E vão de encontro quando explicitam atos sexuais diferentes do comumente atrelado à masculinidade hegemônica, a heteronormatividade, indicando a possibilidade de práticas homossexuais (quando mais de um *webcamer* na mesma *cam*) ou práticas tidas por homossexuais, como introdução de algo no ânus (quando sozinho).

Figura 34 – Héteros com práticas homossexuais.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/lucasxxxnick, 01 de maio de 2014.

No exemplo acima, podemos ver os dois *webcamers* (Lucas e Nick) tendo contato sexual com mais um sujeito. Esse perfil é emblemático para questionar a interferência da heteronormatividade na identificação dos sujeitos, afinal, pode verificar práticas homossexuais apesar de se autorrepresentarem como heterossexuais. Além disso, no perfil dos sujeitos, no ‘Questionário de sexo’ (elemento que o site disponibiliza na construção de perfis), notamos uma incoerência entre a sexualidade indicada e o desejo dos *webcamers*: “Qual é a pessoa com quem você mais gostaria de ter [sic] sexo? - Metade dos garotos da Belami! ;)” (“Half of the Belami boys”,

tradução minha). Belami³⁷ é um *website* de filmes pornográficos gays com grande participação de atores pornô de países norte-europeus, ou seja, o sujeito que respondeu ao questionário quer ter práticas homossexuais.

Figura 35 – *Webcamer* com práticas anais.

The screenshot shows the Cam4.com interface for a webcammer named 'sausage20'. The main video feed shows a person's legs and buttocks. The chat window on the right contains the following messages:

- sausage20: if tipers want to i can get white boxers
- pad999: oh say YES tipers!!! please!!!
- phimul: helle show us your cock please
- hoops4life: age 20 height 6 9 (208cm) basketball player p broadcast: :))
- modrispa: mmmmmmmmmmmmmmmmm
- pad999: mmmmmmmmmmmmmmm
- trevor1: wow
- pad999: wwwwww

At the bottom of the page, there is a 'GOLETS' (tokens) section with a goal of 300. A red box highlights the text: 'cock every25tok - ass at100 - asshole 150 - naked 200 - cum at goal'. Below this text, it says 'Última atualização 43m atrás'.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/sausage20, 16 de setembro de 2014.

Na figura acima é possível observar algo muito comum de ser visto no comportamento de *webcamers* solos, ao estipular o que farão a cada quantia de fichas recebidas, é muito comum que indiquem algo relacionado com as nádegas ou ânus: “Pau a cada 25 tokens – rabo com 100 – cu 150 – pelado 200 – gozada na meta [300]” (tradução minha). Como já dito, segundo Sáez e Carrascosa (2011), a separação entre sujeitos masculinos homossexuais e heterossexuais se baseia fortemente em práticas sexuais masculinas que envolvem o ânus, distinguindo assim uma prática viril de uma não viril. Para Grossi (2004, p.8), “É incrível como as nádegas [...] são poderosas [...] para um homem ser o passivo”.

³⁷ “This is a gay porn website and contains explicit sexual material of really cute men having hardcore gaysex”, disponível em: <www.belamionline.com>. Acesso em 10 de maio de 2015.

Uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo. Ser ativo, no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o. [...] Na cultura anglo-saxã, dois homens que praticam relações afetivas e sexuais são considerados homossexuais, enquanto que no Brasil não: um homem que é homem, deve inclusive comer uns “veados”, pois o que o faz ser considerado homem é a posição de atividade sexual, de penetração. Na nossa cultura, a atitude considerada ativa é a penetração sexual. (GROSSI, 2004, p.6)

Há que se destacar algo que trato como “o *boom* dos bis”, ainda que minhas intenções não tenham sido quantitativas, é muito perceptível na minha amostra, que a maior parte dos sujeitos observados se classificam como bissexuais ou como ‘bicuriosos’ (uma categoria mais recentemente desenvolvida pelo site). De 2009 (momento em que observei o site pela primeira vez) até 2011 (momento em o site sofreu a primeira alteração de sua plataforma com a inserção de *tips* e a criação do CAM4Bucks), as orientações sexuais eram divididas entre Heterossexual, Gay, Bissexual e Desconhecido (caso a pessoa não preenchesse esse item no perfil), mas já em 2011 pude observar a inserção dos Bicuriosos. Não há como dizer como essa categoria surgiu para o site, ao menos eu não consegui encontrar uma justificativa dentro seus *links*, além do fato de encontrar sujeitos classificados como “desconhecidos” quanto à sua sexualidade. O que posso inferir é que, assim como pode ser percebido em incursões etnográficas em chats gays (MISKOLCI, 2013), ou em aplicativos de celulares para encontros homoeróticos (SALDANHA, 2017), há muito das regras que Sedgwick(2007) definiu como “armário”, ou seja, dispositivos de controle da sexualidade que regem e mantêm a divisão binária hétero-homo da sociedade ocidental, desde fins do século XIX. Ele se caracteriza por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas que faz do espaço público sinônimo de heterossexualidade, relegando ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo, baseadas no segredo.

Para práticas homossexuais, as possibilidades seriam o armário (visando o segredo, não tornar público tal ato) ou o meio gay, as regiões morais denominadas de guetos gays (LEVINE, 1979 apud PERLONGHER, 2005).

Para Miskolci (2013),

O armário é um regime de controle da sexualidade culturalmente criado e subjetivamente incorporado

por meio do aprendizado social de quais relações são reconhecidas e visíveis no espaço público e quais são punidas ou, na melhor das hipóteses, toleradas apenas quando restritas à invisibilidade e ao privado. A interpretação do armário como opressão externa a desejos individuais autônomos persiste devido à dificuldade em compreender que ele é um sofisticado regime social de controle da sexualidade que depende da adesão dos próprios sujeitos, os quais, como membros de uma cultura, não detêm o poder de recusá-la a partir de uma decisão individual. Além disso, em nossa sociedade, o armário mantém a doxa corrente que vê o desejo sexual como sendo necessariamente dirigido apenas a um ou outro sexo. Trata-se de um termo já antigo que alude a um conjunto de normas e convenções sociais que classifica e hierarquiza as relações como lícitas ou ilícitas, puras ou impuras. (p.316)

Dessa forma, a classificação de 'bicurioso' pode ser vista também como a negação de uma homoafetividade e de identificações homo-orientadas, mas a confirmação de práticas homossexuais. É a negação de uma identificação gay (público), mas o gozo de seus prazeres (privado), ou ainda, o medo de perder algum privilégio dado à masculinidade hegemônica (heterossexual) e ser realocado em alguma masculinidade subordinada (bissexual ou gay).

Jacques Le Goff, em *A recusa do prazer*, exemplifica ao dizer que “a limitação da vida sexual ao quadro conjugal, a condenação do aborto, a reprovação da ‘paixão amorosa’, o descrédito da bissexualidade” estavam ligados ao fato de algo novo e urgente: “a aproximação do fim do mundo que exige a pureza” (1992, p.150-161).

Entretanto, para muitos teóricos parece que o modelo de Connell pode ser reduzido a um modelo binário, em que se teriam masculinidades hegemônicas e não-hegemônicas. Passaríamos a ter dentro do “polo não-hegemônico” masculinidades subalternas e marginalizadas juntamente com masculinidades cúmplices, sendo que estas, embora fora da posição de “hegemonia”, revalidam tais valores, o que parece ser o principal destes três tipos de masculinidade é o fato de não serem enquadradas na categoria de “masculinidade hegemônica”. Connell refutou das críticas ao escrever “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”, em 2013, pois para ela, as masculinidades cúmplices e subordinadas passariam pela ordem do gênero, já as marginalizadas seriam ligadas aos conceitos de classe, raça e etnia. E isso impediria a redução a um modelo binário.

Se considero que a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação, e os sujeitos vivenciam a subjetividade com uma relação de alienação e opressão ou uma relação de expressão e criação, preciso considerar que ao corporificar sua representação dentro dessa nova visão de compleição corpórea hipertrofiada (muscularidade), os homens pouco vivenciaram a subjetividade de forma criativa, de forma que as máquinas de expressão de natureza extrapessoal (como as mídias e seus veículos) têm uma força inegável na transmissão de modelos de representação. Assim, onde poderia estar a apropriação criativa dos *webcamers*? Será que a construção de identidades masculinas, de minorias ou majorias, não passou por uma transformação mais complexa? A masculinidade hegemônica não é alterada em função de alguma não-hegemônica, de uma forma aparentemente ‘naturalizada’?

2.3.5. Vaidade, corpo e virilidade

Como pudemos ver, na origem dos estudos preocupados com a evolução humana, no século XIX, a reflexão sobre a masculinidade foi pautada por modelos naturalistas, delimitados pela existência do se convencionou chamar de pênis, que consideraram a masculinidade uma espécie de consequência biológica na formação do machos humanos.

Assim, através dos discursos sociais e científicos, foi institucionalizado o ideário de que o comportamento e personalidade dos homens seriam originados pela sua biologia e por atributos físicos relacionados a ela (força, coragem, virilidade).

A Psicanálise foi a primeira área a questionar essa noção de masculino do pensamento naturalista, através dos estudos de Freud (1924), que conceitualizou o “Complexo de Édipo”. Através dele, defendeu que a masculinidade é constituída a partir das relações parentais. A partir do mito grego de Édipo, na tríade pai-mãe-filho, o teórico organizou seu pensamento de maneira que o processo de formação da masculinidade de uma criança do sexo masculino ocorreria através do medo da castração pelo pai em represália pelo seu desejo pela mãe. O Complexo de Édipo, desta forma, só chegaria ao fim quando o menino se reconhecesse enquanto desligado da mãe, tendo acesso ao mundo masculino da virilidade, vinda apenas do pai.

Ao analisar a masculinidade, Lacan (1998) utilizou da perspectiva psicanalítica desenvolvida por Freud dividindo-a em três partes: a relação mãe-filho; a relação mãe-filho-pai e o fim do complexo de Édipo. Após o afastamento da mãe, a identificação do filho com o progenitor era explicada pela semelhança anatômica dos dois, através do pênis. Por conta das relações

parentais, havia uma naturalização da distinção dos papéis sexuais. Para Lacan, o *phallus* ou falo é um elemento simbólico com função significativa “destinado a designar em seu conjunto os efeitos de significado” (1998, p. 690), sendo elevado à condição de diferença sexual e desejo. Para o autor, a mulher também era possuidora de um falo simbólico; mas no momento em que permite ser penetrada numa relação sexual, abre a mão do seu falo em favor da legitimação do homem que a penetra. Dessa forma, o ato de penetração incide sob a ideia de poder, ou seja, trata-se de uma hierarquia de dominação e submissão onde a relação atividade/passividade preconiza a construção do ser homem, defende Lacan. Devo destacar que, nos “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” escrita em 1905, Freud revisou criticamente as teorias que caracterizavam a atração pelo mesmo sexo como perversão. O psicanalista introduziu o conceito de bissexualidade psíquica contribuindo para a desbiologização da sexualidade.

A Revolução Francesa e o Iluminismo trouxeram o debate sobre a cidadania e o direito dos cidadãos. A noção de igualdade da Revolução Francesa foi determinante para as mulheres deixarem de ser um “homem imperfeito” e ganharem *status* enquanto sexo e corporeidade própria (VILLELA; ARILHA, 2003, p.103). Contudo, esse debate originou novas justificações para os “lugares” do masculino e do feminino, estabelecendo-se a política da diferença e do determinismo biológico. Assim, o poder da procriação recaiu sobre os homens, livres no espaço público e detendo o controle da família, deixando para as mulheres o espaço do lar e a tarefa de criar os filhos.

Chodorow (1999) com o livro ‘*The Reproduction of Mothering*’, de 1978, sobre a formação da identidade masculina, é tida como marco para as análises da Psicologia sobre a masculinidade. A autora argumenta que a divisão do trabalho entre os gêneros, na família nuclear moderna, ao deixar à mãe a responsabilidade exclusiva da educação dos filhos, generefica (SAFFIOTTI; BONGIOVANI, 2007) os indivíduos, estimulando desejos e capacidades diferentes entre os meninos e as meninas. Desta forma, Chodorow (1999) analisou as dinâmicas estruturantes de socialização da família para apresentar os traços principais das personalidades masculina e feminina. Corroborando com os estudos freudianos, Chodorow (1999) argumentou que as origens da subordinação feminina dependem de uma noção universal, experienciada pelas crianças nas diferentes relações com a mãe e com o pai, nesse pensamento o que importa são as diferentes socializações e não as diferenças biológicas e do sexo.

Dito isso, verifico que as mudanças nas socializações do Ocidente, ao longo das últimas décadas, permitem encontrarmos no cotidiano

masculino uma maior³⁸ demonstração dos sentimentos, da sexualidade e maior visibilidade da vivência desses aspectos. Esta visibilidade pode ser considerada, em parte, como adaptação às necessidades humanas, como por exemplo a vaidade.

A vaidade pode ser definida em quatro pressupostos: a preocupação com a aparência física; a visão positiva da aparência física; a preocupação com o alcançar de metas e objetivos, e a visão positiva ao atingir essas metas. (NETEMEYER; BURTON; LICHTENSTEIN, 1995; WANG; WALLER, 2006). Na história da humanidade, cada época caracterizou-se por um ideal de beleza, um modelo a seguir. Villaça (2007) defendeu que o processo de valorização do corpo em cada momento da história acompanha a valorização da imagem em cada período.

Para Richard Sennett, na obra *'The Fall of Public Man'* (2002), a industrialização gerou uma tendência de massificação de padrões. Essa padronização, refletida no proletariado, provocou entre as classes mais abastadas um ímpeto de individualização, de personalização. Estes atributos foram enaltecidos através do consumo, perceptíveis através da moda e da abundância de estilos que imperou nas últimas décadas do século XIX.

As novas convenções sociais, a vulgarização da aristocracia, a industrialização do trabalho e uma nova perspectiva condenatória da homossexualidade, a partir do século XVIII, trouxeram sobriedade para as vestimentas do homem (NERY, 2004). Neste período, vimos a transferência de significado de detenção de poder e posse; o masculino deixou de ostentar nas suas roupas o luxo que pode comprar e ele foi transferido para a figura da esposa e filhas. Segundo Barreto Januário(2016), talvez nesse fato resida a justificação histórica para a vaidade ser uma prerrogativa feminina, principalmente, quando se fala de moda e estética.

A psicanálise procurou transferir conceitos e teorias retirados do mito de Narciso para o estudo do comportamento e desenvolvimento psíquico humano. Freud (1914) considerou que o narcisismo é uma característica normal em todos os indivíduos e que se relaciona com o desenvolvimento do desejo sexual. Nesse aspecto, a Psicanálise reconhece o narcisismo enquanto um modo particular de relação com a sexualidade. Sendo ainda o processo pelo qual o sujeito assume a imagem do seu próprio corpo como sua, identificando-se com ela.

Para Goldenberg e Ramos (2002), há uma cultura narcisista do corpo, em que o corpo e a moda são elementos essenciais dos estilos de vida. Solomon (2002) afirma que a forma como cada indivíduo analisa sua própria

³⁸ Quando comparada com outros períodos históricos da sociedade moderna ocidental, mas longe de ser algo comum a todos os sujeitos masculinos e em todos os tempos históricos.

aparência física faz parte do conceito que tem de si mesmo e que se reflete automaticamente na sua autoestima. Assim, a vaidade se caracteriza como a preocupação e a visão da aparência física de alguém, dos seus feitos e realizações (NETEMEYER, BURTON E LICHTENSTEIN, 1995). Seguindo essa linha de raciocínio, na contemporaneidade, os valores relacionados com o poder individual parecem fomentar uma ligação direta da aparência, da imagem e o corpo, ganharam destaque e relevância. Foi o que Debord tratou como espetáculo: “a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência” (2003, p.11).

Com as conquistas do feminismo e as mudanças sociais causadas por ele, os arquétipos de experienciar as masculinidades e feminilidades na contemporaneidade também sofreram alterações. Michel Maffesoli (1999) chamou esse processo de ‘feminização do mundo’. Em contrapartida, este processo de disciplinar o corpo, como disse Foucault (1979), não escraviza apenas as mulheres; o corpo masculino também tem tido um grande esforço para responder ao ‘ideal’ de homem fundado na imagem de um corpo musculado (como os atributos físicos e culturais que tratei por muscularidade), na sua performance social e sexual, e na velha discussão sobre a representação do tamanho do pênis (POPE; PHILLIPS; OLIVARDIA, 2000). Sob esta ótica, os autores em questão afirmaram que os homens têm sacrificado aspectos importantes das suas vidas na busca do corpo perfeito.

No tangente aos homens, há evidências de que o ideal corporal começou a mudar por volta de 1980, com os corpos masculinos excedendo o limite da muscularidade com o uso de esteróides anabólicos. (DAMASCENO et al, 2006, p.87).

Bourdieu (2005), ao discutir o corpo, afirmou que os homens tendem a mostrar-se insatisfeitos com as partes que consideram “pequenas” na respetiva compleição física. Pope, Phillips e Olivardia (2000) revelam que mais de um milhão de homens estadunidenses, especialmente adolescentes e meninos, desenvolveram o distúrbio dismórfico corporal (chamado por eles de Complexo de Adônis) representado por uma preocupação excessiva com supostas falhas na aparência, como o tórax pequeno ou o pênis pequeno. Para os autores, basta pesquisar rapidamente na internet para descobrir o exagero de técnicas de aumento de pênis hoje comercializadas, de tal forma que a indústria do ‘aumento do pênis’ é uma parte significativa da crescente indústria da imagem corporal masculina, estimulando e aumentando as inseguranças dos homens a respeito dos seus corpos.

No Cam4 é possível perceber dois desdobramentos dessa lógica: o primeiro é o grande visibilidade de *webcamers-tip* com pênis avantajados (ou seja, com maior número de observadorxs e, portanto, em posição de destaque na hierarquia das *webcams*) e segundo, os anúncios de alongamento de pênis com bombas penianas são elementos constantes no site.

Figura 36 – *Webcamer* com pênis grande.

The screenshot displays the Cam4 interface for the user 'xxbigonexx'. At the top, a navigation menu includes categories such as 'Em Destaque', 'Mulheres', 'Homens', 'Casais', 'Transgêneros', 'Recente', 'BR', 'PT', 'HD Cams', and 'Reclamações'. Below this, the user's profile 'xxbigonexx' is shown with a 5-star rating and buttons for 'Mensagem', 'Compartilhar', 'Favorito', and 'Adicionar Amigo'. The main content area features a live video of a person using a penis pump, with the URL 'www.cam4.com.br' visible. To the right of the video is a chat window with messages from 'alatinman' and 'floppie29'. At the bottom, there is a banner for 'hotbanan gorjetas enviadas 20 fichas', a 'SALDO 0' indicator, and a goal progress bar for 'Total: 500' and 'Objetivo: 600'.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/xxbigonexx, 26 mar. 2014.

Figura 37 – Propaganda de bomba peniana.

The image shows a screenshot of the CAM4 website. At the top, there is a navigation bar with the CAM4 logo and various menu items like 'Cams', 'Transmitir', 'Caixa De Entrada', etc. Below the navigation bar, there is a prominent banner for 'BOMBA PENIANA' with the text 'AUMENTE SEU PÊNIS' and 'Melhora casos de impotência e ejaculação precoce'. Below the banner, there is a grid of live webcam streams, each with a small thumbnail image and a list of statistics (e.g., 'Bisexual', '55 Minutos', '175 Observadores'). To the right of the grid, there is a sidebar with 'Atalhos Rápidos' (Quick Links) and 'Buscador em anúncios' (Search in ads).

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/male, 06 de fevereiro de 2013.

Sujeito ao regime de dominação masculina, o corpo passa por regulamentações que o disciplinam (Foucault, 1989). A normatividade distribui e diferencia o trabalho e a experiência para homens e mulheres e suas experiências corporais. Segundo Bourdieu (2005) a experiência de viver o corpo é limitada pelo *habitus*. Guiado pela obra de Merleau-Ponty, o autor buscou compreender a centralidade do corpo no conceito de *habitus* para a noção de “esquema corporal”, vista como posturas corporais e o uso do corpo na vida cotidiana.

Charaudeau e Correia (2007) afirmaram que, em meados do século XX, a idealização do corpo modelado foi consolidada. O corpo musculado sobrepôs-se ao corpo saudável, e a finalidade estética consolidou-se como modelo a emular.

Um corpo forte e viril vem sendo historicamente concebido no referencial da corporeidade masculina (BEIRAS et al, 2007), considerado como “normativo”. O corpo musculado é indicativo de masculinidade, atestando um ideal de força e virilidade. São os valores que corroboram os arquétipos da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995b).

Cris Wienke (1998) pesquisou sobre a imagem corporal e o seu significado na vida dos homens. Tentando compreender a relação entre o corpo e masculinidade, desenvolveu investigações utilizando entrevistas em profundidade, analisadas por interpretações narrativas. O autor iniciou a análise considerando a idealização cultural do corpo masculino, concebida no contexto da cultura popular norte-americana e concluiu que o corpo musculado representa o ideal cultural dominante. Para ele, os músculos

possuem um caráter central enquanto representantes de masculinidade na cultura popular.

Wienke concluiu que quase todos os sujeitos pesquisados aspiravam possuir um corpo musculado. Desta forma, organizaram práticas de disciplinas corporais a partir de três estratégias: 1º- Confiança: buscavam alcançar o modelo muscular desenvolvido, ligado à masculinidade ocidental; 2º- Reformulação: existia a aspiração desse corpo normativo hipertrofiado; porém, na incerteza de o conseguir, reformulavam as suas estratégias para modos alternativos como incorporar autoridade, força e autocontrole. 3º- Rejeição, para os homens que rejeitavam esse corpo normativo e o seu o ideal musculado, já que percebiam esse corpo como um produto de referenciais inatingíveis e até irrealis.

Welzer-Lang (2001) afirma que ao procurar a legitimidade da sua identidade masculina, o corpo musculado configura-se na contemporaneidade como um instrumento de “poder” e masculinidade.

No Brasil, isso foi reconhecido como elemento cultural, refletido pelos *mass media*, sobretudo na década de 1990, com telenovelas, o corpo masculino como produto da publicidade (impressa e audiovisual) e em anúncios sexuais (SALDANHA, 2010).

Dessa forma, pude constatar que a maioria dos *webcamers-tip* mais observados eram musculados.

Figura 38 – A muscularidade dos *webcamers*.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com/ comacialex, 25 de março de 2014.

Perlongher (2008) considera que o progressivo deslocamento do estereótipo do homem gay efeminado, pelo paradigma da “identidade gay” redefinida pelos militantes homossexuais da década de 1960, levou ao que Pollak (1983, p.51) tratou como “o homem ‘superviril’ ou o ‘macho’ tornou-se o ideal: cabelos curtos, bigodes ou barba, corpo musculado”.

Seymor Kleinberg interpreta assim o que chamou de ‘insensível busca da masculinidade’:

Antigamente, a duplicidade das vidas escondidas encontrava alívio no comportamento efeminado excessivo e caricato: agora, a supressão ou a negação do problema moral implicado na escolha é muito mais nociva. Assim, a masculinidade é única verdadeira virtude: os demais valores são desprezíveis. E a masculinidade, no caso, não é alguma noção filosófica ou um estado psicológico; não está sequer vinculada moralmente ao comportamento. Ela redonda exclusivamente na glamurização da força física. (1979, p.8-9).

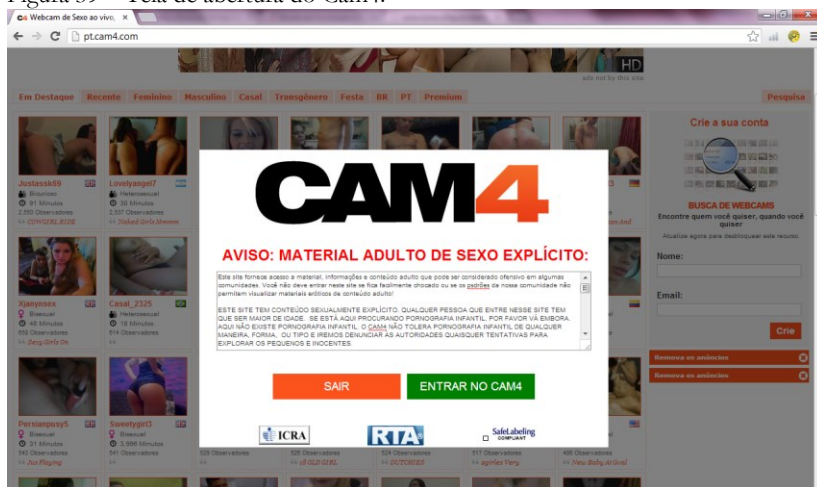
PARTE 3 - ABRINDO O CAM4

3. BEM-VINDX AO CAM4

“Assista centenas de pessoas reais fazendo sexo ao vivo na *Webcam* 24/7. 100% grátis para assistir, conversar e transmitir. Não precisa se logar nem fazer registro”. É assim que o CAM4 é anunciado no Google quando buscamos por seu nome. Em um texto em português, foi o primeiro item de mais de aproximadamente 25.600.000 resultados. Ao lado do nome da plataforma, podemos ler “Assista centenas de pessoas reais tendo sexo ao vivo na Webcam ...”.

O Cam4 é uma plataforma *web* que ancora atualmente (2017) quatro diferentes espaços: o <www.cam4.com>, o <www.cam4bucks.com>, <www.blog.cam4.com> e o aplicativo CAM4VR (para dispositivos de realidade virtual e celulares), todos interconectados com *links* que levam o usuário de um ao outro. Segundo definição do próprio site: “a maior e mais emocionante comunidade adulta de *webcam* online!”.³⁹

Figura 39 – Tela de abertura do Cam4.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4.com, 05 de fevereiro de 2013.

Dessa maneira, podemos dizer que Cam4 é um comunidade virtual da *web*, como pensando por Rheingold (1996), um espaço de interação mútua em busca de fins específicos. Mas não é apenas isso, desde 2011, o site Cam4 é parte de uma empresa de economia criativa (Miguez, 2007), ligada a uma *holding*, controlada pela Corporação Surecom NV, que oferece a

³⁹ Disponível em: <<https://pt.cam4.com/faq/o-que-e-o-cam4>>. Acesso em : 21 Jul. 2017.

possibilidade de pessoas terem interações virtuais, por vídeo, áudio e *chat* também com fins financeiros.

Esse Site é oferecido pela Corporação Surecom NV, uma corporação em Curaçao operando como ‘Cam4.com’ e ‘Cam4Bucks.com’ e sob o comércio e serviço da marca ‘Cam4’ propriedade e registrada por Surecom Corporação NV, em conjunto com Gravity Entretenimento DAC, uma corporação irlandesa e a Gravity Entertainment, Inc., uma corporação de Ontário, Canadá, e TLE Opportunities, LLC, uma empresa da Delaware, que são prestadores de serviços terceirizados autorizados pela Surecom para fornecer processamento de pagamentos de transações. As referências a “Cam4” e “Cam4.com” ou qualquer outra URL do “Cam4” ou nome de domínio de propriedade de Surecom são sinônimos de Surecom Corporation NV.⁴⁰

Durante minha incursão etnográfica pelo site, tentei descobrir dados que indicassem sua origem, hospedagem, questões legais e ganhos. Quanto à origem, só posso concluir como, já citado anteriormente, que ele foi disponibilizado na *web* em 2007, portanto, dois anos antes de que eu tomasse conhecimento de sua existência. Não fica claro em nenhum espaço do site a qual indústria a “equipe dedicada de veteranos [...] com mais de 15 anos de experiência no mercado *cam* ao vivo”⁴¹ pertence. Por inferência, conclui ser a pornográfica, levando em consideração as exposições de Susana Paasonen em “*Online Porn*” (s/d, p.5), “a distribuição online foi uma atrativa opção para os produtores pornôis em um certo número de níveis. Primeiro de todos, oferecia uma audiência potencialmente global e não limitada por regulações locais, horas de loja [no caso de fitas VHS e DVDs] e acesso a oportunidades de varejo”⁴². (Tradução minha).

Quanto à hospedagem, ou seja, em que país estão armazenados os dados, conclui que o site opera em escala mundial⁴³. Em inúmeros links, ele dá a entender que se trata de um site estadunidense, em outros, reforça que

⁴⁰ Disponível em: <https://pt.cam4.com/termsfuse>. Acesso em: 21 Jul. 2017.

⁴¹ Disponível em: <https://cam4bucks.com/about-cam4>. Acesso em: 20 Jan. 2014.

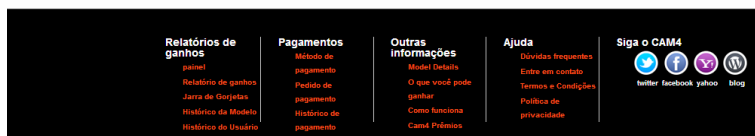
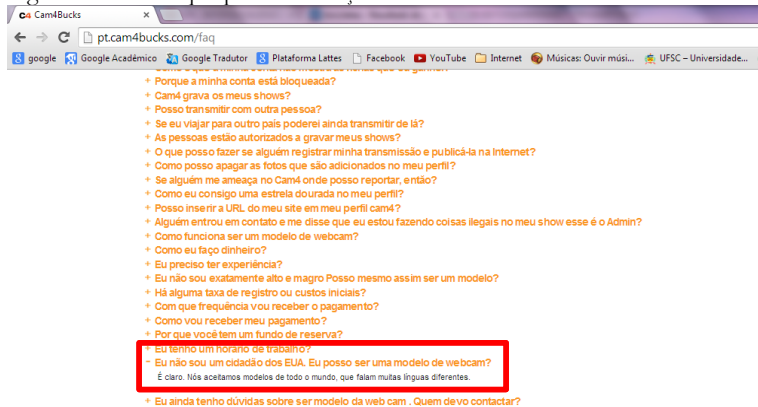
⁴² Online distribution was an attractive option for porn producers on a number of levels. First of all, it afforded a potentially global audience unlimited by restrictions in local regulation, store hours, and access to retail opportunities. (PAASONEN, s/d, p.5)

⁴³ Disponível em:

<https://pt.cam4bucks.com/aff/stats.php?page=d225&skin=cam4tipping&lang=pt>. Acesso em: 21 Jul. 2017.

as questões legais serão tratadas na Holanda, ou em Curaçao, mas com base nas leis dos EUA. É confuso entender afinal em que lugar está operando tal plataforma *web*, além da própria Internet, tida então como um espaço em si mesma. Mas isso se deu após 2011, ano em que o site sofreu a inclusão dos *tokens, tips*, com a inclusão do CAM4BUCKS e BlogCAM4. Por dedução, de acordo com certos elementos descritivos encontrados no site, sua origem foi nos EUA: “-Eu não sou um cidadão dos EUA. Eu posso ser uma modelo de webcam?”, “-É claro. Nós aceitamos modelos de todo o mundo, que falam muitas línguas diferentes”.

Figura 40 – Destaque para localização do Cam4.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.cam4bucks.com, 08 de abril de 2014.

Além disso, é preciso destacar que legalmente o site trata os *webcamers* como ‘produtores’⁴⁴ de conteúdos (aspas utilizadas pelo próprio site), e por essa razão, no que tange os aspectos legais, exime-se da responsabilidade sobre as práticas sexuais mercadologizadas. Para o site, os *webcamers* estão produzindo conteúdos audiovisuais e esse conteúdo é vendido a observadorxs. Assim como outras empresas de economia criativa, o site, tido por mim como parte integrante do mercado do sexo, tem a pretensão de ser um possibilitador do contato entre quem oferece e quem compra (demanda

⁴⁴ Disponível em:

<https://pt.cam4bucks.com/aff/stats.php?page=d225&skin=cam4tipping&lang=pt>. Acesso em: 21 Jul. 2017.

e procura). Em um claro mecanismo de fuga a restrições legais acerca do sexo pago, o Cam4 usa a virtualidade como proteção para aquilo que identifico como ciberprostituição, por essa razão incentiva os *webcamers* a se reconhecerem como performers, modelos, atores, produtores de conteúdo e nunca como profissionais do sexo.

Quanto aos ganhos, não houve como verificar o montante de dinheiro envolvido em suas transações. O que pude concluir é que, além da venda de espaços publicitários (voltados ao mercado sexual), o site fica com mais de 40% das operações efetuadas entre *webcamers* e observadorxs.

Onde posso comprar fichas e quanto custam?

As fichas podem ser compradas no widget de fichas sob as webcams ou ao clicar a barra de Fichas no menu principal por

25 Fichas por	\$4.99
50 Fichas por	\$9.95
100 Fichas por	\$18.99
250 Fichas por	\$44.95
500 Fichas por	\$84.95
1,000 Fichas por	\$159.99

Quanto vale cada ficha e como posso levantá-las?

Podem levantar as suas fichas por \$.10/ficha. Por exemplo 100 fichas = \$10 USD. Você pode receber as suas fichas e solicitar um pagamento no Cam4Bucks.⁴⁵

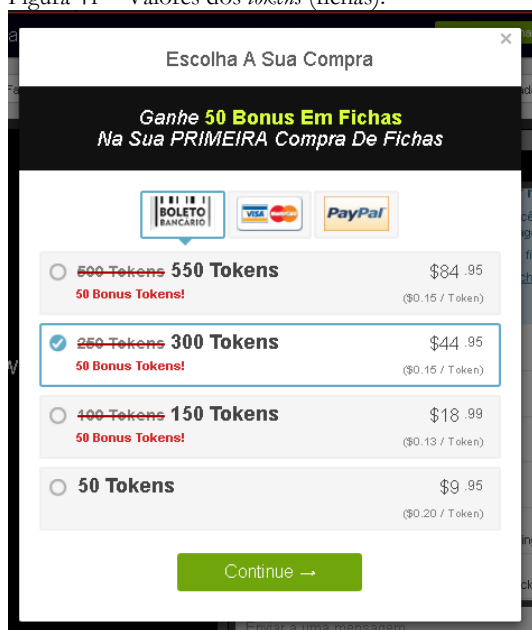
Os valores acima são referentes ao ano de 2013. Quatro anos depois, em 2017, os valores seguem os mesmos, com a possibilidade de um bônus de 50 fichas na primeira compra, pagos via boleto, cartão de crédito ou Paypal. Para observadorxs, fazendo o cálculo sem o bônus, cada ficha custa aproximadamente U\$ 0,17, (dezessete centavos de dólar), mas o *webcamer* recebe U\$ 1,00 a cada 10 fichas (dez centavos de dólar por ficha), isso equivale a dizer que o site lucra U\$0,07 em cada ficha vendida. Não há como mensurar os ganhos exatos do site frente aos *tokens*.

Faço uma estimativa apenas a título de curiosidade, para tentar perceber os valores envolvidos. Se o site afirma que a comunidade Cam4 é formada por milhões de usuárixs, com números muito flutuantes, mas que

⁴⁵ Disponível em <<http://pt.cam4.com/help/>>. Acesso em: 01 fev. 2013. Tradução do próprio site.

nas minhas verificações giraram em torno de 20.000 (vinte mil) observadorxs e 1500 (mil e quinhentas) *webcams* nos períodos em que acessei (esse dado sempre pode ser verificado abaixo da logo do site assim que entramos na tela principal), estimando que 10% delas cobraram em média 100 *tokens*, teríamos 15.000 *tokens*, dessa forma, US\$ 2.399,85. Isso equivale a US\$1.439,91 pagos aos 150 *webcamers* e US\$ 959,94 para o site. Imaginando a duração de média de 1 hora. Isso vezes 24 horas, vezes 365 dias, daria aproximadamente US\$ 25.821.840 ao ano. Reforço, essa estimativa é apenas uma ilustração, sem validade alguma, uma forma de tentar supor um potencial ganho. Mas, definitivamente, há muito dinheiro circulando pelo site, muito mais do que essa estimativa.

Figura 41 – Valores dos *tokens* (fichas).



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/anastoseliad, 15 de julho de 2017.

O site, em 2011, passou a ter um tela de abertura que estipulava as ‘regras do contrato’. Ao clicar em ‘entrar no Cam4’ estamos cientes que, como usuários do Cam4, vamos nos juntar ao que o site chama de ‘comunidade de contribuintes de conteúdo’, transmitindo conteúdo de áudio e vídeo ao vivo, fotos (Perfil do usuário), conteúdo de texto (*Chat*). O vídeo do usuário e o *chat* são referidos como ‘Conteúdo Submetido pelo Usuário’. O site avisa que não garante qualquer confidencialidade no que diz respeito ao ‘Conteúdo Submetido por Usuários’ e que tal conteúdo é especificamente

voltado para ser visto por pessoas maiores de idade legalmente, que visitem o site do Cam4.

O site justifica que o *webcamer* retém a propriedade de direitos do seu ‘Conteúdo Submetido pelo Usuário’ e aos visitantes é cedido nada mais que o direito de ver as suas submissões. Contudo, ao submeter ‘Conteúdo Gerado pelo Usuário’ ao Cam4, ele concede uma licença “mundial, não-exclusiva, livre de royalties e transferível para utilizar, reproduzir, distribuir, preparar trabalhos derivados, exibir e executar o conteúdo gerado pelo usuário em conexão com o serviço Cam4 (e seus sucessores e afiliados)”, incluindo, sem limitação, o direito de “promover e redistribuir uma parte ou todo o Site Cam4 (e trabalhos derivados) em qualquer formato de mídia e através de qualquer canal de mídia”.

O *webcamer* também concede a cada espectador do site Cam4 (ou qualquer formato alternativo ou adicional de mídia ou canal) uma licença não-exclusiva para acessar o seu ‘Conteúdo Gerado pelo Usuário’ através do site, e para usar, exibir e executar ‘Conteúdo Gerado pelo Usuário’, tal conforme permitido através da funcionalidade do site.

Dessa maneira, o *webcamer* deve reconhecer que o Cam4 serve como um simples transporte de ‘Conteúdo Gerado pelo Usuário’ e que o Cam4 não tem qualquer obrigação ou responsabilidade relativa a qualquer conteúdo ou atividade no site. Como tal, dentro dessa perspectiva, o Cam4 atua meramente como um provedor de hospedagem sem qualquer papel editorial e é apenas um fórum para a expressão de ideias, pensamentos e informações. O Cam4 diz não ser responsável por qualquer incorreção, erro, conteúdo ofensivo, inadequado, ou difamatório que estiver contido no site.

Afirma não ser responsável por qualquer ‘Conteúdo Submetido pelo Usuário’ que viole as normas ou costumes da comunidade. Espera e exige que se cumpra com todas as leis federais, estaduais, provinciais e locais quando usar o site e quando submeter ou carregar conteúdo para o site.⁴⁶

Antes de clicar em “ENTRAR”, temos a possibilidade de entender melhor as regras do site:

ESTE SITE TEM CONTEÚDO **SEXUALMENTE EXPLÍCITO**. QUALQUER PESSOA QUE ENTRE NESSE SITE TEM QUE SER MAIOR DE IDADE. SE ESTÁ AQUI PROCURANDO PORNOGRAFIA INFANTIL, POR FAVOR VÁ EMBORA. AQUI NÃO EXISTE PORNOGRAFIA INFANTIL. O CAM4 NÃO TOLERA PORNOGRAFIA INFANTIL DE QUALQUER MANEIRA, FORMA, OU TIPO E

⁴⁶ Disponível em: <<https://pt.cam4.com/termsfuse>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

IREMOS DENUNCIAR ÀS AUTORIDADES
QUAISQUER TENTATIVAS PARA EXPLORAR
OS PEQUENOS E INOCENTES. (Grifo meu)
(Disponível em: <www.cam4.com>. Acesso em: 05
Fev. 2013).

Vemos também que a lista do que é tido por ilegal ou proibido para o *webcamer*, inclui conteúdo que:

Fornecer material que constitui pornografia infantil ou que envolve ilustrações de nudez ou sexualidade por uma Performer que não aparenta ter idade legal (i.e., alguém que parece ter menos do que 18 anos, independentemente da sua idade atual) ou por um Broadcaster que é mostrado como parecendo uma pessoa com menos de 18 anos devido ao comportamento, roupa, cenário ou adereços.⁴⁷

Alguns elementos são observados como constitutivos daquilo que Foucault (1988) tratou por dispositivos de repressão, a ‘pedagogização do sexo da criança’ e ‘psiquiatrização do prazer perverso’. Dessa forma, crianças não podem ter sua sexualidade exposta e pessoas que sintam atração por crianças, tidas por pedófilas, não são bem-vindas. O site reforça em mais de um espaço que é um site de adultos para adultos, mas sempre me perguntei, já que isso vale para basicamente todos os espaços da *web*, como saber se observadorxs têm mais de 18 anos? E mais, por que tamanha preocupação com a sexualidade de crianças ou adolescentes? Ou os medos são as repercussões legais acerca da pedofilia, pois essas revelariam que o site também é um componente do mercado do sexo?

Há que se dizer que a internet, em seus mais variados elementos, nunca conseguiu regular seus usos. Há ferramentas de controle para parentais, mas grande parte deles não faz uso delas. Para Araújo (2014), a educação sexual intencional ou não intencional ocorre em diferentes instâncias sociais e por meio de diferentes meios didáticos, inclusive os midiáticos.

As regras indicam que os observadorxs devem ser pessoas adultas e maiores de idade na jurisdição do local de onde está acessando e é sua livre escolha ver um material sexualmente explícito, além disso, quem entra na plataforma deve acreditar “que atos sexuais consensuais entre adultos não são nem ofensivos nem obscenos”.

Interessante essa perspectiva do site, pois isso indica que para o Cam4, a pornografia não é obscena. E vai além, os “vídeos, fotos e diálogos

⁴⁷ Disponível em: <<https://pt.cam4.com/termsfuse>>. Acesso em: 20 Jan. 2014.

encontrados neste site têm a intenção de serem usados por adultos com consentimento sobre a sexualidade, para fornecer **educação sexual** [...] e para proporcionar **entretenimento sexual**” (grifos meus). O entretenimento sexual é facilmente verificável, afinal, são milhares de pessoas ciberflanando pelas janelas do site. A educação sexual não pode ser entendida aqui no sentido tradicional, como as disciplinas escolares, sendo assim crianças seriam bem-vindas, o que não é o caso, mas não podemos negar que o site cumpra o papel de regular as sexualidades envolvidas, a começar pela escolha de que tipo de corpo (e suas marcações de sexo e gênero) observar: feminino, masculino ou trans. Depois, pela sexualidade informada pelo *webcamer* (hétero, gay, bi ou bicurioso) e, finalmente, nas práticas sexuais percebidas pelas janelas. Mas o site vai além, ele instrumentaliza os sujeitos que decidem passar da categoria de observadorxs para *webcamers*, primeiro com a construção de um perfil gratuito, depois com a possibilidade de um perfil Gold, pago e com vantagens, e depois com a instrumentalização do uso das *webcams*.

Mas voltando, poderia a pornografia não ser obscena?

3.1. ERÓTICO, PORNOGRÁFICO E OBSCENO

A definição de pornografia foi/é muito discutida dentro das Ciências Humanas, muitas vezes travando um confuso debate para estabelecer a diferença ou a igualdade entre termos erotismo, obscenidade e pornografia, e seus discursos (COELHO NETO, 1983; BATAILLE, 1988; ABREU, 1996; HUNT, 1999; GREEN, 2000; ATTWOOD, 2002).

No livro “O erotismo” (1988), Georges Bataille reflete sobre uma especificidade da sexualidade humana em comparação às outras espécies: “A atividade sexual da reprodução é comum aos animais sexuados e aos homens [humanos], mas, aparentemente só os homens [humanos] transformaram a atividade sexual em atividade erótica” (p.11). Para o autor, o erotismo abarca um paradoxo que começa “por ser uma exuberância da vida”, mas no qual o “objeto desta busca psicológica, independente do fim da reprodução, não é estranho à morte” (p.11). Tratando, desta maneira, um jogo complexo em que surgem as relações entre a morte e a excitação sexual e o espaço da paixão como violência, perturbação e desordem. Bataille nos aponta, portanto, que não há apenas um aprimoramento da espécie humana que transforma a atividade sexual em prazer, mas uma nebulosa rede de relações que tratam da dimensão dessa transformação que a pulsão erótica mostra no humano. Dentre essas manifestações do que tratamos por pulsão erótica, costuma-se diferenciar o erótico do pornográfico. O erótico, mantendo o

refinamento, tem origem também na mitologia grega (BULFINCH, 1999, p.99), no jovem alado Eros como a expressão do amor e filho da deusa da beleza, Afrodite, estando mais referenciado ao amor e à beleza das artes.

Michel Foucault, em “História da Sexualidade 2– o uso dos prazeres” (1984), ao estudar a relação dos gregos na Antiguidade com o ato sexual, repara que há uma inquietação que recai sobre essa atividade, pois o ato sexual “perturba e ameaça a relação do indivíduo consigo mesmo e sua constituição como sujeito moral: ele traz com ele, se não for medido e distribuído como convém, o desencadeador de forças involuntárias, o enfraquecimento da energia e a morte sem descendência honrada” (1984, p.124). Ao entrar no espaço do sexual estamos prontamente diante de algo desestabilizador. Para os gregos, diz Foucault, essa inquietação gira em torno de três focos: a própria forma do ato, o custo que ele provoca, a morte a qual está ligado. A reflexão médica e filosófica descreve-o como capaz de ameaçar, por sua violência, o controle e o domínio que convém exercer sobre si; de minar, pelo esgotamento que provoca, a força e a vida do ser humano.

Para o autor, considerar a essa atividade a forma rarefeita e estilizada de um regime é se garantir contra os males futuros; também é se formar, se exercer, experimentar-se como um indivíduo capaz de controlar sua própria violência e de deixá-la funcionar nos limites convenientes, de reter em si o princípio de sua energia e de aceitar a morte prevenindo o nascimento de seus descendentes (FOUCAULT, 1984, p.114). Para os gregos, portanto, a inquietação com o sexual (a violência, o dispêndio e a morte) tomou a forma de uma reflexão que não visa a uma codificação dos atos, nem a constituição de uma arte erótica, mas a instauração de uma técnica de vida. O que ela procura elaborar não é como numa arte erótica, o desenrolar do ato; também não são as condições de sua legitimação institucional, como será o caso do cristianismo; é muito mais a relação de si mesmo com essa atividade.

Erotismo e pornografia não se diferenciam por uma questão quantitativa, sendo um mais explícito que o outro, há uma questão qualitativa em jogo.

Pornografia é um termo que passou a ser bastante usado no fim do século XIX e foi dicionarizado em português pela primeira vez em 1899 por Cândido de Figueiredo (segundo a datação do Houaiss), do francês *pornographie*. Esta palavra tinha surgido em torno de 1800, inicialmente com um sentido técnico de escrutinar a sexualidade de prostitutas: estudo sobre a prostituição com foco na saúde pública. Foi em meados do século XIX que passou a ser empregada para designar a arte, em especial aquela produzida na antiguidade, a princípio a pintura, que representava temas obscenos. A raiz do termo francês estava baseada no grego, língua que tinha

palavras como *pórne*, “prostituta”, e *pórnos*, “que se prostitui”, além de *pornographos*, “autor de escritos sobre a prostituição” e *porneion* para “prostíbulo”, o lugar da prostituição.

Dessa forma, podemos ver que os discursos sobre a pornografia nasceram a partir da figura da profissional do sexo e seus imaginários. Estes termos traziam consigo a ideia de comércio, de compra e venda, nesse caso o produto era o sexo. No verbete *pornography*, o dicionário etimológico de Douglas Harper oferece um roteiro sucinto da expansão semântica que levou o entendimento da pornografia até os dias atuais: em 1859 o termo era utilizado como crítica a certos romances franceses da época; no início do século XX, chegou às artes visuais contemporâneas⁴⁸.

Quanto ao erotismo, vemos que trata-se de uma palavra também de origem grega: *erotikós*, apropriada no latim *eroticus* e significava “que tem amor, paixão ou desejo intenso”. Termo derivado de Eros (BATILLE, 1988), deus grego do amor (Cupido na mitologia romana), nunca teve a carga negativa das palavras derivadas de *porné*. Também se referia ao desejo sexual, mas aquele ligado ao amor e não ao comércio.

Como visto, a fronteira entre erótico e pornográfico ainda não tem uma delimitação clara. O senso comum costuma traçá-la nas cenas de sexo explícito, que este teria e aquele não, mas o critério é confuso: se o erótico também pode ser explícito, nem sempre o pornográfico o é. As diferenciações passariam pelos seus usos, uma o “amor”, outra a “venda”.

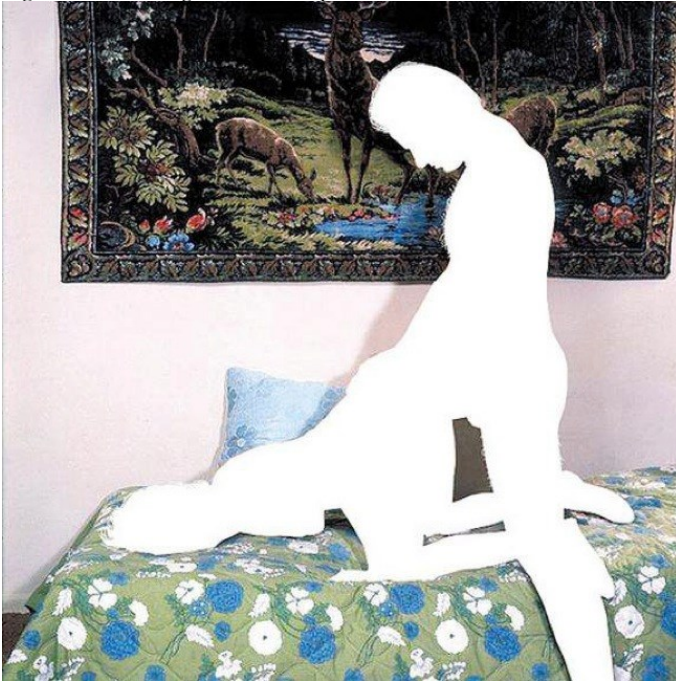
Caso você tenha questionado o fato de o pornográfico não ser explícito, observe a obra do artista sul-africano, Von Brandis, que trabalhou com fotos pornográficas da década de 1970 e 1980, encontradas na Internet, para sua exposição “Interiores Obscenos”.⁴⁹

⁴⁸ Disponível em:

<http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=porn%C3%A9>. Acesso em: 31 Jan.2015

⁴⁹ Disponível em: <<http://actamundi.com.br/serie-interiores-obscenos-provocativa/>>. Acesso em: 01 Jul.2017

Figura 42 – Pornográfico não explícito.



Disponível em: < <http://actamundi.com.br/serie-interiores-obscenos-provocativa/>>. Acesso em: 01 Jul.2017

A questão então passa a ser centrada nas considerações sobre o obsceno. Segundo o dicionário etimológico de Douglas Harper, o termo é datado nos anos de 1590, como algo “ofensivo aos sentidos, ou gostos e refinamento”, derivado do francês *obsène*, que veio do latim *obscenus*: “ofensivo, especialmente à modéstia”, originalmente “um mau sinal, pouco auspicioso,” de origem desconhecida. O dicionário diz que a derivação da palavra talvez venha a partir *ob* “em frente” + *caenum* “sujeira”. Significado “ofensiva ao pudor ou decência” é atestado a partir de 1590.

Mas se o termo obsceno é pautado no pudor e na decência, considerando ambos como elementos dos processos históricos relativos a cada sociedade em particular, é preciso reconhecer que vem daí a dificuldade de diferenciar erótico e pornográfico. Dufour (2013) justifica em “A cidade perversa”, por exemplo, como o liberalismo e o puritanismo americanos se usaram da pornografia para revitalizar o capitalismo, deslocando a obscenidade de estereótipos como as *pin-ups* e as divas cinematográficas para outros elementos, sujeitos e práticas.

Linda Williams cunhou o termo *on-scene* para descrever o caminho pelo qual muitas discussões e representações eram consideradas obscenas, como uma exclusão rígida facilmente aplicada pela suposta decência do espaço público, e não apenas no reino da pornografia. Para a autora, face à generalizada e quase onipresente frequência de muitos tipos diferentes de atos e cenas sexuais, visíveis e audíveis, devemos deixar de ter discussões fúteis sobre a definição do obsceno. Devemos considerar, sim, a dialética entre a revelação e ocultação da imagem que opera em qualquer momento na história do sexo. Para ela, é um desperdício de tempo continuar a culpar a pornografia pelo o aumento da sexualização de todos os aspectos da vida. A influência da pornografia deve ser vista como parte da proliferação de todas as maneiras de escrutinar o sexo, dos beijos castos até as mais gráficas e frenéticas penetrações. E essa proliferação da pornografia (ela se refere à cinematográfica) não pode ser entendida para além de uma história social e cultural do sexo. (2008, p.7).

Pornografia e erotismo podem ser vistos então como a sexualidade pública, aquilo que escapa dos espaços que Foucault (1988) tratou por ciclo da interdição, lógica da censura e unidade do dispositivo sexual, que regulamentaram e relegaram o sexo ao espaço do quarto (ênfase no termo quarto) do casal heteronormativo. Desta forma, marcam os atos sexuais e seus corpos no olhar, com suas representações visuais e simbólicas. O que me faz perguntar, um ato é pornográfico se não é visto? Desta maneira, o ato obsceno passa por dois aspectos primários: aquilo que se pode ver, está na cena, e aquilo que as subjetividades e individualidades que o vêem vão reconhecer como ofensivo.

Discussões sobre pornografia e erotismo estão quase sempre cercadas por uma série de conflitos, primeiro porque não há um consenso entre seus limites e aproximações, de forma que ambos aparecem em disputas jurídicas, questões do mercado, críticas dos movimentos feministas e objetos de pesquisas acadêmicas. Destaco que estou operando com uma perspectiva que considera a pornografia e o erotismo como discursos construídos contextualmente em diferentes posições de poder. De tal forma que não têm um significado intrínseco, estando em constante transformação.

Considerando que estudos sobre representações pornográficas possuem um sólido campo de estudos, é possível verificar na última década uma diversificação das temáticas, entre elas as análises das relações entre tecnologia e pornografia. Segundo Feona Attwood (2002), ao efetuar uma avaliação do campo de estudos sobre erotismo e pornografia, pode-se verificar uma mudança de paradigma em sua teorização. A autora situa a posição de referências centrais para essa mudança em duas obras: *'The Secret Museum'* (KENDRICK, 1995), que analisa a pornografia como categoria

histórica, e ‘*Hardcore*’ (WILLIAMS, 1999), com a análise dos textos pornográficos. Dessa forma, percebe-se que a pornografia deixa de ser pensada exclusivamente a partir de posições estigmatizadas ou pelo viés de males ou consequências negativas para quem a consome, sendo estudada a partir de um viés contextual. Não que essa perspectiva negativa deixe de ser tema para muitas pesquisas, mas grande parte destas estão sendo focadas nos usos da pornografia e patologias, como disfunções eréteis e vício. Paralelamente a essa mudança de perspectiva, a autora aponta a crescente influência dos *cultural studies*, o surgimento de novas vertentes do movimento feminista que apoiam as posturas pró-sexo, e, o principal para minhas observações, as mudanças nas representações midiáticas de sexo e sexualidade.

Na medida em que se multiplicam diversas segmentações do gênero pornográfico e surgem novos espaços de análise, vemos a imensa dificuldade de se estabelecer fronteiras entre pornografia e outras representações.

Dois elementos ganham destaque para minhas considerações: a pornografia amadora e a ciberpornografia, com ênfase no momento em que elas se entrecruzam. O *online* entra como um dos principais fatores a partir do momento em que modifica os modos como as pessoas produzem e consomem pornografia.

Como pode ser percebido, o Cam4 é um representante desse tipo de constatação na medida que instrumentaliza os sujeitos para a produção de imagens pornográficas, por isso sua insistência em tratar os *webcamers* como *performers*, atores ou modelos de *webcams*. Há que destacar que o cibersexo do Cam4, com sua lógica mercadologizada, é visto como produção pornográfica, creio já ter demonstrado isso. O que busco reforçar é que não é apenas isso. É pornografia, segundo as considerações atuais sobre o termo pois traz o sexo para o campo da visualidade, mas é uma pornografia que pode assimilar práticas sexuais cibernéticas, na medida em que possibilita a interação (interconexão e sincronização) entre os sujeitos. De forma mais clara, é pornografia para quem apenas vê e é cibersexo para quem interage. Segundo Williams (2008, p.314) citando Stacy Gillis (2004), dizer que “sexo cibernético é “masturbação, masturbação mútua, erótica, pornografia e sexo, tudo ao mesmo tempo (embora não no mesmo espaço)” pode ser muito impreciso. No entanto, isto nos aponta para a principal questão: tempo e espaço. Pois não só faz com que o casal utilize a tela como meio para estar “mais perto” um do outro, mas o que parece ser mais excitante é que eles estão fazendo isso “juntos” ao mesmo tempo”. Atualmente, não só a tela é usada, os aparelhos ubíquos vêm ganhando cada vez mais espaço nas práticas cibersexuais.

Segundo Linda Williams (2008), o aumento de pornografia amadora tem sido uma tendência chave da ciberpornografia por mais de uma década. O apelo de proximidade e realismo são essenciais para o tipo de pornografia que promete transmitir atos sexuais através da lente da câmara e vão se desenrolando desde o advento do cinema. Contudo, a pornografia (e, principalmente, a pornografia homoerótica masculina) ainda é socialmente considerada como território marginal, um espaço perigoso onde os que estão envolvidos podem correr o risco de ter sua honra, prestígio e virilidade perdidos (PERLONGHER, 2008; VALE, 2000; ALMEIDA, 2000).

O discurso da técnica e da profissionalização podem garantir, em termos simbólicos, a manutenção de tais predicados masculinos, preservando e garantindo para os homens envolvidos um campo de defesa contra a acusação de uma emasculação que as práticas homoeróticas carregam e, sendo assim, possibilitam minimizar ou encobertar em seus discursos as acusações sociais (CORNWALL; LINDISFARNE, 1993; NOLASCO, 1993, 1995). Talvez essa seja mais uma das razões que potencializaram o surgimento da categoria *proAm* na pornografia cinematográfica e *online*.

Ao refletir sobre esse encontro entre pornografia e internet, destacam-se, algumas pesquisas em diferentes áreas das Ciências Sociais que dizem da importância dessa atividade no mundo *online*, ainda no período em que se referia a *web 1.0*.

Slater (1998) analisou a troca do que chamou de “*sexpics*”, para ele qualquer material sexualmente explícito, no IRC (*Internet Relay Chat*), um dos primeiros elementos da *web* a permitir o compartilhamento de arquivos entre os usuários. Outro elemento da *web 2.0* bastante analisado por pesquisadores ligados à pornografia são as mídias e redes sociais.

De acordo com Parreiras (2012), com a chamada *web 2.0*, houve um aumento de possibilidades de produção, comercialização e interação, aquilo que vimos com as empresas de economia criativa, ou em espaços tidos como *Creative Commons*. Além dos avanços tecnológicos, como a melhoria da qualidade de imagens e sons, tivemos novas alternativas de criação, não sendo premente uma *expertise* para operar os programas e equipamentos

Além disso, a tecnologia agiu sobre a mobilidade, com equipamentos menores: câmeras filmadoras, máquinas fotográficas que filmam, *webcams* em alta definição, câmeras incorporadas a computadores, *tablets* e celulares, e mecanismos VR (realidade virtual ou realidade ampliada) fazendo com que qualquer pessoa seja um produtor em potencial. Vem daí o significativo crescimento na quantidade de vídeos amadores, o aparecimento de uma série de sites com interação via *webcam*, como no caso do Cam4, e o fortalecimento

de gêneros alternativos a pornografia *mainstream*, como, por exemplo, o *altporn*, o *kink* (pornografia BDSM e fetichista) e a pornografia feminista.

Pesa ainda sobre minhas considerações a influência direta de uma determinada estética da pornografia cinematográfica. Por pornografia cinematográfica *mainstream*, entendo os filmes de todas as produtoras cinematográficas que se especializaram em produzir obras pornográficas. Essas produções suscitaram inúmeras análises por incorporarem do cinema clássico um olhar masculino sobre o corpo feminino, além de, como mostra Abreu, proverem

uma espécie de iniciação à masculinidade, um modo de dissipar as ansiedades da inexperiência dos homens. [...] Desse modo, além da natureza diegética específica dos *stags*, um dos motivos da não-identificação do espectador com os personagens são as pressões para que ele se identifique com a platéia (outros homens), com a qual partilha o conhecimento das maravilhas ocultas do corpo feminino (e do próprio corpo masculino) em excitação. Uma situação que pode ser definida mais como de construção de uma auto-identificação com o gênero masculino. (1996, p. 48-49).

Autoras feministas como Lauretis (1994) e Mulvey (1996), que pesquisaram o desenvolvimento da concepção de gênero na história do cinema, vão ainda mais longe nas suas observações. Segundo elas, ao falarmos da construção de gênero na história do cinema, estamos falando de um conjunto de percepções e conceitos voltados para a reafirmação de uma masculinidade hegemônica, valores que vão reafirmar o que é ser homem e o que é desejado pelo mundo masculino. O domínio dos corpos das mulheres e os outros corpos que não estão dentro do padrão dominante (isto é, homem, branco, heterossexual, bem-sucedido) funcionam como um mecanismo de controle das masculinidades.

Conforme Williams (2008), a preocupação de governos e empresas com a pornografia se justifica pela entrada das representações eróticas nas casas por *mass media*, com o diferencial de que a *web* ainda permite interação em tempo real e a própria inserção do internauta no meio da cadeia de relações, inclusive da cadeia de produção. Não se trata mais de um espectador passivo que olha para a tela, mas de um corpo que interage e que se transforma em alguém que produz (o exemplo que ela mais analisa são os sites de interação por *webcam*). Além disso, a autora salienta que

as experiências de *cyberporn* podem ser múltiplas e estão disponíveis aos internautas em diferentes canais, abarcando desde os filmes *mainstream* mais

convencionais até sites de *webcams*. Assim, as experiências de *cyberporn* de hoje podem abranger alugar ou comprar um DVD, fazer o download de um jogo, logar em um site de *webcams*, visitar variados *websites* que oferecem diversos shows sexuais e orientações, ou interagir através de sexo virtual através dos corpos de seus avatares em jogos “*massively multi-player*” como o Second Life.⁵⁰ (Tradução minha) (WILLIAMS, 2008, p.321).

Ainda sobre pornografia, é preciso destacar a influência da *gonzo porn* sobre a construção visual (estética) das obras pornográficas. *Gonzo porn* (pornografia gonzo) é uma referência ao jornalismo gonzo, no qual o repórter faz parte do evento. A pornografia gonzo tem um estilo realista que procura aproximar a câmera das cenas, com poucos diálogos ou preparação. Não havendo muita preocupação com detalhes técnicos na produção dessas imagens.

Para Paasonen (s/d), citando Maina e Zecca (2016) e Stella (2016),

o pornô gonzo se popularizou na década de 1990 com as cenas, aparentemente, improvisadas, *performers* não profissionais, e tomadas subjetivas. Na plataforma *web*, o conceito de gonzo deu lugar ao pornô real [...] com tomadas feitas em ruas, carros, motéis e residências privadas, o pornô real fez uso de *performers pro-Am* e do fluxo renovável e constante de novos talentos.

Os códigos da visualidade, desta maneira, sofreram a influência de uma estrutura menos formal e mais subjetiva, abrindo espaço para a popularização da exposição pessoal. A popularização de tecnologias de reprodução da imagem, câmeras fotográficas e filmadoras, e a digitalização desses meios, com a facilidade de produção, armazenamento e descarte, e os *mass media* alteraram a forma como lidamos com a imagem, pois passamos a produzi-las e disponibilizá-las a partir de nossas subjetividades.

Preciado (2008), dedica várias páginas para categorizar a pornografia, para ele a pornografia é um dispositivo virtual (literário, audiovisual, cibernético) masturbatório. A pornografia como indústria pornográfica tem como objetivo a masturbação planetária multimídia. O que caracteriza a

⁵⁰ Experiences of cyberporn today might entail the renting or purchasing of a DVD, downloading a game online, logging onto a cam.whore site, engaging in one-shot-only pay for play, visiting any number of Web sites offering any number of sexual shows or orientations, or integrating virtual sex through the bodies of avatars into the daily life of 'massively multi-player online' games such as Second Life. (Williams, 2008, p.321).

imagem pornográfica é sua capacidade de estimular, com independência da vontade do espectador, os mecanismos bioquímicos e musculares que regem a produção do prazer.

A pornografia é a sexualidade transformada em espetáculo, em virtualidade, em informação pública, onde “pública” implica direta ou indiretamente comerciável. Ela é um dispositivo de publicação do privado. Ou, mais ainda, um dispositivo que, ao representar uma porção do âmbito público, o define como privado carregado de um valor masturbatório suplementar. Se trata, por tanto, para o autor, de uma caracterização política da representação.

Além disso,

a pornografia é teletecnomasturbação. A globalização da farmacopornoeconomia através da digitalização audiovisual e sua transmissão ultra rápida sobre uma diversidade de suportes técnicos [...] gera um "efeito mariposa" da gestão global dos ciclos excitação-frustração [...]. 4. A pornografia reúne as mesmas características de qualquer outro espetáculo da indústria cultural: virtuosismo, possibilidade de reprodução técnica [...]. A única diferença, até agora, é seu estatuto *underground*. [...] 5. Na verdade, a indústria pornográfica é a indústria cultural e do espetáculo assim como a indústria do tráfico de drogas ilegais é a indústria farmacêutica. [...] O próprio da pornografia como imagem resulta mais de uma questão de cenografia, de teatralização e iluminação do que de conteúdo: basta um corpo [...], um corpo tanto mais desejável quanto inacessível, cujo valor masturbatório é diretamente proporcional a sua capacidade de se comportar como uma espumante fantasia abstrata. (Tradução minha) (PRECIADO, 2008, p. 179-181).

As definições de erotismo e pornografia, para Paasonen (2010, p.139), são frequentemente políticas, estéticas e estratégicas, mas ela considera essas categorias com particulares dinâmicas e poder afetivo, e cada uma recebe um tipo de resposta.

Como dito anteriormente, entendo por *pro.Am. professional amateur*, ou amadores profissionais, o tipo de pessoa que tem uma ocupação que não goza de total profissionalização, reconhecimento legal, regulamentação (a depender da função e do país em questão) e reconhecimento histórico.

Contudo, destaco algo muito importante, e que afeta diretamente muitas das questões que tentei reconhecer nos *webcamers-típ* do Cam4: a instrumentalização dos *Pro.Am.*

3.1.1. Ajuda: profissionalizando amadores

Pode perceber que mesmo as práticas sexuais estabelecidas na/pela internet sofrem a influência de aspetos mercadológicos. É possível considerar que o cibersexo (do Cam4) usa elementos do pornô gonzo, muitas vezes fazendo com que observadorxs e pesquisadorxs tratem os dois como ciberpornografia. É fácil confundir um com o outro nesse sentido, não fosse pela possibilidade de interação entre *webcamer* e observadorxs com troca financeira, que amplia a perspectiva de fantasia onanista, os demais elementos parecem ser os mesmos. Podendo, inclusive, considerar que um *webcamer* muitas vezes é um *proAm*, isso quando não é mesmo um profissional do sexo ou ator pornô, como no exemplo abaixo, com destaque no perfil de que se tratava de um ator pornô profissional. Aliás, não foi um fato isolado, em outros momentos pude verificar outros sujeitos de outros países que também indicavam serem atores pornôs.

Figura 43 – Ator pornô mexicano.

www.cam4.com.br/leodaddy20cm

leodaddy20cm Home
leodaddy20cm Presentes

Informações do Perfil

Gênero:	Masculino
Membro Desde:	Agosto 02 2013
Última Transmissão:	Sexteirão 05 2014
Preferência Sexual:	Bissexual
Relacionamento:	Solteiro
Idade:	24
Localidade:	Veracruz, Puerto, México
Língua Falada(S):	Espanhol
Altura:	5'11"
Ocupação:	Porn Star
Fuma:	Não
Bebe:	Socialmente
Corpo:	Abelico
Decorações:	Brincos, Tatuagens
Corporais:	
Có De Cabelo:	Preto
Compartimento De Cabelo:	Curto
Pólios Corporais:	Pouco

FAQ's About Me @STUDIOADANEVA

What's up folks? My name is Tony, 24 years, I'm a real porn actor, I'm Mexican (Veracruz), my cock is 8,7 Inches long and **leucis with heavy balls** and I've been told that have a nice butt, probably from all the jogging I do in the gym. I'm brown, I live close to the beach, so I have a nice tan. People keep asking me about my eyes, they are black in case the light in the webcam does not help for you to see them properly. I'm a bisexual guy, My only fantasy with men is that it sucked. I've never fucked a male ass and not have fucked me. I do not use dildos and how much I can do is rub my asshole with my fingers. If you can adjust your mind to that idea, we are going to have a lot of fun together. I do this for the fun and the tips that come along with it. I'm still a student, so all the money I earn here goes directly for paying tuition, so hope you can help me in this task. I like playing on CAM4, this is my life!

Fonte: Disponível em: www.cam4.com/leodaddy20cm. Acesso em: 15 Set. 2014.

Sobre as produções que se voltam para a pornografia na internet, Attwood (2007) é uma das referências em relação a estudos sobre pornografia alternativa, pois crê que o *online* não é simplesmente uma extensão da pornografia comercial *offline*, pois cria novas oportunidades de

produção e consumo, deixando nebuloso, em muitos momentos, a divisão entre produtores e consumidores (exemplo são os vídeos amadores ou mesmo os sites de *webcam live streaming*, como o Cam4). Além disso, para Attwood haveria uma modificação na lógica da indústria, sob o aspecto da produção, e alterações em algumas das convenções encontradas nos filmes pornô. Desse modo, o rápido crescimento de novas formas de pornografia *online* e os aspectos culturais que surgem em torno delas confundem as fronteiras entre a estética pornô e outras, entre formas de sexo comercial e não-comercial, entre consumo e comunidade, e entre sexo como representação e autorrepresentação, recreação e relação. (ATTWOOD, 2007, p.453).

Para Paasonen (2010, p.139), o termo “amador profissional” (*Pro.Am*), foi cunhado para descrever a indefinição de tais divisões (profissional e amador), bem como uma mudança na geração de cultura: amadores em rede com habilidades profissionais participam no desenvolvimento de um *software*, no design e na geração de conhecimento, sem identificar essa atividade como trabalho, desafiando assim as hierarquias tradicionais de especialistas e leigos, ou profissionais e amadores (2010, p.140). *Pro.Ams* fazem qualquer coisa - seja ela escrita, programação de computadores, esportes, edição de vídeo, dirigir, hospedar, cozinhar ou sexo – “ao lado”. Eles podem ser pagos por seus esforços mas isto não significa sua principal fonte de renda. É exatamente essa perspectiva que diferencia os *webcamer-tip* dos demais *webcamers*, dentro do Cam4.

Mas como o Cam4 opera para a formação de *pro.Ams*?

Em primeiro lugar, preciso destacar que essa lógica só pode ser percebida na mudança da plataforma e inserção das *tips*, em 2011. O Cam4Bucks passou a ser o espaço direcionado às transações financeiras e dúvidas, questões legais, pagamentos. Já o Blog.cam4 serviu como elemento pedagógico para os *webcamers*, com questões muito interessantes de serem esclarecidas, pois dentro de seus *links* temos inúmeras informações sobre os elementos tecnológicos, as técnicas de iluminação, som, cenário, comportamentos, entre outras informações. Além disso, o site Cam4 tem perfis que chama de *Coach* (treinador), que literalmente dão treinamento a quem quer adentrar no mundo de *webcamer-tip*. Vale ressaltar que os *links* se entrecruzam, somos levados do blog para o Cam4bucks, do Cam4 para o blog, enfim, é possível ciberflamar por todos os elementos da plataforma.

Figura 44 – Cam4coach_pt.

cam4.com/cam4coach_pt

Informação, ajuda e aconselhamento dedicados às transmissões na webcam do CAM4.

AULAS AO VIVO

Toda Terça-Feira
20 hs BR
23 hs PT

Toda Quinta-Feira
20 hs BR
23 hs PT

Ao vivo e grátis no **CAM4**

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/cam4coach_pt, 15 de julho de 2017.

Perceba que o elemento “_pt” indica a língua em que será ministrado o treinamento. O Blog.cam4 pode ser encontrado em 8 línguas: inglês, francês, espanhol, italiano, português, holandês e alemão.

Figura 45 – Cam4Blog.

pt.blogs.cam4.com/category/ajuda-aos-performers/

CAM4BLOG

Home Feminino Masculino Transgênero Novidades Suporte Ajuda Aos Performers Visite CAM4

I'VE GOT SOMETHING TO SHOW YOU...

Como criar uma Fancy Bio no CAM4

Muito trabalho sem diversão não faz enlouquecer. No caso de você não ter visto ainda, temos algo para lhe mostrar e é muito bom. Para fazer CAM4 um lugar ainda melhor nós estamos trabalhando duro para torná-lo mais divertido, e por isso esta semana nós lançamos Fancy Bio para cada usuário do CAM4!

Como sacar minhas fichas no CAM4?

Dúvidas para escolher como vai receber seu pagamento pelo CAM4? Assista esse Vídeo e Aprenda quais são os métodos de pagamento de CAM4.

Como dividir a tela da sua WebCam com CamTwist

Aqui estão os detalhes sobre o uso CamTwist para obter um show com divisão telas acontecendo no CAM4. É fácil, divertido e

Shows de Sexo no CAM4 Hoje!

- malice4you2 @ 3:30pm BRA
- tallenstar77 @ 4:00pm BRA
- FallenStar77 @ 1:00pm BRA
- pregandstick @ 3:30pm BRA
- Opussykato @ 5:30pm BRA

SE INSCREVA AGORA no NEWSLETTER DO CAM4

Inscrição no Seu Endereço de Email:

Formato de Email Preferido: HTML

Escolha a Sua Lista: Gay Hetero

Se Inscreva Agora

Seguir @Cam4_pt

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.pt.blogs.cam4.com/category/ajuda-aos-performers, 15 de setembro de 2016.

Mas voltando, precisamos observar que o Cam4 propicia uma produção audiovisual singular, condicionada e veiculada pelo uso de câmera

(com ou sem microfone) com transmissão em tempo real (*streaming*) pela *web* (o tipo de conexão com a internet varia e pode ser via ADSL, WIFI, 3g, 4g, etc.). Neste sentido, é necessário atentar para os dispositivos técnicos presentes na produção dos ‘conteúdos’ dos *webcamers*.

Sobre a imagem, temos a possibilidade de uso de *webcam* (separada ou integrada a um computador), câmera de celular, outros tipos de câmeras e filmadoras. Além disso, é possível o uso de *software* de *webcam* (como por exemplo um chamado Manycam) que possibilita aplicação de efeitos na imagem, tais quais filtros, inclusão de títulos, outras imagens ou janelas embutidas.

Sobre o som, é possível o uso de um microfone integrado à *webcam* ou a outros dispositivos (*smartphone*, *tablets*, computadores), ou ainda separado da câmera (microfones acoplados a computadores, fones de ouvido com microfone, etc.).

O conteúdo da faixa de som, que pode ser chamada de trilha sonora, de modo geral compõe-se do som presente no ambiente do *webcamer* (com as idiossincrasias sonoras dos espaços internos ou externos, privados ou públicos), com presença de música em cena (como é comum no caso de *webcamers* que transmitem enquanto produzem ou simulam uma festa, ou ainda no caso de *webcamers* músicos ou DJs). Lembro-me de logo que o site me foi apresentado em 2009, ser comum observar um *webcamer* DJ que discotecava nu em sua sala, mas não o encontrei durante minha coleta. Além disso, a trilha sonora possibilita a transmissão da voz do/dos *webcamer/s*, seja para falar de si ou para interagir de modo mais pontual com algum/a observador/a, seja para compartilhar vocalmente na ocasião das performances sexuais (gemidos, avisos de ejaculação, *dirty talks*, etc.).

É preciso destacar que a voz, como marco identitário singular, torna-se um elemento crucial para a manutenção do anonimato durante a transmissão. Logo, o seu uso depende do grau de sigilo que o *webcamer* deseja manter, sendo muito habitual os *webcamers* que não se expressam verbalmente com sua audiência (emitem sons mas não falam). Além disso, sendo o Cam4 um site acessado por um público global, as limitações linguísticas dos participantes também cerceiam as possibilidades de interação.

Pensando nessa questão, o site traz um glossário de termos em inglês que podem ser usados pelos *webcamers*:

Para os que não falam inglês - nós oferecemos abaixo um pequeno glossário que irá lhe ajudar a se comunicar melhor com seus fãs pelo mundo.

Naked = Pelada (o)

Pussy = Boceta

Ass = Bunda

Anal = Anal
Dick / Cock = Pau
Feet Feet = Pé
Footjob = Masturbar com os pés
Cum = Gozar
Flash = Mostrar rápido os peitos.. A bunda...
Squirting Ejaculation = Mulher gozando enquanto espirra o gozo/o mesmo para o homem
Wanking / masturbating = Masturbação
Tits / boobs = Peitos
Dildo / sex toy = vibrador/pau de borracha
PVT / Private = Privado/falar só você e a pessoa
Bra = Soutien
Tokens = Fichas
Tips = Gorjeta
Goal = Objetivo/Meta do Show
Depththroat = Garganta Profunda
DP = Garganta Profunda [tradução errada para *double penetration*, dupla penetração]
Peeing / Watersports = Fazer xixi na cam
Fisting / Fist = Usar o punho para a penetração
BDSM = Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo
ETHNIC = interracial (brancos com pretos, asiáticos etc...)
Public Sex = Sexo em Local publico
Ballbusting = chutar, pisar, apertar o saco dos homens por diversão
Gagging = Garganta profunda/boquete profundo ate a mulher engasgar.⁵¹

Destaco a perspectiva heteronormativa encontrada nessas indicações, por exemplo o termo *gagging*, como se o sexo oral em um homem pudesse ser feito apenas por uma mulher. O site em português é uma tradução não muito boa do inglês.

Frases que você pode escutar / falar durante o show:

Thanks BB = Obrigada bebe

Tip if you like = Me dê fichas se esta gostando do meu show show

boobs / ass / pussy = Mostre os peitos/bunda/boceta

⁵¹ Fonte: Disponível em: <https://pt.cam4.com/training/comecando-3-2/glossario-para-performers-do-cam4>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

Finger pussy = Coloque o dedo na boceta

Suck dick = Chupar o pau

15 token Flash Boobs = 15 fichas para mostrar os peitos

Esta é uma lista parcial do que pode ser dito em Webcam, mas ela vai ajudar você a entender muito do que você pode pedir. Se você está tentando aprender Inglês, este é um bom começo. Boa sorte!

52

Desta forma, o som ambiente não é utilizado de modo sistemático pelos *webcamers*, ficando a critério destes fazerem o uso do som como ferramenta de otimização da transmissão e da interação oral (como suplemento da interação por escrito na janela do *chat*) com a audiência. Sendo inclusive a liberação do áudio comumente colocada como uma das metas realizadas pelo *webcamers* em troca de *tokens* no intuito de ter uma fruição plena do ‘show’.

Em alguns casos de *webcamers* transmitindo em duplas ou em grupos, principalmente nos casos que classifiquei de ‘*gay for pay*’ (sujeitos que se identificam como hêteros mas tem práticas homossexuais por dinheiro), observei que a conexão ou desconexão do som ambiente é frequentemente motivada pelo interesse momentâneo em serem escutados por observadorxs ou não. De fato, em momentos de negociação sobre as próximas metas a serem definidas ou sobre situações de imprevistos (quando em duplas ou mais), o que pode ser definido como momentos de ‘bastidores’ dos *webcamers*, é recorrente que ocorra o desligamento do canal de áudio para manter o sigilo da conversa dos *webcamers*.

Sobre os elementos técnicos do ponto de vista de observadorxs, é possível deduzir pelos elementos tecnológicos disponíveis: a tela de computadores, televisores, *smartphones*, *tablets*, com uso de autofalantes ou fones de ouvido (caso a transmissão incluir som e o/a observador/a tiver interesse em escutar o *webcamer*). Na janela de transmissão é possível a observadorxs desabilitarem o som.

Considerando as características dos dispositivos técnicos, observa-se que existe um grande potencial para uma produção audiovisual inteiramente móvel, tanto na sua produção quanto na sua recepção. Este dado amplia consideravelmente o leque de ambientes e condições de produção e de

⁵² Fonte: Disponível em: <https://pt.cam4.com/training/comecando-3-2/glossario-para-performers-do-cam4>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

recepção das práticas (afetando acima de tudo categorias tais como interno/externo, privado/público, pessoal/profissional, entre outras).

3.1.2. O *webcamer* como produtor audiovisual

A transmissão do Cam4 engendra uma produção audiovisual de caráter essencialmente autorrepresentativo, ou seja, ficando a cargo do *webcamer* realizar a execução técnica (e estética) de sua própria transmissão. Tendo isso em mente, e partindo do pressuposto que se trata de um público leigo no domínio da linguagem audiovisual, o site se demonstra cuidadoso ao fornecer uma grande quantidade de informações e de orientações no seu blog, também através da fala de *webcamers* emblemáticos e ‘bem-sucedidos’. É interessante notar que as orientações publicadas incorporam alguns temas corriqueiros das oficinas de cinema, explorando várias de suas áreas com maior ou menor grau de aprofundamento para instrumentalizar os seus usuários. Entre estas, destaco: escolha e manuseio do equipamento, fotografia (iluminação, enquadramentos, ângulos e movimentos de câmera), direção de arte (figurinos, cenários, produção de objetos), som (captação, trilha sonora), edição (efeitos especiais na imagem), direção de atores, produção⁵³. Contudo, considero que ao oferecer as orientações ao *webcamer*, o site diz mais do que parece dizer, pois acaba transmitindo uma lógica pedagogizante acerca dos elementos que ele mesmo julga importante, dessa forma, massificando comportamentos (como havia sugerido Rolnik e Guattari (1986) nas máquinas de expressão de natureza extrapessoal). O site, assim, regula os corpos e práticas. Mas não sem respostas de criação subjetiva por parte dos *webcamers*.

As orientações do Cam4 começam por recomendações de ordem técnica, indicando uma gama de *webcams* apropriadas para realizar uma transmissão com uma boa qualidade de imagem, assim como, nos casos dos equipamentos mais elaborados, permitir movimentos de câmera e realização de *zoom*.

⁵³ Referente às áreas do audiovisual, os elementos foram destacados de acordo com critérios vistos em Rabiger (2007).

Figura 46 –Recursos audiovisuais indicados.



Fonte: Disponível em: www.cam4.com/training/comecando-3-2/checklist-do-iniciante-3, 15 Set. 2014.

Estas indicações técnicas são seguidas por outras referentes a uma área de fundamental importância para a performance audiovisual: a **fotografia**. Com efeito, o site traz rudimentos para montar uma **luz** apropriada no ambiente de transmissão, abordando tanto o tipo de lâmpadas, com suas diferentes temperaturas de cor, quanto a instalação e disposição dos diferentes tipos de fontes luminosas para que o sujeito seja adequadamente iluminado em cena (ver esquema com luz principal e luz de preenchimento).

Figura 47 – Dicas de iluminação.

Pegue uma lâmpada ou duas e certifique-se as lâmpadas são da mesma cor. Este é um bom momento para sair e comprar uma nova caixa de lâmpadas fluorescentes compactas, estas permitem que você escolha seus níveis de temperatura e brilho da cor, elas são muito eficientes!

KEY LIGHT
PRIMARY LIGHT SOURCE USED TO ILLUMINATE THE SUBJECT

CAMERA

FILL LIGHT
SECONDARY LIGHT SOURCE WHICH CAN HELP CONTROL SHADOWS

Agora, pegue a sua lâmpada (s) e coloque atrás de sua webcam. A fonte de luz deve estar sempre atrás de sua câmera não atrás de você. Candeeiros de pé e a árvore de lâmpadas torna perfeita a

Fonte: Disponível em: <https://pt.cam4.com/training/transmitindo-8-2/iluminacao-101>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

De modo similar, há orientações pertinentes sobre o uso do **enquadramento**, os **movimentos** (zoom, panorâmica) e os **ângulos** de câmera e sobre os seus possíveis efeitos estéticos para a transmissão. O exemplo mais vívido desta tentativa de sensibilizar o *webcamer* à linguagem audiovisual ocorre num comentário sobre o posicionamento da câmera abaixo da mesa para que a audiência tenha a vívida sensação que está espionando o sujeito em sua intimidade, como se não se tratasse mais de uma transmissão, mais sim de um ato voyeurístico no qual os olhos da audiência se identificam com o ponto de vista privilegiado e indetectável da câmera, à maneira do jogo de projeção e identificação exercido pelo espectador de cinema.

O mesmo discurso se volta para o **cenário** em que ocorre a transmissão, (ver o print sobre a decoração do quarto, etc.) recomendando o uso de certas cores vivas para as paredes, colocação de objetos em cena que possam despertar a curiosidade de observadorxs, engatilhando diálogos e suscitando o interesse dos visualizadores pela representação do *webcamer*. O mesmo vale para o uso de acessórios por parte do *webcamer*. O site chega a sugerir a transformação de um dos cômodos da casa em um cenário mais sugestivo (um porão, uma sala de ginástica, um consultório médico). Neste sentido, o discurso do site prega sempre pela diferenciação e customização para que o *webcamer* consiga se destacar no menu de miniaturas de *webcams*,

na página principal do site. O uso de luzes coloridas que piscam no segundo plano da cena, por exemplo, podem assim chamar a atenção do usuário, em meio a tantas outras imagens acumuladas em numerosas páginas de navegação.

Figura 48 – Dicas de cenário.



← → ↻ | Seguro | <https://pt.cam4.com/training/transmitindo-8-2/como-conseguir-mais-es> | 🗄️ ☆ 🔄 🌐 📄 ⚙️

CAM4

Localização, localização, localização!

As pessoas ficam entediadas de ver sempre quartos ou espaços que parecem como um estúdio. Uma ótima maneira de fazer seus espectadores clicarem na sua cam é trazer o seu show para um local emocionante! Lembre-se, você está autorizado a transmitir em áreas externas, no CAM4! Shows que estão sendo transmitidos de locais ao ar livre sempre ficam no topo do diretório. Todo mundo quer assistir a um show ao ar livre. Se você não pode transmitir em áreas externas, pense em fazer shows de diferentes divisões da sua casa. A mudança de cenário pode apenas fazer o truque e obter mais espectadores.

Dica Pro: Atraia centenas de espectadores transformando um quarto de sua casa em cenário para seu show na webcam. A criação de um espaço como um escritório, academia ou até mesmo um Porão pode lhe deixar muito popular, e os shows mais emocionantes na cam.

Fonte: Disponível em: <https://pt.cam4.com/training/transmitindo-8-2/como-conseguir-mais-espectadores>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

Em menor proporção, algumas recomendações são dadas sobre a **faixa sonora** da transmissão. O site menciona principalmente o uso de música e fala sobre o cuidado para que a fonte da trilha musical não provenha do mesmo aparelho onde se encontra a captação do som do microfone, o que ocasionaria, por um lado, possíveis distorções na música e, por outro, o comprometimento da qualidade e entendimento da voz do *webcamer*.

Também com menos ênfase, o site indica o uso de programas acoplados à imagem da *webcam* (principalmente o ManyCam) que oferece uma gama de efeitos a serem aplicados à imagem da *webcam* em tempo real: letreiros, figuras sobrepostas, filtros e uso de tela embutida. Este último recurso é bastante relevante pois ele permite integrar uma outra imagem pré-produzida no canto da imagem da transmissão ao vivo, ou seja, o *webcamer* pode exibir fotos ou vídeos pessoais pré-gravados na sua janela, aproveitando este momento de visibilidade para publicizar ainda mais sua imagem através de outros conteúdos pessoais. É curioso pensar que este

recurso de manipulação da imagem comumente associado ao de **edição** dentro da fase de pós-produção do audiovisual, encontra-se aqui, pela vocação “*live*” do Cam4, simultâneo à de produção.

Ao longo das orientações, o *webcamer* se depara em vários momentos com dicas pontuais sobre sua atitude perante a câmera, de que maneira deve se comportar, em que momento sorrir e agradecer, de que maneira mesclar uma atitude “leve” com objetivos “firmes” ou ainda demonstrar simpatia e carisma sem esquecer-se que deve atirar sexualmente seus\suas observadorxs em vista da obtenção das gorjetas. As indicações visam enquadrar uma atuação singular não somente no momento da transmissão, mas também no espaço contínuo do perfil pessoal e das redes sociais linkadas a ele.

Esse elemento deve ser olhado com atenção. Desde o início desta pesquisa, tenho tentado entender a função do site quanto às práticas sexuais percebidas, se meramente meio no qual elas se davam (o espaço na *web*), se facilitador delas, ou se influenciador direto de tais práticas. Em certo momento, ao reconhecer que o site, ao instituir as transações monetárias em sua estrutura agia também como elemento regulador e punitivo para observadorxs e *webcamers*, passei a considerá-lo como a representação virtual do caftén/cafetina, o proxeneta que atua no mercado sexo praticando o lenocínio (MAZZIEIRO, 1998). E neste caso, sendo o lenocínio toda ação que visa facilitar ou promover a prática da prostituição de pessoas ou dela tirar proveito, tipificado nos artigos 227 ao 230 do Código Penal Brasileiro, consistindo, portanto, na mediação para servir a lascívia de outrem, no favorecimento da prostituição ou outra forma de exploração sexual, na manutenção de casa de prostituição e no rufianismo, o site poderia sofrer as consequências legais.

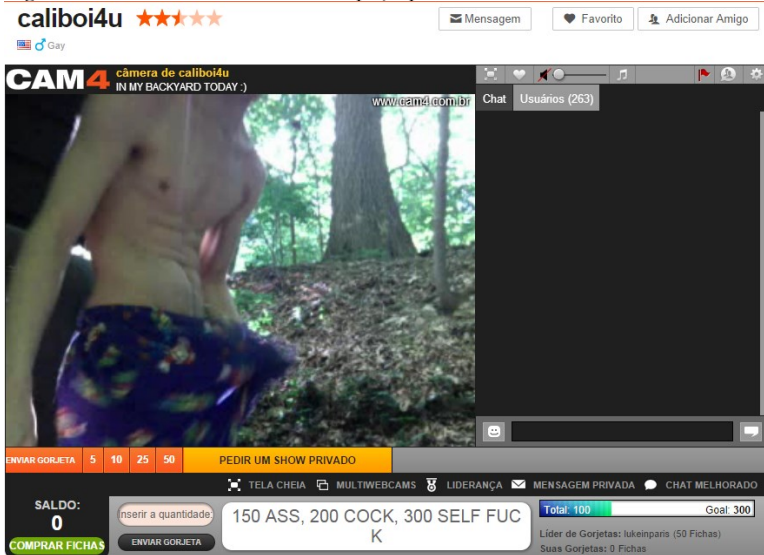
É exatamente por se inserir em zonas de fronteira (real e virtual, público e privado, espaço familiar e espaço social, espaço de lazer e espaço de trabalho, moral e imoral, subjetivo e coletivo, analógico e digital, erotismo e pornografia) que o site em nenhum momento diz da prostituição, nem mesmo nas regras dirigidas aos *webcamers*. Invisibilizando sua existência de forma a não atrair a atenção para si. Creio ter demonstrado que o Cam4 lucra com as práticas sexuais desenvolvidas no seu espaço da *web*, mas por tratá-las como ‘Conteúdo Gerado pelo Usuário’, como obras produzidas pelos *webcamers* (e por isso é tão comum encontrar os avisos dos dispositivos legais relacionados à produção artística nos perfis), o site se exime de qualquer aproximação com a prostituição.

Outro aspecto interessante a notar é que o *webcamer*, além de ser, por assim dizer, diretor e equipe de sua própria atuação, deve também ter os cuidados logísticos e legais de um produtor. Ao passo que o site torna-se

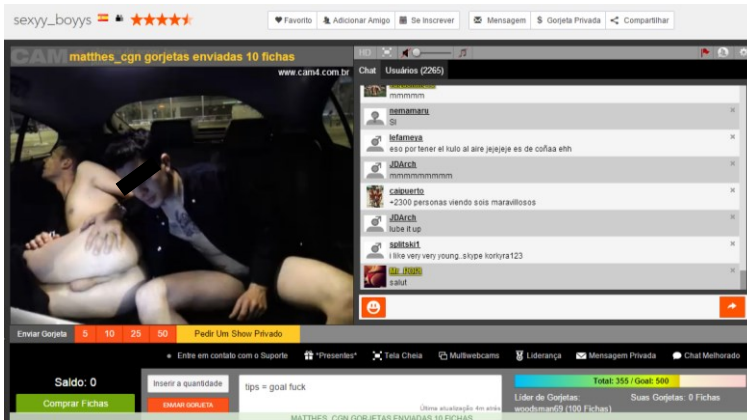
mais complexo e os ambientes de transmissão mais diversos, algumas precauções são ressaltadas para evitar constrangimentos e processos penais, principalmente na tentativa de assegurar que os sujeitos que aparecem na *cam* o fazem de modo consciente e registrado pela administração do site. Na prática, se um *webcamer* convida outra pessoa a participar junto de seu “show”, esta deverá preencher um cadastro anteriormente junto ao site. De mesmo modo, qualquer transmissão em espaços públicos nos quais aparecem outras pessoas não envolvidas (fregueses do bar, transeuntes, etc.), o site pede que todas concedam sua autorização de uso de imagem. O mesmo ocorre com a autorização do uso dos espaços físicos (sejam elas internos ou externos) no caso de serem propriedade privada. Ao mesmo tempo que o site incentiva fortemente os *webcamers* a saírem de seus quartos à procura de cenários inusitados e excitantes, o Cam4 também tenta se proteger legalmente dos riscos crescentes envolvidos nesta saída às ruas, onde o controle do cenário de estúdio dá lugar aos imprevistos da transmissão fora de quatro paredes.

Abaixo podemos ver um *webcamer* dos EUA, no que parece ser uma parque, dois espanhóis de Madri, transando no carro em uma avenida e dois franceses. Nessas situações, observadorxs experienciam juntos com o *webcamer* a possibilidade de ser pego em flagrante por outras pessoas. Em mais de uma vez, pude perceber que os *webcamers* que têm práticas em público reforçam os gestuais de suspeição, olhando para os lados com frequência, para espaços fora do que a *cam* pode nos mostrar, como em estado de alerta. Muitos descrevem o que supostamente observam: “-Vem vindo gente.”, “-A polícia passou por aqui.”.

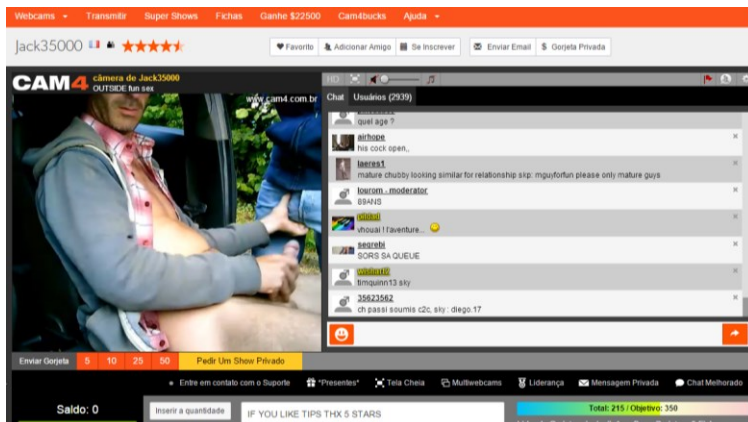
Figura 49, 50 e 51 – Webcam em espaço público.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/caliboi4u, 22 de setembro de 2014.



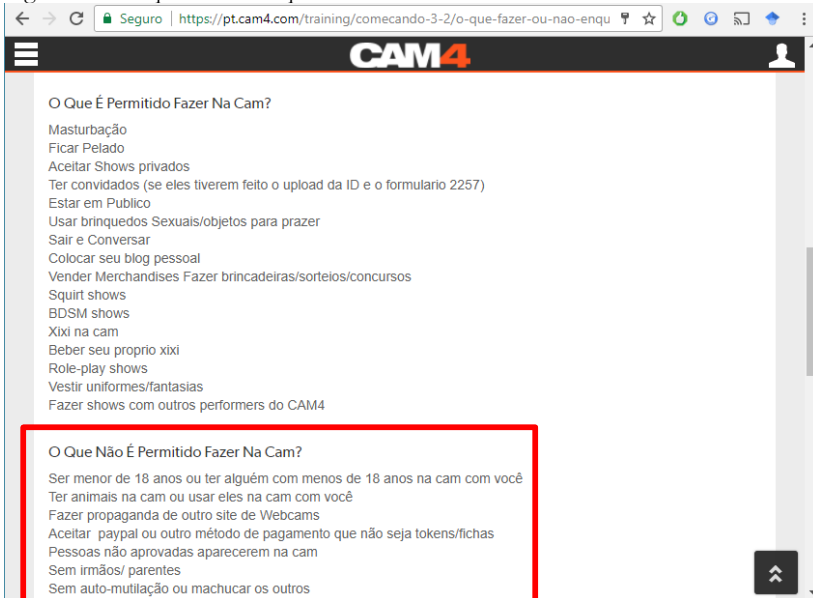
Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/sexyyboys, 24 de abril de 2015.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/jack35000, 22 de junho de 2015.

O *webcamer* representa este acúmulo de inúmeras funções e habilidades que perpassam o simples ligar ou desligar da *webcam*. As dicas do site tentam assim sensibilizar o *webcamer* aos rudimentos do audiovisual para torná-lo mais proficiente e, claro, eficiente em seu objetivo de faturar gorjetas e de agregar mais visualizadorxs, relembrando que um maior faturamento do *webcam* implica em maiores comissões para o site.

Além disso, o site tenta regular os comportamentos, com indicações do que se deve ou não fazer frente à *webcam*. Perceba que para o site, o incesto, a pedofilia, a zoofilia e certas escatologias não são permitidas, contudo, com exceção da pedofilia e zoofilia, pode constar todas as outras interdições.

Figura 52 – O que fazer e o que não fazer na *cam*.

Fonte: Disponível em: <https://pt.cam4.com/training/transmitindo-8-2/o-que-fazer-ou-nao-fazer-enquanto-tem>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

Elenco ainda outros elementos encontrados nos treinamentos: *Guia de o que cobrar dos seus espectadores*, para o site, saber quanto cobrar - e colocar o seu objetivo de gorjetas na janela de transmissão de maneira clara - é quase tão importante quanto fazer os seus 'shows' quando se trata de ser bem sucedido e maximizar suas gorjetas; *Como conseguir mais espectadores*, o Cam4 dá dicas de o que falar, como se comportar, como agradecer, como interagir buscando conseguir mais observadorxs; *Filtros no chat*, todo *webcamer* do CAM4 tem a possibilidade de usar filtros no *chat* que permitem controlar quem pode conversar com ele no seu *chat* durante a sua transmissão; *Como transformar qualquer Show em Arte*, o site insiste em tratar as práticas como shows e como arte, assim quanto mais o *webcamer* se concentrar em fazer seus 'shows divertidos e criativos', mais telespectadores vai atrair; *O que é permitido nos shows outdoors*, para o site, com o retorno do calor em países frios, as transmissões móveis no CAM4 não estão mais restritas a 'shows' em ambientes fechados; *Como usar melhor shows privados, em grupo e com senba*, CAM4 oferece uma ampla variedade de opções de 'shows' para dar completo controle criativo sobre o tipo de prática que o *webcamer* quer oferecer a seus 'fãs' (eventualmente o site trata observadorxs como fãs, afinal o *webcamer* é

visto como um artista produtor de materiais visuais); *Como configurar a sua sala; Transmitindo melhores práticas e gestão do tempo; 10 dicas para se exibir na cam; Moderando sua sala de chat; e Definindo e alcançando seus objetivos de gorjetas*⁵⁴.

3.2. PÚBLICO, PRIVADO E ÍNTIMO

Há que se dizer que a virtualidade tem operado diretamente sobre nossas noções de público e privado, no que tange aos espaços, ações e propriedades. Os conceitos de esfera pública e privada da vida têm sido centrais no pensamento político do Ocidente ao menos desde o século XVII. Em alguns aspectos, eles têm sua origem no pensamento grego clássico. (FOUCAULT, 1988).

Segundo Okin (2008), as distinções entre público e privado têm tido um papel central, especialmente na teoria liberal. O “privado” vem sendo usado ao se referir a uma parte ou partes da vida social nas quais a intrusão ou interferência de outrem em relação à liberdade requer justificativa especial, e o “público” para referir-se a uma parte ou partes vistas como, geralmente ou justificadamente, mais acessíveis. Por vezes é o controle da informação sobre o que ocorre na esfera privada que é destacado, outras vezes é a liberdade em relação a ser observado, em alguns momentos é a liberdade em relação à interferência ou intrusão nas atividades, solidão ou decisões de alguém.

Para George Duby, no prefácio à “História da vida privada”, o conceito de privado só adquiriu consistência no século XIX, tendo sido definido como “uma zona de imunidade oferecida ao recolhimento, onde todos podemos abandonar as armas e as defesas das quais convém nos munir ao nos arriscarmos nos espaços públicos [...]” (VEYNE, 1990, p.10), coincidindo com o lugar da familiaridade, o doméstico, o íntimo. Para Matos (1996), a falsa universalidade do limites entre público e privado fica evidente se pensarmos que estes foram definidos a partir da era vitoriana e construídos conjuntamente com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para sexos-gêneros. Ainda, no decorrer dos tempos, as linhas de demarcação entre público e privado foram traçadas de modos distintos, com momentos em que as atividades familiares e públicas se misturam, e outros em que são explicitamente diferenciadas. O que destaque é que os conceitos de público e privado, seja quanto ao espaço, a ação ou propriedade, não são universais nem estáveis. Matos (1996) diz também que

⁵⁴ Disponível em: <https://pt.cam4.com/training/transmitindo-8-2>. Acesso em: 15 Jul. 2017.

a distinção entre doméstico e público é anterior à segmentação privado/público e baseia-se na separação entre a vida privada da família e o resto da sociedade.

A noção “público/privado” é usada tanto para referir-se à distinção entre Estado e sociedade (como em propriedade pública e privada), quanto para referir-se à distinção entre vida não-doméstica e vida doméstica. Nessas duas dicotomias, o Estado é (paradigmaticamente) público, e a família e a vida íntima e doméstica são (também paradigmaticamente) privadas. (OKIN, 2008).

Okin usa um exemplo dado por Weinstein (1971), uma analogia útil entre público e privado e as camadas de uma cebola; assim como uma camada que está do lado de fora de outra camada estará também dentro de uma outra, algo que é público em relação a uma esfera da vida pode ser privado em relação a uma outra.

Dito isto, vemos que a relação entre público e privado, ambos relacionados à questão da visibilidade, ganhou novos contornos com as tecnologias comunicacionais contemporâneas. Tais tecnologias participaram da transformação no modo como os indivíduos constituem a si mesmos e modulam suas identidades a partir da relação com o outro, mais especificamente com o ‘olhar’ do outro. As tecnologias comunicacionais têm a função central no processo de visibilidade, pois elas oferecem um cena pública para as experiências privadas e afirmam-se como espaços de legitimação social do íntimo.

Intimidade, do latim *intimus*, significa “o que está mais no interior”. A intimidade como um âmbito da vida e/ou do indivíduo é uma ideia produzida na modernidade que, no entanto, aparece como um valor universal, inquestionável e inerente à vida humana. Segundo Toneli (2010), para governar a sociedade foi necessário obter informações sobre os indivíduos e voltar-se para suas intimidades (biopoder/biopolítica). É nesse contexto que a ideia de intimidade e sua configuração geopolítica surgem remetendo ao indivíduo algo que lhe seria próprio. A separação entre o domínio público da política e da produção do domínio privado da reprodução destina a este último uma suposta autonomia quanto aos diversos “modos de ser”, em especial as relações de natureza sexual.

A intimidade se constitui, então, como um campo ligado à privacidade em oposição ao espaço público por meio de diversas práticas e saberes na modernidade. Campo de ações que incluem o discurso de si, a história da vida pessoal, o compartilhar emoções, sentimentos e pensamentos, a experiência cotidiana, a vida amorosa e as relações de amizade, tudo aquilo que pode ser colocado sob o

domínio do privado e do familiar e que é compartilhado apenas por um grupo de pessoas conhecidas. (TONELLI, 2010, p.141)

Foucault, diz em sua “genealogia da alma moderna” (1983, p. 31), uma das definições do projeto de Vigiar e Punir, que a subjetividade é inseparável dos dispositivos de visibilidade. As instituições disciplinares, que encontram seu modelo ideal no Panóptico, são máquinas de ver que produzem modos de ser. O poder disciplinar e a produção de individualidades e subjetividades na modernidade não podem ser dissociados de todo um jogo de olhares e de uma “arte obscura da luz e do visível” (idem, p. 154), presentes nos diversos discursos, dispositivos e tecnologias, mais ou menos materiais, que constituem o mecanismo disciplinar.

O Cam4, nesse sentido, recria de inúmeras maneiras as estruturas da visibilidade e invisibilidade, recria inclusive as noções de público e privado e legitimação do íntimo e também age como mecanismo disciplinar. De 2009 até 2011 (suponho que desde 2007, mas não posso afirmar por não ter tido acesso ao site nesse período), abrir a *cam* no Cam4 era romper a barreira do íntimo, mostrar seu espaço privado, grande parte das vezes doméstico, parte de um processo em andamento em uma sociedade do espetáculo (DEBOR, 2003). Em 2011, com a mudança da plataforma, instituição de *tips* e criação de ‘shows em grupo’, ‘shows privados’ e ‘shows espíões’, instituiu-se no site uma nova parede, que limitava a visão daqueles que não pagassem para ter acesso à intimidade do *webcamer*. Uma parede com uma porta e um porteiro, a regular quem entra e quem sai mediante o pagamento, nesse caso o próprio site.

Para o *webcamer*, uma parede frágil, passível de ser derrubada a qualquer momento pelo site, já que “na medida em que voluntariamente cria um perfil para participar em [sic] serviços seletos oferecidos pelo Cam4, o seu perfil (e conteúdos) podem ser pesquisáveis por outros utilizadores registados através do Cam4 e outros parceiros ligados ao Cam4. Igualmente, o seu perfil (e conteúdos) podem ser pesquisáveis por motores de busca publicamente disponíveis”⁵⁵. Por essa razão, é comum encontrar *webcamers* que usam máscaras, uma forma de ‘tentar’ manter algo de privado frente à publicização de suas práticas sexuais.

⁵⁵ Disponível em: <https://pt.cam4.com/termsofuse>. Acesso em: 27 Jun. 2016.

Figura 53 – Privatizando a intimidade pública.

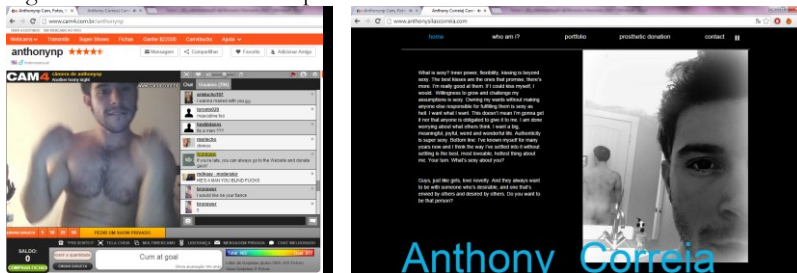
The screenshot displays the interface of a Cam4 webcam page. At the top, the profile name '2sexcouple2' is shown with four stars and a 'Heterossexual' tag. Navigation buttons include 'Favorito', 'Adicionar Amigo', 'Se Inscrever', and 'Messenger'. The main video area shows a man and a woman wearing blindfolds. The chat window on the right, titled 'Chat Usúarios (324)', lists several users. The user 'alanriq' is highlighted with a red box, and their chat history shows a message 'deixa ela te foder?' followed by a response '??'. The bottom of the page features a 'SALDO: 0' indicator, a 'COMPRAR FICHAS' button, and a '250 suck' button. A progress bar shows 'Total: 131' and 'Goal: 250'.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/2sexcouple2, 16 de abril de 2015. Destaque para tentativa de interação de observador.

Esse jogo entre mostrar e esconder, publicizar e privatizar, constrói relações de poder nas quais *webcamers* são constantemente testados. Perceba na fala do observador ‘alanriq’: “-Deixa ela te fuder? -???”. Além de ter a intimidade exposta, ainda espera-se dos *webcamers*, nesse caso um casal heterossexual, que eles quebrem com todas as regras da heteronormatividade que instituíram o ato de ser penetradox como característica de mulheres ou homens gays. Os *webcamers* não responderam ao observador e fizeram apenas o que estava estipulado: “250 suck”.

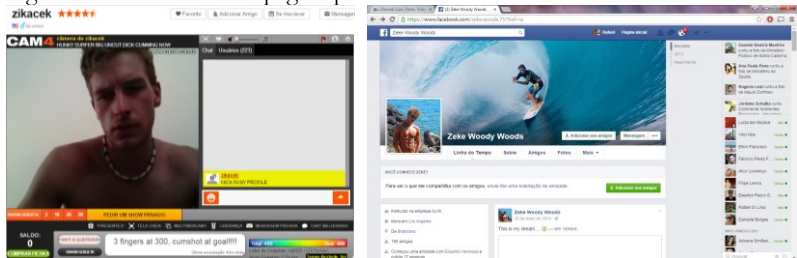
Para outros *webcamers*, já não há tamanha preocupação com privacidade e intimidade, talvez porque não haja muita delimitação entre on/off-line em suas vidas, de tal forma que indicam em seus perfis do Cam4 outros endereços virtuais onde podem ser encontrados. No caso de ‘antony’, o site pessoal faz parte de sua tentativa de sensibilização do público observador, pois justifica que as práticas sexuais que ele desenvolve no Cam4 servem para pagar sua redesignação de sexo, sendo ele um transhomem. Quanto a ‘zizacek’, não tive elementos nem em seu perfil no Cam4, nem em seu perfil no Facebook (outra comunidade virtual, ou rede social digital), para verificar alguma razão que não fosse sua própria escolha.

Figura 54 e 55 – Acesso a site pessoal.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/anthonynp, 23 de setembro de 2014.

Figura 56 e 57 – Acesso a página pessoal em rede social.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/zizacek, 04 de março de 2015.⁵⁶

Contudo, é possível perceber que esse ar de privacidade é elemento no jogo de sedução entre *webcamer* e observadorxs, como pode ser visto na entrevista de *dariusz23*, concedida ao Blog.cam4 em 10 de março de 2014:

Quando você namora, você conta sobre sua cam?
 Não, vocês, caras e garotas, são meu pequeno segredo.⁵⁷

3.3. VAMOS CLICAR?!

⁵⁶ Nesses dois casos decidi não usar as tarjas, pois ambos sujeitos, ao indicarem suas referências identificáveis fora do Cam4, deixam claro que não veem problemas em publicizar seus espaços privados.

⁵⁷ “When dating do you tell people about you camming? No, you guys and girls are my little secret”. Disponível em: <http://gay.blogs.cam4.com/2014/03/march-cam4-stud-dariusz23/>. Acesso em: 04 de março de 2015.

Levando em consideração os critérios estabelecidos para minha coleta de dados, minha inserção no site se dava da seguinte forma: ao entrar no site, e aceitar as regras da página de abertura, eu selecionava a categoria homens e abria a primeira janela, o *webcamer* com maior número de observadorxs. Caso o *webcamer* não houvesse estipulado uma meta de *tokens*, eu voltava para a página principal e ia para as janelas consecutivas, até encontrar um *webcamer-tip*.

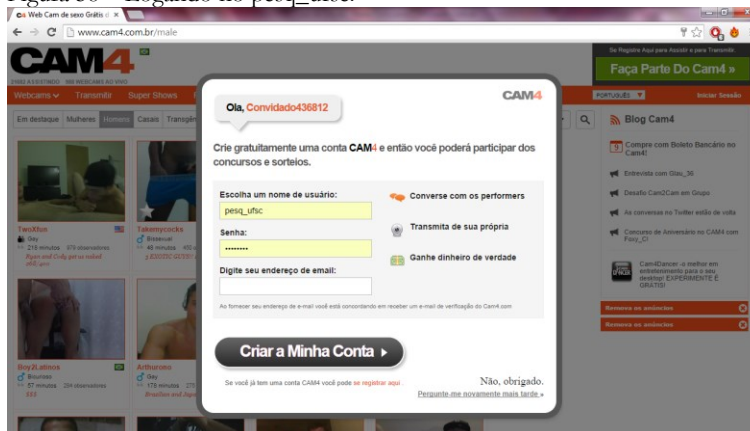
Por conta do número de observadorxs, eu sempre era levado a uma prática em andamento, estivesse ela na fase da sedução entre *webcamer* e observadorxs (momentos nos quais os *webcamers* dialogam sonoramente ou via *chat* lateral, ou tiram a roupa, ou alisam seus corpos), ou já com atos sexuais explícitos na *cam* (que classifiquei como onanismo interativo, interação cibertecnológica, ciberménages (2+X) ou ciberorgias (>2+X)). A partir desse momento, então, eu começava a registrar os elementos em forma de *print* de tela, construindo meu DIÁRIO DE CAMPO, que usei como forma de explicar os dados percebidos.

Não julguei tarefa fácil selecionar quais detalhes deveriam constar nessa tese, ao longo desses anos, pude perceber e registrar muitos sujeitos, muitas representações, práticas e negociações. Por tal razão, ao dizer dos elementos intrínsecos ao site, apresentarei elementos dos *webcamers* inerentes a eles.

3.3.1. Perfil

Para a observação participante, não era necessário que eu criasse um perfil, bastava entrar, observar, ‘printar’ a tela e anotar os detalhes percebidos. Mas em março de 2014, precisei verificar como se davam as questões técnicas para os *webcamers*, nesse momento então, criei o perfil ‘pesq_ufsc’ e a partir de então acessei o site através dele. Ao criar o perfil, os *cookies*, memórias do programa de navegação, interagiam com o site e me levavam diretamente para o menu de miniaturas de *webcams*, na página principal do site, o ‘aquário humano’.

Figura 58 – Logando no pesq_ufsc.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/male, 23 de Março de 2014.

Nesse momento pude confirmar que o site tinha vários elementos semelhantes a outras redes sociais digitais atuais, como ‘solicitar a amizade’ de outro membro, ‘favoritar’ um perfil e receber as atualizações dele, além de notar as interconexões entre a comunidade Cam4 e outras redes, como o Twitter. Caso você publique no Twitter a data em que estará online no Cam4, as plataformas interagem e os usuários do Cam4 recebem o aviso. Além disso, quando ‘logado’ eu podia ver os demais participantes também ‘logados’ pela janela de *chat* e interagir diretamente com eles, por mensagem e e-mails. Meu foco não era necessariamente saber dos observadorxs, e sim dos *webcamers*, por essa razão, raras vezes interagi diretamente com outro membro do site que não o *webcamer* da janela que eu observava.

Para construir um perfil não é necessário enviar documentos pessoais, contudo, para poder transmitir as imagens da cam, sim. É preciso enviar dois diferentes documentos que comprovem sua idade (e maioridade) e assinar um termo de consentimento para que se possa receber do Cam4 após as práticas. A *cam* só é liberada após a análise dos dados e, em caso de denúncia, o *webcamer* pode ser banido ou ter sua *cam* desabilitada.

Figura 59 e 60 – Dois documentos exigidos para transmitir.

cam4bucks.com/aff/stats.php?page=onboard

Acadêmico Google Tradutor Plataforma Lattes Facebook YouTube Internet Músicas: Ouvir mús... UFSC - Universidade... PPGICH

BS GORJETAS DE HOJE 0 GANHOS DE HOJE \$ 0 00 GANHOS DISPONÍVEIS \$ 0 00 GANHOS RESERVADOS \$ 0 00 GANHOS VÁLIDOS \$ 0 00

Pedido de pagamento

Para solicitar um pagamento pelo Cam4bucks você deve ter sua conta aprovada completando dois passos simples. Nesse meio tempo, você poderá fazer login no Cam4, transmitindo e aceitando fichas.

Rafael Saldanha

Passo 1 Envie seu formulário de Autorização do Performer ✓

Passo 2 Carregar e verificar sua identificação com foto ✓

Precisa de Ajuda?

Visite nossa seção de FAQ

Entre em Contato com o Suporte ao Cliente

Primeira Identificação
Precisamos verificar os seguintes detalhes

- Nome Completo Legal
- Sua idade (maior de 18)
- Sua Fotografia

Deve ser uma identificação oficial do governo com foto (carteira de motorista, certidão de nascimento, passaporte).

Se você não conseguiu uma foto nítida com sua webcam, por favor envie uma foto de sua identificação usando a opção de browse

7

Frente da ID



Começar Cam or Browse

Parte de trás da ID



cam/aff/stats.php?page=onboard

Google Tradutor Plataforma Lattes Facebook YouTube Internet Músicas: Ouvir mús... UFSC - Universidade... PPGICH

Segunda Identificação
Exigimos qualquer documento para verificar o seu nome.

Examples: A utility bill, marriage license, birth certificate, health card, credit card, social security card or college identification

Por favor, bloquear números de segurança / cartão de crédito, pois não precisamos ver.

Verificação de Foto
Precisamos de uma foto de você que corresponde à sua identidade acima.

Por Favor, verifique se o seu rosto está dentro da forma manual

Começar Cam or Browse



Começar Cam



Face

Começar Cam

Enviar

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4bucks.com, 06 de abril de 2014.

Para a construção do perfil, os *webcamers* podem inserir fotos, preencher as informações que incluem: “Gênero, Etnia, Orientação (antes tratada por ‘preferência sexual’), Relacionamento, Idade, Localidade, Idiomas, Altura, Ocupação, Fuma, Bebe, Corpo, Cor do cabelo, comprimento de cabelo, Pelo Facial, Pelos Corporais e Cor de olhos”, posteriormente, o site inclui nos perfis a data de criação do perfil e dia da última transmissão e uma galeria de fotos que podem ser publicadas pelo dono do perfil ou ser um conjunto de frames de sua última transmissão. Preencher o perfil com esses dados se tornou mais importante após a inserção dos filtros como uma ferramenta de busca interna. É possível também escrever algo de livre escolha, espaço onde muitos inserem regras, desejos, pedidos e o aviso legal de que não é permitido o uso de sua imagem durante as práticas (entendidas por eles como ‘shows’ e pelo site como ‘produção de conteúdo’), verificar os presentes ganhados, um *chat* lateral aberto a quem acessa o perfil, a lista de prêmios e a lista de amigos. Caso o *webcamer* deseje, ele pode responder a um questionário do sexo com as seguintes questões:

- Você gosta de cibersexo?
- Você gosta de sexo oral?
- Você gosta de filmes pornográficos?
- Você usa brinquedos sexuais?
- Você gosta de sexo anal?
- Tem interesse em sexo com múltiplos parceiros?
- Você gosta de BDSM?
- Qual sua fantasia sexual favorita?

Os perfis tendem a seguir os mesmos moldes, sendo usados como um complemento daquilo que se vê na *cam*. Além disso, podemos acessá-los mesmo quando o *webcamer* não está com a *cam* aberta.

Figura 61 – Perfil do Cam4.

pt.cam4.com/zack_randall

- zack_randall Home
- Galeria de Fotos
- zack_randall Presentes
- Bate-papo
- Amigos e Favoritos

Informações do Perfil

Gênero:	Masculino
Membro Desde:	Outubro 01 2012
Última Transmissão:	Fevereiro 06 2013
Preferência Sexual:	Bisexual
Relacionamento:	Comprometido
Idade:	27
Localidade:	Phoenix, Estados Unidos
Língua Falada(S):	Inglês
Altura:	5'11"
Ocupação:	Porn Company
Fuma:	Não
Bebe:	Socialmente
Drogas Recreativas:	Socialmente
Corpo:	Atletico
Côr Do Cabelo:	Castanho
Pêlos Corporais:	Pouco
Côr De Olhos:	Verde

zack_randall Presentes Enviar um presente

Chat

Envie um comentário na zona de zack_randall

dewayneind disse:
Sexy fun you guys are fun together caught the show on mobile so countd chat. More More shows! :-)
No February 6 13 @ 02:47AM

shabooB disse:
you guys are amazing i loveee two guys i so sexy :D
No February 6 13 @ 01:08AM

RIVERMEN disse:
what are you doing in your room
No February 6 13 @ 01:08AM

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/zack_randall, 06 de Fevereiro de 2013.

No perfil acima podemos ler o texto: “Ator pornô ganhador de prêmios e dono da ZR produções LLC. Atualmente possui ensino superior e usa o poder do pornô para ajudar a pagar as contas.” (Tradução minha), trata-se de um conhecido ator pornô gay. Ao ler o perfil, achei ser algo fantasioso e joguei o nome em um site de busca, descobrindo que a informação era procedente. Naquele momento, estranhei o fato de ver um ator pornô num site de *webcams*, mas depois, observando que atores pornôs cobram em média 1000 *tokens* por ‘performance’ (enquanto *pro.Ams* e amadores cobram em média 300), que esse valor equivale a 100 dólares de ganho para o *webcamer*, que eles retroalimentam suas imagens (usando o site como meio publicitário), pude entender melhor tais aparições.

Além disso, o Cam4 desenvolveu um mecanismo para que os *webcamers* possam vender seus vídeos on-line. Esta habilidade é encontrada no Cam4 sob a oferta chamada “Minha Loja”. Como eu disse anteriormente, ao perceber que muitos *webcamers* gravavam suas práticas e as vendiam como vídeos pornográficos, o site incluiu essa possibilidade em sua plataforma. Com o critério que apenas *webcamers* que tenham enviado ao Cam4 suas informações pessoais e concordem em cumprir todas as exigências da lei da jurisdição em que eles vendem os vídeos, por exemplo, as chamadas “2257” com seus requisitos de manutenção de registros de lei dos Estados Unidos, estão autorizados a utilizar a plataforma Cam4 para a venda de vídeos. O

vídeos ficam linkados no perfil do usuário e só podem ser comprados com *tokens*, custando em média 300 *tokens*.

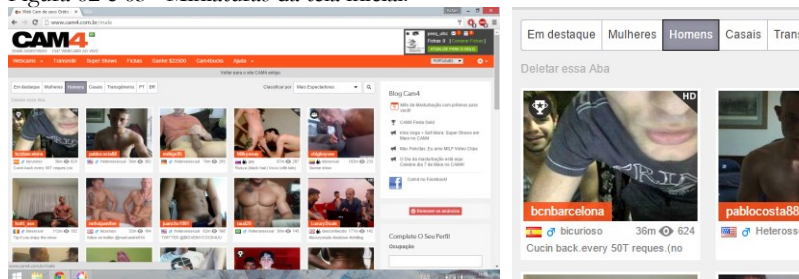
Porém, não posso deixar de dizer que, se a estética pornográfica do cinema influenciou os sites de *webcams*, encontrar os atores pornôns disputando espaço com *proAms* e amadores no Cam4 reforçam as noções de masculinidade hipervirilizada como hegemônica, uma vez que os atores pornôns reúnem em si elementos básicos dessa masculinidade, tais quais a muscularidade, a juventude, o pênis grande, as conquistas sexuais (afinal, é com essa representação que trabalham) e o suposto sucesso financeiro.

Dentro dos perfis, a sexualidade deve ser vista de acordo com a lógica dos agenciamentos de Guattari e Rolnik (1986), o interno e o externo. No agenciamento interno, o sujeitos se classificam a partir das relações instituídas entre sua subjetividade e das possibilidades dispostas pelo do site (heterossexual, homossexual, bissexual ou bicurioso), já quanto ao externo, não posso dizer que os *webcamers* sejam isso ou aquilo pois as práticas do cibersexo operam sob outra lógica, há um deslocamento do desejo frente ao consumo, algo já visto na prostituição quando profissionais tem práticas sexuais distintas de sua orientação.

3.3.2. Janela da Webcam

Do ponto de vista do *webcamer*, quando ele abre sua *webcam*, ela fica em uma janela independente. Mas para os observadorxs, a janela da *webcam* fica na parte superior do perfil selecionado. De forma que, além de poder ver e interagir, é possível olhar mais dados sobre o *webcamer*. Mas a miniatura do menu inicial e a janela da *webcam* já trazem grande parte dos elementos do perfil.

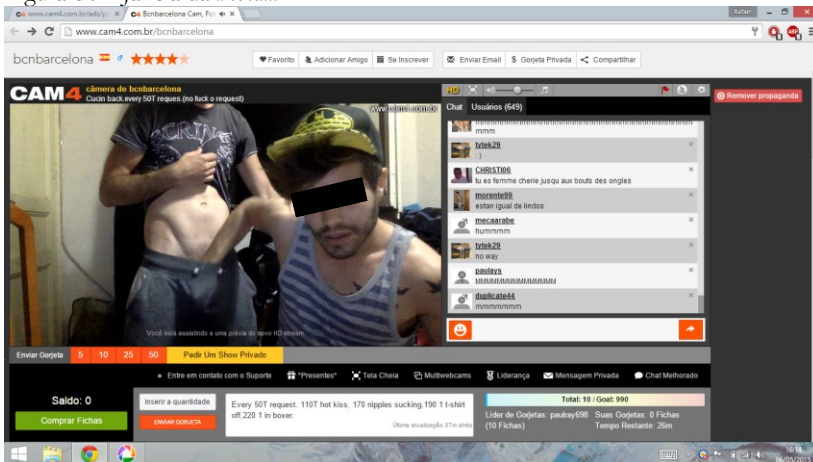
Figura 62 e 63– Miniaturas da tela inicial.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/male, 06 de fevereiro de 2015.

Ainda na página principal, na miniatura é possível ver um frame da prática como plano de fundo, na parte superior estão premiações e tipo de câmera, abaixo vemos o *nick* do *webcamer*, país indicado, sexo/gênero, orientação sexual, tempo com a *cam* aberta, número de observadorxs e um trecho do que ele estipulou como prática e valor exigido. Em 2016, foi inserido um item gráfico que indica se a/o *webcamer* usa alguma interação cibertecnológica, ou seja, um dildo que vibra de acordo com as fichas. Clicando sobre a miniatura escolhida, somos levados a janela do perfil.

Figura 64 – Janela da *webcam*.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/bcnbarcelona, 06 de fevereiro de 2015.

Novamente, os elementos são: *nick* do *webcamer*, bandeira do país indicado, elemento gráfico que representa seu sexo-gênero, número de estrelas na classificação de seu perfil (avaliado de acordo com a opinião de quem observa), a opção de favoritar ou adicionar o perfil como amigo, se inscrever para avisos de ‘shows’, enviar e-mail, enviar gorjeta privada e compartilhar com outro perfil.

No lado esquerdo, as imagens da *cam*, no direito a janela de *chat*. Sobre a janela de *chat*, temos a opção de ver em HD (alta definição) ou tela cheia, caso tenhamos feito o perfil *Gold*, o controle de volume do som do *webcamer* e a opção de deixar os avisos de gorjetas no mudo.

O perfil *Gold* é um perfil pago que exclui todas as propagandas, permite ver a *cam* em tela cheia, ver várias *cams* ao mesmo tempo e usar um chat melhorado (não consegui mais informações sobre quais seriam essas melhorias), seu custo é de US\$ 19,99 por um mês, US\$16,66 por mês no plano trimestral e US\$9,99 por mês no plano anual.

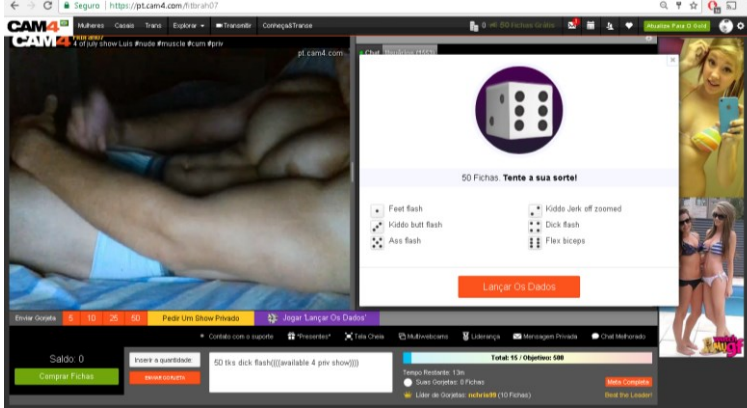
Há que se destacar que quando o *webcamer* recebe uma gorjeta, ouve-se um sino estridente, como forma de avisar a todos da *tip*. Com frequência os *webcamers* agradecem (textual ou oralmente) a quem deu a gorjeta, como o site ensinou no blog: *'thanks bb'*. Abaixo da imagem da *cam*, temos a opção de enviar gorjetas e pedir show privado ou espião (quando o *webcamer* habilita essas possibilidades). No canto esquerdo inferior, vemos nosso saldo de fichas (botão para comprar ou enviar), suporte técnico, presentes, tela cheia, *multivebcams*, liderança (dos usuários que deram fichas) e *chat* melhorado, apenas para usuários *Gold*. Não pude verificar do que se tratava o *chat* melhorado por não ser um usuário *Gold*.

E por fim, o espaço onde o *webcamer* indica o que fará, por quanto fará, e um medidor das fichas alcançadas e do tempo restante (existe a possibilidade de estipular um tempo máximo para atingir as fichas, mas isso é constantemente alterado, servindo muito mais para apressar observadorxs indecisxs quanto ao pagamento).

Partimos desse ponto: a negociação. É o primeiro elemento de teste de poder, onde o *webcamer* estipula seus critérios para observadorxs, negociando e pedindo *tips* (na janela do *chat* ou oralmente). O site estimula uma disputa entre observadorxs-*tip*, aqueles que pagam as fichas, mostrando quem deu mais e quanto deu. Em 2016, a plataforma inseriu o *'beat de leader'* para estimular ainda mais a doação de gorjetas.

Logo depois inseriu o 'jogo de dados'. O que pude perceber é que o site tem investido cada vez mais nas transformações que assemelham a plataforma com games. No jogo de dados, cada número representa uma atividade sexual que o *webcamer* realizará, pelo número de fichas que ele estipulou, no exemplo abaixo temos: “mostrar o pé”, “punheta rápida com close”, “mostrar o cu rápido”, “mostrar o pau”, “mostrar a bunda” e “mostrar os bíceps”, por 50 fichas (tradução minha).

Figura 65 – Jogo de dados.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/ fitbrah07, 04 de julho de 2017.

3.3.3. Chat lateral – a interação com observadorxs

Desde minha primeira observação, em 2009, pude notar que os *chats* eram elementos importantes do ciberespaço do Cam4. Muitos dos *webcamers* respondem a observadorxs pelo *chat*, sobretudo aqueles que não mostram seus rostos nem liberam seus áudios tentando preservar alguma privacidade. Também porque é nos *chats* que observadorxs podem interagir diretamente com *webcamers*, com ênfase nos que cobram pela interação, uma vez que nem todos estes podem ter uma interação *cam to cam*.

Devo destacar que até 2011, antes da inserção das *típs*, ‘shows privados’, ‘shows em grupo’ e ‘shows espíões’, os *webcamers* PVTs (*private*) acabavam dando exclusividade a um único sujeito, pois os programas computacionais existentes naquele momento não permitiam a interação de mais de duas pessoas com suas *cams*.

Apenas quando fiz meu perfil e enviei os dados para o uso da *cam* que tive acesso a informações disponíveis apenas a *webcamers*. Foi então que soube que o *webcamer* pode, caso queira, ter uma interação *cam to cam* com outro sujeito, que não posso mais tratar por observador uma vez que também passa a ser visto.

Tentei ao longo do tempo, e sempre que meu domínio linguístico permitiu, analisar também o que se passava nos *chats*. Muitas vezes, diálogos unilaterais entre observadorxs se dão durante toda a ‘performance’. Em

outras ocasiões, quando o *webcamer* está ‘tedioso’, na espera de atingir sua meta, os participantes se avisam que sobre outro *webcamer* mais interessante a ser observado, indicando o *link* do perfil.

O mais comum foi/é ver o/a moderador/a, nesse caso alguma pessoa que assiste escolhida pelo *webcamer* para organizar a conversa, ficar instigando os demais a doação de fichas. Cria-se uma espécie de incentivo/apelo, com frases como: “- Vamos, mais 15 fichas e ele tira a cueca”, “- *Típs*, galera, *típs*, ou não vamos ver nada”, “Falta pouco, 10 fichas e ele goza”. Quando o *webcamer* iniciava um show privado, em grupo ou espião, eu seguia observando a janela do *chat* (apesar de a imagem da *cam* estar fechada para mim) e pude perceber que os moderadores tinham acesso ao que acontecia na *cam*. Dessa forma, ser moderador dá a vantagem de ver e participar sem pagar por isso.

Tentei verificar pelos *chats* quais elementos estavam contidos naquele emaranhado de fatores (corpo, gênero, masculinidade, sexualidade, práticas sexuais, qualidade da imagem, iluminação, enquadramento, ângulo da *cam*, tipo de espaço visto, etc.) que pudessem me fazer entender o que atraía o maior número de individualidades para aquela janela.

Pude perceber que grande parte dxs observadorxs acaba indo para as janelas com mais destaque no menu de miniaturas. Assim, os primeiros colocados são, em sua maioria, aqueles que já são profissionais ou tentam ser (*pro.Ams*) do uso da imagem (nesse caso, atores pornô ou modelos) que fazem ‘performances’ com regularidade. Mas não posso fazer disso uma regra, aliás, no Cam4, não há muita linearidade. A regularidade facilita, visto que xs observadorxs, antes das mudanças na plataforma, não tinham como saber as horas possíveis de encontrar os *webcamers* esperados. O site ao perceber isso, instituiu os avisos, assim era só favoritar, adicionar como amigo ou se inscrever para receber avisos do momento em que a *cam* do *webcamer* era ligada. A mudança na plataforma, com a aproximação e incorporação de elementos das redes sociais, ampliou ainda mais a noção de comunidade virtual do Cam4.

Alguns elementos atraíram muito minha atenção, como por exemplo quando os observadorxs reclamavam entre si das atitudes ‘mornas’ dos *webcamers*. Existe um jogo de relações de poder extremamente complexo dentro do site. E aos poucos eu pude notar como o próprio site incentiva essa complexidade. O fato de tratar os *webcamers* por *performers*, modelos de *cams*, e os seus observadores como ‘fãs’ é um desses momentos. Fãs se sentem íntimos de seus ídolos, cria-se assim uma intimidade dentro da intimidade, são fãs de sujeitos que abrem suas *cams*, mostram suas casas, salas, quartos, cozinhas, banheiros e corpos. Com os perfis e as práticas cibersexuais, exibem seu sexo, seu gênero, sua sexualidade. Intergem em

torno de dois objetivos: o gozo sexual e o ganho financeiro. Garantia de um, satisfação de outro, elementos tão comuns às práticas de prostituição encontradas no mercado do sexo.

Quando o *webcamer* não satisfaz o desejo de quem observa é cobrado para que mude de atitude. No exemplo abaixo podemos ver: “É FATO TIPS VEM JUNTO COM A SIMPATIA DE QUEM ESTÁ TRANSMITINDO”, “-VC TEM Q FAZER ALGO CARA”, “-OS QUE CONVERSAM MAIS SÃO OS QUE GANHAM MAIS”, “-VEJO PELO STRONG77”.

As caixas altas nos diálogos virtuais representam simbolicamente uma fala em tom alto, ou gritos, dessa forma, a exigência da interação para o pagamento ou *tips* vem em tom ameaçador. Não, não se trata de um filme pornô, quem observa o sexo quer interagir, mesmo que tenha que pagar por essa interação. Qual a diferença disso para prostituição?

Figura 66 – Exigência de interação.

The screenshot displays the interface of a webcam chat on the website cam4.com. At the top, there are navigation tabs: "Em Destaque", "Mulheres", "Homens", "Casais", "Transgêneros", "Recente", "BR", "PT", "HD Cams", and "Reclamações". Below this is the profile for "topdacam", which has a 5-star rating and is labeled as "Heterossexual". There are buttons for "Mensagem", "Compartilhar", "Favorito", and "Adicionar Amigo". The main video area shows a man with a blacked-out face. A chat window is open on the right, showing a list of messages from users like "nebao", "alexandre468", "ianethe", "monica_xxi - moderator", and "topdacam". The "topdacam" message is highlighted in yellow. The bottom bar shows a balance of 0, a goal of 140, and other interface elements like "ENVIAR GORJETA" and "PEDIR UM SHOW PRIVADO".

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com/topdacam, 06 de abril de 2014.

Há que dizer também que inúmeras vezes puder ver avisos de *webcamers* dentro do *chat* de outros. Ao abrirem suas *cams*, os sujeitos iam nas janelas em destaque, as *top-one* (ou seja, com maior número de participantes) e avisavam observadorxs de sua transmissão. Um golpe de marketing inteligente, numa clara tentativa de roupar os ‘clientes’ alheios.

Pesam ainda as claras intenções de saber se o *webcamer* aceita um encontro sem a mediação da cibervirtualidade, sobretudo quando a

localização indicada é a mesma de observadorxs: “-Vc encontra as pessoas real?”.

Figura 67 – Virtual e real.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/strong77, 25 de março 2015.

3.3.4. Gorjetas

Creio que eu já tenha deixado explícito que apenas em 2011 as gorjetas foram inseridas na plataforma, principalmente após o site perceber a grande quantidade de negociações financeiras que aconteciam dentro dele mas não passavam por ele.

Tokens/Fichas são as moedas utilizadas no Cam4 para muitos recursos: assistir e conversar no Cam4 são sempre 100% grátis, mas dar gorjetas aos performers por um bom show, enviar presentes e solicitar Shows privados sensuais one-on-one exigem tokens/fichas. (Disponível em: <https://pt.cam4.com/token>, Acesso em: 13 Set, 2015)

Como dito anteriormente, a instituição das gorjetas como elemento interno do site, a alteração de toda a lógica da plataforma, a criação de regras, instituição de novas práticas e punições, fez como que eu repensasse o que eu observara até então. Foi a partir desse momento que deixei de ver o site

como mero canal onde se davam as práticas sexuais para observá-lo com mais atenção.

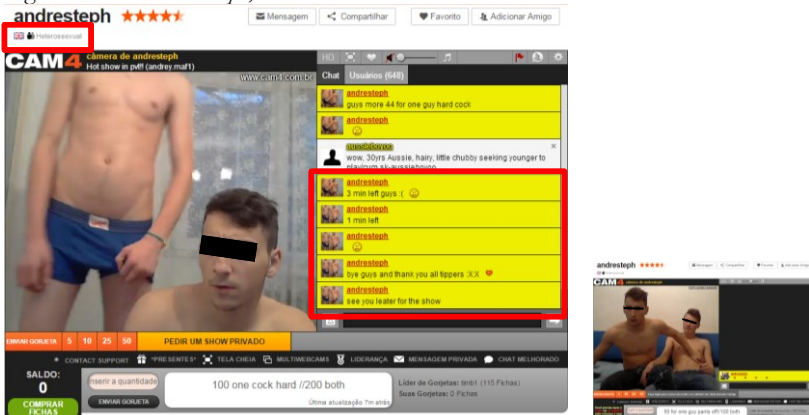
Por que pagar para o site ao invés de seguir usando ele como vitrine?

Quando me perguntei sobre isso, tive que buscar alguma justificativa lógica que respondesse a essa questão. Foi então que percebi que nas trocas financeiras anteriores, os PVT's indicavam como forma de pagamento a transferência bancária e o Paypal, acontece que em ambas formas as referências identificáveis de todos os sujeitos envolvidos ficavam expostas.

Não havia mais sigilo no momento em que observador e *webcamer* sabiam os nomes e sobrenomes uns dos outros e dessa forma estavam expostos a qualquer tipo de situação, desde chantagem até perseguição legal. O site, ao incorporar as transações, trouxe o sigilo novamente para jogo. Dessa forma, tanto quem vende quanto quem compra sexo ficam protegidos. A cada nova percepção, fui reforçando meu pensamento de que o site age como um proxeneta virtual.

As *tips* servem também como critério que diferencia os *webcamers* e observadorxs, as pessoas que estão no site apenas pelo prazer exibicionista/voyeurista daquelas que veem no sexo um produto a ser vendido e comprado. Por essa razão, se concluímos que cibersexo é uma forma de sexo, o sexo virtual pago também pode ser visto como ciberprostituição (ainda que, devido aos elementos envolvidos, o site chame de 'produção de conteúdo'). Uma coisa é certa, para esses sujeitos: sem *tips*, sem sexo.

Figura 68 e 69 – Sem *tips*, sem sexo.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/andresteph, 26 de novembro 2014.

Na figura acima é possível ver uma das negociações que não deu certo. Os *webcamers* instituíram um tempo limite para ganhar os *tokens*

necessários para as práticas que estipularam e desistiram após verificarem que não ganharam nenhuma *tip* no tempo estipulado. Perceba também que, não sendo musculados, os *webcamers* usaram a heterossexualidade como mecanismo para reforçar a masculinidade, contudo, durante o processo de sedução (que não rendeu frutos), puder constatar que eles tiveram práticas homossexuais.

3.3.5. Show em grupo, privados e espíões

Como, durante a observação participante, eu por vezes era excluído da possibilidade de verificar o que acontecia, nos momentos em que os *webcamers* iniciavam seus ‘shows em grupo’, ‘shows privados’ ou ‘shows espíões’ (entenda por ‘show espíão’ a possibilidade de pagar uma quantia menor e, assim, ver e interagir por um tempo menor), busquei informações que esclarecessem as regras desses elementos de ‘privacidade’ dos *webcamers-tip*. Assim, destaco as proibições com as quais os *webcamers* operam quando usam esse recurso: não devem usar o Paypal; sem drogas; sem linguagem abusiva ou de ódio racial; nenhum conteúdo ilegal (usam o elemento gráfico de um animal remetendo a zoofilia; apenas maiores de 18 anos (novamente um reforço contra a pedofilia) e sem vídeos (afinal, não há interação).

Figura 70, 71 e 72 – Elementos dos shows privados.

As imagens mostram a interface de criação de shows privados no Cam4 e um banner de regras para os usuários.

Figura 70: Criar um Show em Grupo

Descrição do Show: [Campo de texto]

Custo do ticket: 10 Fichas | Objetivo do Ticket: 2 tickets | Duração do Show: 5 mins | Tempo Limite: 5 mins

Botões: **Venda de Tickets**, **CONFIGURAÇÕES**

Figura 71: CONFIGURAÇÕES DO SHOW PRIVADO

Permitir Shows Privados | Permitir Espiar | Permitir Cam2Cam

Configurar o preço por minuto:

- 34 Fichas + 6 Fichas (Espiar)
- 12 Fichas + 6 Fichas (Espiar)
- 18 Fichas + 6 Fichas (Espiar)
- 24 Fichas + 6 Fichas (Espiar)
- 24 Fichas + 12 Fichas (Espiar)
- 30 Fichas + 6 Fichas (Espiar)
- 30 Fichas + 12 Fichas (Espiar)

Botão: **Salvar configurações**

Figura 72: Obrigados por transmitir no CAM4

Por favor, lembre-se das seguintes regras:

- Proibido Paypal**: ou pagamentos de terceiros de qualquer espécie devem ser solicitadas ou aceitos.
- Sem Drogas**: ou a aparência de uso de drogas.
- Sem Vídeos**: Todas as performances precisam ser ao vivo.
- Nenhuma linguagem abusiva ou racial** no site.
- apenas para maiores de 18 anos**: Todas as pessoas que aparecem na câmera deve ter 18 anos ou mais de idade.
- NENHUM CONTEÚDO ILEGAL**: Por favor veja o nosso [Termos & Condições](#) para mais detalhes.

A Violação acima irá resultar em um aviso / ban pela equipe do Cam4 a seu critério. Todos os avisos serão dados por indivíduos com um nome "Gold Admin".

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/pesq-ufsc, 01 de dezembro 2014.

3.4. DES - INTERDIÇÕES E MASCULINIDADES

Parte do meu fazer etnográfico era preencher meu Diário de Campo, e como eu optei por um método diferenciado, utilizando a própria imagem como anotação, por vezes escrevia em arquivos de texto apontamentos sobre a observação e ideias que surgiam dela. Desta forma, em 20 de janeiro de 2016, fiz a seguinte anotação: “Janelas abertas, vejo quartos, salas, banheiros, cozinhas, quintais, ambientes de trabalho, ruas, parques, bares. Vejo sujeitos bem iluminados e sujeitos na penumbra, corpos expostos, corpos a ponto de se expor. Rostos, bocas, olhos, peitos, braços, músculos, músculos, músculos, abdomens definidos, outros nem tanto, cabelos, carecas, com pelos, sem pelos, pênis, pênis, pênis, vagina, testículos, ânus, ânus, pernas e pés. Gozo e dinheiro. Homens.”. Apesar de poético, achei ilustrativo do que foi adentrar na virtualidade do Cam4.

Na virtualidade do ciberespaço podemos ver as certas marcações serem reapropriadas e reconfiguradas, a virtualidade abre espaço para o que Foucault (1988) chamou de *resistência às interdições*.

Para o autor, as resistências àquilo que foi interdito ou, melhor dizendo, regulado pelo poder, são distribuídas de modo irregular, de maneira que os pontos, os nós, os focos de resistência disseminam-se com mais ou menos densidade no tempo e no espaço, às vezes provocando o levante de indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento. (1988, p.106).

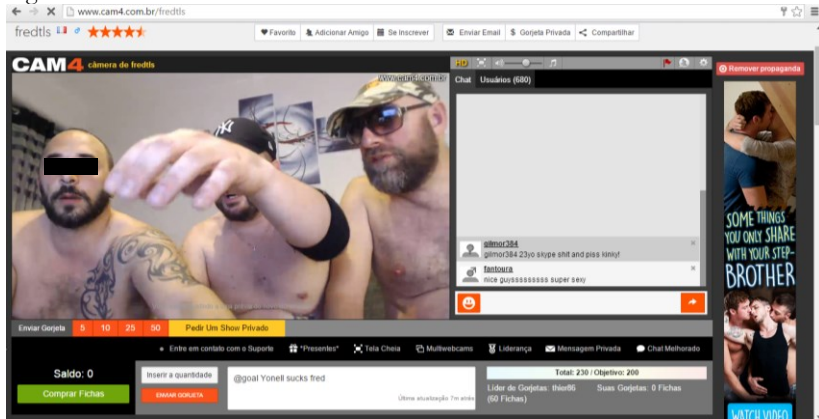
Assim, pude reconhecer alguns elementos significativos para que sejam repensados. Em primeiro lugar, se não há denúncias, não há punição. O sistema de autovigilância e autocensura parece deslocado na virtualidade, e os olhos que nos veem muitas vezes preferem calar, mas seguem olhando. As regras do site estão claras e são reforçadas em muitos diferentes momentos, perceptíveis durante a minha *ciberflânerie*: pedofilia não pode, zoofilia não pode e incesto não pode.

Pois bem, não observei a pedofilia, apesar de verificar uma fixação da sociedade ocidental na juventude. Grande parte dos *webcamers* não aparentavam ter mais de 25 anos. Devo levar em conta que a internet e a *web* são recentes, contudo, não é a falta de apropriação do meio ou da tecnologia que os invisibiliza. Por vezes, quando foi inserido primeiro filtro de busca, eu invertia a procura e escolhia “menos observadores” ao invés de “mais observadores” e lá estavam os homens maduros, interagindo com dois, três ou quatro observadorxs.

Quando pude constatar homens mais velhos em posição de destaque, não pareciam tão velhos assim, seu perfil dizia 41 anos, e eram três, com a promessa de uma ciberorgia. Dessa forma, há que reavaliar se dentro dos

códigos da masculinidade hegemônica não estamos presenciando a juventude deslocando a velhice para fora de padrões hegemônicos e realocando-a no espaço cúmplice.

Figura 73 – Homens mais velhos.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/fredtls, 29 de junho 2015.

Aproveito a figura acima para ir ao segundo ponto a ser analisado, perceba no lado direito da figura a propaganda de um vídeo pornô: “Algumas coisas que você só divide com seu irmão de criação” (tradução minha).

Já apresentei o exemplo dos irmãos gêmeos que faziam performances sexuais juntos. Nesta situação fica evidente que a noção social da interdição do incesto foi realocada, não sendo um tabu social para a singularização dos dois. O tabu do incesto, como já dito, parece perder força quando aplicado a relações homossexuais, visto que estas sexualidades já são por si só associadas ao desvio e à perversão. Algo está sendo alterado no imaginário social que além de permitir tais acontecimentos, joga sobre eles um impulso libidinal incontrolado.

Devo fazer um adendo aqui, no perfil de ‘wapos25’, havia a descrição de dois amigos, Dani e Javi, que se conheciam desde a escola, eram bissexuais e transavam entre si. Realmente, pude constatar várias situações em que só esses dois sujeitos estavam na *cam* e tinham a performance, mas quando os irmãos estavam juntos quem os penetrava era o amigo. Os irmãos em si nunca se penetravam durante as práticas sexuais que desenvolviam, em contrapartida, beijavam-se e faziam carícias durante o sexo com o terceiro.

Gostaria de atentar para o fato de que na tabela 3 podemos verificar, que entre 2013 e 2016, esses *webcamers* ganharam a premiação como os mais observados na categoria casal masculino-masculino por 20 dos 42 meses. Foi

apenas a epistemofilia do olhar agindo sobre um aspecto pouco usual ou algo relacionado à sublimação de um tabu?

Figura 74 – Perfil de wapos25.

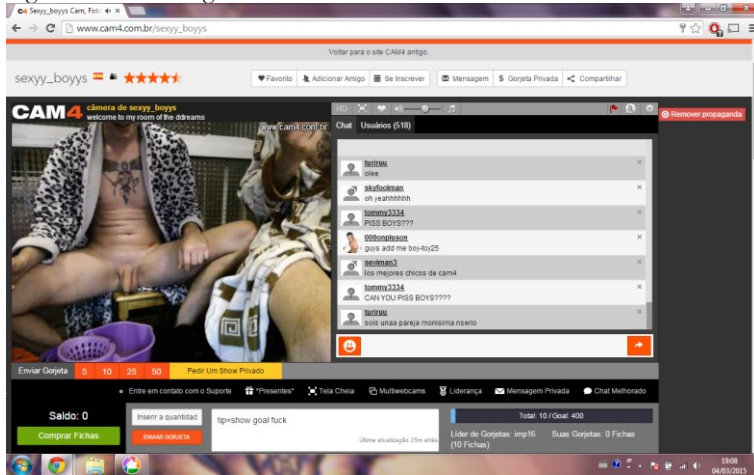
Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/wapos25, 01 de setembro de 2014.

Figura 75 – Gêmeos e amigo.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/wapos25, 03 de abril de 2014.

Pude ver, de maneira não tão frequente, práticas escatológicas. No exemplo abaixo, podemos ver um *webcamer* urinando em um balde, na sequência, ele passou a urina no seu corpo e no corpo do parceiro, após tirarem o roupão. Essa prática não chega a ser um desinterdição para o site, uma vez que encontramos a descrição dela no glossário de inglês sugerido aos novos *webcamers*. Mas ela não é vista com frequência no site, portanto, atraiu minha atenção.

Figura 76– Escatologias.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/sexy_boys, 04 de março de 2015.

Se um elemento chamou minha atenção pela regularidade baixa, outro atraiu pela regularidade alta. As práticas de exposição das nádegas e/ou ânus e autopenetrativas de *webcamers* solos foram as mais perceptíveis. As expressões “1 finger at goal”, “2 fingers at goal”, “3 fingers at goal” são uma constante no site. Além do uso de dildos, interação cibertecnológica (*Love touch*) e promessa de mostrar ou tocar as nádegas ou ânus. Esse elemento não me causaria estranhamento, não fosse pelo fato de ter encontrado tais práticas em perfis que indicam uma heterossexualidade, ou a nova sexualidade do site – bicurioso, a qual reconheci como a negação de uma identificação gay (público), mas o gozo dos prazeres homoeróticos (privado), ou ainda, o medo de perder algum privilégio dado à masculinidade hegemônica (heterossexual) e ser realocado em alguma masculinidade subordinada (bissexual ou gay).

Figura 77– Dildos.

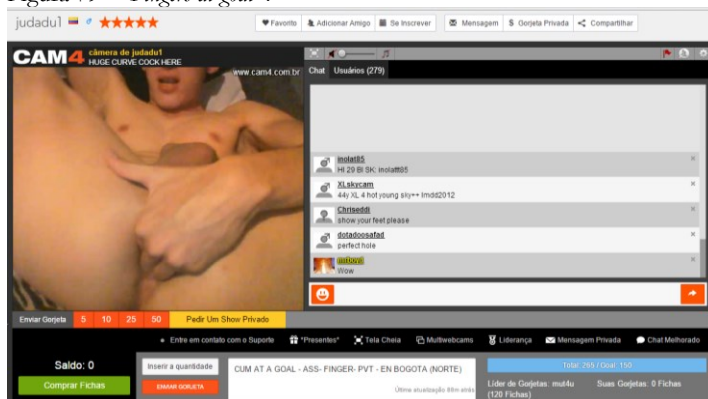
Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/jayzee7, 22 de outubro de 2014.

Não posso alegar que os sujeitos mentem a sexualidade nos seus perfis, mas se o fazem fica ainda mais claro o quanto a misoginia e homofobia são elementos constituintes da heteronormatividade, como percebeu Sedgwick (2007).

Figura 78– Nádegas.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/juancho1991, 11 de maio de 2015.

Figura 79– “Fingers at goal”.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/judadu1, 21 de abril de 2015.

Pude perceber com muita constância elementos identificados como “broderagem” e “gouinage” em *webcams* com mais de um *webcamer*, ou seja, práticas entre sujeitos masculinos que se identificam como hêteros mas têm contato sexual com outros sujeitos masculinos, sem penetração; afinal, ser penetrado é comumente associado ao sexo gay ou às mulheres. Por práticas sexuais, entendo tudo aquilo que envolve toque em genitais que não o próprio, se eu fosse considerar os momentos em que os sujeitos masculinos se masturbam e olham os pênis do(s) outro(s), essa frequência seria ainda maior.

Nesse sentido, tentei também entender se os momentos em que os sujeitos simulam um contato homossexual, mas logo depois se repelem ou riem, como se ato mimético do contato homoerótico precisasse ser refutado ou ridicularizado, buscando identificar se esses atos deveriam contar como práticas homossexuais. Decidi que sim, dar a esses sujeitos o *status* de heteronormativos não indicaria nada além do próprio reforço da normatividade e humanos são deveras fluidos e mutáveis.

Figura 80– Masturbação coletiva e “broderagem”.

The image is a screenshot of a live stream on the website cam4.com.br. The stream is titled "câmera de LuxuryStuds" and features five shirtless men in a room. The interface includes a chat window on the right with messages from users like "sinek77", "matanx", and "yve1770". At the bottom, there is a navigation bar with "ENVIAR GOJETA" buttons and a donation section showing a balance of 0 and a goal of 1000.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/luxurystuds, 14 de abril de 2014.

Resta ainda registrar uma ausência, a raça negra quase não foi vista na minha coleta de dados. Não que não existam negros no Cam4, pois pude ver muitos deles nas miniaturas da página principal, mas raramente alcançavam um lugar de destaque. O que reforça as noções de Connell (2005) acerca das masculinidades marginalizadas, inferiorizadas devido à condição subordinada de classe social ou etnia. Tal inferiorização contrasta com o olhar sobre a etnia árabe, representada pelos seus vizinhos turcos, que inúmeras vezes ocuparam lugar de destaque na janela principal.

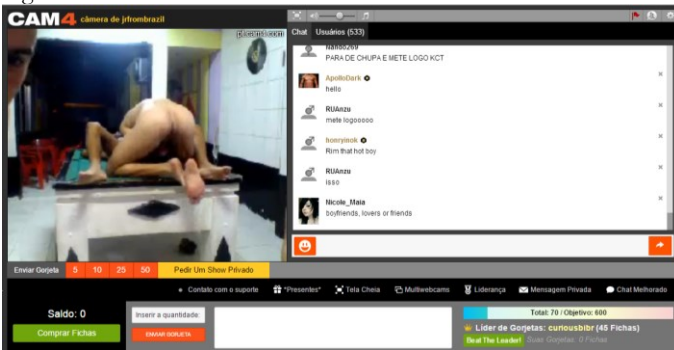
Também não observei zoofilia nem pedofilia. Os animais, gatos e cachorros, quando em cena, faziam parte dos espaços domésticos nos quais estavam inseridos e não faziam parte das práticas. Quando observados, eles eram partes do cenário. Quanto à pedofilia, não encontrei em momento algum a participação de infantes como *webcamers*, mas não posso afirmar que não pudessem ser encontrados como observares.

Os três últimos exemplos têm estreita ligação com os espaços. Os cariocas no bar, o padeiro francês e o turco do mercadinho mostram a desinterdição dos lugares, a mistura entre os espaços públicos e privados, entre locais de lazer e de trabalho. O padeiro francês e o turco do mercadinho intercalavam seu tempo entre fazer pães e atender clientes, respectivamente, e interagir com observadorxs. Já os três cariocas no bar se

revezavam entre o sexo, a interação com observadorxs e a vigília para não serem pegos em cima da mesa de sinuca.

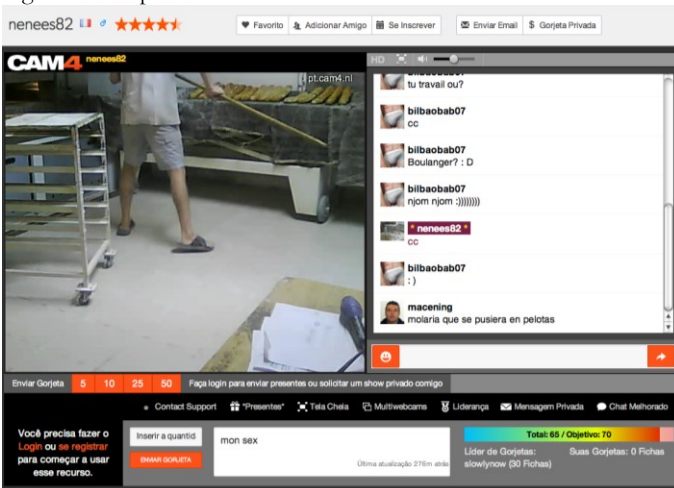
O site tem incentivado que *webcamers* não restrinjam suas práticas ao espaço doméstico, a publicitação precisa ir mais longe, é preciso ocupar os espaços onde sua privacidade esbarra na de outrem, sejam eles espaços públicos ou espaços de trabalho, quase como um fetiche exibicionista.

Figura 81– Cariocas no bar.



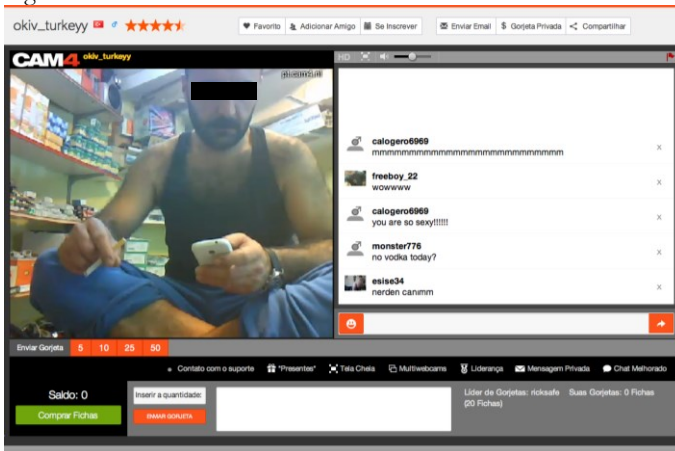
Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/jrfrombrazil, 01 dezembro de 2015.

Figura 82– O padeiro francês.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/nenees82, 07 de julho de 2015.

Figura 83– O turco do mercadinho.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/okiv_turkeyy, 3 de agosto de 2015.

3.5. NOVA JANELA ANÔNIMA: PROSTITUIÇÃO

Muito já foi dito sobre prostituição, esse tema tem sido observado pelos mais diferentes ângulos: questões de saúde, espaços morais, sociabilidades, ligações com criminalidades, subjetividades, o olhar de quem oferece e de quem compra sexo, entre outros, e pelas mais diversas áreas do saber. Creio que nesse aspecto, não tenho nada a dizer que acrescente de maneira efetiva os conhecimentos sobre seus elementos históricos, suas marcas, códigos e comportamentos na presencialidade. Contudo, se reconheci o sexo na virtualidade do ciberespaço, e a prostituição como sexo enquanto produto, dentro de uma lógica de consumo, devo dizer da prostituição na virtualidade. Pois, neste novo território, ela opera de maneira distinta, com outras marcas, códigos e comportamentos.

Mas antes devo dizer porque estamos falando sobre isso em uma janela anônima. Quando usamos essa janela, navegamos sem deixar rastros. Estando no modo invisível, as páginas que visitamos não aparecem no histórico de navegação e de pesquisa, nem armazenam arquivos “cookies”. Apenas os downloads e os favoritos continuam funcionando normalmente. Escolhi essa janela para fazer o mesmo que o Cam4 fez com esse tema.

Existe uma total ausência de qualquer menção à prostituição por parte do site. Isso causa mais estranhamento quando lemos as regras e proibições. Basicamente tudo está contido, menos prostituição.

[...] não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existiras, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição. Seu objetivo: que o sexo renunciasse a si mesmo. Seu instrumento: a ameaça de um castigo que nada mais é do que sua supressão. Renuncia a ti mesmo sob pena de seres suprimido; não apareças se não quiser desaparecer. Tua existência será mantida À custa de tua anulação. O poder oprime sexo exclusivamente através de uma interdição que joga com a alternativa entre essas duas inexistências. (FOUCAULT, 1988, p.94)

Essa invisibilidade pode ser vista como uma forma de não atrair suspeição para si, como tentei demonstrar ao longo do trabalho, pois o consumo do ato sexual ainda é um tema espinhoso, não tem muitos amparos legais e ainda pesa sobre os sujeitos envolvidos uma grande carga de estigma. Intriga-me o fato de, quando realocada para a virtualidade do ciberespaço, sofrer uma invisibilidade, em um mecanismo inverso do que aconteceu com a prostituição nos processos históricos, sendo escrutinada, a ponto de umas das possíveis origens da palavra pornografia ser o estudo sobre a prostituição com foco na saúde pública.

Quando reconheço os elementos da prostituição virtual como aproximações e continuidade dos elementos históricos da prostituição, tento não fazer julgamento de valores. O que quero com meu trabalho é apontar para a possibilidade de reconhecimento de tais elementos em um espaço até então nebuloso.

Além disso, como afirma Lévy (1996), quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não presentes”, se deslocam do espaço físico/geográfico para se vincular em outro tipo de espaço. Por isso, a virtualidade quando pensada como oposto de presencialidade faz com que a *sincronização* substitua a unidade de lugar e a *interconexão* substitua a unidade de tempo, mas ainda assim não sendo imaginário e produzindo efeitos.

Uma troca de mensagens com cunho sexual, uma troca de fotos eróticas de si, uma troca de cartas com descrições sexuais, sobretudo quando há a interação entre os sujeitos são atos sexuais virtuais. Mas a internet aumentou esta interação tangenciada por tecnologias comunicacionais. Por essa razão me questioneei anteriormente: como se dá a prática que classifico como prostituição virtual? Devo chamá-la de cyberprostituição? Haveria outra forma de virtualizar a prostituição? Pode-se considerar prostituição

quando alguém vende a possibilidade de interação audiovisual, mas não tátil? Isso não seria pornografia?

Pois bem, creio que devo primeiro esclarecer o que entendo por prostituição virtual. Entendendo que a virtualidade desloca os elementos que usamos para constituir o real – tempo e espaço – para a sincronização e interconexão, se uma pessoa vende sexo e outra compra em um meio virtual, no qual elas estejam sincronizadas e interconectadas, dizemos portanto que há prostituição virtual. Um bom caso para exemplificar são os antigos telesexos, muito comuns no Brasil das décadas de 1980 e 1990. Nos diálogos sexuais travados pelos telefones, pagos com altas taxas telefônicas, havia interação, sincronização e interconexão entre uma pessoa que vendia sexo e outra que comprava e por que não era *ciber*?

Como já observado, por ciberespaço entende-se o ‘lugar’ onde se está ao entrar em um ambiente virtual da internet, como o conjunto de redes de computadores, interligados ou não, ao redor do globo. (LEMONS, 1996; 2005). Portanto, o que diferencia os elementos é o meio e não a mensagem.

Dito isso, vemos que a ciberprostituição é a prostituição virtual na/da internet. Para Appadurai (1996), a discussão sobre as relações entre agentes situados nos dois lados (demanda e oferta) no mercado sexual (com sua própria organização) remete a aspectos particulares: à intensificação da circulação através das fronteiras, com o objetivo de oferecer ou comprar serviços sexuais, um fenômeno que, comumente, é inserido na questões relacionadas à transnacionalização. Essa circulação é articulada com a problemática considerada característica da “nova ordem global”, uma ampliação na mobilidade (deslocamentos de massas de turistas, imigrantes, refugiadxs, exiladxs, trabalhadorxs) que afeta a política entre nações de uma maneira sem precedentes e, somada aos efeitos da mídia eletrônica, e suas tecnologias comunicacionais, cria uma nova ordem de instabilidade na produção das representações, subjetividades e identidades modernas.

Percebo que os dispositivos da sexualidade que operam sobre a prostituição foram deslocados no espaço virtual do Cam4, reforcei mais de uma vez ao apresentar as particularidades do site, que ele se aproveita da zona nebulosa das definições de cibersexo, para invisibilizar a prática da ciberprostituição. Os *webcamers* são incentivados a se reconhecerem exclusivamente como performers, atores, modelos de *cam*. São legalmente tratados como produtores de conteúdos, e assim, não percebem que suas práticas sexuais, quando permeadas por trocas financeiras, e relações de poder são elementos típicos da prostituição. Não notam o controle que os observadorxs (versão *ciber* dos clientes) exercem sobre eles, nem o poder do *café* virtual, com suas regras, códigos de conduta, punições e banimentos.

Temos no cibersexo do Cam4 três elementos com funções semelhantes aos encontrados no mercado do sexo: o profissional do sexo na figura do *webcamer* (profissionais do sexo ou atores pornográficos, *proAm*, e amadores, nesse caso), o cliente na figura de observadorxs e o proxeneta que organiza, regula e lucra, na figura do site.

Por considerar a proximidade das práticas sexuais dos *webcamers-tip* com profissionais do sexo, e os critérios de pesquisa que questionam as escolhas éticas de pesquisadores que analisam o mercado do sexo pagando por serviços sexuais, evitei comprar fichas e usá-las para verificar o que acontecia em ‘shows em grupo’, ‘shows privados’ e ‘shows espiões’. Dessa forma, eu considerei apenas as práticas percebidas em *webcamers-tip* que estipulavam regras e metas e não privavam observadorxs não pagantes. A prática dos ‘shows privados’ e ‘shows espiões’ também tem ligação com as mudanças da plataforma, e vistas como práticas pedagogizantes precisam de tempo para serem validadas. Além disso, como dito, os *webcamers* que não delimitam observadorxs reforçam a noção de comunidade, estimulando a ajuda mútua entre os observadorxs para que todos tenham acesso ao que o *webcamer* estipulara como prática a ser desenvolvida.

Creio já ter respondido onde a ciberprostituição e a pornografia *live streaming* se distanciam, mas reforço: é no momento em que a interação influi sobre a prática sexual. Uma das questões mais perceptíveis é que o *webcamer-tip* vai alterando as regras durante o processo, mesmo que parta de algo pré-estipulado por ele. E essa mudança se dá em parte pela interação com os sujeitos que enviam as *típs*, sendo assim, consumidorxs influenciam diretamente sobre as práticas sexuais, e talvez defini-los como observadorxs, alguém que apenas observa não seja a forma mais correta. Mas tratá-los como clientes também não seria. Por isso, por vezes usei o termo *observador-tip*, como forma de justificar que eles estavam aptos a interagir com o *webcamer-tip* devido à troca financeira.

Pesa ainda considerações como de Piscitelli (2016, p.16)

de que os espaços virtuais destinados ao sexo, tidos como principais veículos de informações que favorecem a exploração sexual e ainda refúgio favorável para todo tipo de “desviantes”, vêm sendo objeto dos mais diversos tipos de pesquisa, inclusive investigações realizadas em abordagens sócio-antropológicas. Essas últimas tendem a centrarem-se nos efeitos dos seus usos sobre a sexualidade. Essas análises afirmam que o discurso e os atos sexuais têm sido redefinidos pela institucionalização das conversas e dos atos sexuais virtuais, pois, de acordo com eles, a net conduz a uma re-significação das

noções “escrever” e “ler” e tem a capacidade de criar novas definições de todo evento sexual, desde o *flirt* e o intercuro sexual às orgias. Ao mesmo tempo, esses estudos consideram que tais espaços representam a possibilidade extrema de contatos sexuais “des-incorporados” e frequentemente chegam à conclusão de que o uso desses sites, ao operar como um substituto da sexualidade, conduz ao isolamento.

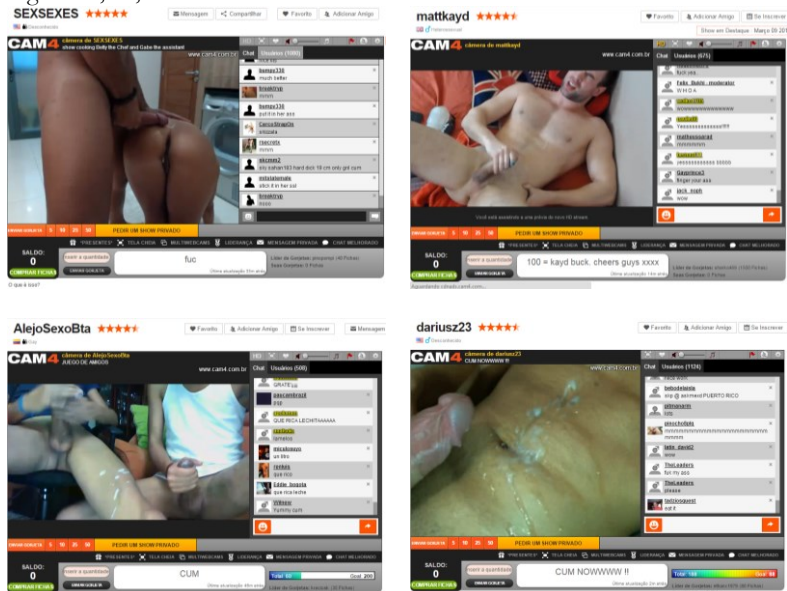
Não posso afirmar algo semelhante, creio que os estudos aos quais ela se refere têm outras bases analíticas. Para mim, vendo essas questões a partir do Cam4, creio que é o contrário. O Cam4, com todas as questões apresentadas e reconhecendo as práticas pedagogizantes que oferece aos usuários em forma de dicas, ainda pode ser visto como um espaço útil para a sociabilidade. Um espaço onde as sexualidades ganham fluidez, mesmo quando restringidas. Sem dúvida o site opera na visualidade das representações, mas volto sempre a Guattari e Rolnik (1986) e suas máquinas de expressão, e reconheço que pode haver uma apropriação criativa dos elementos, momento no qual a pessoa se reapropria dos componentes, produzindo o processo de singularização. Além disso, o site também opera como comunidade virtual, dessa forma, é bem provável que as pessoas se conectem através dele e possam encontrar outros pontos de proximidade, além do sexo e da virtualidade do ciberespaço.

Por que deixei esse elemento por último? Bem, o que pude perceber pela *ciberflânerie* no site é que a prostituição está invisibilizada, dessa forma, muito do que seria importante buscar nas representações masculinas constituídas a partir da ciberprostituição não se aplicam na prática, já que os sujeitos a ignoram. Essa região nebulosa acerca do trabalho, que também existe na prostituição presencial, está deslocada no site para a produção de conteúdo. Dessa maneira, clientes são fãs e espectadorxs (eu tratei por observadorxs), profissionais do sexo são performers, atores e modelos (eu reconheci como *webcamers*), e o proxenetismo do site fica diluído frente a tantos conteúdos produzidos e consumidos. Aliás, até mesmo a pornografia está implícito no site, que trata *webcamers* como atores e modelos de *cam*, mas não como atores e modelos pornográficos.

PARTE 4 – DESLIGANDO O COMPUTADOR

4. HORA DO BANHO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 84, 85, 86 e 87– “Cum non”.



Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/sexsexes, 29 de set. de 2015.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/mattkayd, 09 de mar. de 2014.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/dariusz, 07 de abr. de 2015.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/AlejoSexBta, 3 de ago. de 2015.

Antes de fechar a *cam*, o navegador e desligar o computador, é preciso verificar se atingi meus objetivos. Para *webcamers* e observadorxs que interagem por dinheiro, o elemento máximo dos limites atingidos é a ejaculação, representação masculina do gozo. Quando ela ocorre, é sinal que o *webcamer* conseguiu as *tips* desejadas (ou ao menos parte delas, já que houve uma negociação sobre isso) e, portanto, deve satisfazer o desejo de quem pagou.

Em relação ao que me propus no início deste trabalho, devo relembrar dos três eixos de indagações: o que é sexo virtual e cibersexo? O que é prostituição virtual, ciberprostituição e se ela ocorre no Cam4? Como são as masculinidades refletidas nas *webcams* do Cam4?

Para responder tais questionamentos, delimitarei meus procedimentos metodológicos amparado na interdisciplinaridade, assim tratei as imagens registradas como diário de campo, baseado no método etnográfico, pois, em

muitos casos, com o passar do tempo, nem mesmo o perfil dos sujeitos estava mais disponível. A *web* é um espaço heterotópico por excelência, certos elementos só existem na justaposição de tempo e espaço, se um se desloca temos a virtualidade em forma de memória ou imaginação. Para tanto, tentei historicizar o site, mostrando suas alterações e interações com demais acontecimentos do tempo presente.

Escolhi o método etnográfico justamente por entender que as masculinidades e sexualidades quando postas na virtualidade não eram algo que precisasse ser testado, mas sim, compreendido.

A principal indagação desta tese foi sobre a constituição de diferentes masculinidades a partir do ciberespaço, considerando-o como um catalisador de noções de desejo-prazer que rompe com determinadas normas sociais e explícitas questões de gênero, sexualidade e prostituição, a partir de uma perspectiva interdisciplinar das Ciências Humanas e Sociais.

Considerarei as masculinidades como refletidas pelas *webcams* de acordo com a noção de espaço heterotópico de Foucault (2001), isso não implica em dizer que as identificações masculinas são construídas previamente e as *cams* só as refletem. Elas são construídas exatamente no entrecruzamento desse tempo e espaço, categorias que operamos fora da virtualidade. É na interação entre o real e o virtual, na interação entre tempo, espaço, sincronidade e interconexão que as masculinidades são reafirmadas ou alteradas, inclusive com grande influência do espaço virtual do Cam4 sobre elas. O reflexo, visto dessa forma, é aquilo que podemos captar a partir da união do real com o virtual.

A sexualidade e suas diferentes representações na vida cotidiana, que em inúmeros momentos são vistas como arena de disputas de poder, também é campo onde se manifestam as interações socioculturais e o desejo individual, fatores que dificultam moldes, padrões e categorizações capazes de dar conta da diversificação de comportamentos, estruturas e grupos sexuais, explícita ou implicitamente incorporados na vida cotidiana, seja por processos de repetição, seja por ruptura das estruturas sociais que moldam o comportamento e a vida de cada pessoa.

A delimitação da sexualidade em modelos discursivos de comportamento e análise, tais quais a heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade, estabelecem modelos de diferenciação e identificação social que moldam a sociedade sem considerar as inúmeras possibilidades que cada indivíduo tem para expressar sua subjetividade sexual. Isso é percebido de tal forma na virtualidade que o site Cam4 criou uma nova categoria, os bicuriosos, para dar conta de integrar os sujeitos que não se enquadravam nas categorias prévias.

Dividi este trabalho em 4 partes: 1. Inicializando o computador; 2. Digitando o endereço no navegador; 3. Abrindo o Cam4; e 4. Hora do banho: considerações finais. Essas divisões foram baseadas no que pude atentar sobre as etapas que seguem os sujeitos masculinos que usam a internet para satisfação sexual. Tentei a todo o momento usar a linguagem escrita para referenciar o ciberespaço. As comparações com os elementos característicos dele cumprem essa função: reforçar a quem lê que este trabalho trata da virtualidade do ciberespaço.

Dito isso, preciso dizer da dificuldade de desenvolver análises em um ambiente tão adepto a mudanças. A velocidade com que as plataformas virtuais sofrem alterações, operando sobre a vida cotidiana dos sujeitos, implica em constante reformulação de conceitos e procedimentos metodológicos. Por inúmeras vezes, tive que rever o texto, buscando adequá-lo às mudanças percebidas. Isso significa também, que não devemos nos esquecer que esse trabalho tem uma marcação no tempo cronológico, e por essa razão, apresentar o site e suas modificações serve ao fazer historiográfico. Não apenas o site, os sujeitos masculinos que pude observar a partir dele também ficam marcados no tempo, ainda que sejam representações da/na virtualidade, são sujeitos e representações que operam fora dela, tendo reflexos na construção do cotidiano.

Tenho consciência que poderia ter aprofundado minhas considerações em alguns aspectos. Mas este trabalho não pretende abarcar todos os elementos da complexidade; a busca das qualidades e características inerentes à espécie foi minha preocupação, seguindo o pensamento de Morin (1996). Por isso, fiz uso da abordagem interdisciplinar, onde os saberes são entrelaçados e contextualizados, buscando uma noção mais ampla de mundo e de realidade.

Na parte 1, Inicializando o computador, fiz um convite para que usássemos o tempo de espera, necessário para o computador iniciar seu funcionamento interno, para organizar nossos pensamentos. Assim, introduzi os elementos (tema e *corpus*), epistemologias e metodologias com as quais trabalharia. Destaco a questão da subjetividade, caráter ou qualidade de subjetivo, que por sua vez é relativo à pessoa. Durante todo o trabalho, esse elemento é buscado nas representações. Mas convém reafirmar que minha subjetividade também está implicada. Não há como reconhecer questões referentes à subjetividade humana sem partir da sua própria. Por essa razão, na abertura do trabalho já justifico que as motivações do pesquisador ou da pesquisadora passam antes por aspectos de ordem empírica dxs mesmxs. E, por mais que o fazer científico exija um distanciamento da fonte, sobretudo quando se trata de análises acerca de

seres humanos, suas práticas e subjetividades, sempre haverá um elemento particular de quem fez essa análise.

Não estou afirmando que não exista cientificidade nas ciências humanas, é o contrário, estou reconhecendo que em toda ciência há algo subjetivo de quem a desenvolveu. Assim, escolhi escrever essa tese fazendo uso da primeira pessoa por duas razões: primeiro porque o programa em que estou inserido não me impede e, segundo, porque assumo que a minha subjetividade atravessa e é atravessada pelo texto. Cada escolha teórica, metodológica e empírica, cada palavra e cada dado coletado, só se encontraram porque passaram por mim. Passaram, deixando um pouco de si e levando algo meu, numa troca constante, causando o efeito Moebius (LÉVY, 1996), que não permite mais distinguir o dentro e fora.

Isso também explica porque preferi mostrar as representações visuais sob forma de *print* de tela, ao invés de descrevê-las textualmente. Ainda que eu reconheça que os *prints* são minhas percepções dos elementos visuais, são minhas marcações da virtualidade no meu tempo e no meu espaço, esse elemento é mais rico de informações. De tal maneira, dentro dos meus *prints*, outros pesquisadores podem observar muito outros detalhes que eu mesmo não consegui notar.

Os *prints* de *cams*, as fotografias do espaço virtual, estiveram disponíveis apenas naquele momento espaço-temporal ligado ao presente (meu e dos sujeitos, ambos virtualizados), quem voltar ao endereço indicado no ciberespaço vai encontrar uma outra configuração. As *cams* podem estar fechadas, as práticas podem ser distintas ou o perfil (espaço virtual do *webcamer*) pode não existir mais. Foi por essas razões que considereei tal procedimento metodológico tão importante. Mesmo sabendo das implicações que o uso de imagens de atos sexuais podem ter em nossa sociedade, mesmo sabendo das possíveis críticas sobre a exposição de sujeitos envolvidos em tais práticas, ainda julgo necessário correr esse risco e trazer tais elementos ao universo científico.

Não busquei escrutinar o sexo, mas interpretá-lo dentro da virtualidade. Assim como tentei também não ter julgamento de valores sobre os sujeitos e práticas, considerando também o site como um sujeito. Em relação a ele, inclusive, assumo que ao compará-lo a proxenetas posso jogar sobre ele as implicações prévias, tanto morais tanto legais, que tal atividade recebeu ao longo da história da humanidade. Não foi minha intenção, até porque o site é mais que um proxeneta, uma vez que também é espaço onde se dão tais práticas. Se fiz tal comparação, foi devido a extrema semelhança que reconheci entre as atividades.

Aliás, não sou o único que faz tais aproximações, Maria Aparecida Ramos da Silva e Allyson Darlan Moreira da Silva (2016), em seu artigo

“Sexualidade e virtualização em Câmera Privê: sociabilidade, desejo e consumo através da webcam” dizem:

o Cam4 e o Câmera Privê, permitem muito mais do que o mero acesso ao conteúdo pornográfico disponibilizado, possibilitando para aqueles que acessam produzir seu próprio conteúdo e ganhar dinheiro com isso. [...]. Se na prostituição presencialmente atômica há a figura do “cafetão” ou “cafetina” como agenciadores na relação de oferta e demanda das relações sexuais, virtualmente essa figura se incorpora aos sites como o Câmera Privê que atuam na mediação do consumo dos corpos enquanto objetos de desejo. (p.168-172)

Na parte 2, Digitando o endereço no navegador, busquei justificar minha interpretação de que o espaço virtual é um espaço heterotópico, baseado nas concepções de Foucault (2001). Busquei esclarecer a diferença entre pornografia *live streaming* de ciberprostituição, por reconhecer que a proximidade entre ambas pode dificultar o entendimento do sexo pago no espaço virtual da *web*.

Sabendo das dificuldades de elencar todos os processos que compõem a história de cada estrutura, apresentei minhas considerações sobre o desenvolvimento da Internet, pois, é importante perceber que a insurgência da internet alterou drasticamente nossas perspectivas sobre cultura e mercado. Assim, tive que considerar as questões envolvidas no processo que chamamos de globalização, tanto pelos aspectos culturais quanto por aspectos mercadológicos, que se aproveitaram do desenvolvimento tecnológico para reconfigurar a maneira como apreendemos o mundo, físico e simbólico.

Você deve ter percebido que esse trabalho não segue uma linha de raciocínio fixa, com diferenciações claras entre definições teóricas e análises e considerações, meu ato de escrita foi fortemente influenciado pela lógica dos hipertextos, e assim como ciberflanei pela *web*, indo de um ponto a outro por conexões possíveis, também faço isso na escrita. Não há como negar a interferência da *web* nem mesmo na construção textual de um sujeito que tem sua subjetividade permeada por ela. Além disso, esta forma de diálogo constante entre teoria e análise torna mais dinâmica construção da argumentação e sua consequente leitura.

Destaco a importância de entendermos o processo que vem sendo tratado de economia criativa, no qual a noção de trabalho é bombardeada por um complexo conjunto de ferramentas de invisibilidade. Com a democratização do *media*, as tecnologias digitais ficaram acessíveis a uma

quantidade maior de pessoas, ao mesmo tempo em que se diluem as fronteiras entre “amadores” e “profissionais”. O site é um claro exemplo de como as concepções que temos de trabalho estão sendo minadas na/pela virtualidade. Há ainda muita discussão a ser feita sobre tal fato, e muita já está sendo feita, minha tarefa não era adentrar esse universo totalmente, mas ao apresentar o Cam4, e reconhecê-lo como parte dessa lógica, tive que considerar tais implicações.

Ainda nessa parte, apresentei minhas considerações sobre sexo, sendo ele um conceito guarda-chuva com três implicações básicas: sexo como dado biológico, sexo como dado cultural e sexo como ato humano ou prática corporal. Deixei claro que cada um desses conceitos nos remete a outros novos. Todos operando simultaneamente no tempo-espaço de determinada sociedade. Nesse sentido, justifiquei cada uma das questões inerentes à pesquisa, porque são com elas que o site, *webcamers* e *observadorxs* (personagens da presente tese) operam para a interação.

De todas as considerações feitas por mim sobre este tema, reforço a importância de reconhecer a perspectiva construcionista. Nada pode ser visto como dado de antemão, tudo é fruto de uma construção, mesmo a materialidade com a qual operamos. Nesse sentido, concordo com Butler (1999, 2003), que a realidade é discursivamente construída. Saliento, portanto, que nós, seres humanos, para nos inserirmos nas categorias sociais, nos apropriamos de discursos que indicam e afirmam o que é ser macho, fêmea, intersexo e transexo; cisgênero e transgênero; homem, mulher, não polar; hetero, homo, bi, bicurioso, omni/pan, assex; mas para todos os casos esses discursos são violentos e agem como dispositivos de encaixe, são ‘caixas onde os corpos precisam caber’.

Ao falar das masculinidades, fiz um breve ⁵⁸ histórico de seu desenvolvimento enquanto tema, conceito e usos políticos. Assumi as definições de Connell como as mais pertinentes para minhas análises, as relações entre as masculinidades hegemônicas, cúmplices, subordinadas e marginalizadas forma buscadas no Cam4, reconhecendo os demais elementos que as compunham. Dentre esses elementos, o que mais se observa é a muscularidade e o tamanho peniano como símbolo de virilidade.

⁵⁸ Preciso fazer uma consideração, o processo de doutoramento, como seqüência de uma formação acadêmica que tem origem por volta dos nossos seis anos de idade, mas que se intensifica com a graduação e mestrado, é momento de ampliação do repertório teórico dos sujeitos. Por tal motivo, ao fazermos recortes teóricos, excluimos parte do saber. Isso é evidente. O que quero dizer é que, diferente do que acontece em outros países e suas respectivas academias, trazer para as teses tudo aquilo que já foi dito sobre determinado tema é deveras enfadonho. Além de desestimulante para quem lê, é tarefa árdua e, cá entre nós, impossível para quem escreve, pois existem muitos aspectos que simplesmente desconhecemos.

Na parte 3, Bem-vindx ao Cam4, dou ênfase as questões relacionadas ao erótico, pornográfico e obsceno. Estabeleço que erotismo e pornografia não se diferenciam por uma questão quantitativa, por ser um mais explícito que o outro, há uma questão qualitativa em jogo, e quem estabelece esses critérios são as nossas noções de obscenidade. O obsceno é pautado no pudor e na decência, e considerando ambos elementos produtos dos processos históricos relativos a cada sociedade em particular e sua moralidade, vemos a dificuldade de enquadrá-los.

Ao analisar as questões inerentes à pornografia, dois elementos foram destacados nas minhas considerações: a pornografia amadora e a ciberpornografia, com ênfase no momento em que elas se entrecruzam na *web*, pois isso modificou os modos como as pessoas produzem e consomem pornografia. Mas, tive que reconhecer a influência da pornografia *Gonzo* na estética da amadora.

A questão do trabalho voltou à cena, agora com a insurgência da categoria *pro.Am*, que derivada da pornografia foi assimilada para empresas de economia criativa. Pude perceber com Attwood (2007) que crescimento de novas formas de pornografia *online* e os aspectos culturais que surgem em torno delas confundem as fronteiras entre a estética pornô profissional e amadora, entre formas de sexo comercial e não-comercial, entre consumo e comunidade. A pornografia é a sexualidade transformada em espetáculo, em virtualidade, em informação pública, onde “pública” implica direta ou indiretamente em comercializável.

Por conta desta ‘profissionalização de amadores’, tentei justificar os mecanismos que o site Cam4 usou/usa com seus *webcamers*. Mostrei elementos como a escolha e manuseio do equipamento, fotografia (iluminação, enquadramentos, ângulos e movimentos de câmera), direção de arte (figurinos, cenários, produção de objetos), som (captação, trilha sonora), edição (efeitos especiais na imagem), direção de atores e produção. Tudo isso para que as práticas sexuais e as trocas financeiras ocorram da melhor forma possível.

Há que se dizer que a virtualidade tem operado diretamente sobre nossas noções de público e privado, no que tange aos espaços, ações e propriedades. Por tal razão, esses elementos foram discutidos a partir da percepção de que uma *cam* pode mostrar espaços íntimos-privados e íntimos-públicos.

A noção de público e privado passou pela lógica da exposição, aquilo que se expõe é público, aquilo que não exponho é íntimo e privado. Dessa forma, a fronteira entre espaço público e espaço privado passa também pelo olhar, e novamente pelo que está em cena e o que não está. É interessante perceber que os conhecimentos sobre a prostituição também operaram com

essa lógica, sobretudo na figura da prostituta. Foi preciso uma vasta gama de códigos, sob o qual o olhar operaria, para distinguir as mulheres ‘públicas’ das mulheres ‘privadas’ (RAGO, 1991; SCHETTINI, 2006). Assim, a própria pornografia, como derivada da prostituição, também passa por essa perspectiva e regula nosso olhar sobre o sexo.

Nesta parte elenquei os aspectos do site que mais atraíram minha atenção, e aqui deixo um aviso e convite: **há muito mais a ser visto e observado**. As contingências de tempo, recorte, fluidez e interatividade do site não permitiram fazer de minha análise ainda maior. Perfil do usuário, janela da *webcam*, *chat* lateral, gorjetas são apenas alguns dos elementos, mas o que mais importavam aqui.

Por fim, trouxe as des-interdições que mais operaram com as masculinidades e com os demais esferas dos sujeitos observados. Tentei reconhecer aquelas transversalidades que citei no começo do trabalho: geração, etnia/raça, classe social, sexualidade (entre outras) e suas interações com as masculinidades.

Pesa ainda o questionamento possível de porquê não entrevistei os sujeitos, fazendo uso desse processo metodológico, e respondo que não o fiz porque buscava a análise imagética, minha fonte por excelência foi a imagem, mas tentei certa vez travar um diálogo com um *webcamer*.

Figura 88 – Interação.

The screenshot shows the interface of a webcam chat site. At the top, the site name 'pirocudonato' is displayed with a star rating and social media links. Below this is a navigation bar with options like 'Adicionar aos Favoritos', 'Adicionar como Amigo', and 'Contato pirocudonato'. The main content area is split into a video feed on the left and a chat window on the right. The video feed shows a shirtless man with a necklace. The chat window shows a conversation between 'pirocudonato' and 'saido'. The bottom of the screen features a shopping cart with 0 items, a '50 - naked a few min - PVT SHOW ON SKYPE' offer, and a 'RIPPED OF VIDEOS' advertisement.

Fonte: DIÁRIO DE CAMPO, www.cam4.com.br/pirocudonato, 01 de junho de 2013.

Pesquisador: - Certo?
 Pirocudonato: -[b]lz. Interessando em show pvt?
 Pesquisador: - Como negocia o pvt?
 Pirocudonato: - 50 pra bater, falar putaria e gozar.
 Pirocudonato: - 100 pra meter um consolo no cu e beber minha porra.
 Pirocudonato: - 200 meto dois consolos, mijo, tomo banho e faço todo o resto.
 Pesquisador: - Como pagar?
 Pirocudonato: - Paypal, tokes ou tranferencia bancaria.

Sobre os sujeitos masculinos observados nas *cams* do Cam4, pude perceber que a interação total só é concedida via pagamento, a parcial é uma forma de sedução. Os homens, em sua maioria, são jovens e musculados e os *webcamers* não se vêem como profissionais do sexo.

A representação simbólica e social que apreendemos pela visualidade, torna-se ferramenta das relações de poder. A união dos fatores: influência da muscularidade, influência da pornografia e práticas pedagógicas do site são ferramentas que os *webcamer* utilizam para construir suas masculinidades na virtualidade do Cam4. Os dispositivos da sexualidade que relegaram o sexo ao espaço privado se embaralham com a virtualidade, pois a fronteira entre público e privado é alterada. A internet é o meio que o sexo usa para interconectar os sujeitos, essa ligação social não opera mais com tempo e espaço, o sexo é sincrônico e interconexo. As experiências sofrem a influência dessa alteração e as subjetividades contam com a virtualidade para o reconhecimento de si.

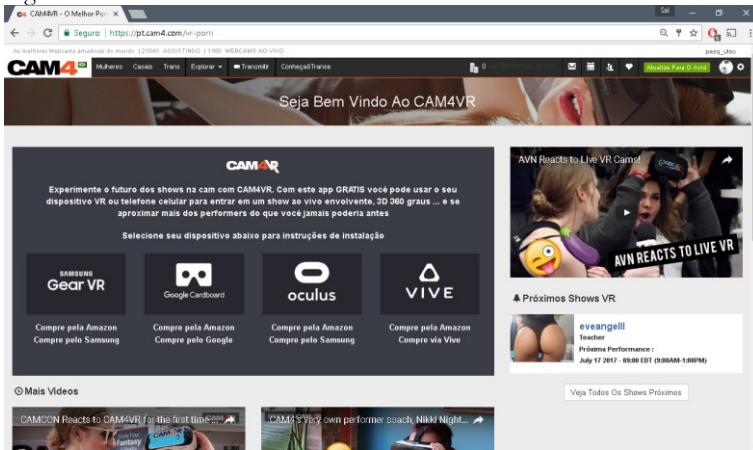
As masculinidades na rede sofrem a influência dessas novas identificações, a velocidade das informações alteram as percepções acerca do viril. As sexualidades também são embaralhadas, pois a virtualidade influencia os padrões sociais. A existência de novas categorias passa a ser necessária, pois as práticas não são mais condizentes com as regras que normatizam os comportamentos.

4.1. NOÇÕES QUE TRANSBORDAM

Como apontei em vários momentos, esta tese se propôs a travar um 'corpo a corpo' com um objeto imaterial e mutável. Além de suscetível a frequentes atualizações e reformulações decorrentes das inovações tecnológicas, o Cam4 é em si um sistema dinâmico que funciona a partir da interatividade de seus participantes, sejam *webcamers* ou observadorxs. Ou seja, o site é, literalmente a cada segundo, uma configuração única de sujeitos

interagindo dentro das mais diversas possibilidades de fruição que a estrutura do Cam4 oferece, fazendo da experiência de um clique (ou de uma transmissão) um evento irreproduzível. Logo, suspendo este trabalho com a certeza de que outras pesquisas poderão ainda se debruçar sobre este tema, principalmente ao observar que o Cam4, não só como *website* mas como ferramenta multimidiática (plataforma *web*), já está apostando em novas formas de interação através das tecnologias de simulação e de realidade ampliada.

Figura 89 – Cam4VR.



Fonte: Disponível em: pt.cam4.com/vr-porn, 17 de julho de 2017.

Esta experiência, prometida pelo aplicativo Cam4VR (“VR” de “Virtual Reality”) em conjunto com o aparato ótico adequado (modelos de óculos já disponibilizados por vários fabricantes, populares na área dos videogames e simuladores), afirma a vocação do Cam4 para o futuro na sua constante oferta de novas relações virtuais e formas mais aguçadas de cibersexo. Estas recentes implementações poderão abrir novas janelas de análise, certamente desafiadoras e tão múltiplas quanto às *webcams* observadas.

Por fim, escrever essa tese me permitiu chegar em um espaço virtual sempre difícil de acessar, minhas memórias. Essas zonas nebulosas entre realidade e virtualidade, entre sexo e cibersexo, entre desejo e prazer, entre o que vejo e o que toco, são minhas zonas nebulosas. Poder olhá-las de perto, tateando seus limites e ainda não sabendo onde estou, é como entrar em mim mesmo e me buscar pelas minhas fronteiras.

Claro que não fiz um trabalho ficcional, das virtualidades disponíveis, para essa tese, não me vesti de imaginação, tentando trazer o máximo de

cientificidade que respeitasse os sujeitos e suas práticas. É preciso lembrar que esta tese se faz de recortes teóricos. Eu me apropriei de inúmerxs autorxs para tentar apresentar o Cam4 e seus *webcamers-típ*, de tal maneira que o mesmo objeto pode ser analisado por outras perspectivas que não as que trago aqui.

Pois bem, agora sim é hora de fechar a *cam*, o navegador, desligar o computador e se limpar. Preciso dizer que a hora do banho para uns é também o início de uma nova experiência para outros. Em um espaço globalizado pela virtualidade que nunca dorme, quando se fecha uma *cam*, abre-se outra.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N. C.. **O olhar pornô**: A representação do obsceno no cinema e no vídeo. Campina: Mercado das Letras, 1996.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo. **Fotoetnografia**. Porto Alegre: Palmarinca, 1997.
- AMÂNCIO, L.; VIDIGAL, J.. **Aprender a ser homem**: construindo masculinidades. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.
- ANDERSON, Benedict; MIRA, Catarina. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. 2005.
- ALMEIDA, Miguel Vale de (org.). “Introdução” a *Corpo Presente*. In: **Treze Ensaios Antropológicos sobre o Corpo**. Oeiras: Celta, 1996.
- _____. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. 2 ed. Lisboa: Fim de Século, 2000.
- _____. **A chave do armário: homossexualidade, casamento, família**. Lisboa: ICS, 2009.
- AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. São Paulo: Papirus, 2005.
- AGUSTÍN, Laura. **Trabajar en la indústria del sexo, y otros tópicos migrat6rios**. Donosti: Tercera Prensa, 2005.
- ARAÚJO, Karla Cristina Vicentini de. **Sexualidade na internet**: análise de blogs sobre sexualidade e educaç3o sexual. 2014. 153 f. Dissertaç3o (mestrado) - Universidade Estadual Paulista J3lio de Mesquita Filho, Faculdade de Ci3ncias e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Dispon3vel em: <<http://hdl.handle.net/11449/115804>>.
- ATTWOOD, Feona. **Reading porn**: the paradigm shift in pornography research. *Sexualities*, vol. 5, n6 1, 2002, pp.91 -105.

_____. No money shot? Commerce, pornography and new sex taste cultures. **Sexualities**, v. 10, n. 4, p. 441-456, 2007.

AUGÉ, M. Le nouvel espace-temps de l'antropologie", in **Dires les autres**. Lausanne: Editions Payot, 1997.

ÁVILA, Simone Nunes. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem**: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo. 243 p.. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2014.

BAER, A.. Tecnologías de la memoria: la tranformacion/redefinicion del recuerdo colectivo en la sociedad de la información. **Cuadernos de Realidades Sociales**. 53, 2003. p. 163-184.

BARRETO JANUÁRIO, S.. **As masculinidades contemporâneas e a sua representação nos media**: as revistas de estilo de vida masculina Men's Health com edição em Portugal e no Brasil. Dissertação de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2009.

_____. **Masculinidades em (re)construção**: gênero, corpo e publicidade. Covilhã: LabCom, 2016.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Lisboa: Antígona, 1988.

BATESON, G.. **Naven**: A Survey of the Problems Suggested by a Composite Picture of the Culture of a New Guinea Tribe Drawn from Three Points of View. California: Stanford University Press. 1965.

BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Campinas: Papirus, 1991a.

_____. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991b.

_____. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997. 174 p.

_____. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos Ed.; Lisboa: Edições 70, 1995.

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BENJAMIN, W.. [1936] **Sobre a arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.
- BENVENISTE, Emile. **Da subjetividade na linguagem**. In: Problemas de Linguística Geral I. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- BEIRAS, A., LODETTI, A., CABRAL, A. G., TONELI, M. J. F., RAIMUNDO, P.. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. **Psicol Soc**, 19(3), 2007, p.62-67.
- BLY, R.. **Iron John: A book about men**. Boston: Addison-Wesley, 1990.
- BOURDIEU, P.. Gostos e estilos de vida. In R. Ortiz (Ed.), **Bourdieu**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005,
- BRASIL. **Código Civil**, Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm>
- BRASIL. **Código Civil**, Lei nº 12.737 de 30 de Novembro de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm
- BRASIL. **Código Penal**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.
- BROD, H.. **The making of masculinities: The new men's studies**. Allen e Unwin, 1987.

- BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia** – Histórias de Deuses e Heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BUTLER, Judith. **O sexo e o gênero n'O Segundo sexo de Simone de Beauvoir'**. 1986.
- _____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del sexo**. 1a. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- _____. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- CAILLOIS, R. **Lês jeux et lês hommes**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos** - conflitos multiculturais da globalização. UFRJ, Rio de Janeiro. 1997.
- CARRIGAN, T.; CONNELL, B.; LEE, J.. Toward a new sociology of masculinity. **Theory and society**, 14(5), 1985. p.551-604.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz & Terra, 2000.
- _____. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 244 p.
- CLATTERBAUGH, K. What is problematic about masculinities? **Men and masculinities**, 1(1), 1998, p.24-45.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição – corpo como mercadoria. In: **Mente & Cérebro** – Sexo, v. 4 (edição especial), dez. 2008. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=157>. Acesso em: 05 maio 2010.
- CHARAUDEAU, P., CORRÊA, A. M.. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto. 2007.

- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Garlhado. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, Abr. 1991.
- CHODOROW, N.. **The reproduction of mothering: psychoanalysis and the sociology of gender**: with a new preface. California: University of California Press, 1999.
- CLIFFORD, J. & MARCUS, G. **Writing the culture, the poetics and politics of ethnography**. Berkeley: University of California Press, 1986.
- COELHO NETO, T. **O Obsceno: jornadas impertinentes**. Obscenas. (Org.) FERREIRA, Jerusa Pires. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia 112 HUCITEC, 1983.
- CONNELL, R.. **Theorizing Gender**. *Sociology*, 19 (2), 1985, p. 260-272.
- _____. **Gender and Power**. Stanford: Stanford University Press. 1987.
- _____. An Iron Man: The Body and some Contradictions of Hegemonic Masculinity. In: MESSNER, M.; SABO, D. (Ed.). **Sport, Men and the Gender Order**. Champaign, IL: Human Kinetics, Books, 1990.
- _____. **Masculinities**. Berkeley, CA: University of California Press. 1995a.
- _____. **Políticas da Masculinidade**. *Educação & Realidade*, 20 (2), pp. 185-206. [Também publicado em Connell, 1995a, capítulo 9]. 1995b.
- _____. La Organización Social de la Masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José (Orgs.). **Masculinidad/es: Poder y Crisis**. Santiago: Ediciones de las Mujeres, pp. 31-48. [Também publicado em Connell, 1995a, capítulo 3]. 1997.
- _____. **The Men and The Boys**. Berkeley, CA: University of California Press. 2000.

_____. **Gender**. Cambridge: Polity Press, 2002.

_____. Globalization, Imperialism, and Masculinities. In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. (Ed.). **Handbook of Studies on Men & Masculinities**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 241-282, mai. 2013. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>>. Acesso em: 22 Abr. 2015.

CORBIN, A.; VIGARELLO, G.; COURTINE, J.J. (Org.). **História da virilidade**: 1. A invenção da virilidade, da Antiguidade às luzes. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CORNWALL, Andrea; LINDISFARNE-TAPPER, Nancy. **Dislocating masculinity**: comparative ethnographies. London: Routledge, 1993.

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2009.

CSORDAS, Thomas J.. **Corpo/Significado/Cura**. Tradução de José Secundino da Fonseca e E. S. da Fonseca- POA: Editora da UFRGS, 2008.

DEBORD, Guy. A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO (E. d. S. Abreu, Trans.). Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DAMASCENO, V.O.; VIANNA, V.R.A.; VIANNA, J.M.; LACIO, M.; LIMA, J.R.P.; NOVAES, J.S.. Imagem corporal e corpo ideal. **R. bras. Ci e Mov**. 2006; 14(1), p.87-96.

DE LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, pp.206-242.

- DELEUZE, G.. O que é um dispositivo? In: _____. **O mistério de Ariana: cinco textos e uma entrevista de Gilles Deleuze**. Lisboa: Passagens, 1996. p. 83-96.
- DERRIDA, Jacques. **Limited inc**. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- _____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- DE SOUSA, Francisca Ilnar. **O cliente: o outro lado da prostituição**. Annablume, 1998.
- DOMÍNGUEZ, Daniel; BEAULIEU, Anne; ESTALELLA, Adolfo; GÓMEZ, Edgar; SCHNETTLER, Bernt & READ, Rosie. **Etnografia virtual**. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, 8(3). 2007. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0703E19>>. Acesso em: 29 jun. 2014.
- DUFOUR, Dany-Robert. **A cidade perversa: liberalismo e pornografia**. Rio de Janeiro: 249 Civilização Brasileira, 2013.
- ELSAESER, T.. Cinema digital, apresentação, acontecimento tempo, in **Cinema Digital**. Porto, 2001.
- FAZENDA, Ivani (Org.). **O Que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- FEATHERSTONE, Mike. O flâneur, a cidade e a vida pública virtual. In: ARANTES, Antônio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, Papirus, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, Dec. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2002000200314&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 11 Jul. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. (L'Ordre du discours, Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Éditions Gallimard, Paris, 1971.) Tradução de Edmundo Cordeiro e António Bento. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/biblio.html>>. Acesso em: 31 maio 2007.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. Outros espaços. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. **Ditos e Escritos**, vol III, 2001. Disponível em: <http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf>.

FREUD, S.. A. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. vol. VII. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. Sobre a introdução do conceito de narcisismo. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. 1914.

_____. Dissolução do Complexo de Édipo. In: **Obras Completas**, vol. XIX. Standart Brasileira. Rio de Janeiro: Imago. 1924.

_____. El malestar en la cultura. In: **Obras completas**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1968. p. pp. 1–65.

- FUNARI, Pedro Paulo A.; RAGO, M. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.
- GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 456 p.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Led., 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.
- GIDDENS, A.. **Modernidade e identidade**. Oeiras: Celta Editora, 2001.
- GIFFIN, K.. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, 10(1), 47-57. 2005.
- GILLIS, Stacy. Cybersex. In: GIBSON Pamela Church (ed.) **More Dirty Looks: Gender, Pornography, and Power**, 92–100. London: British Film Institute, 2004.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GOLDENBERG, M.; RAMOS, M. S.. A civilização das formas: o corpo como valor. In M. GOLDENBERG (Ed.), **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GRAMSCI, A.. **Cartas do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. - tradução Cristiana Fino e Cássio Arantes Leite - São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GREIMAS, Julian. **Actes Semióticos**. Paris, documento II, n 13, 1980.
- GROSSI, Miriam. Masculinidades: uma revisão teórica. In: **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2004.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S.. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUIMARÃES Jr., Mário J.L.. **O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais**. IX Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre, setembro 1999. Disponível em: <
http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html>.
 Acesso em: 08 ago. 2006.

HALE, Dorothy J.. **Social formalism: The novel in theory from Henry James to the present**. California: Stanford University Press, 1998.

HALBWACHS, M.. **La mémoire collective**. Paris, PUF, 1968.

HALL, S.. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n°2, p. 15-46, jul./dez, 1997.

_____. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu Da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. cf. www.etymonline.com.

HEARN, J.. The implications of critical studies on men. **Nora, Nordic Journal of Women's Studies**, 5(1), 1997, p.48-60.

HELLER, A.. **O homem do Renascimento**. Lisboa: Presença, 1982.

HERZOG, A.. In the Flesh: Space and Embodiment in the Pornographic Peep Show Arcade. **The Velvet Light Trap**, vol. 62 no. 1, 2008, pp. 29-43. Project MUSE, doi:10.1353/vlt.0.0001

HINE, C. **Virtual ethnography**. Londres, Sage Publications, 2000.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

- HUIZINGA, J.. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1938.
- HUNT, Lynn (org.). A invenção da pornografia - Obscenidade e as origens da modernidade 1500 - 1800. (org.) Lynn Hunt; Tradução Carlos Szlak. 1º ed. São Paulo: Hedra, 1999.
- JACKS, Nilda. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- JENKINS, H.. "The work of theory in the age of digital transformation". 2003. Disponível em: <
<http://web.mit.edu/~21fms/People/henry3/pub/digitaltheory.htm>
 >.
- JUNG, Carl Gustav. **Arquétipos e inconsciente colectivo**. Barcelona: Paidós, 1991.
- JÚNIOR, J. R. A.. **Dos Prazeres Narcísicos à Cena Voyeur**: Performances eróticas e enlace de corpos virtualizados no site Cam4.. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: 2013.
- KAUFMAN, M.. **Beyond patriarchy**: essays by men on pleasure, power, and change. Oxford: Oxford University Press. 1987.
- _____. **Cracking the armour**: power, pain and the lives of men. Viking, 1993.
- KENDRICK, Walter. **El Museo Secreto**: La pornografía en la cultura moderna. Bogotá, Tercer Mundo Editores, 1995
- KLEINBERG, Seymour. Gay macho: uma nova tragédia americana. **Lampião**. Rio de Janeiro, ano 1, n.8, 1979.
- KIMMEL, M. S.. **Changing men**: New directions in research on men and masculinity. Londres: Sage, 1987.
- _____. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, 4(9), 2008, 103-118.

- KIMMEL, Michael S.; MESSNER, Michael A. **Men's lives**. Macmillan Publishing Co, Inc, 1992.
- KRACAUER, Siegfried. **History: the last things before the last**. Princeton: Markus Wiener Publishers, 1995 [1969].
- LACAN, J.. **A Significação do falo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1998.
- _____. **Formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LAQUEUR, Thomas. [1990]. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Cambridge: Harvard University Press. 2001.
- LANZARINI, Ricardo. **Jorge: empresário de fora, casado e versátil – homoerotismo no anonimato das viagens**. (Tese de Doutorado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC: UFSC, 2013.
- LANZARINI, R.; MACHADO, I. V. Masculinidades Públicas: O discurso hegemônico e contra-hegemônico na construção da imagem pelos meios de comunicação de massa. **Comunicação apresentada no II Seminário Nacional de Sociologia & Política**, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil, 2010.
- LAPASSADE, Georges. L' observation participante. **Revista Europeia de Etnografia da Educação**. n1, 2001, p. 9-26.
- LAPLANTINE, F & TRINDADE, L.. **O que é Imaginário?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos)
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ed. Ática, 1980.
- LE GOFF, Jacques. A recusa do prazer. In: DUBY, Georges. **Amor e sexualidade no ocidente**, traduzido por Ana Paula Faria, 2ª ed., Lisboa, Terramar, 1992.

- LEITE JÚNIOR, J.. **Nossos corpos também mudam** - a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. São Paulo, Annablume, 2011.
- LEMONS, André. **Estruturas antropológicas do ciberespaço**. Salvador: Texto produzido para os seminários do grupo Cyberepesquisa/FacomUfba, 1996. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/ lemos/cibersoc.html](http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html) >
- _____. **Cibercultura**. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea. Sulina, Porto Alegre, 2002a.
- _____. **A arte da vida**. Diários pessoais e webcams na Internet. Revista de Comunicação e Linguagem, Lisboa, 2002b.
- _____. **Cibercultura e Mobilidade**. A Era da Conexão. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, setembro 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf>
- LEPETIT, Bernard. Sobre a escola na história. In: REVEL, Jacques (Org). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- _____. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini - Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- _____. Lévi-Strauss nos 90: voltas ao passado. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 105-117, Out. 1998 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131998000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Jan. 2016.
- LÉVY, P.. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre, Sulina, 1997. 286 p.

_____. **La Féminisation du Monde** (Vol. 14). Paris: Cultures em mouvement. 1999.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. A comunicação sem fim: teoria pós-moderna da comunicação. In: MARTINS, Francisco; SILVA, Juremir. **A genealogia do virtual**. Porto Alegre: Sublime, 2004, p.20-32.

MALINOWSKI, B.. **Sex and repression in savage society**. Londres: Routledge. 2003.

MALUF, Sônia. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o Gênero na margem. **Revista de Estudo Feminista**. Vol no 1. Florianópolis, 2002.

MALUF, Sônia Weidner; MELLO, Cecília Antakly de; PEDRO, Vanessa. Políticas do olhar: feminismo e cinema em Laura Mulvey. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 343-350, Ago. 2005.

MARCUS, G. E. Identidades passadas presentes e emergentes, requisitos para etnografias sobre a modernidade, no final do século XX, a nível mundial. **Revista de Antropologia**, vol. 34, São Paulo, 1991. p. 197-221.

_____. "The modernist sensibility in recent ethnographic writing and the cinematic metaphor of montage", in DEVEREAUX, L.; HILLMAN, R. (eds.), **Fields of vision, essays in film studies, visual anthropology, and photography**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1994

MARCUS, G. & FISCHER, M.. **Anthropology as cultural critique**. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

- MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Lisboa: Dinalivro, 2005.
- MASSEN, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas, Papirus, 2000.
- MATOS, Maria Izilda S. de. **Na trama urbana**: do público, do privado e do íntimo. Projeto História, São Paulo, n. 13, p. 129-149, jun. 1996.
- _____. **Reinvenções do Vínculo Amoroso**: Cultura e Identidade de Gênero na Modernidade Tardia. Belo Horizonte, UFMG. Rio de Janeiro, Iuperj, 2000.
- MATTELART, Armand. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MAZZIEIRO, João Batista. **Sexualidade Criminalizada**: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 18, n. 35, 1998.
- MCLUHAN, Marshall. **A galáxia Gutenberg**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- _____. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MÉNDEZ, L. B.. **Los varones frente al cambio de las mujeres**. Lectora. Revista, 2001.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual**: balanço provisório, propostas cautelares. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, July 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2016.
- MIGUEZ, Paulo. Economia criativa: uma discussão preliminar. In NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org) **Teorias e políticas da cultura**: visões multidisciplinares. Salvador : edufba, 2007

MISKOLCI, Richard. O Armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**. Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1. sem. 2009.

_____. Reflexões sobre normalidade e desvio social. In: **Estudos de Sociologia**, Araraquara, 13/14: 109-126, 2002/2003. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/richardmiskolci/paginas/academico/cientificos/frame.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2008.

_____. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**: UFRN, Natal, v. 12, n.2, p. 09-22, jul./dez. 2011.

_____. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 301-324, janeiro-abril/2013.

MONEY, J.; EHRHARDT, A.. **Man & woman, boy & girl: the differentiation and dimorphism of gender identity from conception to maturity**. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1972. 311 P

MORIN, E.. Epistemologia da complexidade. In : SCHNITTMAN, D. F. (Org.) **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 274-289.

_____. **Cultura de massa no século XX – necrose**. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

MOSCOVICI, S.. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. On social representations. In: Forgas, J.P. **Social cognition: perspectives on everyday understanding**. Londres: London Academic Press, 1981.

Nery, M. L.. **A evolução da indumentária**. Rio de Janeiro: Senac, 2003.

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. **Screen**, v. 16, n. 3, p. 6-27, Autumn 1975.

_____. Introduction. In: _____. **Visual and Other Pleasures**. London: The Macmillan Press Ltd, 1989a. p. vii-xvii.

_____. Pandora's Box. Topographies of Curiosity. In: _____. **Fetishism and Curiosity**. London: BFI/Indiana Un. Press, 1996. p. 53-64.

NETEMEYER, R. G.; BURTON, S.; LICHTENSTEIN, D. R.. Trait aspects of vanity: measurement and relevance to consumer behavior. **Journal of consumer research**, 1995, p.612-626.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

OKIN, S. M. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, v. 16, no 2, p. 305–332, 2008.

OLIVEIRA, P. P.. Discursos sobre a masculinidade. **Revista Estudos Feministas IFCS/UFRJ**, 6(1), 1998, p.91-112.

O'REILLY, Tim. **What is web 2.0**. O'Reilly, Sebastopol, 30 set. 2005. Disponível em: <http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>. Acesso em 20 jul. 2016.

ORTIZ, Renato. **A Moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense S.A., 2000.

PAASONEN, Susanna, Online Porn. In Niels BRÜGGER, Ian MILLIGAN and Megan ANKERSON (eds.), **The SAGE Handbook of Web History**. London: SAGE (no prelo).

- _____. Good Amateurs: Erotica Writing and Notions of Quality. In: ATTWOOD, Feona (ed.), **Porn.com: Making Sense of Online Pornography**. New York: Peter Lang 2010, 138–154.
- PARK, Robert E. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. 4. ed. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 26-67.
- PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online**. Cad. Pagu, Jun 2012, no.38, p.197-222. ISSN 0104-8333.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero nos debates feministas. **História**, vol.24 n.1, Franca, 2005. p. 77-98.
- PLECK, J. H.. **The myth of masculinity**. Cambridge: Mit Press. .1981
- PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do Michê – Prostituição Viril em São Paulo**. São Paulo, Brasiliense, 2008.
- PEREIRA, Aldo. **Dicionário da vida sexual**. Vol. I. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- PINNEY, Christopher. A história paralela da Antropologia e da Fotografia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, 2. Rio de Janeiro: UERJ, 1996.
- PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 25, p. 7-23, Dec. 2005.
- _____. Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 25, p. 281-326, Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 Jul. 2016.
- POLLAK, Michel. A homossexualidade masculina, ou: felicidade no guetho?. **Sexualidades ocidentais**. Lisboa: Contexto, 1983, p.51-73.

- POMBO, Olga. **Epistemologia da interdisciplinaridade**. Seminário Internacional de Interdisciplinaridade, p. 1–18, 2003.
- PONTUAL, Virgínia; LEITE, Julieta. Da cidade real à cidade digital: a flânerie como uma experiência espacial na metrópole do século XIX e no ciberespaço do século XXI. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 30, agosto 2006.
- POPE, H. G.; PHILLIPS, K. A.; OLIVARDIA, Roberto. **O complexo de Adonis**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Editorial Espasa. Calpe, 2008.
- _____. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- RABIGER, Michael. **Direção de cinema**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. In: **Revista Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2004.
- RHEINGOLD, H.. **Comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.
- RICHARDSON, Roberto; et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**, v. 3, 1999.
- RICOEUR, Paul. A realidade do passado. In: **Tempo e Narrativa**. São Paulo, Martins Fontes, 2010, p.236-266.
- ROCHA, E.; RODRIGUES, J.. **Corpo e consumo**: roteiro de estudos e pesquisas. Rio de Janeiro: PUC/RJ, s/d, 2012.
- RODRIGUES, André Iribure. **As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na**

televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas. Tese. (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação). Porto Alegre (RS): UFRGS. 2008.

ROSS, Micheal W. TIKKANEN, Rony. MANSSON, Sven-Axel. **Differences between Internet samples of men who have sex with men: implications for research and HIV interventions.** Social Science & Medicine, n° 51. 2000. p. 749-758.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à Teoria da Comunicação.** São Paulo: Edicon, 1998.

SÁ, C.P.. **Núcleo central das representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1996.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. 2011. **Por el culo. Políticas anales.** Madrid/Barcelona: Editorial Egales. 182 p.

SAFFIOTTI, H.; BONGIOVANI, I. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2007.

SALDANHA, Rafael Araújo. **Experimente... e... compare!!!** O texto de anúncios publicitários da década de 1950. Monografia (Graduação), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Faculdade de Comunicação Social, Santa Maria, RS, 2003.

_____. **Classificados e o sexo:** anúncios de prostituição masculina em SC (1986-2005). 199 p. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, SC, 2010.

_____. **Masculinidades em trânsito:** o uso de aplicativos de celular para encontros homoeróticos. In: 13th Women's Worlds Congress & Seminário Internacional Fazendo Gênero 11, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2017. (no prelo).

SANDERS, Teela. **M4M chat rooms: Individual socialization and sexual autonomy.** Culture, Health & Sexuality: An International

- Journal for Research, Intervention and Care. v.10, n.3, 2008. p.263-276.
Disponível em:
<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18432425>>. Acesso em: 16 jul. 2016.
- SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias: o impacto sócio-técnico da informação digital e genética**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- SARTRE, Jean Paul. **Critique de la Raison Dialectique**. Paris: Gallimard, 1960.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970. (Org. Charles Bally e Albert Sechehaye).
- SCHETTINI, Cristiana. **Que tenhas teu corpo: uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
- SCOTT, Joan W. Prefácio a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, n.3, p.11-27, 1994.
- _____. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade**. 20 (2), p.71-99, 1995.
- _____. A Invisibilidade da Experiência. In: **Projeto História**. N.16. São Paulo: PUC, 1998. p.297-325.
- _____. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999, p. 1-23. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf>.
- _____. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11, jan. 2005. ISSN 1806-9584.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.

- _____. **Between Men English Literature and Male Homosocial Desire.** New York: University of New York Press, 1985.
- SEIDLER, V.. **Recreating sexual politics: men, feminism and politics.** Londres: Routledge, 2009.
- SEIDMAN, Steven (Ed.). **Queer theory/sociology.** Malden: Blackwell, 1996.
- SENNETT, Richard. **The fall of public man.** Nova Iorque: Knopf, 2002.
- SILVA, Hélio R. S. **A situação etnográfica: andar e ver.** Horizonte antropológico. 2009, vol.15, n.32, pp. 171-188.
- SILVA, Maria Aparecida Ramos da; SILVA, Allyson Darlan Moreira da. Sexualidade e virtualização em Câmera Privê: sociabilidade, desejo e consumo através da webcam. **Bagoas.** n. 15, 2016, p. 153-175.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 7-15.
- SLATER, Don. Trading sexpics on IRC: embodiment and authenticity on the internet. *Body & Society*, London, **Sage Publications**, 4 (4), 1998, pp.91-117.
- SOLOMON, A.. **Demônio do meio-dia.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.
- STAM, R.. **Teorías del cine.** Barcelona, Paidós, 2001.
- THOMPSON, E. P.. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- THOMPSON, John B.. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** 6.ed. Petropolis: Vozes, 2002.

- TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Práticas de/na intimidade: o que queremos dizer com isso? In: Medrado, Benedito et al.(orgs.). **Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas**. Recife: Instituto PAPAI, 2010.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Biblioteca Universitária. **Trabalho acadêmico: guia fácil para diagramação: formato A5**. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/design/GuiaRapido2012.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2013
- VALAS, Patrick. **Freud e a perversão**. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J.. **Masculinidad/es: poder y crisis**. Isis Internacional, 1997.
- VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No Escurinho do Cinema: Cenas de um Público Implícito**. Editora Annablume, 2000.
- VEYNE, Paul; DUBY, Georges. **História da vida privada**. Do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VESTERGAARD, Toben. SCHRØDER, Kim. **A linguagem da propaganda**. [tradução João Alves dos Santos; tradução dos textos publicitários Gilson César Cardoso de Souza]. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- VILLAÇA, N.. Sujeito/objeto. **LOGOS 25: corpo e contemporaneidade**. Ano 13, 2º semestre 2006. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/25/07_Nizia_Villaca.pdf. Acesso em: 26 de novembro de 2016.
- VILLELA, W. V., ARILHA, M.. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In E. Berquó (Ed.), **Sexo & vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil**. Campinas Unicamp, 2003.
- WALBY, S.. **Theorizing patriarchy**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

- WANG, P. Z.; WALLER, D. S. Measuring consumer vanity: A cross cultural validation. **Psychology & Marketing**, 23(8), 2006, p.665-687.
- WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- WEINSTEIN, W. L. The Private and the Free: A Conceptual Inquiry. In: PENNOCK, J. Roland; CHAPMAN, John W. (eds.). **Privacy: Nomos XIII**. New York: Atherton, 1971. p. 32-35.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.
- WIENKE, Cris. Negotiating the male body: Men, masculinity, and cultural ideals. **The Journal of Men's Studies**, 6(3), 1998, p.255-282.
- WILLIAMS, Linda. **Screening Sex**. Durham/London, Duke University Press, 2008.
- WOLFF, Cristina; SALDANHA, Rafael. Gênero, sexo, sexualidades: Discutindo as categorias do debate contemporâneo. In: **Gênero, educação e sexualidades**: reconhecendo diferenças para superar [pré]conceitos. BUENO, André da Silva et al. (Org.). Uberlândia: Ed. dos Autores. 2016

ANEXO A



Fonte: Disponível em: <https://pt.cam4.com/termsofuse>, 10 de novembro de 2017.

TERMOS E CONDIÇÕES

Estes dados estão disponíveis em <<https://pt.cam4.com/termsofuse>> e foram acessados em 10 de outubro de 2017.

O Seu Acordo

Estes termos de uso aplicam-se aos sites, recursos interativos, aplicativos, widgets, blogs, redes sociais, ou qualquer outro que poste um link para esses termos de uso, não importando que sejam acessados através de computadores, dispositivos móveis ou outra tecnologia, forma ou meio (o "Site", "Cam4.com" ou "Cam4").

Esse Site é oferecido pela Corporação Surecom NV, uma corporação em Curação operando como 'Cam4.com' e 'Cam4Bucks.com' e sob o comércio e serviço da marca 'Cam4' propriedade e registrada por Surecom Corporação NV, em conjunto com Gravity Entretenimento DAC, uma corporação irlandesa e a Gravity Entertainment, Inc., uma corporação de Ontário, Canadá, E TLE Opportunities, LLC, uma empresa da Delaware, que são prestadores de serviços terceirizados autorizados pela Surecom para fornecer processamento de pagamentos de transações. As referências a "Cam4" e "Cam4.com" ou qualquer outra URL do "Cam4" ou nome de domínio de propriedade de Surecom são sinônimos de Surecom Corporation NV.

Estes Termos de Uso regem os seus direitos e responsabilidades em conexão com o Site. O termo "Site" inclui o conteúdo desse site, todos os nossos serviços prestados no ou através do Site e qualquer software que disponibilizamos no site ou através dele (o "Software"). Você "usa" o site em qualquer momento, o acesso (via

computador, dispositivo móvel ou outra tecnologia), visualiza links para ou a partir, ou de outra forma interage, se comunica com ou conecta-se ao site (ou qualquer parte dele) interage ou se comunica com outros usuários através do Site (incluindo, sem limites, em fóruns, salas de bate papo e / ou outras comunidades estabelecidas no Site), e isos faz de você um "Usuário" ou "Espectador". Você se torna um "Usuário Registrado" quando você fornece determinadas informações e dados pessoais para o Cam4, o que permite que você "converse" e "dê gorjetas" aos performers. Um "Performer" é alguém que contribui com Conteúdo Gerado pelo Usuário como o termo é definido a seguir, "Conteúdo Gerado pelo Usuário".

Para acessar o site, você concordou em se comprometer com estes Termos de Uso e nossa Política de Privacidade no <http://www.cam4.com/privacy/>. Foi perguntado se você concorda com os Termos de Uso e você indicou, clicando "SIM" ou "ENTRAR", e guardamos o seu endereço de IP na hora em que você tomou essas decisões em se comprometer com os nossos Termos de Uso.

Cam4 reserva o direito de, a seu exclusivo critério, modificar estes Termos de Uso a qualquer momento, publicando Termos de Uso revisados através do Site. Você é responsável por revisar e familiarizar-se com as alterações deste Acordo. Modificações são eficazes quando postadas, e seu uso dos serviços após tais modificações e avisos publicados confirmam a sua aceitação dos Termos de Uso conforme a modificação.

Estes Termos de Uso contêm avisos legais e provisões de prevenções exclusivas.

Por favor, note que você pode estar sujeito a regras e regulamentos adicionais que podem ser aplicadas quando você usa recursos específicos fornecidos pelo Cam4. Destes Termos de Uso, qualquer versão posterior dos Termos de Uso e quaisquer outras regras e regulamentos aplicáveis aos recursos especiais que compõem a totalidade do acordo entre você e o Cam4 e substituem quaisquer acordos anteriores.

Se você não concorda com alguns dos seguintes Termos de Uso, as regras e o regulamento do site, ou a política de privacidade do Cam4 por favor não utilize os serviços de internet Cam4.

Elegibilidade para transmitir no Cam4

Deve ter 18 anos ou mais para poder transmitir nesse site. Se a idade de maioridade no seu país for superior a 18 anos, deve ter no mínimo essa idade para ter acesso ao material disponível neste site ou receber os serviços online do Cam4.

O uso dos serviços do Cam4 são nulos quando proibidos por lei.

Ao usar/ver os serviços fornecidos pelo Cam4, você confirma e garante que não está proibido por lei de usar os serviços online oferecidos e que tem o direito, autoridade e capacidade para entrar neste Acordo e cumprir todos os seus Termos de Uso como submetidos aqui e atualizados de tempos a tempos.

Ao usar estes serviços, você está declarando:

"SOB PENALIDADE OU PERJÚRIO, Juro/afirmo que a partir deste momento: Sou um adulto, com pelo menos 18 anos de idade (ou mais velho em qualquer localização na qual 18 anos não é a idade mínima para a maioridade);

Estou familiarizado com as leis da minha região que afetam o meu direito legal para ter acesso a material erótico dirigido a adultos, e tenho o direito legal para transmitir tal material por mim na minha localização;

Eu prometo que não permitirei a qualquer pessoa com menos de 18 anos de idade (ou mais velha em qualquer localização na qual 18 anos não é a idade mínima para a maioridade) ter acesso a quaisquer dos materiais (incluindo produtos ou características) contidas nestes serviços de comunicação;

Eu compreendo que quando obtenho acesso a este serviço de comunicação, ficarei exposto a imagens visuais, descrições verbais, sons áudio ou outras características e/ou produtos sexualmente orientados, de natureza erótica franca, que pode incluir demonstrações visuais gráficas de nudez e atividade sexual e que estou tendo acesso voluntariamente, porque quero ver, ler e/ou ouvir os vários materiais e/ou encomendar e desfrutar de tais produtos ou características, que estão disponíveis para meu prazer, informação e/ou educação pessoal;

A minha escolha é uma manifestação do meu interesse em assuntos sexuais que, eu acredito, ser tanto normal como saudável e que, na minha experiência é geralmente compartilhado por todos os adultos comuns da minha comunidade.;

Estou familiarizado com os padrões da minha comunidade relativos à aceitação de tais materiais sexualmente orientados, e os materiais que espero encontrar estão dentro desses padrões;

No meu julgamento, o adulto comum da minha comunidade aceita o consumo de tais materiais por adultos consentidos em circunstâncias tais como esta que oferecem isolamento razoável destes materiais a menores ou adultos não consentidos, e não irei considerar que tais materiais apelem a um interesse lascivo ou patentemente ofensivo;

É o meu desejo partilhar e/ou convidar outros a partilhar os meus comportamentos privados e pessoais e comentar, classificar, criticar, organizar e recomendar baseado no que estou exposto ao utilizar os serviços online fornecidos pelo Cam4, enquanto convidar outros a fazer o mesmo; e

Eu represento e garanto que não fui notificado por qualquer agência governamental, incluindo os Correios dos Estados Unidos, que não desejo receber material sexualmente orientado."

Sob quaisquer circunstâncias pode este site ser utilizado para qualquer atividade ilegal. Este site não pode ser acessado, visualizado, baixado ou de outra maneira recebido em qualquer local no qual fazê-lo pode ser considerado uma violação da lei.

Informação dos Membros

O Cam4 é um site gratuito e se for maior de idade, pode ver webcams ao vivo e vídeos sem criar uma conta.

Se você quer Transmitir com a gente e postar conteúdo no Cam4, você deve primeiro fazer parte da comunidade de contribuintes de conteúdo no Cam4 e concordar em fornecer informações pessoais corretas.

Se a informação que fornecer não for verdadeira e correta, será sujeito à terminação imediata da sua conta e objeto de sanções legais.

Será solicitado fornecer um endereço de email válido para efeitos de verificação e certificação de qualidade e está de acordo que o CAM4 pode lhe enviar e-mails tanto de natureza transaccional como também para fins comerciais e promocionais.

Será fornecida uma senha gerada automaticamente - que poderá modificar mais tarde, e poderá escolher o seu nome de usuário que será único ,não ofensivo aos outros e que não viole qualquer marca registada ou copyright. Concorda que o CAM4 é dono de todos os nomes de usuários que você digita e fornece.

Na medida em que voluntariamente cria um perfil para participar em serviços selectos oferecidos pelo Cam4, o seu perfil (e conteúdos) podem ser pesquisáveis por outros utilizadores registados através do Cam4 e outros parceiros ou ligados ao Cam4. Igualmente, o seu perfil (e conteúdos) podem ser pesquisáveis por motores de busca publicamente disponíveis.

Descrição de Serviços

Entre outras características, os serviços de Internet online do CAM4 poderão permitir o carregamento, compartilhar, e visualizar o conteúdo adulto, incluindo imagens sexualmente explícitas. Os serviços poderão permitir-lhe ver conteúdos de vídeo ao vivo, informação e outro material que foi carregado por outros utilizadores. É permitido ver este material sujeito aos Termos de Uso.

Você compreende e concorda que o conteúdo mostrado no Cam4 é primariamente transmitido por terceiros e o Cam4 não pré-visualiza ou monitora antecipadamente tal conteúdo.

Você compreende que o Cam4 não é responsável pelo conteúdo transmitido por terceiros, e você concorda em manter Cam4 inofensivo para todo e qualquer conteúdo que você encontrar através do site e você promete não processar o Cam4 em conexão com qualquer reclamação sobre o conteúdo que você encontrar enquanto estiver no site.

Os serviços online do CAM4 também pode ter hiperligações para sites que não são propriedade de, controladas, censurados ou editados pelo CAM4, e que contém informação ou material que algumas pessoas podem achar inapropriado ou ofensivo. O CAM4 não podem nem assume qualquer responsabilidade que seja pelo conteúdo, decência, precisão, cumprimento de copyright, legalidade, políticas de privacidade ou práticas ou qualquer outro aspecto do conteúdo de tais sites e a inclusão de tal hiperligação não implica o apoio do site pelo Cam4 ou qualquer associação com os seus operadores.

Você compreende que não poderá exigir responsabilidades ao Cam4 por quaisquer danos causados pelo sua visualização ou compartilhamento de informação transmitida por outros usuários, ou o seu uso de um site de terceiros.

O Cam4 reclama imunidade de responsabilidade na total extensão da lei e como estabelecido pelo Ato de Decência nas Comunicações para conteúdo carregado por terceiras partes e nada neste Acordo está redigido para levantar, remover, ou usurpar tal imunidade.

Conteúdo Gerado pelo Usuário

A)

Como usuário do Cam4 você pode se juntar à comunidade de contribuintes de conteúdo transmitindo com a gente e enviando conteúdo de Áudio e Vídeo ao vivo e fotos ("Vídeo do usuário") e conteúdo de texto ("Chat"). O vídeo do Usuário e o chat são coletivamente referidos como "Conteúdo Submetido pelo Usuário." Você compreende que o Cam4 não garante qualquer confidencialidade no que diz respeito ao Conteúdo Submetido por Usuários e que tal conteúdo é especificamente intencionado para ser visto por pessoas maiores de idade legalmente que visitem o site do Cam4.

Você será inteiramente responsável pelo seu conteúdo submetido pelo usuário e as consequências de publicar tal conteúdo. Em relação ao Conteúdo Gerado pelo Usuário, você afirma, representa, e/ou garante que: você possui ou tem as necessárias licenças, direitos, consentimentos e autorizações para utilizar e autorizar o Cam4 a usar tal patente, marca registrada, segredo comercial, copyright, direito à vida provada, direito de publicidade, ou quaisquer outros direitos proprietários comerciais e pessoais em e para qualquer e todo Conteúdo Submetido pelo Usuário para permitir a inclusão e uso de tal Conteúdo gerado pelo Usuário da forma contemplada pelo site do Cam4 e estes Termos de Uso.

Para clarificar, você retém a propriedade de direitos do seu Conteúdo Submetido pelo Usuário e aos visitantes é cedido nada mais que o direito de ver as suas submissões. Contudo, ao submeter Conteúdo Gerado pelo Usuário ao Cam4, você decide conceder ao Cam4 uma licença mundial, não-exclusiva, livre de royalties, e transferível para utilizar, reproduzir, distribuir, preparar trabalhos derivados, exibir e executar o conteúdo gerado pelo usuário em conexão com o serviço Cam4 (e seus sucessores e afiliados), incluindo, sem limitação, para promover e redistribuir uma parte ou todo o Site Cam4 (e trabalhos derivados) em qualquer formato de mídia e através de qualquer canal de mídia. Você também concede a cada espectador do site Cam4 (ou qualquer formato alternativo ou adicional de mídia ou canal) uma licença não-exclusiva para acessar o seu Conteúdo Gerado pelo Usuário através do Site, e para usar, exibir e executar Conteúdo Gerado pelo Usuário, tal conforme permitido através da funcionalidade do site e sob estes Termos de utilização. As licenças acima cedidas pelo usuário são permanentes e irrevogáveis.

Você reconhece que o Cam4 está agindo como um simples transporte de Conteúdo Gerado pelo Usuário e que Cam4 não está empreendendo qualquer obrigação ou responsabilidade relativa a qualquer conteúdo ou atividade no site. Como tal, o Cam4 atua meramente como um provedor de hospedagem sem qualquer papel editorial e é apenas um fórum para a expressão de idéias, pensamentos e informações. Cam4 não é responsável por qualquer incorreção, erro, conteúdo ofensivo, inadequado, ou difamatório que estiver contido no site.

O Cam4 não é responsável por qualquer Conteúdo Submetido pelo Usuário que viole as normas ou costumes da comunidade. O Cam4 espera e exige que cumpra com todas as leis federais, estatais, provinciais e locais quando usar o site e quando submeter ou carregar Conteúdo para o site. Se não está certo se o seu Conteúdo viola a lei, o encorajamos a contactar um advogado antes de publicar tal Conteúdo. O Cam4 não pode aplicar todas as leis jurisdicionais para todo o Conteúdo que é

postado neste site. Como tal, o Cam4 não é responsável pelo Conteúdo Submetido pelo Usuário neste Site.

O Cam4 e os seus administradores se reservam ao direito (mas não a obrigação) na sua exclusiva descrição, de recusar, apagar, mover ou editar qualquer e todo o Conteúdo que considere uma violação da lei (incluindo marcas e registros de copyright), abusivo, difamatório, obsceno ou de qualquer outra maneira inaceitável, e concorda expressamente que a remoção de qualquer conteúdo pelo Cam4 como aprovação de qualquer conteúdo restante, e concorda expressamente que nunca vai considerar que o Cam4 edita ou corrige qualquer conteúdo no intuito de estabelecer que é o produtor o ou autor de qualquer conteúdo submetido pelo usuário através dos serviços do Cam4.

Você deverá avaliar, e suportar todos os riscos associados com, o uso de qualquer conteúdo, qualquer confiança depositada na exatidão, integridade, utilidade, ou legalidade de tal conteúdo. A este respeito, você reconhece que você não pode confiar em qualquer Conteúdo criado pelo Cam4 ou conteúdo gerado pelo próprio usuário transmitido para o Site. Você é responsável por todo o conteúdo que é carregado, postado, enviado, transmitido ou de outra forma disponibilizado através do Serviço.

B)

Uma lista parcial do conteúdo que é ilegal ou proibido inclui conteúdo que:

Fornecer material que constitui pornografia infantil ou que envolve ilustrações de nudez ou sexualidade por uma Performer que não aparenta ter idade legal (i.e., alguém que parece ter menos de que 18 anos, independentemente da sua idade atual) ou por um Broadcaster que é mostrado como parecendo uma pessoa com menos de 18 anos devido ao comportamento, roupa, cenário ou adereços;

Retratar animações ou desenho animado ou sexo com crianças;

Explorar ou solicitar informação pessoal de alguém com menos de 18 anos;

Violar qualquer lei nacional, federal, provincial ou local, regras, regulamentos ou ordens relativas à obscenidade;

Descrever "fezes", fezes humanas, defecação humana, vômito, ou o consumo de materiais como fezes ou vômito;

Fornecer conteúdo envolvendo a representação de outro, a ameaça de suicídio ou dano a si mesmo ou aos outros, bestialidade (sexo, real ou fingir, com animais) ou necrofilia (sexo, real ou fingir, com um cadáver);

Importunar, intimidar ou invadir a privacidade de outra pessoa;

Ser ofensivo à comunidade online, incluindo conteúdo que promova o racismo, ódio ou mal físico contra qualquer indivíduo ou grupo;

Forneça informação com instruções sobre atividades ilegais tais como o fabricação ou a compra de armas ilegais, violação da privacidade de alguém ou fornecer ou criar vírus de computador;

Mostrar o uso ilegal de uma arma, ou drogas, ou estupro, real ou simulado. Se você não pode fazer sem estar cometendo um crime, não faça.

Retratar a violência, ou incesto, insultos raciais ou discurso de ódio, (tanto auditivamente ou através da palavra escrita);

Mostrar qualquer pessoa na câmara, que pareça estar inconsciente, sob a influência de drogas ou álcool, ou que pareça não ter consciência da presença de uma câmara;
Promover uma cópia ilegal ou não autorizada do trabalho de copyright de outrem, tal como programas de computador pirateados ou hiperligações para os mesmos, ou fornecer informação para ultrapassar proteções a cópia fornecidas por fabricantes, ou fornecer música pirateada ou links para arquivos de música pirateada;
Envolver a transmissão de e-mail de "lixo", e-mails em massa ou material comercial não solicitado ou "spam";

Promover informação que sabe ser falsa, enganadora, ou promover atividade ilegal ou conduta que é abusiva, ameaçadora, obscena, difamatória ou injúria;

Contém páginas de acesso restrito ou apenas acessadas por senha, ou páginas ou imagens escondidas (aquelas sem hiperligação para ou desde outra página acessível);
Incluir material que não esteja em cumprimento total do Código dos Estados Unidos da América, Título 18, Secção 2257 et seq. ou qualquer outros estatutos ou leis aplicáveis ou qualquer outra jurisdição relativa a demonstrações de conduta sexualmente explícita real ou simulada;

Solicitar senha ou qualquer informação pessoal que o identifique para intuídos comerciais ou ilegais por parte de outros Usuários;

Envolver enviar publicidade no bate papo ou mensagens em programas de mensagens instantâneas;

Tomar parte de atividades comerciais e/ou vendas sem o consentimento prévio tal como concursos, entrega de prémios, publicidade ou esquemas de pirâmide;

Incluir qualquer arquivo e ou stream de dados que contém vírus, "Trojan horses" ou qualquer outra característica destrutiva.

Promover ou solicitar negócios para outro site;

Você concorda que o Cam4 possa rever queixas sobre o do Conteúdo Submetido pelo Usuário e tomar ações a respeito de tais queixas a seu exclusivo critério.

Você concorda que você pode ser convidado para participar na gravação e preservação de suas transmissões com a finalidade de permitir que o Cam4 crie e distribua "o melhor do Cam4" a uma ou outra seleção designada a consentir aos Performers submeterem conteúdo gerado pelo usuário. Será de sua escolha se quer ou não participar. Se você optar por sim e permitir ao Cam4.com gravar qualquer uma de suas performances, você será avisado sobre a gravação e você será responsável, como o "produtor" do conteúdo, para a prestação de registros atuais exigidas pelo 18 USC 2257, et. seq. e você ficará no controle deste Conteúdo do Usuário apresentado na área fornecida pelo Cam4.com. Em relação a este links "melhor do" ou a gravação de outra forma designada selecionando de suas performances, Cam4.com não está envolvido na produção do material (conteúdo enviado pelo usuário) incluído neste serviço adicional, e está envolvido apenas na distribuição desse material, e é, conseqüentemente isento do 2257 com base em limitações descritas em 28 CFR 75,1 © (4) (ii).

Você é o único responsável pelo conteúdo carregado e o CAM4 irá investigar e tomar ação legal, na sua própria descrição, contra qualquer um que viole estes Termos de Uso, incluindo a remoção do conteúdo ofensivo do serviço e terminação da sua conta. **Por favor note que não pode permitir a qualquer outra pessoa o uso da sua conta e deverá informar-nos imediatamente de qualquer aparente**

quebra de segurança, tal como perda, roubo ou publicação não autorizada do seu nome de utilizador e senha.

Registo Cam4

Deve criar a sua própria conta no Cam4 para poder juntar-se à comunidade de contribuidores de conteúdo ou ter acesso a algumas das características ou serviços oferecidos e é obrigatório que não deixe mais ninguém usar a sua conta (deve manter a sua senha secreta e segura) e **nunca deverá usar a conta de mais ninguém, tal como ninguém deverá usar a sua**. Quando estiver a configurar a sua conta deve fornecer informação precisa e completa. Você concorda que é o único responsável pela atividade que ocorra na sua conta e deve notificar imediatamente o Cam4 se acredita que houve o mínimo de quebra de segurança ou uso não autorizado da sua conta.

Você será responsável por quaisquer perdas incorridas pelo Cam4 devido ao uso não autorizado da sua conta. O Cam4 não é responsável pelas suas perdas causadas por uso não autorizado da sua conta e você abdica especificamente de quaisquer pedidos de indenização e concorda em defender e indenizar o Cam4 contra tais pedidos feitos contra este por terceiros.

Uso Geral do site — Permissões e Restrições

Você concorda não distribuir de qualquer maneira, forma ou tipo qualquer parte do site do Cam4, incluindo mas não limitado ao conteúdo gerado pelo usuário (definido abaixo), sem o consentimento escrito do Cam4.

Você concorda não alterar ou modificar qualquer parte do site ou ter acesso ao conteúdo do Cam4 através de qualquer outra tecnologia ou meios que não os explicitamente autorizados pelo Cam4. Não pode usar nenhum robot, aranha, outro aparelho automático, ou manual, processo ou software para monitorar ou copiar as páginas ou conteúdo ou fazer bypass ou interferir no devido funcionamento dos serviços online do Cam4.

Você concorda que não irá tomar qualquer ação que imponha uma carga irrazoável ou desproporcionalmente grande na nossa infra-estrutura.

Você concorda não usar o site, sem o consentimento prévio por escrito por parte do Cam4, para qualquer uso comercial. Usos comerciais proibidos incluem as seguintes ações tomadas sem a aprovação expressa do Cam4:

venda do acesso ao site ou os seus serviços relacionados em outro site;

uso do site ou os seus serviços relacionados para o propósito principal de obter ou ganhar publicidade ou rendimentos de subscrição;

a venda de publicidade, no site do Cam2 de outros sites de terceiros; ou

qualquer uso do site ou de seus serviços relacionados com o intuito de usar os recursos do Cam4 com efeito de competir com ou subverter a quota de mercado do Cam4, ou o conteúdo do Cam4.

No seu uso dos serviços do Cam4, você irá cumprir com estes Termos de uso, e todas as leis e regulamentos nacionais e internacionais aplicáveis.

O Cam4 reserva o direito de descontinuar qualquer aspecto do site do Cam4 a qualquer momento.

O seu Uso do Conteúdo no Site

O conteúdo acessado através do site Cam4 é de propriedade/licenciado para o Surecom Corporation NV d / b / a Cam4, sujeito a direitos autorais e outros direitos de propriedade intelectual sob a lei. Ao Material contido no Site deve presumir-se ser de propriedade e direitos autorais. O Conteúdo é fornecido a você para sua informação e uso pessoal e não pode ser baixado, copiado, reproduzido, distribuído, transmitido, transmitido, exibido, vendido, licenciado ou explorado para qualquer outro fim que seja. Os visitantes não têm quaisquer direitos ao conteúdo do site. O uso do conteúdo do site, por qualquer motivo é ilegal a menos que seja feito com expresso contrato ou permissão do Site.

Você pode ter acesso ao Conteúdo do Cam4, Conteúdo gerado por qualquer usuário ou outro conteúdo apenas na forma permitida sob este Acordo.

Você concorda usar apenas a sua conta para iniciar sessão neste site, estabelecer uma palavra-chave segura, e não disponibilizar as credenciais da sua conta a nenhuma outra pessoa.

Você concorda que é responsável e por quaisquer ações na sua conta, até mesmo se estas foram feitas por terceiros.

Se está num terminal de computador que pode ser utilizado por outras pessoas além de você, você concorda que sairá da sessão do site e não permitirá que o seu browser guarde o seu nome de utilizador e senha pessoal.

Se você se logar a este site e já tiver iniciada uma sessão com outra conta, deve imediatamente sair dessa sessão no site clicando no botão Sair da Sessão.

Você pode ter acesso ao conteúdo submetido por usuários para sua informação e uso pessoal apenas como pretendido pelas funcionalidades fornecidas pelo site Cam4. Não deverá copiar ou baixar qualquer conteúdo submetido pelo usuário sob quaisquer meios ou por qualquer motivo.

Você concorda não usar, copiar, ou distribuir qualquer conteúdo, incluindo o uso, cópia ou distribuição de conteúdo submetido pelo usuário de terceiras partes obtido através do site para qualquer propósito comercial.

Você concorda não circunscrever, desligar ou de outra forma interferir com as características de segurança do site do Cam4.

A menos que expressamente autorizado pelo Cam4, ninguém pode linkar este Site, ou partes dos mesmos, (incluindo, mas não limitado a, material logótipos, marcas branding, ou direitos autorais) para o seu site, por qualquer motivo. Além disso, você não tem permissão para fazer referência a url (endereço do site) deste site em qualquer mídia comercial ou não comercial, sem autorização expressa, nem está autorizado a 'enquadrar' o Site. Você concorda especificamente em cooperar com Cam4 para remover ou desativar quaisquer atividades tais e ser responsável por todos os danos. **Você concorda em indenização de EUA \$ 100.000,00 custos acrescidos e danos materiais por violação desta disposição.**

Fichas do Espectador e Gorjetas do Broadcaster

Usuários cadastrados podem comprar Fichas em diferentes quantidades pré-determinadas, por valores pré-determinados, a critério exclusivo do Cam4. Fichas podem ser usadas para comprar presentes, comprar associações e dar de gorjetas para os Broadcasters.

Fichas não são dinheiro, eles não têm valor de resgate e são apenas para fins de entretenimento. O Cam4 não segregava Fichas ou as mantém em confiança a você, e todas as Fichas podem ser misturadas, o que quer dizer que não estamos segurando Fichas em confiança ou segregando por conta de usuários individuais. Seu saldo de fichas é atualizado em sua conta e pode ser visto a qualquer momento, entrando no Cam4.

Fichas não utilizadas não são elegíveis para qualquer restituição total ou parcial. Exceto quando expressamente aqui estabelecidos.

As fichas que você compra são gastas de sua conta na ordem de recebimento, então as fichas que você comprou primeiro serão utilizadas primeiro.

Qualquer Fichas não utilizadas dentro de 6 meses da compra expirará e será cancelada de sua conta.

Se você não se logar no Cam4 por 6 meses ou mais, as suas fichas vão expirar e sua conta pode ser fechada.

Cam4 pode modificar o número de fichas contidas na sua conta por qualquer razão, incluindo mas não limitado a: compras, reembolsos, estornos, fraude, questões de apoio ao cliente, inatividade da conta, associação do cartão de crédito, penalidades bancárias, multas, ou meros erros técnicos.

Se a Empresa encerrou a sua participação, por ter violado este Contrato, você não terá direito a qualquer reembolso de taxas de subscrição não utilizadas ou fichas e você, assim, concorda em renunciar a qualquer pedido dessa restituição.

Dar Gorjetas é 100% opcional. Você não é obrigado a dar gorjetas aos Broadcasters. Por favor lembre-se de que as gorjetas não alteram as regras pelas quais regem os Broadcasters neste site. As gorjetas são presentes e não suborno, então por favor, não envie gorjetas à espera de algo em troca, pois tal atitude não é justa para os performers.

Por favor reveja a lista parcial de conteúdos ilegais ou proibidos (5. Conteúdo Gerado pelo Usuário), é proibido pedir a um broadcaster para se envolver em qualquer uma dessas atividades. Se você fizer isso, sua conta estará sujeita a rescisão imediata que resultará na perda das suas fichas.

Tal como na vida real, as gorjetas são de livre vontade, uma vez que as Fichas sejam dadas ao Broadcaster é um presente e as Fichas não podem ser resgatadas ou devolvidas.

FICHAS CANCELADAS OU EXPIRADAS. Se a sua conta for cancelada por você voluntariamente ou pelo Cam4 como resultado de inatividade ou por qualquer outro motivo, ou se as suas fichas expirarem ou forem canceladas pelo Cam4, e você tiver um saldo positivo de Fichas, as Fichas serão perdidas. Não há nenhum reembolso de Fichas compradas.

As Fichas que são dadas para os Performers podem ser resgatadas pelos Performer, de acordo com as regras e regulamentos do Cam4.com sobre o resgate de Fichas dadas de Gorjetas, encontrado em <http://www.cam4bucks.com>. As Fichas não têm valor por si só, são e permanecem propriedade do Cam4 e elas podem ser resgatadas somente a critério do Cam4 e somente APÓS os pedidos de resgates dos performers providenciando ao Cam4 todas as informações necessárias, a critério exclusivo do Cam4.

O gerenciamento de conta de um Broadcaster pode, a critério da Cam4, apresentar uma representação visual do valor de resgate potencial então atual de Fichas cotadas para você. Cam4 não está segurando esses valores em confiança a você, não é segregado esses valores e de fato há transparência dos valores das fichas e resgate a seu exclusivo critério.

Se você é um performer que tem recebido fichas, você concorda que não recebeu nenhuma compensação e que nenhum valor foi transferido para você até que você tenha solicitado que suas fichas sejam resgatadas, e que forneceu todas as informações solicitadas a você pelo Cam4 e Cam4 concordou em resgatar suas Fichas.

Performers

Para além de qualquer conteúdo ilegal e proibido listado abaixo, não pode haver menores, crianças, bebês ou pessoas não autorizadas (pessoas de quem não temos o devido nome e identificação em arquivo) na câmera ou no mesmo quarto.

Bestialidade, ou animais/animais de estimação em câmera num contexto sexual ou provocante, drogas ilegais (ou drogas que possa ser tidas como ilegais em outros locais, ex. marijuana medicinal), são estritamente proibidos.

Incesto (relações sexuais envolvendo membros de família) não é permitido.

"Fezes", fezes humanas, defecação humana, vômito, ou o consumo de materiais intencionais como fezes ou vômito não são permitidos.

Qualquer tipo de atividade ilegal ou não segura, violência, sangue, tortura, dor, asfixia erótica, ou quaisquer ações que possam causar-lhe danos são proibidos.

Um performer não pode discutir ou combinar prostituição ou serviços de acompanhantes.

Qualquer ação tida como obscena na sua comunidade é proibida.

Performers não devem transmitir a sua performance no Cam4 em qualquer outro site, em qualquer circunstância.

Os Performers estão autorizados a interagirem livremente com outros Performers no site, ou podem escolher bloquear outros Performers de falar com eles. e está completamente de acordo com a vontade do Performer escolher com quem quer falar no site, eles podem ignorar qualquer pessoa e até banir se assim desejarem.

Os Performers podem trocar informação com membros do Cam4, incluindo informação contratual, no entanto os performers NÃO PODEM fazer uso de informação dos membros para fornecer shows na webcam ou receber pagamentos fora do site. Se um Performer vender algo a um membro, ex. roupa interior, ou conduzir outras transações miscelâneas, a venda deve ser tratada de forma a ser trocada por Fichas.

Os Performers não estão autorizados a fazer publicidade de sites comerciais que ofereçam transmissões de webcam ao vivo, em qualquer circunstância, no entanto os performers PODEM mencionar os seus perfis, páginas pessoais e listas de pedidos.

Os Performers não estão autorizados a perguntar pela informação da conta de outros membros ou a iniciar sessão usando contas que não lhes pertencem.

Performers tentando enganar os membros exibindo vídeo gravado ao invés de realmente se apresentar ao vivo na webcam serão imediatamente banidos, e qualquer ficha será perdida.

Tal como acontece com os usuários registrados, qualquer performer que não tenha se logado no Cam4 nos últimos 12 ou mais meses consecutivos, poderá encontrar a sua conta encerrada e as fichas perdidas. Da mesma forma, todas as Fichas recebidas ou compradas por um Performer serão expiradas se não resgatadas ou usadas dentro de 12 meses após o recebimento ou a compra, e seu saldo de Fichas será perdido se você for denunciado por violar estas Condições de Utilização.

Fraude

Qualquer tentativa de fraude irá resultar num banimento permanente, sem pagamento. (ex. trabalhar junto com um cliente ou "hacker" de forma a aceitar shows privados pagos via cartões de créditos roubados).ou dar gorjetas com o objetivo de subverter a exclusão de não restituição). Cam4 não tolerará o uso de Fichas que perpetuam fraude, seus usuários ou Executantes, e serão vigorosamente julgadas tais tentativas.

Os Transmissores são obrigados a comunicar todas atividades suspeitas, ou o transmissor pode ser considerado cúmplice, e sujeito a rescisão de Fichas e confisco de Gorjetas, danos e repressão criminal.

Transações e Taxas

Todas as vendas e transações são finais.

O Cam4 não garante a disponibilidade de um reembolso, quer em créditos na conta do sítio, Fichas, ou dinheiro, por qualquer razão. O Cam4 poderá vir a reembolsar por exclusivo critério; contudo, não são de forma alguma obrigados a tal.

Qualquer compra que faça neste sítio deve ser paga com o uso de uma forma de pagamento do qual seja titular ou pessoa autorizada.

As taxas para o uso deste sítio estão apresentadas e fornecidas em outros locais ao longo do sítio. O Cam4 poderá alterar taxas, ou introduzir novas taxas em qualquer momento.

É responsável por quaisquer comprar feitas através da sua conta em Cam4, independentemente da compra ter sido feita ou não por outra pessoa, independentemente da compra ter sido autorizada ou não e independentemente do verdadeiro titular da forma de pagamento utilizada para custear a compra.

Qualquer comunicação a respeito de um reembolso ou de transações que voltaram deverão ser feita através do suporte Cam4, no <http://www.cam4support.com>.

Política de Encerramento da Conta

O Cam4 irá encerrar o seu acesso ao seu site caso viole os Termos e Condições.

O Cam4 reserva o direito de decidir se o Conteúdo, chat ou qualquer conteúdo submetido pelo utilizador está de acordo com os Termos e será a decisão do Administrador do Site se deve remover o conteúdo ou encerrar uma conta, ao seu irrevogável e único critério.

Cam4 pode observar violações, além da violação de direitos autorais, tais como, mas não limitados a, obscenidade, violência, racismo, bullying ou assédio, difamação e pode remover conteúdo gerado pelo usuário, tais e / ou encerrar a conta de um usuário e o acesso para o upload desse material ou comportamentos que violem esses Termos a qualquer momento, sem prévio aviso e a seu exclusivo critério incontestável.

O Cam4 pode encerrar a sua conta se você não fizer login no site por 12 meses consecutivos.

Em caso de encerramento da conta, o saldo positivo de fichas será perdido.

Em outras palavras...

Nós nunca iremos dar seu endereço de email ou fazer spam com ele.

Retenção de Informação

Cam4 pede o seu endereço de e-mail e outras informações de identificação pessoal, quando você se cadastra para permitir que você dê gorjetas e converse com os performers ou quando você se junta à comunidade de contribuintes de conteúdo. Nesse caso, iremos manter o seu endereço de e-mail e informações de faturamento até a sua conta ser encerrada. **Nós não vendemos os endereços de e-mail a 3ª partes e nós não fazemos spam com os endereços de e-mails.** Por favor, leia nossa política de privacidade em <http://www.cam4.com/privacy>.

CAN-SPAM ACT 15 USC §7703 et. seq.; Newsletters, Correspondência, e Política de Cancelar Subscrição

Cam4 poderá enviar e-mails ou outras notificações respeitando a novos serviços, promoções, ou outra informação que possa ser de interesse geral. Estas comunicações podem incluir informação de transação, mas também poderá ser de natureza comercial. Você está concordando em receber e-mails comerciais quando você concorda em usar e entrar no Site. Usuários que não desejam receber materiais nossos poderão optar por cancelar a subscrição destas comunicações de desinscrevendo na sua conta. Nós iremos agir em conformidade com os pedidos de remoção.

Sem Garantias de Acesso e Benefícios

O Cam4 não garante que possa aceitar ou fazer uso de quaisquer partes deste site, e concorda que Cam4 não terá quaisquer responsabilidades perante si no caso de surgir tal falta de acesso.

Especificamente, a disponibilidade de qualquer conteúdo arquivado, chat, shows ou gravações não são garantidos. Arquivos, juntamente com quaisquer atributos ou benefícios deste site, podem ficar permanentemente inacessíveis por qualquer razão e concorda que Cam4 não terá quaisquer responsabilidades por tal falta de acesso, e não poderá solicitar reembolsos ou qualquer retorno de transação devido a essa falta de acesso.

Lei de Direitos do Autor "Milênio Digital"

Se é dono de direitos de autor ou agente e sendo assim acredita que algum conteúdo de Cam4 infringe os seus direitos de autor, poderá submeter uma notificação de acordo com a Lei de Direitos do Autor "Milênio Digital" ("DMCA") ao fornecer ao nosso Agente de Direitos de Autor a seguinte informação por escrito (veja 17 U.S.C 512(c)(3) para mais informações):

Um assinatura física ou eletrônica de uma pessoa autorizada a agir por parte do dono de um direito exclusivo que foi alegadamente infringido;

Identificação de um trabalho com direitos de autor que foi tido como infringido, ou, se múltiplos trabalhos num único sítio online são cobertos por uma única notificação, uma lista representativa de tais trabalhos no sítio;

Identificação do material em causa que está a infringir ou é sujeito a atividade infratora e que deve ser removida ou cujo acesso deve ser inativado e informação razoavelmente suficiente para que o fornecedor do serviço possa localizar o material; Informação razoavelmente suficiente que permita que o fornecedor de serviço o/a possa contatar, tal como endereço, número de telefone, e, caso disponível, um endereço de email;

Uma declaração que comprove a sua boa fé de que o uso do material da forma reclamada não foi autorizada pelo dono dos direitos de autor, o seu agente ou a lei; e

Uma declaração de que a informação na notificação é precisa, e sob penalidade de perjúrio, que está autorizado a agir por parte do dono do direito exclusivo que foi alegadamente infringido.

O Agente de Direitos de Autor designado pela Cam4 para receber notificações de reclamações de infrações é: Paul T. Eidsness, Eidsness Law Offices, PLC, 1217 Cape Coral Parkway East, Ste 346, Cape Coral, FL 33904-9604 com cópia para Paul@Eidsnesslaw.com. Você reconhece que, se você deixar de cumprir todos estes requisitos, a sua notificação DMCA pode não ser válida.

Contra-Notificação. Se acredita que a sua submissão foi removida (ou cujo acesso foi inativado) não está a infringir, ou que tem autorização por parte do dono dos direitos de autor, do agente do dono dos direitos de autor, ou que está de acordo com a lei, para submeter e fazer uso do conteúdo na sua área de Utilizador, poderá enviar uma contra-notificação contendo a seguinte informação ao Agente de Direitos de Autor:

A sua assinatura física ou eletrônica;

Identificação do conteúdo que foi removido ou cujo acesso foi inativado e a localização em que o conteúdo aparecia antes de ser removido ou inativado;

Uma declaração de boa fé de que o conteúdo foi removido ou inativado como resultado de um erro ou má identificação do conteúdo; e

O seu nome, endereço, número de telefone, e endereço email, uma declaração do seu consentimento quanto à jurisdição de tribunais federais, e uma declaração em como irá aceitar serviço processual da sua que forneceu notificação da alegada infração.

Se uma contra-notificação é recebida pelo Agente de Direitos de Autor, o Cam4 poderá enviar uma cópia da contra-notificação à entidade reclamante original informando tal pessoa que isso poderá substituir o conteúdo removido ou reativá-lo em 10 dias úteis. A não ser que o dono de direitos de autor processe o fornecedor

do conteúdo, membro ou Usuário, o conteúdo removido poderá ser substituído, ou a inativação ser levantada, em 10 a 14 dias úteis ou mais após recepção da contra-notificação, exclusivamente a critério do Cam4.

É a política de Cam4 cancelar a conta de se houver repetição de infrações de direitos autorais. Para o efeito, sempre que um usuário recebe várias reivindicações de várias notificações de infrações. A gerência do Cam4 irá notificar o usuário e fornecer uma oportunidade significativa de contra-notificação.

Exoneração da Garantia

Você concorda que o seu uso do site Cam4 é da sua própria conta e risco. Na total extensão da lei, o Cam4, a sua empresa mãe, os seus oficiais, diretores, empregados e agentes descartam todas as garantias, expressas ou implícitas, em ligação a este site e o seu uso do mesmo. O Cam4 não faz qualquer garantia ou representação sobre a precisão ou plenitude do conteúdo deste site ou o conteúdo de quaisquer sites com atalho a este site e não assume responsabilidades legais por quaisquer (i) erros, enganos ou imprecisões do conteúdo, (ii) danos pessoais ou de propriedade de qualquer natureza, resultante do acesso e uso deste website, (iii) qualquer acesso não autorizado a ou uso dos nossos servidores seguros e/ou quaisquer informação pessoal e/ou financeira guardadas nestes, (iv) qualquer interrupção ou cessação da transmissão para ou desde o website, (v) quaisquer bugs, Vírus, Cavalos de tróia, ou semelhantes que possam ser transmitidos para ou através do website para quaisquer terceiros e/ou (vi) quaisquer erros ou omissões em qualquer conteúdo ou por qualquer dano incorrido como resultado de qualquer conteúdo carregado, enviado por e-mail, transmitido ou de outra forma posto disponível através do website Cam4. O Cam4 não garante, apoia, ou assume responsabilidade por qualquer produto ou serviço anunciado ou oferecido por terceiros através do website do Cam4 ou qualquer hiper-ligação a um website ou destaque num banner ou outro tipo de publicidade, e o Cam4 não será parte de ou de qualquer maneira responsável por monitorizar qualquer transacção entre você e os fornecedores terceiros de produtos ou serviços. Tal como na compra de um produto ou serviço através de qualquer meio ou qualquer ambiente, deverá sempre usar o seu melhor julgamento e ser cuidadoso quando apropriado.

Limitação de Responsabilidade

Ao ficar de acordo com o uso dos serviços de Internet oferecidos pelo Cam4, você concorda que o Cam4, a sua empresa mãe, os seus oficiais, diretores, empregados e agentes são imunes de qualquer responsabilidade legal sob a total força da lei e/ou das deliberações do Ato de Decência nas Comunicações, de qualquer conteúdo e nada nestes Termos de Uso pretende abdicar ou diminuir tal imunidade. Você compreende e expressamente concorda que o Cam4 reserva o direito de monitorar todas, ou nenhuma áreas do website para fazer cumprir estes Termos e Condições ou outra regras que possam ser publicadas de tempos em tempos e pode apagar qualquer conteúdo, Conteúdo Submetido pelo Usuário ou perfis que no seu âmbito violem estes Termos de Uso. Em nenhuma circunstância deverá o Cam4, a sua empresa sede, os seus oficiais, diretores, empregados ou agentes ser responsável legalmente para consigo por quaisquer danos diretos, indiretos, acidentais, especiais,

punitivos ou consequentes resultantes de quaisquer (i) erros, enganos ou imprecisões de conteúdo, (ii) dano pessoal ou de propriedade de qualquer natureza resultante do seu acesso e uso deste serviço, (iii) qualquer uso não autorizado a ou uso dos nossos servidores seguros e/ou qualquer e toda informação pessoal aí guardada, (iv) qualquer interrupção ou cessação de transmissão para e do website, (v) quaisquer bugs, vírus, trojan horses, ou semelhantes que possam ser transmitidos para ou através do website por quaisquer terceiros e/ou (v) quaisquer erros ou omissões de qualquer conteúdo ou por perda ou dano de qualquer tipo resultante de qualquer conteúdo carregado, enviado por e-mail, transmitido ou de outra forma disponível através do website Cam4, quer baseado em garantia, contrato, prejuízo legal ou outra teoria legal e quer ou não a empresa tenha sido avisada de tais danos. A responsabilidade legal do Cam4 não excederá em nenhum caso o montante do \$500.00USD. A limitação de responsabilidade anterior aplica-se em toda a extensão permitida por lei na jurisdição aplicável. Você reconhece especificamente que Cam4, a sua empresa-mãe, seus administradores, diretores, funcionários ou agentes não deve ser responsabilizada pelo Conteúdo gerado pelo Usuário difamatório, ofensivo ou ilegal de qualquer terceiro e que o risco de dano ou prejuízo a partir do exposto repousa inteiramente com você. Surecom retém o direito de a qualquer momento e de tempos em tempos interromper ou modificar, temporariamente ou permanentemente terminar, o site Cam4, www.cam4.com (ou qualquer parte dele) com ou sem notificá-lo. Se Surecom descontinuar o site, Surecom não será responsabilizada por você ou qualquer terceira parte por tal interrupção, modificação ou rescisão.

Indenização

Você concorda em defender, indenizar e manter o Cam4 fora de danos, a sua empresa mãe, oficiais, diretores, acionistas, empregados ou agentes, manutenção de servidor e contribuintes e ir contra qualquer pedido de indenização, danos, obrigações, perdas, responsabilidades, custos ou dívida e despesas (incluindo mas não limitado a honorários de advogados) que advenham de: (i) o seu uso de e acesso ao site do Cam4; (ii) a violação de qualquer termo destes Termos de Uso; (iii) a violação de qualquer direito de terceiros, incluindo sem limitação qualquer copyright, propriedade ou direito de privacidade; ou (iv) qualquer pedido de indenização devido a um dos seus Conteúdos Submetidos pelo Utilizador ter causado dano a um terceira parte. Esta defesa e obrigação de indenização irá sobreviver a estes Termos e Condições e ao seu uso dos serviços e do site Cam4.

Secção 2257 Declaração de Isenção

Conteúdo Produzido por Terceiros: Os operadores do Cam4 não são os "produtores" de quaisquer representação de conduta sexualmente explícita verdadeira ou simulada. Na medida em que qualquer conteúdo que aparecer no site, o envolvimento dos operadores a respeito do mesmo é limitado à transmissão, armazenamento, recuperação, hosting e/ou formatação de representações feitas por terceiras partes, em áreas do site sob o controlo do utilizador.

Aqueles indivíduos que transmitem sobre a plataforma Cam4.com são os terceiros "produtores" do comportamento sexualmente explícito, real ou simulado, e são

responsáveis por manter a documentação de verificação de idade prevista no título 18 USC 2257 e 2257 (A). O formulário 2257 pode ser encontrado aqui .

Em cumprimento do estabelecido no Título 18 U.S.C. 2257(h)(2)(B)(v) e 47 U.S.C. 230(c), os operadores do site reservam o direito de apagar conteúdo submetido por utilizadores que os operadores considerem indecente, obsceno difamatório ou inconsistente com as suas políticas e termos de serviço. Perguntas ou comentários relativos a esta Declaração de Isenção devem ser endereçados à nossa equipa. <http://www.cam4.com/contact/>

Jurisdição e Acordo de Escolha de Lei

Estes Termos e Condições serão governados e cumpridos de acordo com as leis da Holanda, excluindo as suas regras de conflito de lei. Você concorda expressamente que a jurisdição para qualquer pedido ou ação legal contra ou relacionado a estes "termos de Uso" do uso deste website será feito apenas nos tribunais da Holanda, e você concorda ainda a submeter-se ao exercício de jurisdição pessoal de tais tribunais para o intuito de litigar tais pedidos de indenização e ação legal.

Transferência de Direitos

Estes Termos Condições, e quaisquer direitos e licenças concedidas , não podem ser transferidos por você, mas podem ser transferidos pelo Cam4 sem restrição.

Geral

Você concorda que: Estes Termos e Condições, juntamente com o Aviso de Privacidade no <http://www.Cam4.com/privacy> e qualquer outros avisos legais publicados pelo Cam4 no seu site, constituirá o acordo inteiro entre você e o Cam4 relativo aos serviços online do Cam4. Se qualquer disposição destes Termos de Uso seja considerada inválida por um tribunal de jurisdição competente, a invalidez de tal provisão não afetará a validade das demais disposições destes Termos de Uso, que permanecerão em total força e efeito. Nenhuma renúncia de qualquer termo destes Termos estes de Uso será considerada uma renúncia adicional ou contínua de tal termo ou qualquer outro termo, e a falha do Cam4 fazer valer qualquer direito ou disposição destes Termos de Uso não constituirá uma renúncia de tal direito ou disposição.. VOCÊ E SURECOM CORPORATION NV CONCORDAM QUE QUALQUER CAUSA DE AÇÃO QUE SURJA DE OU RELACIONADA COM OS SERVIÇOS ONLINE DO CAM4 DEVEM COMEÇAR DENTRE DE UM (1) ANO ACUMULADO APÓS O INÍCIO DA AÇÃO. DE OUTRA FORMA, TAL CAUSA DE AÇÃO ESTÁ PERMANENTEMENTE BARRADA.

Termos e Política de Cancelamento

Este acordo deverá ter um termo inicial de um (1) ano e será estendido por termos adicionais de um (1) ano(s) (o "Termo de Renovação") em qualquer altura que entre no sítio. A não ser que seja terminado, este Acordo será automaticamente estendido por termos adicionais de um (1) ano até expiração do termo prévio.

O Cam4 se reserva ao direito de terminar este Acordo a qualquer momento, por qualquer razão. Este acordo pode ser terminado através de um e-mail seu para o

Cam4, ou por e-mail do Cam4 para você, ou pela desativação da sua conta ou nome de usuário no site pelo Cam4.

Todos os direitos dados pelo Cam4 durante o termo deste Acordo sobreviverá às terminações deste Acordo por qualquer parte. Você concorda que o Cam4 não será responsável por você ou qualquer parte por qualquer término do acesso a este site. O Cam4 reserva o direito, na sua própria descrição, de terminar o acesso a total ou parcial deste site, com ou sem aviso, por qualquer razão incluindo, sem limitação, do Cam4 acreditar que você violou ou agiu insistentemente não respeitando os Termos e Condições.

Mesmo após o término deste Acordo, as suas provisões permanecerão em efeito.

Após o término você não terá direito a qualquer reembolso de quaisquer taxas de subscrição não utilizadas, Fichas ou Gorjetas.

Você pode cancelar a sua conta, em qualquer momento, por qualquer razão, diretamente com as nossas empresas de faturamento, or entrando em contato com o Suporte no: <http://www.cam4support.com>.

Enviando vídeos para venda no Cam4

Cam4 desenvolveu um meio para que você possa vender seus vídeos on-line! Esta habilidade é encontrada no Cam4 sob a oferta chamada, "Minha Loja". Claro, existem regras que você deve concordar para fazer isso. Aqui estão as Regras. Por Favor leia atentamente, pois será solicitado que você confirme que as compreendeu antes de enviar seu vídeo.

APENAS performers que tenham enviado ao Cam4 suas informações pessoais e concordaram em manter todas as informações exigidas pela lei de qualquer jurisdição em que eles vendem os seus vídeos, por exemplo, as chamadas "2257" com seus requisitos de manutenção de registros de lei dos Estados Unidos codificada em 18 USC 2257, et. seq., estão autorizados a utilizar a plataforma Cam4 para as suas vendas de vídeo. Observe que é imperativo que o vídeo que você envie para Cam4 seja criado DEPOIS que você forneceu ao Cam4 suas informações 2257..

Seus vídeos e seu esforço para vendê-los on-line no Cam4 devem cumprir todas as regras e regulamentos encontrados no site do Cam4. Por exemplo, você é responsável pelo conteúdo dos seus vídeos. VOCÊ afirma que representa e garante que você possui ou tem o direito, licença, consentimento ou permissão para usar todas as marcas e direitos autorais, e que você não está violando o direito de qualquer pessoa à privacidade, à publicidade, ou outros direitos comerciais ou pessoais de propriedade referentes a todo e qualquer conteúdo encontrado no seu vídeo.

Cam4 tem o direito, mas não a obrigação, de pré-selecionar qualquer vídeo que você deseja vender no site. Da mesma forma, Cam4 reserva o direito absoluto de remover qualquer vídeo que carregar para venda no site, por alguma ou nenhuma razão.

Por favor, refere-se especificamente a seção "Conteúdo-gerado-pelo-usuário" dos Termos e Condições do Cam4 para uma lista de imagens ou atividades que não podem fazer parte dos seus vídeos vendidos na plataforma Cam4.

APENAS fichas/tokens podem ser usadas para a compra de seus vídeos, e você pode vender seus vídeos SOMENTE no Cam4.com.

Se você é um COMPRADOR de um vídeo que foi enviado por um membro do Cam4, ou já teve acesso a um vídeo vendido na plataforma Cam4, por favor, entenda

que, visualizando o vídeo você está reconhecendo e concordando que o Cam4 não é a fonte do vídeo e que o usuário que postou o vídeo é o único responsável por quaisquer reivindicações ou responsabilidades decorrentes ou de alguma forma relacionadas com o vídeo. Além disso, você concorda que Cam4 não tem nenhuma responsabilidade da pré-visualização de tela de qualquer vídeo e você concorda em liberar o Cam4, suas afiliadas, sucessores e cessionários, seus administradores, acionistas, diretores, funcionários e conselheiros de todas e quaisquer reivindicações e passivos associados com, decorrentes ou de qualquer outra forma relacionados com o vídeo.

Perguntas/Política de Reembolso

O Cam4 dedica-se à satisfação do cliente; sempre que possível queremos resolver qualquer problema ou questões que possa ter com qualquer dos nossos serviços. Se de todo possível gostaríamos de ajudar a resolver quaisquer problemas que você tenha. Por favor envie-nos um e-mail para assistência ! <http://www.cam4support.com>

Política de Privacidade

O uso dos serviços de Internet do Cam4 é governado por uma Política de Privacidade, localizada em <http://www.cam4.com/privacy>

Direitos de autor e licença

Estes "Termos e Condições" são protegidos por Surecom Corporation NV, e estão plenamente licenciados para uso por este Site. Se você deseja usar legalmente os Termos de Uso em seu site, entre em contato com support@cam4.biz para informações de licenciamento.

Política De Privacidade CAM4

Este Web site localizado em www.Cam4.com é propriedade da Surecom Corporation, NV, Curacao. Cam4.com providencia os seus visitantes com serviços de entretenimento para adultos colectivamente referido como o "Serviço". Considerando que o sucesso da nossa empresa depende da construção e manutenção de boa vontade com os nossos clientes, empenhamo-nos em implementar medidas desenhadas para proteger a privacidade todos aqueles que fazem uso do nosso serviço.

A Surecom Corporation, NV respeita a privacidade de todos os que visitam o nosso web site e fazem uso dos nossos serviços online. A Surecom Corporation, NV pode recolher informação dos visitantes da Cam4.com. Esta Política de Privacidade governa a sua interacção com Cam4.com. A Excepção do que já foi acordado previamente nesta Política de Privacidade, não divulgamos informação identificativa pessoal relativamente aos visitantes da Cam4.com sem a sua permissão.

Por favor anote que a Surecom Corporation, NV revê as suas práticas de privacidade de tempos em tempos, e essas práticas são, consequentemente, sujeitos a alterações. Agradecemos que reveja periodicamente esta página de forma a estar continuamente familiarizado com a versão corrente da nossa Política de Privacidade. Para contactar a Surecom Corporation, NV quanto a assuntos de privacidade, para comunicar a violação da nossa Política de Privacidade ou para falar de qualquer outra questão, por favor contacte-nos em [contact](mailto:cam4@surecom.com).

A Surecom Corporation, NV recolhe dois tipos de informação relativamente a utilizadores:

Informação identificativa não-pessoal: Quando visitam o nosso web site, recolhemos e agregamos informação indicando, entre outras coisas, quais as páginas visitadas do web site, a ordem em que foram visitadas e quais as hiperligações "clicadas". A recolha de tal informação envolve o início da sessão das moradas IP, sistema operativo e o navegador utilizado por cada visitante da Cam4.com. Apesar de tal informação não ser pessoalmente identificativa, podemos determinar a partir da morada IP qual o Fornecedor de Acesso à Internet e a localização geográfica dele ou dela na altura da conexão.

Também fazemos uso de "cookies" – são 0, pequenos ficheiros de texto colocados no disco rígido do utilizador – para ajudar nos a determinar o tipo de conteúdo e os sites que o visitante da Cam4.com visita, o tempo que cada visitante dispensa a qualquer área particular da Cam4.com e os serviços Cam4.com que o visitante escolhe usar. Os Cookies também nos informam da publicidade que o visitante viu/foi no nosso site.

Essencialmente, os cookies são o cartão de visita para os computadores Surecom Corporation, NV, ou servidores, que os colocaram lá. Os Cookies são apenas lidos pelos servidores que os colocaram, e são incapazes de enviar qualquer código ou vírus. Os Cookies permitem a Surecom Corporation, NV a servir melhor e com maior eficiência, e personalizar a sua experiência em Cam4.com. De qualquer forma, deve ser

Fonte: Disponível em: <https://pt.cam4.com/termsofuse>, 10 de novembro de 2017.

POLÍTICA DE PRIVACIDADE CAM4

Estes dados estão disponíveis em
 <https://pt.cam4.com/privacy?_ga=2.37279139.2011393078.1510348640-8273894.1510348640>
 e foram acessados em 10 de outubro de 2017.

Este Web site localizado em www.Cam4.com é propriedade da Surecom Corporation, NV, Curacao. Cam4.com providencia os seus visitantes com serviços de entretenimento para adultos colectivamente referido como o "Serviço". Considerando que o sucesso da nossa empresa depende da construção e manutenção de boa vontade com os nossos clientes, empenhamo-nos em implementar medidas desenhadas para proteger a privacidade todos aqueles que fazem uso do nosso serviço.

A Surecom Corporation, NV respeita a privacidade de todos os que visitam o nosso web site e fazem uso dos nossos serviços online. A Surecom Corporation, NV pode recolher informação dos visitantes da Cam4.com. Esta Política de Privacidade governa a sua interacção com Cam4.com. A Excepção do que já foi acordado previamente nesta Política de Privacidade, não divulgamos informação identificativa pessoal relativamente aos visitantes do Cam4.com sem a sua permissão.

Por favor anote que a Surecom Corporation, NV revê as suas práticas de privacidade de tempos em tempos, e essas práticas são, consequentemente, sujeitos a alterações. Agradecemos que reveja periodicamente esta página de forma a estar continuamente familiarizado com a versão corrente da nossa Política de Privacidade. Para contactar a Surecom Corporation, NV quanto a assuntos de privacidade, para comunicar a violação da nossa Política de Privacidade ou para falar de qualquer outra questão, por favor contacte-nos em [contact](mailto:cam4@surecom.com).

A Surecom Corporation, NV recolhe dois tipos de informação relativamente a utilizadores:

Informação identificativa não-pessoal: Quando visitam o nosso web site, recolhemos e agregamos informação indicando, entre outras coisas, quais as páginas visitadas do web site, a ordem em que foram visitadas e quais as hiperligações “clicadas”. A recolha de tal informação envolve o início da sessão das moradas IP, sistema operativo e o navegador utilizado por cada visitante da Cam4.com. Apesar de tal informação não ser pessoalmente identificativa, podemos determinar a partir da morada IP qual o Fornecedor de Acesso à Internet e a localização geográfica dele ou dela na altura da conexão.

Também fazemos uso de “cookies” – isto é, pequenos ficheiros de texto colocados no disco rígido do utilizador – para ajudar nos a determinar o tipo de conteúdo e os sites que o visitante do Cam4.com visita, o tempo que cada visitante dispensa a qualquer área particular da Cam4.com e os serviços Cam4.com que o visitante escolhe usar. Os Cookies também nos informam da publicidade que o visitante verificou no nosso site. Essencialmente, os cookies são o cartão de visita para os computadores Surecom Corporation, NV, ou servidores, que os colocaram lá. Os Cookies são apenas lidos pelos servidores que os colocaram, e são incapazes de executar qualquer código ou vírus. Os Cookies permitem a Surecom Corporation, NV a servi-lo melhor e com maior eficácia, e personalizar a sua experiência em Cam4.com. De qualquer forma, deve ser capaz de controlar como e se os cookies serão aceites pelo seu navegador web. Para mais informações e como fazer tal, por favor verifique a documentação que acompanha o seu navegador.

Informação identificativa pessoal: Em certas áreas da Cam4.com, podemos necessitar que nos providencie informação identificativa pessoal (incluindo por exemplo o nome de utilizador, morada, ou endereço email).

Como fazemos uso (ou não) da Informação que Recolhemos.

Tenha em mente que, enquanto que a Surecom Corporation, NV apoia todas as encoraja entidades envolvidas – incluindo mas não limitados aos seus afiliados e anunciantes – para aderir às nossas políticas relativas à privacidade dos visitantes da Cam4.com ou então lidar com a informação pessoal de uma forma responsável, nós não podemos e não assumimos qualquer responsabilidade por quaisquer acções ou omissões de outras entidades, incluindo a maneira como eles utilizam a informação recebida quer através da Surecom Corporation, NV ou independentemente. No entanto, caso tenha contacto com outra entidade associada, ou que indique estar associada com, a Surecom Corporation, NV que acha estar a recolher ou usar informação sobre si, por favor contacte-nos aqui contact

Informação identificativa não-pessoal: Surecom Corporation, NV utiliza informação identificativa não-pessoal de forma agregada para gerar maior qualidade, serviços online mais úteis ao realizar análises estatísticas das características colectivas e o comportamento dos visitantes da Cam4.com, e ao medir a demografia e interesses relativamente a áreas específicas de Cam4.com. Nós providenciamos informação estatística baseada nestes dados aos anunciantes, afiliados e outros parceiros de negócio correntes e potenciais. Nós também utilizamos os dados agregados para informar outras entidades quanto ao número de pessoas que viram ou clicaram nos

links para os seus web sites. Cam4.com pode conter atalhos para outros web sites da Internet, incluindo sites de co-marcas ou outros afiliados que podem ou não ser propriedade ou operadas pela Surecom Corporation, NV. A não ser que seja explicitamente indicado, não somos responsáveis para as práticas de privacidade ou o conteúdo de tais web sites, incluindo o uso de qualquer informação por parte desses sites (tais como número IP, tipo de navegador ou sistema operativo) recolhidos quando visitantes do Cam4.com clicam através de atalhos para esses sites. Apesar de tal informação não o identificar pessoalmente, nós recomendamos veemente que fique familiarizado com as práticas de privacidade desses sites.

Informação identificativa pessoal: De tempos em tempos, a Surecom Corporation, NV pode recolher may informação identificative pessal através de sí via Cam4.com (incluindo por exemplo o endereço email). A Surecom Corporation, NV limita as suas próprias soliciatações de e-mail a aqueles visitantes de Cam4.com que não escolherem não receber tais comunicações. As soliciatações estão limitadas de forma a que estas, entre outras coisas, irão claramente indiar a origem do e-mail e providenciar ao visitante uma forma de optar por não receber comunicações futuras ou de natureza parecida.

Nós reservamos o direito de divulgar informação contida nas nossas anotações de acceso relativas a qualquer visitante de Cam4.com quando o visitante participa (ou é razoavelmente suspeito de participar) em qualquer actividade ilegal, mesmo sem intimação, ordem de prisão ou outra ordem judicial, e para divulgar tal informação em resposta a ordens do tribunal e governamentais, intimações civis, requisições de descoberta e outros requisitados pela lei. Nós cooperamos com agências da autoridade para identificar aqueles que possam estar a fazer uso dos nossos servidores ou serviços para actividades ilegais. Nós também reservamos o direito de comunicar qualquer suspeita de actividade ilegal a indivíduos ou entidades de autoridade para investigação ou acusação.

Cam4 entra em contato com você por e-mail quando precisamos discutir sua conta Cam4 e qualquer atividade ou promoções que aconteçam no Cam4. Tudo se torna mais fácil para você de optar por receber essas mensagens de e-mail na hora de se registrar, ou em qualquer momento depois através das configurações do seu perfil. Cam4 oferece a você a possibilidade de optar por todos os tipos de e-mail ou apenas alguns tipos de mensagens. Você também pode optar não receber mais as mensagens de e-mail através do link de cancelamento fornecido na parte inferior de todos os emails. Para mais informações, por favor entre em contato através do support@cam4.biz..

Google Analytics

Cam4.com faz uso do Google Analytics. O site Cam4 também pode fazer uso para as características de exibição de publicidade, incluindo Remarketing, Google Display Network Impression Reporting and/or the DoubleClick Campaign Manager integration. Somos obrigados pelo Google a divulgar a seguinte informação para você em nossa Política de Privacidade em qualquer conexão com o uso de Google Analytics para as características de exibição de publicidade no site do Cam4:

- Você pode optar por sair do Google Analytics para publicidade gráfica ou personalizar anúncios da Rede de Display do Google usando a página de

Configurações de anúncios do Google . Você também pode impedir que seus dados sejam coletadas e usadas pelo Google Analytics, dando opt-out através do uso do Google Analytics no Browser Add-on.

- Se o site Cam4 faz uso do Google Analytics para o recurso de exibição de publicidade e Remarketing, Cam4 irá usar esse recurso Remarketing para anunciar on-line e terceiros, incluindo o Google, poderão mostrar anúncios do Cam4 em sites da Internet.
- Cam4 e terceiros partes, incluindo Google, podem utilizar cookies primários (como os cookies do Google Analytics) e cookies de terceiros (como o cookie DoubleClick) em conjunto para informar, otimizar e veicular anúncios com base nas visitas de um usuário ao site Cam4, e / ou (b) relatar as impressões dos anúncios, outros usos de serviços de publicidade, e interações com esses anúncios relacionados com as visitas ao Cam4.
- Os dados do Google Analytics Demografia e Relatórios poderão ser utilizados pelo Cam4 para ajudar a reconhecer e entender as preferências do usuário, para fazer melhorias no site do Cam4, para escolher o conteúdo e publicidade para que será exibido a você, e para outros fins comerciais que permitirão Cam4 lhe atender melhor.

Requisitos legais e requerimentos

Podemos divulgar suas informações pessoais, conforme necessário para atender a lei, regulamentos, segurança, auditoria e requisitos de segurança, e de outra forma com o seu consentimento ou conforme permitido ou exigido por lei. Isso pode incluir exigências legais para divulgar informações pessoais a autoridades do governo no mercado interno e em países estrangeiros. As autoridades governamentais podem, sem o seu consentimento (ou o nosso consentimento), comunicar informações a outras autoridades, incluindo as forças policiais se houver motivos razoáveis para crer que uma ofensa criminal ou penal tenha sido cometida ou está prestes a ser cometida.

Seu consentimento.

Ao fornecer suas informações pessoais, você indica que concorda e consente que podemos coletar, usar e divulgar suas informações pessoais de acordo com esta Declaração de Privacidade. Além disso, de tempos em tempos e, quando necessário, podemos solicitar sua autorização ou consentimento específico para isso, utilização e divulgação de suas informações pessoais para os fins previstos em nosso pedido. Você pode retirar seu consentimento para a nossa coleta, uso e divulgação de informações pessoais a qualquer momento, sujeito a restrições contratuais e legais e aviso prévio razoável. Se você retirar o seu consentimento para determinados usos de suas informações pessoais, nós poderemos já não ser capaz de fornecer alguns de nossos produtos ou serviços.

Onde nós fornecemos ou estão fornecendo serviços para você, o seu consentimento será válido por tanto tempo quanto o necessário para cumprir os fins descritos nesta Política de Privacidade ou de outra forma, no momento da coleta, e você não pode ser autorizada a retirar o seu consentimento para determinados usos e divulgações

(por exemplo, mas não limitado a, manter registros de negócios e transações realizadas, divulgações para entidades governamentais nacionais e estrangeiras, conforme exigido para cumprir com as leis). Também pode ser exigido ou permitido por lei ou regulamento, o recolhimento, utilização ou divulgação de informações pessoais sem o seu consentimento, por exemplo, para cumprir uma ordem judicial, para cumprir com as regulamentações locais ou federais ou a um inquérito legalmente permitido por uma agência governamental, ou para coletar débitos devidos para nós.

Mudar ou Apagar Informação Pessoal; Transferências de Negócio.

Se deseja que a sua informação identificativa pessoal que a Surecom Corporation, NV recolhe via Cam4.com, seja removida da base de dados da Surecom Corporation, NV porafavor contacte-nos em <http://www.cam4.com/contact/> e nós iremos fazer uso de esforços razoáveis para cumprir o seu pedido. Contudo, tenha em mente que haverá informação residual recolhida via Cam4.com que irá permanecer em bases de dados da Surecom Corporation, NV, anotações de acesso, cópias de segurança e outros registos, que podem ou não conter tais informações identificativas pessoais. A informação residual não será utilizada para fins comerciais; contudo, a Surecom Corporation, NV reserva o direito, de tempos em tempos, para contactar novamente clientes antigos e utilizadores da Cam4.com.

Mais ainda, podemos vender ou transferir bens ou partes do nosso negócio à medida que continuarmos a melhorar o nosso produto e ofertas de serviços. Em tais transações, a informação do visitante (que identificação não-pessoal ou identificação pessoal) pode constituir um dos bens de negócio a ser transferido.

Questões relativas à Política de Privacidade devem ser direccionadas para contact Surecom Corporation NV | Landhuis Joonchi, Kaya Richard J Beaujon z/n | P.O. Box 837, Willemstad, Curacao | 00-5999-7331800 TLE Opportunities LLC DBA Leading Edge Media, 3840 E Robinson Rd., Suite 418, Amherst, NY 14228

CAM4 DECLARAÇÃO DOS DIREITOS

Estes dados estão disponíveis em
<https://pt.cam4.com/statement_of_rights>
e foram acessados em 10 de outubro de 2017.

Cam4 é um espaço dedicado à liberdade de expressão e da comunidade. Acreditamos firmemente nos direitos dos indivíduos de se expressarem e desfrutar dos benefícios da comunidade e amizade.

Acreditamos, também, que os membros da nossa comunidade desfrutam destes direitos básicos:

- O direito de ser livre de Bullying e Ódio
- O Direito de estar Livre de Humilhações
- O direito à privacidade e o direito de ser esquecido
- O Direito de participar de uma comunidade que é livre de Abuso Sexual

Nós somos, no entanto, um site e apenas para adultos. Como tal Cam4 mantém uma política de tolerância zero em relação a qualquer participação no site por pessoas com menos de 18 anos e crianças nunca estão autorizadas a participar do site.

Buscamos sua ajuda para manter o nosso site seguro e livre e incentivar a sua participação:

Fornecendo-lhe os links para que possa relatar suspeita de abusos

Fornecendo suporte 24 horas através de e-mail

Suporte em geral está disponível clicando em nossa página de Contato

Denúncias de abuso podem ser feitas clicando em nosso página de Contato , ou clicando em Denunciar abusos em qualquer página de transmissão

Nós também monitoramos nosso site 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Nós regularmente participamos e cooperamos com as autoridades policiais, os reguladores e agências sem fins lucrativos para detectar e denunciar qualquer abuso infantil ou pornografia infantil.

Relatamos todos os casos de abuso infantil ou pornografia ao Centro Nacional para Crianças Desaparecidas e Abusadas, bem como a Internet Watch Foundation e INHOPE. Nestas situações, nós incluímos cópias dos materiais postados, o endereço IP , o endereço de e-mail e nome da tela. Vamos ajudar ativamente a aplicação da lei na investigação e acusação qualquer ato de abuso sexual de crianças ou de pornografia infantil.

Nós queremos que você tenha uma experiência positiva e se sinta confiante ao se referir a seus amigos e conhecidos para a nossa Comunidade.

Nós agradecemos a sua participação e apoio para manter o nosso site seguro!

18 U.S.C. 2257 RECORD KEEPING REQUIREMENTS COMPLIANCE STATEMENT

Estes dados estão disponíveis em
<[https://pt.cam4.com/2257_compliance_stat
ement](https://pt.cam4.com/2257_compliance_statement)> e foram acessados em 10 de outubro de
2017.

O site Cam4 cumpre e respeita os requerimentos de verificação de idade e manutenção de registros como estabelecido pelo U.S.C. § 2257 e 18 U.S.C. §2257(a) para todos os indivíduos que aparecem no serviço Cam4, independentemente se os indivíduos criarem ou aparecerem em imagens de conduta sexualmente explícita.

Todas as pessoas que aparecem em qualquer demonstração visual de conduta sexual explícita contida neste website eram maiores de (18) anos de idade no momento da criação dessas representações.

Todas as pessoas que aparecem em qualquer representação visual de comportamentos sexualmente explícitos reais ou simulados contidos neste site eram maiores de dezoito (18) anos no momento da criação de tais descrições. Enquanto os operadores deste site apenas realizam as atividades de formatação, armazenamento, hospedagem, recuperação e / ou transmissão de material que possa representar comportamentos sexualmente explícitos, todos os que aparecem no site são resultado de ações tomadas por terceiros Os usuários do site, no entanto, para

mostrar o nosso apoio aos esforços do governo para impedir indivíduos menores de idade para acessar o conteúdo adulto, Cam4 cumpre estes estatutos por inteiro e muito além do que é exigido dele.

Os registros requeridos cumprindo o previsto em 8 U.S.C. § 2257, 18 U.S.C. § 2257(a) e 28 CFR Part 75 são mantidos pelo seguinte Registros: Cada Performer individual que utiliza os serviços CAM4 é o seu próprio produtor e está obrigado a manter a sua documentação de verificação de idade e de outros indivíduos que apareçam juntamente com o dito Performer. Os Performers podem acessar o Formulário 2257 através da hiperligação encontrada nesta Declaração de Conformidade. Além disso, o CAM4 solicita esta informação dos Performers e mantém estas informações que pode ser acessada consultando o CAM4 em /contact/

O Registro 2257 pode ser acessado entreando em contato com

Danislá Mireya

Apartado 0823-05280

Ciudad de Panama,

Republica de Panama

Email: legal@Cam4.com.

Telefone: +1 50760948327

Para saber mais sobre os passos a tomar para assegurar que todos os usuários deste serviço têm mais de 18 anos, por favor leia os Termos e Condições de Uso do Cam4.